

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduação em Ciência da Religião  
Mestrado em Ciência da Religião

Adriana Rocha Ribeiro Araújo

**RELIGIÃO E POLÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO PARA A  
“RENOVAÇÃO CONSERVADORA” DA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA  
BRASILEIRA**

Juiz de Fora

2023

Adriana Rocha Ribeiro Araújo

**RELIGIÃO E POLÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO PARA A  
“RENOVAÇÃO CONSERVADORA” DA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA  
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Sociedade, Religião e Cultura, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora Dra. Elisa Rodrigues

Juiz de Fora

2023

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Araújo, Adriana Rocha Ribeiro.  
RELIGIÃO E POLÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO PARA  
A "RENOVAÇÃO CONSERVADORA" DA POLÍTICA  
CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA / Adriana Rocha Ribeiro Araújo.  
-- 2023.  
159 p.

Orientadora: Elisa Rodrigues  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz  
de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de  
Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2023.

1. Religião. 2. Política. 3. Batista. 4. Fundamentalismo. 5.  
Renovação Conservadora. I. Rodrigues, Elisa, orient. II. Título.

Adriana Rocha Ribeiro Araújo

RELIGIÃO E POLÍTICA: A CONTRIBUIÇÃO DA RELIGIÃO PARA A "RENOVAÇÃO CONSERVADORA" DA  
POLÍTICA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciência da Religião. Área de concentração: Religião, Sociedade e Cultura.

Aprovada em 26 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Elisa Rodrigues - Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Arnaldo Érico Huff Junior  
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Dr.ª Simone Riske Koch  
Fundação Universidade Regional de Blumenau

Juiz de Fora, 30/03/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Elisa Rodrigues, Professor(a)**, em 26/04/2023, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Simone Riske Koch, Usuário Externo**, em 01/05/2023, às 07:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Arnaldo Erico Huff Junior, Professor(a)**, em 02/05/2023, às 18:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1213837** e o código CRC **3FA12812**.

---

*A poesia e a arte continuam a desvendar  
lógicas profundas e insuspeitadas  
do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano.  
A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca,  
não exclusiva,  
não conclusiva,  
não definitiva.  
Maria Cecília de Souza Minayo*

*Nas asas da poesia e do humor posso voar  
quando quiser,  
para onde quiser.  
Esforço-me agora por escrever com sangue. Assim, se o texto  
lhe parecer maçante, peço que o leia com indulgência.  
Rubem Alves*

## AGRADECIMENTOS

Chegado a este momento de agradecer, poeto-me do alvorecer ao entardecer do dia para saber que uma aurora de fluidos me escapa a esta concretude de escrita. Assim, este momento compartilha memórias de muitas vozes que me ajudaram a ser quem sou e estou, além de ressoar sentidos que me ajudam a perceber que, onde me encontro, o espaço é efêmero do tempo na dinamicidade da vida dialética, mas que preserva também saberes. A Deus sou grata por experimentar a vida no gozo de todas as faculdades sensoriais e racionais.

Aos meus familiares, sou grata por eu ser de muitos lugares: de Minas Gerais, do Acre, do Ceará, de São Paulo. Cada lugar está vivo em mim por meio das narrativas e vivências experimentadas com meu avô Raul Pinto Ribeiro, avós Stella Faustino da Rocha e Maria Aparecida Marques, pai Jorge Antônio Marques Ribeiro, mãe Maria de Lourdes Rocha Ribeiro, irmãos Jorge Filho e Adriluce, marido Márcio da Silva Araújo, filha Maria Luísa, filho Márcio Filho, saudoso sogro José Sales de Araújo Filho, sogra Ana Maria da Silva Araújo, prima Cristiana Rocha Façanha, tias e amigos. A compreensão de família que me leva a agradecer envolve a todos que comigo estiveram, em cada momento de estudo e escrita, em memória e vivência, que dividiram e produziram emoções, boas ou não tão boas, nesta caminhada. Traduzir uma vivência experimentada foge a um imaginário interpretativo sobre cada um deles, e assim, eu cairia numa redução de minha experiência ao lado deles, mas tentarei apresentá-los em forças de destaques que o coração pulsa a retomar e o espaço acadêmico permite. Cada um possui uma representatividade significativa muito relevante no meu viver que me proporcionaram chegar até aqui.

Agradeço, em repousar sob luz matriarcal, às mulheres poderosas da família que geraram um feminino ancestral e acolhedor, dotadas com seus encantamentos, sabedorias, religiosidades e durezas para enfrentar o inusitado. Assim, agradeço, primeiramente, à minha falecida avó Stella Faustino da Rocha, semianalfabeta, autora aos 86 anos de um livro de memórias da família, que nos revelou a vida de seringal acreano, durante o ciclo da borracha, de 1885 ao retorno ao Ceará na década de 30, em crenças e sabedoria de reinvenção de sentido à vida após viuvez com oito crianças para alimentar. Agradeço a minhas primas de segundo grau, Filomena e Francisca Cordeiro da Rocha que ajudaram minha avó Stella a criarem minha mãe e também ajudaram meus pais a pagarem meus estudos. Agradeço, com muita admiração, amor e respeito, à minha mãe por toda dedicação ao trabalho e à família, bem como em orientação dada a mim, com muita sabedoria de ensinar com amor e zelo, alinhando teoria e prática de como educar e ser uma pessoa ética e humana.

Agradeço ao meu esposo e filhos a paciência e o incentivo que me deram durante esta empreitada de estudos longe de casa. Não foi fácil ficar longe de vocês, mas foi preciso. Muito obrigada por não medirem esforços no suporte emocional necessário para eu ter chegado até aqui. Aos meus pais e irmãos, agradeço por sempre estarem ao meu lado e eu ao lado de vocês.

Agradeço à professora Dra Elisa Rodrigues por me fazer compreender o movimento pentecostalismo, o panorama das religiões do Brasil em trânsitos, negociações, sincretismos e bricolagens, conservadorismo e fundamentalismo. Agradeço também a oportunidade de fazer parte de seu grupo de pesquisa REDUGE – Religião, Educação e Gênero – coordenado juntamente com o professor Dr. André Musskopf. Da mesma forma sou grata pela maneira paciente e nobre com que me orientou e compreendeu minhas particularidades.

Agradeço ao professor Dr. Frederico Pieper Pires, por me apresentar e desenvolver estudos sobre as teorias da religião e me instigar a pensar sobre o pré-projeto de pesquisa em Ciência da Religião em relevância social.

Agradeço ao professor Dr. André Musskopf, por me fazer enxergar teologias indecentes e igrejas inclusivas, por me fazer compreender os atravessamentos da religião nas questões de gênero.

Agradeço ao professor Dr. Marcelo Camurça, por me apresentar aos estudos sobre antropologia da religião e cristianismos.

Agradeço ao professor Dr. Paulo Dario, por me apresentar à sociologia e aos estudos sociológicos da religião desenvolvidos por cientistas como Durkheim, Marx, Weber e Bourdieu.

Agradeço ao professor Dr. Edson Fernando de Almeida, por me apresentar em Rubem Alves a relação religião e política.

Agradeço ao professor Arnaldo Huff por me orientar a melhorar meu projeto durante a qualificação.

Aos meus colegas, que ao longo desta trajetória se fizeram amigos, pelo companheirismo com que partilharam seus saberes e apoio para realização desta pesquisa.

Ao Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, seus professores e funcionários, pelo apoio que possibilitou a realização deste trabalho.

Aos professores da especialização em Ciência da Religião da Universidade Federal do Acre que me proporcionaram iniciar meus estudos, despertando-me para a questão da religião como objeto de estudo científico, dotado de uma epistemologia e metodologias interdisciplinares. Assim, destaco nomes como os professores doutores Carlos Moraes de Paula, Francisco Pinheiro, Marissol Brandt, Geórgia Pereira Lima, Tereza Almeida Cruz.

Aos meus ex-alunos da escola Serafim da Silva Salgado, do município de Rio Branco no estado do Acre, que me desafiaram estudar sempre mais para aprender a ensinar a aprender; aos meus colegas professores que, em trabalhos interdisciplinares, oportunizaram meu engajamento em projetos para refletir sobre a inserção da religião na sociedade e espaços públicos, assim destaco Edinir da Silva Souza e Geraldo Antônio Correia Cordeiro Junior. Agradeço também a corretora Consuelo Rodrigues Santana Zeller por ter me ajudado a cuidar da língua portuguesa e das normas da ABNT e a minha prima Tainá Façanha por me ajudar na tradução do *abstract*.

## RESUMO

O campo religioso brasileiro foi foco de várias reflexões midiáticas e políticas desde as eleições de 2018, concepções fundamentalistas sobre Deus, o homem e o mundo estimularam pautas como a defesa da família nuclear heteronormativa, dos bons costumes, de uma moral cristã, de um reino de Deus na Terra. O mote *Deus, Pátria e Família* instrumentalizado no pleito e no governo de Jair Bolsonaro mobilizou um fenômeno sociorreligioso que uniu várias forças conservadoras, dentre elas evangélicos e católicos. A problemática que motiva esta dissertação é compreender de que forma a linguagem religiosa, presente em igreja protestante renovada, é acionada para instrumentalizar um apoio político que alimenta uma renovação de conservadorismo político. Algumas hipóteses foram levantadas sobre o poder carismático das lideranças batistas, as orientações em células, cursos e as linguagens simbólicas que circulam na comunidade religiosa para atrair e dialogar em apoio a um candidato. Para entender esse quadro sociopolítico religioso, o sujeito, em coletividade na experiência religiosa foi analisado, porque religião enquanto fenomenologia envolve teoria, prática e experiência religiosa, promovedores de um *ethos* em busca de santidade e salvação salvaguardada pelo sujeito em relações sociais. A metodologia quanti-qualitativa com revisão bibliográfica, análise de vídeos nas mídias digitais e observação participante utilizada promoveram análise de discursos pastorais ocorridos nas dependências da IBREM, Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, localizada na cidade de Juiz de Fora, para buscar por meio de uma Sociologia Compreensiva estudar o fenômeno sociorreligioso de apoio ao governo Bolsonaro. Buscando atingir o objetivo deste estudo, dialogamos com os referenciais teóricos da Ciência da Religião, Ciências Sociais, Sociologia da religião, Filosofia da religião e Teologia. Tendo como eixo de integração o conceito de religião de Pierre Sanchis, de Elisa Rodrigues e de Joachim Wach (1990) como dialogais entre si, bem como fundantes para a compreensão das informações coletadas. Para além dessas referências, é intento deste trabalho dialogar com os estudos sobre pentecostais, batistas e fundamentalismo no Brasil. Conclui-se o estudo com a construção de uma análise por comparação, numa perspectiva de sociologia compreensiva dos discursos religiosos conservadores de oposição aos movimentos progressista – LGBTQIA+, feminismo, por exemplo – promovedores de direitos sociais. Os discursos conservadores desenvolveram apoio a Jair Bolsonaro e, conseqüentemente, a uma renovação de conservadorismo da política contemporânea por meio de uma linguagem de ortodoxia promovedora de terror.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião, Política, Batista, Fundamentalismo, Renovação Conservadora

## ABSTRACT

The Brazilian religious field was in the spotlight of many media and political conversations since the 2018 elections, fundamentalist conceptions of God, men and the world stimulated topics such as the defense of the heteronormative family, the “good costumes”, the Cristian moral, and a God’s reign on Earth. The slogan *God, Country and Family*, utilized in Jair Bolsonaro’s political campaign and government, mobilized a social-religious movement uniting many conservative forces, such as Protestants and Catholics. The issue motivating this research is to comprehend in which ways the religious language, present in the new Protestant Church, is used to action political support into a renewed political conservative movement. Some hypotheses were raised about the Baptist leaderships charismatic power, the cell orientation, the courses and symbolic languages used in religious communities to attract and talk in support of a political candidate. In order to understand this religious sociopolitical portrait, the subject was analyzed in a collective religious experience since religion as phenomenology involves theory, practice and religious experience while promoting an *ethos* in search of sanctity and salvation, safeguarded by the subject in their social relationships. The quantitative and qualitative methodology used with bibliographic revisions, social media video analyzes and participant observation promoted analysis of minister’s speeches occurred at IBREM, the Resplandecente Estrela da Manhã Baptist Church, located in Juiz de Fora City, through Comprehensive Sociology, in order to study the socioreligious phenomenon of support Bolsonaro’s government. For the purpose of achieving the objective of this study, we dialogued with theoretic references from Religious Sciences, Social Sciences, Religious Sociology and Philosophy and Theology. Connecting the concepts of religion from Pierre Sanchis, Elisa Rodrigues and Joachim Wach that communicate among themselves as base for comprehending the collected information. Beyond these references, it is the purpose of this work to dialogue with studies about Pentecostal, Baptist and Fundamentalist religions in Brazil. The study is concluded with a comparative analyzes, in a sociology perspective of comprehending the conservative religious discourses that oppose progressive movements - LGBTQIA+, feminism, for example - that promote social rights. The conservative speeches support Jair Bolsonaro and, consequently, renew the contemporary conservative politic through an orthodox language of horror.

**KEYWORDS:** Religion, Politic, Baptist, Fundamentalism, Conservative Renovation.

## Lista de Ilustrações

Imagem 1 – Cartaz de Divulgação de Eventos para Casais da IBREM

Imagem 2 – Culto da Juventude com o vereador Nikolas Ferreira

Imagem 3 – 24ª Marcha para Jesus com Silas Malafaia em Juiz de Fora

Imagem 4 – Culto da Virada de 2018, Musical de Ano Novo

Imagem 5 – Pastoras Valéria e Lorena no Culto da Rede de Mulheres

Imagem 6 – Ficha de inscrição do curso Casados como Cristo e a Igreja (início)

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

AD – Assembleia de Deus

ADI – Ação Direta de Inconstitucionalidade

ADPF – Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental

AEVB – Associação Evangélica Brasileira

AIB – Ação Integralista Brasileira

AMIR – Agência Missionária Intercultural Resplandecer

BH – Belo Horizonte

CBB – Convenção Batista Brasileira

CBN – Convenção Batista Nacional

CEB – Confederação Evangélica do Brasil

CNPB – Conselho Nacional de Pastores do Brasil

CONACIR – Congresso Nacional de Ciência da Religião

EBD – Escola Bíblica Dominical

FNB – Frente Negra Brasileira

FONAPER – Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso

IBAJÓ – Igreja Batista Jardim das Oliveiras

IBL – Igreja Batista da Lagoinha

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

ISER – Instituto de Estudos da Religião

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

LEC – Liga Eleitoral Católica

LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (essa sigla é usada por convenção reducionista de sigla, mas representa dissidentes sexuais e/ou de gênero, pessoas sexo/gênero divergentes<sup>1</sup>)

MEC – Ministério da Educação

PDC – Partido Democrata Cristão

PP – Partido Progressista

PRB – Partido Republicano do Brasil

PSB – Partido Social Brasileiro

PSC – Partido Social Cristão

PTC – Partido Trabalhista Cristão

PT – Partido dos Trabalhadores

STF – Supremo Tribunal Federal

TFP – Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

---

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Ana Ester Pádua Freire, no artigo *Igreja Afirmativa das diferenças: proposta para uma eclesiologia queer*, presente no livro *Experiências de Diversidade Afetivo-sexual de Gênero: perspectivas de diálogos*, p. 145-168, 2021.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Por que religião e política?.....	13
Por que a IBREM como campo de pesquisa para o objeto da pesquisa? .....	18
Alguns aspectos teórico-metodológicos.....	23
Caminhos e percalços.....	31
Disposição do texto .....	35
CAPÍTULO 1 – RELIGIÃO E POLÍTICA: APROXIMAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO.....	37
1.1. Conceituando diálogos existentes no campo religioso na Modernidade .....	37
1.2. Batistas históricos e renovados em diálogos religiosos .....	45
1.3. IBREM – a igreja do avivamento em Juiz de Fora: princípios e diálogos .....	50
1.4. Família Tradicional Brasileira: embate entre conservadorismo e cultura.....	60
CAPÍTULO 02 – RELIGIÃO E POLÍTICA NO CENÁRIO BRASILEIRO.....	77
2.1. Política e Religião: participação evangélica após República Velha até a Redemocratização.....	77
2.2. Política e Religião: o conservadorismo em resistência e renovação.....	94
CAPÍTULO 3 – DEUS ACIMA DE TUDO .....	107
3.1. E o verbo se fez carne na religião e política por meio de linguagem simbólica.....	107
3.2. A liberdade vos libertará? .....	119
3.3. Família, patriarcado capitalista e bolsonarismo.....	133
CONCLUSÃO.....	143
Referências Bibliográficas.....	153
ANEXO A – Email IBREM: resposta para o sumiço de vídeos no canal do Youtube da .....	158

## INTRODUÇÃO

### Por que religião e política?

Antes de responder à pergunta motivacional para a pesquisa, é importante situá-la nos contextos e nos acontecimentos em que ela foi envolvida: a eleição do presidente Jair Bolsonaro, a despetização e a participação evangélica nesse pleito. Muitos fatos e falas agitaram um pleito eleitoral esbaldado de *fake news* e denúncias de racismo estrutural, de preconceitos e de intolerâncias. O discurso religioso estava presente em diversas linguagens e em diversos meios de comunicação nesse processo.

A escolha pela temática religião e política tem motivações pessoais e acadêmicas. Ambas me impulsionam a querer, inicialmente, compreender como a religião pode se colocar a serviço da política; como ela foi, e se foi instrumentalizada para atingir um fim eleitoral; como o religioso evangélico se posiciona no mundo e por que esses religiosos não se afastaram de discursos políticos que deliberaram ideias de violência e de intolerância. Há muitos questionamentos que me inquietam ao longo dessa trajetória de estudos e aos quais busquei responder. O primeiro deles é: como um protestantismo histórico, como os batistas, que, em sua origem, pregava a separação entre religião e Estado, poderia apoiar uma aproximação entre eles? Não compreendia como alguns evangélicos poderiam se posicionar contra a tradição cristã de amar ao próximo tal qual reza nos mandamentos de Moisés e nas palavras do próprio Cristo. Quem poderia ser considerado esse próximo a ser amado? Por que tantos excluídos nos discursos políticos de Jair Bolsonaro não poderiam ser esse próximo a ser amado pelos evangélicos e católicos já que a Bíblia traz os dizeres “Amem uns aos outros como eu vos amei”? O que estaria atropelando a tradição: as interpretações bíblicas ou a seleção de passagens ou acordos políticos para concessões de mídia ou um *ethos* religioso de aliança a um moralismo conservador? Será que a conjunção ou, de alternância, poderia se transformar na conjunção aditiva e, na indagação anterior? Pensando na falta de amor depositado ao próximo por talvez ser visto como inimigo, numa guerra santa, como compreender o *não-amor*<sup>2</sup>? Poderia ele ser pensado em equivalência ao ódio ou poderia ser equivalente à invisibilidade de um ser humano que não seja o eu-mesmo? Havia muitas inquietações que geraram uma única problemática para a pesquisa. A partir da compreensão de que há um sistema que opera para se manter no poder,

---

<sup>2</sup> Essa expressão foi pensada pela autora para categorizar a ideia que entre o amor e o ódio, talvez possa existir uma terceira via de representatividade dada à indiferença a existência do outro.

faz-se necessário entender a maneira como a religião vai contribuir com esse sistema. Dessa forma, foi preciso traçar caminhos para investigar os discursos e linguagens simbólicas, os acordos e os interesses em negociação, o histórico brasileiro político e o campo religioso evangélico.

Não tendo sido criada em meio evangélico, minha cosmovisão católica sob o sujeito evangélico se tornava limitada para compreender esse cristianismo tão rico em linguagens simbólicas mobilizadoras de um *ethos* diferente daquele que eu conhecia. Sendo nordestina e mergulhada em um catolicismo popular, com experiências religiosas em trânsito dentro dessa pluralidade de credo católico – oficial, popular, renovação carismática, franciscano, mariano; só vim ter um convívio mais efetivo com evangélicos após me mudar para o Acre. Até então, o entendimento que tinha sobre os evangélicos era aquela imagem estereotipada do crente com a bíblia debaixo do braço, pregando em praça pública e querendo que a população aceite a Jesus, ou do crente iludido pelas promessas de cura do pastor. Hoje compreendo que minha percepção era ignorante e agressiva por atropelamentos de fundamentação católica em combate ao surgimento do pentecostalismo que chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Foi em sala de aula, ministrando a disciplina de ensino religioso, em meados de 2014, que comecei a perceber a existência de uma comunidade evangélica acreana que também apresentava uma pluralidade denominacional e doutrinária que ora se aproximava ora se diferenciava em modos de ser e agir em sociedade quando investigava a procedência religiosa dos estudantes. A religião, então, começou a despertar meu interesse em estudo a partir do momento que assumi essa disciplina, em todas as séries e turmas da escola do fundamental II, em que fora lotada. Tentar definir religião fugindo do senso comum, católico e sem formação científica na área, tornou-se um desafio de investigação do por onde começar diante de tantas informações que circulam. O primeiro passo assumido, em compromisso, foi procurar não ser proselitista nem intolerante. Abro um enorme parêntese aqui para falar da minha experiência acadêmica no mestrado e assim posso dizer: como é curioso pensar que já fui intolerante um dia, somos criados para sermos assim apesar do ensinamento amar uns aos outros, de ordenança cristã. Lendo Rubem Alves<sup>3</sup>, pude entender como um discurso de doutrina reta, e assim digo em credo<sup>4</sup> de confissão católica, me sobrecarregou com a intolerância religiosa aos evangélicos. Isso me entristeceu e me libertou. Como diz o ditado: saber é poder! Sendo o saber encontrado em

---

<sup>3</sup> A disciplina Religião e Política, ministrada no primeiro período do mestrado, pelos professores doutores Edson Fernando e Brasil- me proporcionou a possibilidade de conhecer um Rubem Alves além da educação.

<sup>4</sup> Segundo Wach (1990, p. 35), o credo pode ser compreendido como um sistema normativo de conteúdo de fé, uma doutrina, em defesa apologetica elaborado racionalmente por teólogos.

estudos sobre cristianismos, sobre pentecostalismo, sobre religiões no Brasil, pude praticar o ditado em prol do combate à intolerância disfarçada de silenciamento.

Antes do mestrado, no entanto, para não ser proselitista como professora de ensino religioso diante da formação religiosa que eu tive, recorri aos direitos humanos e ao papel da religião na sociedade ao longo da história em articulações políticas, econômicas, estéticas, éticas e culturais. À época, eu atentava para a importância que o sujeito dava à religião em mitos-ritos e símbolos em crenças plurais e o FONAPER foi extremamente importante nessa minha caminhada. Busquei os direitos humanos e enxerguei a intolerância religiosa. As religiões de matrizes africanas e as comunidades tradicionais ayahuasqueiras foram as que mais me despertaram interesse por serem vítimas da intolerância, tanto racial quanto religiosa, praticada por católicos e evangélicos. Havia o interesse em reconhecer, na relação religião e política, modos de ser e estar no mundo do religioso, um marco político que articula relações a partir das diversas cosmovisões. Ao me envolver com um trabalho interdisciplinar com a professora de história do 9º ano, na escola em que lecionava, fui me engajando mais nessa relação, agora mergulhando no momento histórico da ditadura militar brasileira e a participação das religiões nesse contexto. Trabalhei com o que me era mais próximo: os enlacs da igreja católica com o poder político. O foco estava em entender como a igreja católica se articulou em apoio à ditadura militar e o momento de rompimento com esse sistema vindo do movimento franciscano e as perseguições políticas. Na época, os evangélicos só haviam sido enxergados, por mim, como movimento religioso que se posicionava contra o regime autoritário. Obtive com a professora de história Edinir da Silva Souza, evangélica, a fonte de protestantes que se posicionaram contra a ditadura. Talvez tenha ficado com medo de estudar mais a fundo os evangélicos nesse período. Talvez esse agir fosse inconsciente em silenciamento promovedor de desconhecimento de *ethos* e experiência religiosa, e, assim, me fizesse ser menos intolerante. Meu limite de conhecimento sobre os evangélicos ficava restrito a um protestantismo histórico em Lutero, na predestinação calvinista e nos anabatistas oriundos da reforma protestante.

Com a chegada do pleito de 2018, as vozes evangélicas, em evidência no meio político declarando apoio ao candidato Jair Bolsonaro, provocaram em mim espanto e curiosidade. Essas sensações diante desse fato foram geradas porque o mesmo enquanto deputado federal, 2016, durante o processo de votação que cassou o mandato presidencial da presidenta Dilma Rousseff, exaltou a memória do torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra<sup>5</sup>. Na época do

---

<sup>5</sup> O coronel Ustra foi o primeiro oficial condenado, em 2009, pela Justiça brasileira, por ter sequestrado e torturado pessoas durante o regime da ditadura militar (1964-1985). Fonte:

*impeachment*, comecei a notar uma política conservadora de extrema direita articulada em ação de *golpeachment*<sup>6</sup>, por vias democráticas, para despertizar o governo federal, além de pedir o retorno ao regime militar.

Diante desse quadro, a presença do apoio evangélico a Jair Bolsonaro me inquietava, pois eu não entendia o porquê desse apoio existir: o que ele teria a oferecer para atrair essa comunidade religiosa? Esse pensamento passou a se tornar mais enfático quando percebi que, dentre os evangélicos com quem convivia no Acre, havia negros e pessoas de condição precária financeiramente. Minha curiosidade se tornava mais instigada por perceber que esses evangélicos eram pentecostais e passei a interrogar se existiria algum movimento pentecostal negro que não apoiaria Bolsonaro e sua necropolítica<sup>7</sup> em curso. Havia vários questionamentos, mas minhas limitações tanto de leitura e de tempo disponível para estudos quanto de formação católica me tornaram passiva para permanecer num senso comum que circulava em matérias pela imprensa brasileira.

Dois acontecimentos em setembro de 2018, repletos de grande violência, trouxeram mais combustível para minha inquietação. O primeiro, no dia 03, quando em visita ao Acre, o candidato Jair Bolsonaro declarava que ia fuzilar a petralhada aqui em meio a aplausos e risos; o segundo, no dia 06, o atentado à facada que ele sofrera na cidade de Juiz de Fora/MG. Naquele momento um novo discurso começara a circular, via *whatsapp*, no grupo da família do meu marido aqui de Rio Branco/AC<sup>8</sup>: a imagem de Jesus vinculada a Jair Bolsonaro. Havia uma linguagem que acionava uma corrente de oração pela recuperação da saúde dele, mas ninguém se manifestava contra a violência da declaração de morte que ele dera dias antes, ninguém orava para proteger a petralhada, mencionada por ele, de um possível fuzilamento.

Havia uma motivação pessoal atravessada pela relação religião e política. A motivação acadêmica surgiu a partir da procura por uma faculdade pública que me oferecesse a possibilidade de aprofundar os estudos sobre religião. Com a pandemia, em 2020, tive a

---

<https://oab.jusbrasil.com.br/noticias/120595/juiz-condena-coronel-ustra-por-sequestro-e-tortura>, acesso janeiro/2023

<sup>6</sup> A expressão *golpeachment* utilizada pelo sociólogo Jessé Souza, no livro *A Elite do Atraso, da escravidão a Bolsonaro*, 2019, apresenta uma explicação para essa aplicabilidade. No capítulo *A classe média e suas frações* e no capítulo *A corrupção real e a corrupção dos tolos: uma reflexão sobre o patrimonialismo*, p. 176- 220, há uma análise que aproxima preconceitos sociais, a busca por privilégios da classe média com ideias moralistas, o interesse da elite do dinheiro (liberalismo) com participação direta da grande imprensa e a articulação partidária parlamentar.

<sup>7</sup> O termo necropolítica, utilizado pela primeira vez pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, faz referência a um projeto político arquitetado por uma elite que visa promover a subsistência ou a morte de grupo de pessoas por meio da negação de direitos e de inviabilizar o desenvolvimento humano. Esse poder social e político é apontado até como projeto que decreta quem tem direito de e como viver e/ou morrer.

<sup>8</sup> Infelizmente, não atentei para um registro desse momento em *print* que possa evidenciar esse relato, mas fica apenas em relato de memória.

oportunidade de conhecer melhor a UFJF por meio dos minicursos, em V módulos, apresentados no canal Religando, no Youtube. Fiquei encantada com as abordagens desenvolvidas, principalmente, porque foram tecendo esclarecimentos a respeito das interrogações que eu fazia em termos pessoais, já mencionadas anteriormente. Decidi então, estudar a possibilidade de cursar o mestrado na UFJF. Anteriormente a esse contato, eu já tinha ouvido o nome da professora Dra. Elisa Rodrigues, mencionada pelo professor Dr. Sérgio Junqueira, como uma pesquisadora de grande relevância para o ensino religioso. Durante sua vinda ao Acre, ele me disse que ela seria a pessoa ideal e que iria me ajudar bastante se um dia eu fosse me enveredar pela pesquisa na área da educação em Ciência da Religião. O desejo de ser pesquisadora só aumentava, mesmo diante de uma pandemia que iria limitar meu tempo de pesquisa de campo em espaço físico. Com os minicursos do Religando<sup>9</sup> – *Religião e Necropolítica; Pentecostalismo, política e conservadorismo; Mídia, Religião e Política no Brasil contemporâneo; As dimensões religiosas do autoritarismo político; O fundamentalismo e as tensões políticas no Brasil e nos Estados Unidos; Nem só de igreja vive o crente* – foram moldando meu olhar para a análise científica entre religião e política para eu querer compreender ainda mais a situação que se apresentava. Busquei de início pelo sopro do espírito vindo pelo olhar de Ronilso Pacheco em Teologia Negra, que ouvi falar no minicurso *Religião, Racismo e Subjetividade em Tempos de Pandemia*, do IV módulo do Religando, com o professor doutor André Santana. Comprei e li os dois livros de Ronilso Pacheco. Havia o grito de teologia da libertação que sempre ecoou em meu ser que agora se aproximava do evangélico sobre quem eu aprendia e pretendia conhecer. A aproximação do governo Trump com o de Bolsonaro, a necropolítica de extrema-direita em evidência no Brasil, a presença evangélica em intervenção nos corredores do governo de Trump, influenciando também numa atitude pastoral nos corredores do governo Bolsonaro, me chamaram atenção e geraram interrogações em mim. O conhecimento sobre uma Teologia Negra, surgida pelo olhar de Ronilso Pacheco, em aproximação com a Teologia da Libertação, se alinhava com meu posicionamento de estudos e de promoção de uma educação antirracista que sempre tive na escola.

A gravação em vídeo e exibição da morte de George Floyd intensificou o movimento de luta por fim da violência de um racismo estruturado historicamente que se revelou em tempos de pandemia. Haverá uma comunicação entre “não consigo respirar”, últimas palavras repetidas por Floyd, com “O Sopro Antirracista do Espírito”, parte integrante do título do livro de Ronilso Pacheco “Teologia Negra,” um diálogo que possa também se construir com aqui no Brasil com o clamor das vidas negras brasileiras em terreiros ou em sociedade de periferia, agregando o clamor das vidas

---

<sup>9</sup> Os minicursos citados estão disponíveis em <https://www.youtube.com/@ReligandoOnline>, último acesso janeiro de 2023

indígenas brasileiras? Como a fenomenologia do racismo estrutural e religioso em uma Teologia Negra está sendo libertária no Brasil?<sup>10</sup>

### **Por que a IBREM como campo de pesquisa para o objeto da pesquisa?**

Essa pergunta é muito interessante porque eu nunca tinha pisado na cidade de Juiz de Fora antes de entrar no mestrado em 2021. A única vez que eu ouvira falar dela foi no episódio referente à facada de Jair Bolsonaro. De início, eu entrara com um pré-projeto que visava investigar como uma igreja pentecostal, possuidora de uma teologia negra, se posicionaria contra o governo de Jair Bolsonaro. Em conversa inicial com minha orientadora, a professora Dra. Elisa Rodrigues, fui informada que, apesar de a proposta ser muito interessante, seria muito complicado a realização dessa pesquisa, pelos seguintes motivos: 1 - eu não conhecia nenhuma igreja evangélica pentecostal que me daria o suporte necessário para a realização dela; 2 - teria pouquíssimo tempo para ir atrás de uma igreja e nem ao menos sabia se existia alguma aberta, uma vez que estávamos em meio a uma pandemia. Recebi duas sugestões de campo de pesquisa e de mudança de foco: uma das igrejas era a da Lagoinha, em Belo Horizonte e a outra era a IBREM em Juiz de Fora.

Iniciei a pesquisa buscando conhecer um pouco da história de cada uma. Vi que ambas, de denominação batista, possuem um diálogo entre elas, embora sejam autônomas. Inicialmente, comecei a me enveredar para a IBREM pela negação da outra e já, de início, teria que me mudar de Rio Branco para Juiz de Fora para assistir às aulas presenciais assim que elas fossem retomadas. A pandemia deixou a todos inseguros sobre quando e como iríamos retomar as atividades em normalidade. Percebi que eu não teria condições financeiras de me deslocar para BH com regularidade para observar de perto a comunidade Batista da Lagoinha e já havia uma dissertação de mestrado na UFJF sobre ela. Ao ler sobre a IBREM, em sua página da web, conheci um pouco do histórico dela, vi o quanto ela cresceu em número de fiéis por meio de células, li sobre o desenvolvimento de trabalhos missionários, bem como se projetou na ampliação do templo que ainda está em vias de construção. Mas algo me chamou bastante atenção: havia sido sancionada a Lei municipal de número 10528 de 2003, que concedeu à IBREM o título de Entidade Benemerita por sua relevância em evangelizar em Juiz de Fora e assim a cidade passou a ser conhecida como “a capital do avivamento no Brasil”. A relação entre religião e política reacendeu minha motivação pessoal para perguntas como: O que levaria uma igreja a ser reconhecida, por um órgão público, como promotora do avivamento espiritual

---

<sup>10</sup> Trecho do meu pré-projeto que me possibilitou entrar no mestrado na UFJF em 2021.

em uma capital, ou melhor, só o fato de prestar serviço religioso seria motivo para esse reconhecimento? Se o Brasil é laico, qual a motivação para exaltar uma igreja específica de uma denominação específica? Haveria outras leis que concederam a outras igrejas ou denominações religiosas tal honraria com título e justificativa semelhantes?

Não consegui obter respostas via entrevista e volto a lembrar que estávamos em pandemia e não sabíamos como e quando iríamos retomar as atividades normais, para eu poder me enveredar numa metodologia que utilizaria a tempo hábil esse recurso. Mas sobre essa questão de metodologia falarei mais adiante. Em abril de 2021, a IBREM comemorou um ano do projeto ‘Servir e Influenciar’, que consiste em ações sociais desenvolvidas pela igreja para ajudar famílias carentes de Juiz de Fora com cesta básica, ajudar na campanha de auxílio à cidade Ubá, vítima de enchente, com roupas e cestas básicas, ajudar à comunidade que cuida de dependentes químicos e de pessoas com autismo, distribuir marmitas, roupas e bíblia para pessoas em situação de rua. As ações sociais desenvolvidas pela membresia parecem refletir uma linguagem de caridade católica utilizada como recurso para evangelização. O termo servir presente no projeto nos induz a pensar dessa forma, já que ser salvo por fazer obras é uma linguagem bem presente em ensinamentos católicos, porém essa relação de salvação por meio do fazer obras não foi observada na IBREM. Percebi que havia um capital simbólico, que é próprio do campo religioso brasileiro, favorecido, talvez por trânsitos religiosos, que pode ser utilizado como recurso religioso por qualquer sujeito ou instituição, e se apresentar com sentidos diferentes. Em relação ao termo influenciar, poderíamos dizer que há um exercício de poder, que vem associado pela motivação divina missionária. A presença de distribuição da bíblia deixa bem clara a posição da igreja de crer e ter fé em Deus por meio das escrituras.

Por ser uma igreja batista, a IBREM é da linha do protestantismo histórico, ou seja, atende por tradição as solas luteranas, *Sola Fide*, *Solus Christus*, *Sola Scriptura*. Desde o início, pude perceber pelo engajamento e pelo desejo de entrega que a membresia se dispunha a seguir essas solas. Guiados pela liderança do pastor Gilmar Garbero, todos, nos cultos de domingo, eram convidados a terem uma experiência religiosa de intimidade com Deus, em que passagens bíblicas sempre eram dadas como suporte para o cristão seguir na vida com a finalidade de se manter na graça.

A Bíblia é salvaguardada nas liturgias do culto. A igreja é convidada e conduzida a se aprofundar nas escrituras para a manutenção de uma doutrina reta. Há indicação de leituras mensais, as atividades desenvolvidas pela igreja são dirigidas por meio da palavra bíblica.

A fé sempre presente em estado de louvor em canto e em exaltação de palavras dando glórias a Deus por Ele ter operado maravilhas na vida do fiel ou por este ter a certeza de que

Deus atenderá às súplicas para resolução de angústias. Por meio da performance do próprio corpo, a experiência religiosa se manifesta com o erguer das mãos, em joelhos dobrados, olhos cerrados, o cantar e orar fervoroso, em voz alta e com emoção. O uso da emoção é uma marca pentecostal muito presente na IBREM, daí o crédito do avivamento, que é referendado pelo poder do Espírito Santo. A IBREM pode ser reconhecida como uma batista renovada por dialogar com duas correntes teológicas que, aparentemente, num contexto histórico, disputaram espaço de legitimidade quando surgiu o pentecostalismo no Brasil.

Outra linguagem muito presente é a teologia da prosperidade. Essa teologia ultrapassa os limites do pentecostalismo, as ofertas e dízimos são consagrados a Deus, há valores estipulados em ordem decrescente a serem depositados em envelopes e em máquinas eletrônicas de transações bancárias para construção do templo e manutenção da missão evangelizadora, há profetização de bênçãos atreladas à oferta. A ideia de que Deus vê com bom grado as ofertas para obra Dele são recorrentes na IBREM mesmo que se diga que o Reino de Deus não é na Terra ou que é mais importante a vida espiritual que a terrena. O fato de ser e se colocar como testemunha desse reino em prosperidade de vida por ser filho de Deus e ser santo, em eterna busca por essa santidade constante em recusa às coisas do mundo, é um ensinamento de reivindicação.

A guerra santa é outra linguagem desenvolvida na IBREM. O fato de se expor como testemunha é o reconhecimento de que há a crença numa guerra espiritual que se reflete aqui, na vida terrena, numa batalha entre Demônios e Deus com a finalidade de destruir o reino de Deus. O testemunho surge para reforçar a ideia de que Deus sempre vence as batalhas quando o sujeito se submete a Ele. Essa concepção reforça o imaginário do religioso em ficar sempre alerta para buscar a vida espiritual em Deus, por meio das escrituras, crendo que sairá vitorioso conforme nelas está escrito. Em alguns cultos percebi a presença do imaginário sobre a família ser atacada em seus princípios cristãos, como obra do Diabo. Assim, há projetos de evangelização, com lições de estudos bíblicos, direcionados a toda família: curso para noivos e para casais, cultos específicos para juventude, ministrado pelo pastor Paulo Jabur, e um trabalho de evangelização para crianças por meio do EBD (escola bíblica dominical) KIDS. Imagens trazendo homem e mulher como casal junto aos cursos oferecidos – Curso Casados como Cristo e a Igreja, Curso para Noivos e o Encontro de Casais – vão nos direcionando para a compreensão da visão sobre família reduzida apenas às relações heterossexuais; assim, a impressão que se tem sobre um conceito de família ampliado para relações homoafetivas não são incorporadas à IBREM. É incentivado estar no mundo, mas não compactuar com ele, para se viver e fazer a obra de Deus. A construção do imaginário sobre ser de dentro e de fora dos

planos de Deus é concebida por se entregar a Ele de forma inegociável com o mundo, buscando a pureza de espírito e se deixando ser conduzido pela graça de ser salvo. O ser de dentro possibilita ser capacitado por Deus, e isso abre o compromisso de buscá-Lo em primeiro lugar, seguindo as escrituras.

As linguagens simbólicas que constroem a experiência religiosa vão atravessar a vida pública consagrada e reconhecida como verdadeira e de ordem divina. Parece haver uma visão conservadora sobre o imaginário social que prima em querer manter a concepção tradicional sobre valores e moral cristã que é cultivada pela IBREM. “Em nome da moral e dos bons costumes” é expressão que sempre esteve presente no discurso de Jair Bolsonaro, seguido pelo lema “Deus, pátria e família”. Apesar de considerações bem pequenas, em cultos abertos à comunidade em geral, declarando estar a favor com a escolha do Brasil pela presidência de Jair Bolsonaro, bem como em orações direcionadas para proteção do presidente, governo e família, e pedir que Deus olhe pelo STF, durante os anos 2019 a 2021, podemos perceber um imaginário sobre um discurso que aproxima linguagens: a presença de Deus em primeiro lugar na vida guiando o ser para cumprir a vontade Dele; querer preservar a família tradicional heteronormativa em valores cristãos; ter a pátria como comprometimento cívico terreno onde será implantado o reino de Deus como exemplo para o mundo.

No dia 31 de dezembro de 2020, o culto da virada para 2021, que recebeu o nome de Ebenézer<sup>11</sup>, disponível no canal do YouTube IBREM, com 4.669 visualizações<sup>12</sup>, foi realizado com muito fervor e louvores musicais, pregação e participação ativa no chat. Em testemunho de vida o pastor Pedro relatou a cura da esposa, pastora Carla, da covid-19, destacou a sua presença fiel e a submissão a Deus em oração e ressaltou a importância de um marido que intercede pela família. Ele proclamou a Deus como Senhor, exaltou o Seu controle sobre todas as coisas, apontou o crescimento da igreja em evangelização, em cura, em batismo e em salvação; lembrou que a igreja é a noiva de Jesus e que ela precisa renovar os seus votos de casamento de amor e fidelidade em todas as situações pelas quais cada um passa.

Ainda em culto, o pastor Gilmar Garbero lembrou-lhes da unidade de todos, online ou não, como igreja pela conexão da fé; lembrou das questões econômicas e políticas vivenciadas, das dificuldades contabilizadas nos últimos seis anos e da pandemia que não atrapalharam as obras de construção do novo templo da igreja. Ele atribuiu isso tudo à fidelidade de Deus e ao

---

<sup>11</sup> O termo Ebenézer tem por interpretação de significação dada no culto como “até aqui nos ajudou o Senhor” (53’50’’)

<sup>12</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=EFqxZ8h1CIA> , a contagem de visualizações foi colhida no dia 11 de março de 2022, às 22h.

compromisso dos fiéis; convocou a revelação de Deus e potencialização da fé dos fiéis em reflexão do propósito da vida e na relação do ser humano com Deus para querer ser como Jesus. A fim de enfatizar essa relação fez uma crítica ao posicionamento evolucionista de um ateu relacionando-o como ‘órfão de um macaco’. Utilizou leitura de Salmos 139 e Romanos 8 para expor a interpretação sobre a onisciência e onipresença de Deus sobre o ser humano e relacionou isso ao amor e à aliança e não a um controle ou desmascaramento de algo ou punição, afirmou que “se temos ódio no nosso coração, Deus diz que temos assassinato no nosso coração”. Em determinada parte da pregação, ele disse que os fiéis não estão deixando a fé operar pelo amor porque o fiel está muito engajado em jejuar, ler bíblia e orar. Em oração, o pastor pediu proteção para toda cidade de Juiz de Fora e fez isso repreendendo a covid-19, em seguida clamou pela intervenção divina no judiciário, no legislativo e no executivo

Ó Deus, desmascara aquelas pessoas que estão lucrando e usando desse mal para atacar os outros. Ó Deus, Ó Pai, pra fazer valer o seu sarcasmo e a sua maldade, meu Deus. Envergonha essas pessoas. Pai, nós te pedimos pelo Brasil, passa esse país a limpo, ó Pai. Tira todo mal do governo deste país. Visita o Supremo Tribunal Federal deste país, passa a tua mão de julgamento neste tribunal, passa a tua mão de julgamento no Senado, no Congresso, ó Pai, na Presidência da República, nos Estados e nos Municípios, ó Deus. Pai, cessa a impiedade para o ímpio, ó Deus, para a maldade no coração dos homens. Pai, dai-nos o entendimento! Senhor, dai-nos o entendimento da tua palavra. Ministra o entendimento sobre nossas vidas. Pai, nós te apresentamos, ó Deus, o presidente da República, Senhor Jair Bolsonaro. Pai, nós sabemos que esse homem está lá porque o Senhor o colocou ali, ó Pai, para enfrentar a corrupção que tinha neste país, a doença que tinha neste país. Ó Deus! Ele está sofrendo ataque de todos os jeitos, Senhor, guarda a vida dele, protege o coração dele, Senhor, a família dele, a equipe dele, protege as pessoas de bem desse país, Senhor, pessoas que temem a tua palavra, que temem o teu nome. Senhor, guarda Senhor. Ó Deus abre os corações dos brasileiros para o tempo profético que estamos vivendo, Senhor, para que os brasileiros, ó Pai, não sejam levados pelo engano de Satanás. Que esta nação possa conhecer a Ti, para que os brasileiros possam se voltar para o Senhor, ó Pai, visitando a vida deles, o coração deles, meu Pai. Salva essas vidas, traz alma, traz avivamento, faz essa igreja multiplicar e crescer, Pai! Em nome de Jesus Cristo, meu Deus, em nome de Jesus. Aleluia! (transcrição feita a partir de 2h13min23seg do culto)

Assim, a nossa hipótese começa a dialogar com nosso objeto de estudo apontando para a possibilidade de alinhamento de discursos religiosos, numa relação família-igreja-Deus em fidelidade e em questões políticas entre a igreja IBREM, a bancada evangélica e o apoio ao governo Jair Bolsonaro.

Diante da mudança de foco da pesquisa e de todas as observações feitas, escolhi a Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, IBREM, como campo de pesquisa. Começava então minha jornada de desafios e de pesquisa que iriam culminar nesta dissertação.

Este projeto de pesquisa torna-se relevante como estudo de viés fenomenológico peculiar às Ciências da Religião, que pleiteia uma investigação ainda pouco explorada a respeito

da inserção política contemporânea da Igreja Batista no contexto público e político brasileiro, com sua atuação e participação na bancada evangélica. Justifica-se essa pesquisa ainda em razão de se voltar para a compreensão da atuação de uma comunidade batista renovada em Juiz de Fora, MG, numa perspectiva de estudo histórico e comparativo, e que tem como cenário o governo de Jair Bolsonaro até o final das eleições em 2022 e discursos evangélicos de linhagem mais pentecostal. Lembrando que não nos propomos a julgar nenhum posicionamento político que o campo de pesquisa possa ter assumido, nem apontamos que todos da comunidade IBREM tenham votado em Jair Bolsonaro, a pesquisa foi desenvolvida para compreender alinhamentos de discursos que possam ter atraído para uma política de renovação conservadora em meio ao público evangélico.

### **Alguns aspectos teórico-metodológicos**

Estudar religião pode implicar intencionalidades e referenciais com reflexões sobre quem se propõe a estudá-la, onde, quando, como, o porquê e outras questões que serão provindas de escolhas. Essas escolhas reverberam em certos resultados que não nos mostra o todo, mas uma parte desse todo que pode nos ajudar a entender melhor um campo tão vasto e cheio de nuances. A religião entrelaça experiências religiosas, o(s) sistema(s) religioso(s), trânsitos religiosos, sagrado e profano, gênero, classe social, grupo étnico-racial, mito-rito-símbolo, linguagens simbólicas, público e privado, tempo e espaço e contextos. Além disso, há atravessamentos dessa esfera sociocultural com outras como a política, a economia, a estética e a ciência.

Após o secularismo e o enfraquecimento do poder político da igreja católica, em governabilidade de modos de ser e estar no mundo, o ser humano racionaliza, ou intenciona racionalizar, suas experiências. A ciência positivista regulamenta o fazer científico. Surgem as ciências e seus métodos de perceberem a vida. A religião passa a ser objeto de pesquisa por várias áreas do conhecimento e, também, a ser conceituada. Mas nenhuma área (filosofia, psicologia, geografia, história ou sociologia) se dedicou a estudá-la como objeto exclusivo. A Ciência da Religião surge com um propósito científico de tornar a religião exclusiva de seu foco de pesquisa, com epistemologia própria e metodologia multidisciplinar, sem a intenção de proselitismo. Poderemos, segundo Frederico Pieper (2021), traçar possibilidades de enquadrar as várias definições sobre religião em três dimensões: uma essencialista, outra funcionalista e outra que agrega as duas correntes anteriores. Nossa compreensão sobre religião para este

trabalho, acredito eu, está alinhada à terceira dimensão, pois tratou de observar a função que a religião exerce na sociedade no aspecto político em atravessamentos para compreendê-la no contexto brasileiro num período em que o discurso político atrai e é atraído pelo discurso religioso. Nessa relação dialética encontramos a experiência religiosa que mergulha sobre a essencialidade em termos de buscar compreender a motivação do sujeito, em sua experiência religiosa, num contexto mítico, ritualístico e simbólico que o agrega a um sistema em coletividade e repousa sobre suas relações sociais. A experiência religiosa promoverá no novo ser uma experiência sensorial de paz, alegria e poder que lhe permitirá interpretar que na maneira como vivia antes dela havia confusão e angústia. Essa experiência é tão profunda, como descreve Wach (1990) e Alves (2005), que se torna um divisor de um velho e novo ser humano, transbordando para a esfera social suas relações. É por isso que muitas vezes, o religioso não considera válidas as ideias sobre o mundo e as diversidades de concepções e modos de viver e crer vindas de pessoas não convertidas como ele é, pois para muitos a crença de que somente aquele que vê pelos olhos divinos consegue enxergar a verdadeira realidade, incompreensível para os demais. Sobre essa questão de verdadeira realidade, de um absolutismo sobre a realidade, Rubem Alves (2005) a vincula à repressão por querer torná-la como a realidade a ser seguida, e assim submetida a todos.

Até a qualificação, tinha traçado proposta de estudo em Weber (2004) e Bourdieu para um olhar sobre o aspecto social; para um olhar sobre o religioso, havia pensado em Tillich, mas a compreensão sobre o pensamento de Tillich começou a se tornar muito complexo para mim por ter abordagens profundamente filosóficas. Mas foi por meio de Joachim Wach (1990) que fui descomplicando o pensamento tillichiano. Joachim Wach (1990) incorpora os estudos desenvolvidos tanto por Weber, quanto por Bourdieu quanto por Tillich na teoria de como fazer pesquisa em Ciência da Religião. À medida que os estudos sobre religião foram acontecendo no mestrado, fui tendo encontros com outros pesquisadores que também poderiam dialogar em teoria com minha pesquisa. Fui tecendo uma colcha de retalhos com o que ia conseguindo interpretar sobre cada ponto de vista que cobririam minha dissertação num olhar plural e me ajudassem a compreender meu objeto de estudo. Cada autor escolhido ia dialogando com o meu caminhar de observação e escrita, bem como iam, ao meu ver, dialogando entre si em similaridades em alguns pontos sobre a religião. Por isso, vi uma comunicação entre Pierre Sanchis e Elisa Rodrigues em compreensão da religião como fenomenologia, um ponto de intersecção entre essencialismo e funcionalismo. Uma fenomenologia, pois envolve o religioso em expressão na sociedade num determinado tempo e lugar sob contextos. Por meio desse entendimento sobre a religião, podemos percebê-la como ato de criação humana na vida social,

pública, expondo a manifestação da crença privada do religioso nas diversas relações de sentido. O sujeito não se desfaz do seu eu religioso, diante de tantos eus que carrega consigo, ele vai construindo uma narrativa de sentido sobre a vida, em que o eu religioso vai atravessar outras dimensões da vida que culminará nas relações e modo de ser e estar no mundo. O eu religioso é um sentimento, uma experiência religiosa tão forte que vai atravessando e ressignificando a vida do sujeito e suas relações.

Joachim Wach (1990) me auxiliou nessa caminhada para tentar compreender sobre esse campo religioso fenomenológico porque atesta sobre a relação de estudar religião com a Ciência da Religião em diálogo com outras ciências como a Sociologia, a História e a Teologia. Compreendo que a linha de pesquisa em que estou Sociedade, Religião e Cultura se propõe a estudar o caráter empírico da religião presente na sociedade valendo-se desse diálogo com as ciências humanas para compreendê-lo, ou seja, não se limita apenas em descrever o fenômeno, mas vai também tentar entender os sentidos das expressões religiosas dadas pelo grupo religioso. Wach entra nessa perspectiva de proposta para compreender a relação entre religião e política, pelo fato de ele perceber que a religião tanto influencia quanto é influenciada por outras áreas sociais, tendo o sujeito religioso como construtor de sentidos e significações na sociedade. Wach me alertou para o fato de que ser cientista da religião não deve averiguar ou atestar se há ou não veracidade do fato narrado. A experiência religiosa envolve o sentimento íntimo do ser humano e não pode ser capturada, mas ela pode ser observada no agir na comunidade e na sociedade em suas expressões. O cientista da religião parte da observação e investigação empírica em que está o campo de pesquisa para buscar compreender o fenômeno, no agir compartilhado na sociedade. Ou seja, pelo fato de a IBREM ser meu campo de observação, devo procurar compreender a experiência religiosa que ali acontece enquanto igreja batista renovada, em termos de teoria e prática, para compreender o discurso das lideranças e a linguagem religiosa que possam ter influenciado e ter recebido influência do discurso político de Jair Bolsonaro para agregar valor de voto eleitoral. Wach considera a experiência religiosa como uma experiência tão intensa e forte que tem tendência a se expandir para a esfera pública. Rubem Alves (2005, p 76) também faz considerações sobre a experiência religiosa, indicando que ela capacita a pessoa a ser mais forte para “enfrentar as provocações da existência” e vencê-las. As provocações da existência podem ser compreendidas pelas angústias existenciais da vida que nos levam a questionar de onde viemos, para onde iremos após a morte, qual a finalidade da vida, por exemplo. A IBREM possui esse mesmo entendimento sobre o poder que há numa experiência religiosa, que ela considera fervorosa e de avivamento capaz de mudar esse ser e suas relações pessoais e familiares, e assim procura orientar que ela não aconteça ou fique

apenas restrita ao momento do culto, mas que ela se propague, numa busca por ser santo onde quer que esse religioso esteja.

No momento em que Wach (1990) apresenta que religião se compõe de teoria e prática, ele vai direcionar para mitos, teologias, doutrinas e narrativas religiosas interagindo com a conduta e a relação social do indivíduo. Dessa forma, poderíamos apontar para a compreensão de que a teoria alimenta uma prática e a interpretação criativa dessa prática vai mobilizar uma teoria que vai sendo expressa num espaço, num tempo, num contexto em sociedade e cultura. Wach (1990) dialoga muito com Bourdieu e também com Weber compreendendo que a linguagem religiosa faz parte de um campo gerador de um *habitus*, bem como o líder religioso tem papel fundamental para manter e exercer poder sobre a comunidade, conduzindo o sujeito nesse *habitus* para evitar heresias. Além disso, será possível perceber que a experiência religiosa acontecendo dentro de um ambiente religioso, possuidor de linguagem religiosa, gera uma cultura religiosa.

O campo religioso possui tensões que poderíamos classificar em linhas conservadoras e progressistas, ou seja, ortodoxas e heréticas que vão encontrar apoio em outras linhas conservadoras e progressistas de outras esferas sociais, para somar forças, numa relação de poder político. Quanto ao poder político, ele pode ser compreendido como excludente de amor e de justiça, aos olhos de Tillich (2004), e será apresentado como compulsão (física e psicológica) de controle do ser. Nessa perspectiva, em que algo dito compulsório permeia uma obrigatoriedade, subjugada a uma obediência, talvez possamos perceber a tensão de disputa pelo controle social em imposição de obediência, entre conservadores e progressistas, que encontra na religião uma aliada para a esfera política. Alves (2005) vai atribuir o poder político aos fortes que conseguiram impor suas definições e, além disso indica que os fortes são os ortodoxos e os fracos os heréticos. A religião institucionalizada, enquanto comunidade organizada de sentido e possuidora de um poder político de ortodoxia, vai trazer orientação de controle de corpos em composição doutrinal. Mesmo que uma igreja siga um protestantismo histórico ou renovado, e, que se compreenda que não há intermediários entre o céu e o fiel, pois todos são sacerdotes, a relevância do pastor sobre a comunidade no papel de manter uma Confissão e interpretação ortodoxa das Escrituras Sagradas é constituído pelo reconhecimento de sua autoridade, ALVES (2005).

Vale lembrar que política sendo esfera, pode ser compreendida como categoria, que assimila a vida humana em suas relações – sejam elas quaisquer, como, por exemplo, política escolar, política de um sindicato, política cambial dos bancos ou “política de uma mulher inteligente que almeja governar seu marido”, Weber (2020, p8). Como vimos brevemente, a

política enquanto categoria é ampla em sentido, mas se apresenta atrelada ao desejo de ser influência de partilha de poder, em governabilidade, numa relação de dominação. Quando a relacionamos com o Estado, em governabilidade, seja pela tensão entre conservadorismo e movimento progressista, lembro que o Estado não se limita a fronteiras físicas, ele compreende uma comunidade que tem sobre esse território um sentimento compartilhado de propriedade. Esse sentimento quando subalterno a todos ou a maioria da comunidade reconforta o imaginário de uma ordem estabelecida que deva ser mantida.

O conservadorismo – seja ele econômico, político, estético ou científico – tende a querer sempre se manter no poder para controlar as disposições sociais na condução de comportamentos. Embora possam apresentar divergência sobre a concepção das categorias, e, isso possa envolver quem deveria se manter na regência de um poder maior controlando a sociedade, nas esferas sociais ele procura forças noutras esferas para combater o inimigo comum: o progressismo. As ideias progressistas, advindas das necessidades sociais de corpos que clamam por mudanças de suas condições de vida, são tensionadas sempre em busca por territórios e poder de ser. Quando a sociedade marginal, herege e progressista vai adquirindo poder de voz, a sociedade conservadora reage e tenta renovar sua força de domínio sobre todos. Quando essa sociedade conservadora se alinha à religiosidade, o poder do sagrado é acionado para consagrar esse conservadorismo. A experiência religiosa vai ser instrumentalizada para dar força a esse movimento em fundamentalismos religiosos.

A experiência religiosa, para Wach (1990), pode ser considerada uma força impulsionadora de mudança de vida, pois concebe uma consciência sobre o sagrado e o profano e também gera o desejo de permanecer nessa vivência de encontro com o sagrado. Nas palavras de Eliade (2018, p, 20), sagrado e profano “constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história”. Poderíamos conceber a ideia de que o sagrado e o profano trazem a consciência sobre a realidade ao considerá-la sobrenatural ou não. Não me proponho a aprofundar essa questão, mas resgato o querer que há no religioso de experimentar novamente essa experiência e assim permanecer nela. A orientação do pastor vai ser necessária para lembrar ao indivíduo que para ele voltar a ter essa experiência ele deve buscar a pureza e, conseqüentemente, a santidade adquiridas pela observância das Escrituras Sagradas, assim estará no ou voltado para o sagrado e a sacralização do mundo, representante de uma realidade sobrenatural. Considerar algo como sendo de Deus ou do Demônio é uma chave de leitura que já foi muito instrumentalizada por políticos brasileiros em campanhas eleitorais para agregar votos. Numa construção binária de céu e

inferno, o conservadorismo vai protagonizar uma personificação do lado do bem que está sendo atacado por forças opositoras a ele com a finalidade de destruição dos valores.

Magali Cunha (2022) vai apresentar uma trajetória de inserção do protestantismo na atuação política governamental em participação discreta, numa oposição a um catolicismo conservador, apresenta o surgimento do pentecostalismo na política na década de 90 e a conflituosa relação protestantismo e pentecostalismo até o consenso, em bancada evangélica, em nome de uma pauta moralista. Algumas diretrizes em discurso político-religioso já começavam a ser discutidas, uma dessas diretrizes era a família. A família já era acionada, em termos políticos, para linha sagrada com a temática do divórcio, em construção de destruição dos valores tradicionais. Nessa época, o evangélico era tomado como movimento progressista em reivindicação de direitos humanos. Freston (1999) e Rubem Alves (2005) trouxeram-me uma compreensão da relação ditadura militar com um protestantismo fundamentalista de discurso moralista cristão de combate aos novos movimentos populares – feminismo, LGBT, direitos humanos – que começaram a ser associados à esquerda e ao comunismo.

Ricardo Mariano (1999) ao falar da Assembleia de Deus e IURD, igrejas pentecostais, apresenta a relação igreja e estado em articulações políticas de apoio em troca de concessões de rádio e televisão, bem como a presença da linguagem pentecostal influenciando uma nova cosmovisão sobre o mundo em termos de teologia da prosperidade, teologia do domínio e a guerra santa. Há estudos da relação fundamentalismo e conservadorismo em entrelaçamentos que favoreceram a ala política de direita. Esses estudos foram desenvolvidos por Breno Campo e Ronaldo Almeida (1999) (2017) (2019).

Estudando Breno Campos (2012) (2014), percebi que o fundamentalismo protestante lutava, e de certa maneira ainda luta, contra as consequências da modernidade, classificando-se como produtor de um discurso conservador, cuja hermenêutica tem a tendência de volta ao passado para manter os valores, que nessa interpretação estavam se perdendo. O protestantismo de avivamento vem dar uma força maior a essa comunhão de fundamentalismo conservador à medida que evoca o Espírito de Deus para conceber os dons pentecostais. Há um imaginário bíblico sobre o dia de Pentecostes no cristão, seja ele católico ou evangélico, que interpreta que por meio da vinda do Espírito Santo, os apóstolos tiveram as forças renovadas para seguirem na missão de evangelizar e dessa forma eles também foram reavivados para compreenderem a vontade de Deus. Essa possível hermenêutica convoca um novo fazer litúrgico movido pela emoção que induz a uma experiência religiosa compreendida, por eles, como mais fervorosa, por isso de avivamento, e engajada do indivíduo com a vontade de Deus. As motivações litúrgicas em linguagens, sonoridade e cantos, acompanhadas por instrumentos musicais como

bateria e guitarras, serão recursos utilizados no rito do culto para sempre proporcionar esse encontro de experiência religiosa. O corpo será provocado para expressar o reino de Deus, em performance, para se predispor em estado de batalha numa guerra espiritual. Havendo uma batalha espiritual, uma cultura linguística religiosa começou a ser desenvolvida e cultuada: “tá repreendido”, “o sangue de Jesus tem poder”, “que caia por terra tudo que não seja do reino de Deus”, por exemplo. Para pertencer ao reino de Deus, a conduta do ser humano precisaria estar conciliada com o que está escrito na Bíblia, seguir a Cristo e ter fé para ser considerado santo e estar dentro da graça divina para ter a salvação<sup>13</sup>.

Mesmo não fazendo parte de um racionalismo, compreendi, em Weber (2011), que o afeto, o envolvimento afetivo emocional, é uma das formas impulsionadoras do ser humano para agir em sociedade, ao lado da tradição. A ética protestante enaltece a religião por meio da ascese, segundo Weber (2004), como algo civilizatório do ser humano, pois se nega aos prazeres e à emoção. Numa procura de viver em sociedade buscando ser exemplo de Deus, o sujeito torna-se um modelo de trabalhador e gerador de crescimento econômico. A ética protestante está alinhada a um fazer de ascese bíblica que favorece o capitalismo. Esse crescimento representará o fiel, em prosperidade de bênçãos de Deus. Racionalizando a religião, Weber (1999) (2004) percebe que ela gera uma perda de consciência do religioso sobre a construção da sociedade, ou seja, ao fundamentar a crença na bíblia, o protestante, por exemplo, irá atribuir a tudo o que ocorre em sociedade uma ordem divina. Tudo envolverá a graça de Deus, num imaginário religioso cristão, agindo sobre o sujeito que for fiel, negando assim que, de certa forma, foi o esforço, a ascese aos prazeres, a dedicação ao trabalho e a honestidade que impulsionaram o crescimento econômico e a mudança de vida terrena. Uma aliança de redenção de gratidão a Deus e louvor se estabelece numa movimentação cíclica no fundamentalismo bíblico de construção de *ethos*. O que diferencia uma denominação protestante de outra é a interpretação hermenêutica, dada que reverbera na produção doutrinal de cada uma em organizar a vida da comunidade religiosa.

Compreendida essa questão, Ronaldo Almeida (2017) (2019) me auxiliou a perceber as articulações de forças atuantes na Bancada Evangélica que impulsionam as alianças políticas com um conservadorismo para negociações. Vale lembrar aqui que, em suas palavras, o conservadorismo faz parte do jogo democrático, bem como suas representações que não se referem apenas a evangélicos, mas envolve também católicos e espíritas. Esses também podem

---

<sup>13</sup> Salvo o protestantismo fundamentado no calvinismo, todos os demais, como luteranos, presbiterianos e batistas que compreendem exatamente sobre essa aceitação pública sobre Jesus e a salvação. O calvinismo crê que a salvação veio por predestinação, o agir religioso será apenas para demonstrar que se é escolhido por Deus.

ser considerados conservadores por tentarem manter uma ordem já estabelecida diante de um novo que surge. O surgimento de uma Bancada Evangélica pentecostal no meio político, crescente, pode já ter sido considerado uma invasão territorial, com um novo discurso fundante na moral, mas que não se restringiu apenas à moral para atuar. Questões como a violência contra mulher e melhorias de condições de trabalho já foram apontadas por Ronaldo Almeida (2017) como pautas mobilizadas pela Bancada Evangélica. Temas como o aborto, a eutanásia, a pena de morte e a manipulação de células-tronco<sup>14</sup>, por exemplo, acionam um pensar conservador não apenas evangélico, mas também histórico da sociedade brasileira, fundante em concepções sobre a vida em linguagem católica.

Poderíamos apontar que a onda conservadora foi encontrar em Jair Bolsonaro, uma expressão de voz, que Vianna vai traduzir como um movimento conservador de revolução em favor do conservadorismo para se manter no poder. Ou seja, o conservadorismo cria uma narrativa de ameaça ao sistema em vigor, uma ameaça ao *status quo*, convocando toda uma sociedade para lutar por ele. Movimentado por um antipetismo, por um princípio de anticorrupção política partidária, por uma defesa do liberalismo econômico, o conservadorismo vai se associar ao discurso religioso para forjar uma realidade narrativa e ameaça de forças demoníacas sobre o Brasil. Essas forças demoníacas guiadas pelo PT, que teriam a missão de trazer o comunismo e engatilhar o imaginário do anticristo e do apocalipse, farão parte de um discurso religioso instrumentalizado em favor da política.

Para investigar essas teorias atuando no campo religioso em contribuição a uma renovação conservadora, a metodologia utilizada foi antropológica<sup>15</sup>, cuja pesquisa foi sendo construída em etapas etnográficas e de observação de vídeos, postagens no site, no *YouTube* e no Instagram da Igreja Resplandecente Estrela da Manhã, IBREM, no *facebook* de Jair Bolsonaro, em canais do *YouTube* de Nikolas Ferreira e outros representantes políticos-religiosos que já estiveram presentes em palestras na IBREM. Já que estávamos em pandemia, comecei minhas observações pelos vídeos disponibilizados nos canais do *YouTube* e nos textos divulgados no site da IBREM que têm o propósito de edificar a vida das pessoas conforme sua

---

<sup>14</sup> Quanto à manipulação de células-tronco embrionárias, por exemplo, a IURD se posiciona a favor das pesquisas, como mostra Ronaldo Almeida (2017, p19), assim como em casos previstos por lei, como estupro e perigos de morte para mãe e feto anencefálico, o aborto seria permitido.

<sup>15</sup> Os caminhos antropológicos dizem respeito a caminhos que a pesquisa utilizou ao longo do processo analisando o comportamento humano, participando junto com ele de suas atividades, em sua relação com a sociedade em termos de cultura. No caso aqui, no primeiro ano de pesquisa utilizei vídeos disponíveis no *Youtube*, *Instagram* e informações no site da IBREM. No segundo ano, foi possível estar presente em cultos e ministrações de curso.

cosmovisão com orientações em lições de células<sup>16</sup> e em lições de discipulado vida na vida<sup>17</sup>. Busquei compreender primeiro pelos vídeos dos Cultos de domingo a linguagem religiosa e a cosmovisão sobre o mundo em sua missão edificadora de vidas por meio da evangelização testemunhal e hermenêutica. Assisti a vídeos dos cultos da Juventude IBREM e a um Culto Mulheres de Deus. As evidências foram colhidas nos discursos pastorais e nas pregações realizadas no período de 2018 ao final de 2022, que estavam disponíveis na internet até final de 2022, no canal do *YouTube*. Também participei, em 2022, do curso Casados como Cristo e a Igreja, de forma presencial entre os dias 02 de agosto a 25 de outubro, aberto ao público, nas terças-feiras, às 20h, em que a cada terça um novo casal do Ministério era palestrante.

### **Caminhos e percalços**

Creio que deva fazer parte da pesquisa de todo cientista que decide traçar um estudo etnográfico compor em seu planejamento de pré-projeto ações com datas e prazos, trazendo a problemática a ser pesquisada, com escolha de pressupostos teóricos, de rumos de estratégias por onde começar e efetuar o estudo para pôr em prática a coleta de dados, análises e escrita. Bem como, creio que haja dificuldades enfrentadas pelo pesquisador durante esse fazer científico.

Comecei meu mestrado num momento delicado para saúde pública mundial, o ano era 2021. Para a metodologia, eu havia planejado um estudo de vídeos e publicações nas mídias digitais para pesquisa de campo: como disse, anteriormente, estávamos em um período de pandemia com a covid-19<sup>18</sup>, e eu, sofria, desde final de dezembro, de complicações derivadas da doença como falta de concentração, falta de retenção de informação na memória e pneumonia. Isso me trouxe grande preocupação para leitura de textos acadêmicos e nas aulas precisava ler várias vezes o mesmo texto, e, às vezes, parágrafos para reproduzir em escrita uma análise sobre o que estava sendo trazido em reflexão para estudo. Outra questão problemática pessoal que enfrentei foi meu posicionamento contrário às ideias e ações reacionárias de (re)produção de discurso de ódio que feriam os direitos humanos que Jair Bolsonaro trazia em seu governo desde a campanha e que aflorava em uma coletividade religiosa que o apoiava. Como eu iria analisar meu objeto de estudo sem que minhas convicções pessoais se

---

<sup>16</sup> <https://ibrem.com.br/celulas/licoesdecelula/>

<sup>17</sup> <https://ibrem.com.br/ensino/>

<sup>18</sup> O isolamento social foi uma das soluções encontradas para controlar o número de casos de pessoas infectadas, e assim diminuir a contaminação para uma doença sem vacinação até final de 2021.

entrelaçassem e interferissem no meu fazer científico com percepções classificatórias e depreciativas? O meu estudo para compreender meu campo de pesquisa precisaria promover a empatia para com o religioso, em sua experiência religiosa, e apenas assistir por vídeo, poderia ser insuficiente para ter acesso a essa experiência e poder compreendê-lo em sua crença, fé e ser social. Como já dissera anteriormente, meu conhecimento sobre os evangélicos era restrito e com um olhar de silenciamento para não evidenciar uma intolerância de formação católica. Durante o caminhar de estudos e pesquisa sobre cristianismos e pentecostalismo, comecei a me preocupar com o surgimento de uma provável mudança de intolerância que pudesse vir em função da aproximação do discurso de Bolsonaro com os evangélicos. Acabei enxergando toda uma comunidade religiosa cristã conservadora, não só de evangélicos como também de católicos, em alianças e negociações políticas para apoiar uma renovação do conservadorismo. O conservadorismo estava entrelaçado à elite economicamente fincada em valores fascistas no lema Deus, pátria e família. Precisava entender meu objeto de estudo: protestantes renovados e como essa trindade era percebida. Precisava focar na compreensão sobre teoria, prática e experiência religiosa na IBREM para entender um posicionamento que parecia ser o mesmo que outras igrejas evangélicas em apoio a Bolsonaro. Embora saiba que em um grupo possa haver divergência de posicionamentos em relação a apoio político destinado a Jair Bolsonaro, trato aqui o grupo, pois a apreensão fenomenológica da pesquisa é o coletivo em aproximação ao discurso conservador.

A IBREM se sustenta por vias de formação em células, em que há o GE (grupo de evangelismo) e o Lar de Paz, que trazem propostas missionárias de ‘adoração, discipulado, comunhão, liderança/servir e evangelismo’<sup>19</sup>. Quando falamos que uma igreja possui formação por células, como a IBREM, podemos classificar essas células como um cuidado terapêutico para a conversão, ou seja, elas podem ser compreendidas como núcleos de terapia que utilizam técnicas de conversão. Esse cuidado e acompanhamento que pode ser semanal ou quinzenal apresenta um objetivo descrito por Alves (2005, p. 73) como um "objetivo da terapia" que “é sempre ajudar o paciente a construir uma nova estrutura de valor". Essa é uma estratégia para introduzir o sujeito à nova comunidade na qual está se inserindo, ensinando-o a partilhar dos mesmos valores, relação de significado Deus-homem-mundo na construção de uma nova organização de sentido. Tanto Rubem Alves (2005) quanto Joachim Wach (1990) compreendem que a concepção sobre Deus altera o sentido da relação homem-mundo, dada a Sua importância para o religioso em sua interpretação de cosmo. As células não apenas

---

<sup>19</sup> <https://ibrem.com.br/celulas/>

introduzem essa nova estrutura de valor religioso, mas também têm por objetivo manter o sujeito sob vigilância de si e dos colegas para que não se distancie, pois quando se compartilha das experiências vividas nesses encontros que oferecem leitura e estudos bíblicos, pode-se também ter conversas informais que aproximam a todos que lá estão. Existe o Ministério de Ensino IBREM que promove cursos, treinamentos e seminários. Como já disse antes, só participei do curso Casados como Cristo e a Igreja, e participei de alguns cultos presencialmente em 2022, os demais cultos acompanhei, em observação, pelo *YouTube*. Não consegui ter acesso às células, nem aos grupos de evangelismo ou acompanhar ações sociais missionárias, nem participei de encontros festivos promovidos pela IBREM, como jantares românticos ou dia das crianças ou acampamentos de jovens.

A pandemia criou entraves significativos que vulnerabilizaram a realização da pesquisa, à noite nos cultos, em termos de transporte. Muito me escapou em campo a ser observado, mas isso não elimina em falsária ou desqualifica minha proposta de pesquisa, visto que uma realidade sempre se tornará limitada quando consideramos uma parte dela. É complicada a observação da totalidade de uma realidade religiosa, pois sempre há contextos aos quais não teremos acesso. O pesquisador, no caso eu, me coloco nos meus limites de contexto e de tempo para pesquisa, mediado também pela pandemia, que me impossibilitaram de conviver mais profundamente com a comunidade. Apresento também a redução de momento de observação, realizado apenas em cultos dominicais noturnos e de virada de ano, bem como alguns cultos para jovens (2018 a 2022), dois encontros apenas direcionados às mulheres, uma palestra, no culto de jovens, ministrada pelo vereador Nikolas Ferreira<sup>20</sup> nas dependências da IBREM; bem como observação participativa no curso presencial para casados. Mesmo diante dessa redução de observação, pude verificar que há uma linguagem concisa com a qual a IBREM direciona, em ensinamento de conduta de modos de ser e estar no mundo, para ser um dispositivo de alinhamento com o discurso conservador e moralista de Jair Bolsonaro, tanto em campanha quanto em governo.

Parti da hipótese de que fazendo a análise das evidências presentes nas pregações da liderança, poderia considerar que algumas igrejas batistas, menos tradicionais, consideradas

---

<sup>20</sup> Nikolas Ferreira era vereador por Belo Horizonte até concorrer às eleições de 2023 que o tornou o deputado federal mais votado da história por Minas Gerais, aos 26 anos. Ao longo do anos de 2021, Nikolas, um jovem cristão conservador, percorreu várias igrejas ministrando a palestra *O cristão e a política*, uma dessas palestras foi feita nas dependências da IBREM, infelizmente não há mais esse vídeo em registro na página do *YouTube* da IBREM. Mas, podemos encontrar vídeos dessa palestra em outras igrejas no canal do *YouTube* de Nikolas <https://www.youtube.com/@NikolasFerreiraO/videos> Mas ainda há registro de sua passagem pela IBREM em foto e chamada para palestra que ocorreu no dia 31 de julho de 2022.

renovadas e carismáticas<sup>21</sup>, podem ter contribuído de alguma forma com o aumento de ingresso de representantes batistas no Congresso Nacional e que o fato de serem renovadas tenha favorecido uma aproximação maior com os pentecostais e neopentecostais numa aliança da bancada evangélica no Congresso, em apoio a eleição e campanha de reeleição de Jair Bolsonaro.

Pretendi também fazer uma leitura, dentro desse contexto, por meio da observação e interpretação dos discursos religiosos, que pudesse chegar a uma gestão pública democrática, sem favorecimento de credo religioso e em busca de uma governabilidade para o bem comum e que estivesse alinhada ao contexto histórico-político brasileiro da participação protestante na esfera pública. A investigação sobre essa aproximação de discursos gerou reflexões sobre os discursos do governo de Jair Bolsonaro. Discursos esses que vieram atrair os princípios batistas, em amor à palavra de Deus, para compreender uma aliança governamental entre estado e igreja, por vias indiretas ou até mesmo diretas, em compreensão de linguagem e ética religiosa sobre as questões família-igreja-Deus. Outra hipótese também pensada foi a possibilidade de o individualismo, no aspecto de conversão e rupturas com o mundo, porém em diálogo com ele, por vias testemunhais, não apresentar discurso de ódio e intolerância às questões de gênero, mas uma posição de hermenêutica bíblica que pudesse corroborar para a conservação da ordem social patriarcal, capitalista, heteronormativa, cristã e liberal.

Um problema que me deixou inquieta no final de dezembro de 2022 foi a retirada de todos os vídeos de cultos, spots e palestras da IBREM no canal do YouTube em que fazia minhas observações. Fiquei preocupada em como iria comprovar as evidências coletadas, anotadas em endereços eletrônicos. Seguindo orientação da professora Dra Elisa Rodrigues, enviei email para IBREM no dia 04 de janeiro de 2023, vide anexo 1, pedindo explicações sobre a retirada de todos os vídeos que datavam desde a criação do canal em 2011 até final de 2022. A explicação obtida foi a de que o canal fora hackeado e assim, segundo consta em anexo 1 de email recebido e também em vídeo no Instagram<sup>22</sup>, tiveram que reativar um antigo para postarem vídeos novos datados a partir da virada do ano de 2022. Até a finalização dessa dissertação não obtive acesso aos vídeos antigos onde havia feito análise e transcrição de

---

<sup>21</sup> Ricardo Mariano (1999, p. 48) informa que o ISER (Instituto de Estudos da Religião), em 1996, por meio da pesquisa Novo Nascimento criou a categoria “históricas renovadas para classificar as denominações que, oriundas de cisões de igrejas protestantes ocorridas a partir dos anos 60, se autorrotulam renovadas e defendem a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo.” No II Relatório de Intolerância Religiosa, de 2023, o grupo de evangélicos é categorizado em 12 subcategorias como religiões de matriz evangélica englobando adventistas do sétimo dia, Assembleia de Deus, Batista, Congregação Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, Igreja Deus é Amor, Luterana, Messiânica, Presbiteriana, Testemunhas de Jeová, Universal do Reino de Deus e outras religiões Pentecostais ou Neopentecostais.

<sup>22</sup> <https://www.instagram.com/p/Cmp1y4vIO-x/> , ultimo acesso 18 de janeiro de 2023

trechos das ministrações. Assim, junto à nota de rodapé, haverá além do endereço eletrônico onde fiz observação, estará a data de último acesso a eles.

### **Disposição do texto**

A dissertação é composta por três capítulos que nos ajudarão na proposta de uma sociologia compreensiva sobre o fenômeno sociorreligioso que nos impulsionou a investigar no como a religião, em uma expressão de protestantismo carismático, uma batista renovada, atraiu e é atraída pela política para contribuir para uma renovação conservadora de poder, valores e moral cristã.

Assim, o primeiro capítulo foi construído para trazer uma compreensão sobre a relação religião e política em epistemologias e conceitos que abraçamos em compreensão do campo religioso brasileiro sobre perspectiva das Ciências da Religião. Joachim Wach (1990) ressalta que a Ciência da Religião precisa ter uma aproximação com a Sociologia da Religião, a Filosofia e a Teologia para ser compreendida como fenômeno que agrega teoria à prática, com o agir da força da experiência religiosa na sociedade. O conceito de religião para esta dissertação promoveu um olhar sobre uma sistematização que envolve fenomenologia, bem como sobre a perspectiva do religioso em ter, sobre ela, uma leitura condicionante de vida, organizacional, derivada da experiência religiosa, numa busca por respostas ontológicas. Religião vista sob conceituação fenomenológica em proposta de estudo, também se comunica com a conceituada em perspectiva tillichiana de cultura que apresenta o Incondicional como expressão máxima, de esperança última do religioso, descrita por Wach (1990). Uma realidade compreendida como verdadeira pelo religioso é também reconhecida como expressão de uma verdade quando envolve uma realidade divina. A fé que se move nessa realidade divina, em verdade absoluta, modela seu viver. O ser religioso interage na sociedade moderna. A Modernidade é vista como aliada para o surgimento de um pluralismo religioso, uma secularização provedora do protestantismo racional, em autonomia do indivíduo para escolher e, também, para negociar suas crenças em bricolagens. O campo religioso brasileiro, sincrético e rico em trânsitos, é influenciado por um capital de linguagem católica, de formação histórica, de encontro com outras religiosidades e crenças, mas que foi agregando linguagem pentecostal a uma expressividade popular. A convivência de um presente com um passado religioso, em dinâmicas contextuais, demonstra as diversas relações coexistenciais de expressão religiosa, que não deve ser compreendida como progressiva em desencadeamento de uma para outra, provocando a eliminação de uma crença, cosmovisão e modos de vida. Veremos a compreensão

de família enquanto categoria em polivalência, em construção de intencionalidade histórica no Brasil vinculada ao poder político e defendida, em termos conservadores, em tradicionalismo heteronormativo, patriarcal e cristão. O fundamentalismo religioso associado a um evangelismo de viés protestante por meio das solas luteranas, *Somente a Fé, Somente Cristo e Somente a Escritura*, evidenciando um conservadorismo que une as várias denominações e linhas doutrinárias em irmãos de fé em Cristo. A presença do protestantismo no Brasil, batistas, históricos e renovados, sendo contextualizado em atuação religiosa e política em *ethos*. A IBREM sendo apresentada em sua concepção histórica, semelhante em crescimento de adeptos tal qual uma igreja pentecostal, movida pelo carisma de um avivamento de protestantismo batista e sob a liderança carismática do pastor Gilmar Garbero. Apesar de serem igrejas autônomas, e terem um histórico de discurso separatista Igreja e Estado, há um diálogo entre as igrejas batistas em convenções que garantem uma ajuda mútua em termos de missão e pregação.

O segundo capítulo tratará de contextualizar a religião na esfera política brasileira, em termos históricos de participação singular de um protestantismo que buscava uma liberdade religiosa para atuar, lutava por uma democracia em vias de defesa da separação estado e religião diante da influência católica no sistema legislativo, jurídico e executivo, da mesma forma defendendo direitos humanos para todos. A pauta do divórcio entra nessa dissertação para mostrar como a concepção de família nuclear inseparável por Deus se tornou tema que evocou uma defesa da família tradicional, colocando um embate entre católicos e protestantes na esfera política. O surgimento de movimentos liderados pelo lema Deus, Pátria e Família será apresentado em prévias de aproximação a um slogan fascista defendido por um conservadorismo católico surgido nas décadas de 50 e 60 para combater os movimentos sociais na modernidade como o feminismo, o LGBT, o comunismo. Os primeiros diálogos de aproximação de conservadorismo entre católicos e protestantes para combater o inimigo comum: a modernidade e a esquerda. A modernidade, já vista como desencadeadora de destruição de valores morais cristãos. O surgimento e crescimento do pentecostalismo como uma onda que invade o campo religioso brasileiro, modificando o seu *ethos*, a ação influenciadora da política. A influência do *ethos* religioso neopentecostal vem com a linguagem de teologia da prosperidade, da teologia do domínio e da guerra santa veiculada em meios de comunicação e em cultos de massa, atraídos também pelos testemunhos de curas. Essa linguagem belicosa vai influenciar diretamente sobre uma cosmovisão de conservadorismo e fundamentalismo bíblico determinantes de quem é de Deus e de quem é contra Deus, ou seja, quem é de dentro ou quem é de fora.

O terceiro capítulo trata de um diálogo entre o que foi apresentado no primeiro e no segundo capítulos visando compreender os discursos e as linguagens presentes entre os textos políticos que acionaram os textos religiosos. Todo texto não nasce de um vazio, ele possui narrativa, contexto, léxico e semântica que acionam outros textos para gerar muitas vezes outros textos em reprodução, reinvenção ou rupturas. Assim, é apresentada a linguagem simbólica como um recurso utilizado por Jair Bolsonaro, tanto em campanha presidencial quanto durante seu governo, que cativou o apoio de um conservadorismo religioso em fundação de conceitos estruturantes da fé, como a bíblia, a escatologia e a soteriologia. Esse religioso, possuidor de um imaginário de perseguição, atenta para o mito das origens, vai compreender que há uma guerra espiritual que o envolve enquanto testemunha de santidade na Terra, em que o Demônio utilizará das artimanhas para não apenas o afastar do reino de Deus, mas também para eliminá-lo desse reino. Esse religioso atendendo a compreensão bíblica de que é vitorioso em Deus, de que esse Deus é criador de todas as coisas e guerreiro, se aproximará do discurso de Jair Bolsonaro por uma disposição para o discurso que aciona o léxico e a semântica religiosa em defesa de uma moral cristã. O estudo dessa linguagem em discursos pastorais observados na pesquisa de campo na IBREM nos é importante, neste caminhar em finalização dissertativa, para apresentar, em análise, uma aproximação com o discurso de Jair Bolsonaro em tornar o Brasil um país cristão em valores de combate ao aborto, à homoafetividade, em defesa da família tradicional e da liberdade religiosa. A experiência religiosa da IBREM aciona chaves de leitura para compreendermos um cenário que se mostrou favorável a eleição de Jair Bolsonaro, em união a outras igrejas evangélicas que também apoiaram essa eleição, mas que apresenta um diferencial, pois possui expressão autônoma em decisões de condução de culto e doutrina.

## **CAPÍTULO 1 – RELIGIÃO E POLÍTICA: APROXIMAÇÕES NO CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO**

### **1.1. Conceituando diálogos existentes no campo religioso na Modernidade**

Há vários brasis no Brasil, da mesma forma, há várias concepções de vida e de sentido convivendo em sociedade, mobilizados e organizados em posicionamentos e relações complexas. Tentar traduzir uma sociedade ou uma comunidade não é tarefa simples, pois há realidades que sempre nos escapam a percepção, principalmente no campo religioso. Desprezar as experiências humanas, principalmente em força de espiritualidade que impulsiona o ser

humano a se posicionar no mundo, em relações consigo mesmo, com a sociedade e com a natureza seria tratar, mediocrementemente, toda uma construção criativa sobre a vida.

Embora tenha sido noticiado, enfaticamente, que a representatividade evangélica no meio político tenha mudado a configuração de um pleito, não é de hoje que a sociedade brasileira mantém a relação religião e política, em termos de esferas sociais. A modernidade evidenciou uma disputa de territórios que trouxe o sujeito para o centro, em sua subjetividade, para assumir autonomia de sentido em suas experiências. As tensões se projetaram em face dos discursos ora para agregar concepções religiosas ao agir político, também no meio de atuação na esfera pública; ora se projetaram a busca de apoio político em meio religioso, acionando o privado ou o *privadopúblico*<sup>23</sup>.

Trazer uma proposta de compreensão de religião e política, na Ciência da Religião, é transitar em pressupostos que sustentam entrelaçamentos com as ciências sociais e com a filosofia/teologia, Pieper (2021)<sup>24</sup>, pois nos remete a conceitos que constroem uma rede de relações para percebermos a potencialidade e os limites desta dissertação. Recorremos a vários pressupostos para conceituar religião, e, dessa forma, iniciarmos uma caminhada metodológica de pesquisa, esperando obter um resultado satisfatório ao que nos propomos.

Religião e Deus mantêm uma relação de diálogo, mas Deus não é o centro de estudos da Ciência da Religião, ele fica para os teólogos que procuram se apropriar dessa essência para interpretá-Lo em doutrinas e dogmas. Wach (1990) desenvolve esse pensamento caracterizando a Ciência da Religião em preocupação com o humano nessa relação com o Divino, e depois com o mundo e com ele mesmo partindo de uma experiência religiosa. O Divino adquire polimorfias, mas pode possuir uma única preocupação humana: responder às inquietações humanas diante da vida. Essas angústias existenciais promovem uma busca pelo Sobrenatural. Esse encontro se torna poeticamente agradável e prazeroso a ele e gera representações simbólicas.

A igreja pode ser compreendida como um lugar comum em que as experiências religiosas são expressas em coletividade e individualmente. Podemos encontrar esse entendimento presente nas igrejas evangélicas em ensinamentos proferidos por lideranças. Ao

---

<sup>23</sup> A opção em utilizar o termo *privadopúblico*, em escrita justaposta, foi uma decisão política de agregar a ideia de que o sujeito não se desfaz do seu eu privado quando interage na sociedade. O eu privado, trazendo em termos populares, “educação de casa vai à praça”, é uma formação intrínseca e estruturante, em termos familiares que se expressa no convívio social. Tomamos essa compreensão também em termos de religiosidade, em Wach (1990), em Rodrigues e em Sanchis.

<sup>24</sup> PIEPER, Frederico. *Aspectos Históricos da Ciência da Religião*. O texto citado aqui pertence a aula preparada para a disciplina Teoria da Religião, ministrada no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF, 2021/1.

declarar, “Nós não servimos a uma religião, nós servimos a um Deus, com o qual teremos que nos relacionar”<sup>25</sup>, a igreja IBREM apresenta essa concepção de representatividade simbólica sobre Deus que transcende a uma limitação conceitual e física. Ela vai se tornar metafísica nesta experiência íntima com Deus.

Há questões filosóficas e teológicas que englobam a existência da religião em conceitos que podem ser incorporados em sentidos pelas experiências empíricas do ser humano e pela lógica de cada sistema religioso. Por isso que religião vai assumir uma polivalência conceitual, também, em relação de quem faz parte de um sistema religioso, *inside*, ou de quem não faz parte dela, *outside*.

Mesmo que o ser humano não perceba conscientemente, no seu cotidiano, ele transita, pelos diversos campos sociais, agindo e sofrendo ações derivadas das relações que são estabelecidas, e assim, suas experiências vão compondo e são compostas de enredos de sentido que os delegam legitimidade aos discursos. A religião, segundo Pieper (2021)<sup>26</sup>, assim como a política são esferas sociais que são colocadas ao lado de outras como a economia, a estética e a ciência que vão organizar a vida das pessoas. O religioso<sup>27</sup> tem, em sua experiência com Deus, a base que o sustentará em crenças em diálogo com outras esferas sociais, colocando-o como esperança última de suas aflições; e, sua vida se sustentará nessa construção de relações organizacionais que lhe darão sentido.

A compreensão de campo social, em Bourdieu (2015) (2019), nos permite perceber que há, em cada campo, uma autonomia entre eles, a princípio, mas há também uma inter-relação de influências em suas funcionalidades. Isso nos remete a pensar que cada campo contém uma linguagem própria possuidora de língua dominante, um *habitus* próprio possuidor de valores e hierarquias, com um público específico estratificado em camadas sociais em que é atravessada por questões de raça e gênero nas suas relações também em classes. Nas relações socioculturais, envolvidas por contextos históricos e regionais, o indivíduo transita por diversos campos, que atuam sobre ele em linguagem e *habitus* ao mesmo tempo em trocas simbólicas de bens. O ser humano tanto produz quanto replica ou ressignifica ou repudia ou negocia diversos bens simbólicos que circulam pelos campos, formando assim particularidades existenciais e organizacionais de vida. Em cada campo, em compreensão de macropoder, é convencional

---

<sup>25</sup> <https://www.instagram.com/p/CPQ9VLYqGMC/>, do dia 24 de maio de 2021, último acesso em 2022

<sup>26</sup> Referência ao texto apresentado em aula de mestrado, citado em nota 1 de rodapé.

<sup>27</sup> Consideramos religioso aquele que participa de um sistema religioso recebendo desse sistema a orientação objetiva de sua logicidade, mas que também, em sua subjetividade, por questões de interações sociais, pode traçar em escolhas de negociações uma logicidade individual. Nesse entrelaçamento, a organização da vida vai sendo construída em sentido. Ao receber do sistema religioso a orientação sobre o Transcendente, estabelece com ele vínculo afetivo de forma subjetiva.

afirmar a existência de grupos, específicos, que disputam o monopólio de produção desses bens elencadores de seus valores para exercer o poder sobre os demais em submissão. Ao transitar por diferentes campos, um indivíduo alimenta e é alimentado pelos bens simbólicos que circulam por onde ele mantém relações, levando consigo concepções de vida e valores.

A política e a religião são campos específicos que possuem propriedades em comum do campo social, assim analisadas em Bourdieu (2019), como lugar de disputas entre dominante e dominados – princípio de dominação de Weber (2011) – em que o poder de monopólio será defendido por quem o detém em forças de conservação do que é posto como ortodoxia em detrimento àquele ou àqueles que surgem em luta para usufruir desse poder em formas ditas hereges. Quando tratamos da categoria família, por exemplo, a ortodoxia elenca, em tipo ideal, a família nuclear patriarcal como modelo de bem simbólico possuidor de grande valor que vai atravessar diversos campos exercendo poder e influência nas relações sociais.

A atenção dada, tanto à política quanto à religião, veio com o advento da modernidade. Até então, a compreensão de religião, por via ocidental, em estudo de História Comparada, dava-se por conceitos antropológicos de cristianismo católico em que, na esfera pública, política e religião estavam interligadas em relação de poder e monopólio do pensar social às práticas coletivas e individuais. A família, em modelo sagrado de ortodoxia católica, estava centrada na Sagrada Família, Jesus, Maria e José.

Com a secularização ocidental, separação entre Estado e Igreja em determinações de esfera pública e privada, o surgimento de cristianismos, uma nova compreensão sobre religião passou a configurar fenomenologia. A compreensão fenomenológica da religião passou a considerar a existência de um universo religioso não limitado a instituições religiosas e a corpos doutrinários, mas constituído de linguagens que transitam por diversos campos sociais organizando a vida das pessoas. A linguagem sempre presente nas dimensões da vida do ser humano pode ser reconhecida enquanto feitiço, como diria Rubem Alves (2005), nos domina sem que percebamos ser possuídos por ela. A religião compreende uma dimensão da vida humana, em escolhas de um repertório simbólico no campo religioso, que, em sua subjetividade, constrói pertencas religiosas ora alicerçadas em viés institucional ora negociada em linguagens para atender as suas próprias demandas sociais. As linguagens religiosas expressam uma realidade vivenciada pelo religioso, são construídas e, assim, fazem parte da cultura de uma comunidade social, não representando uma visão única e absoluta sobre a realidade.

A religião se pondo como esfera privada pode ser reconhecida em aspectos subjetivos de negociações dos múltiplos *eus* de reserva (Sanchis, 1995, p 85), mas podemos encontrar

fenômenos coletivos. O ser humano estaria sendo pontuado como um ser que se adapta, em dialética, a situações conforme interage socialmente constituído por vários *eus*. Essa adaptação o torna um ser flexível que pode apresentar crenças e atitudes, aparentemente irreconciliáveis em coerência ou incoerência. A narrativa de sentido dada pelo indivíduo à vida, mesmo no aspecto subjetivo, vai apresentar uma coletividade que dialoga com ele dinamicamente por meio de linguagens simbólicas circundantes. Talvez seja possível perceber o quanto uma coletividade dá suporte para que a linguagem simbólica permaneça viva dentro de uma comunidade, sem que se perceba o domínio dela. Ela pode ser alimentada pelos testemunhos que agregam experiências semelhantes em sentidos das linguagens simbólicas que são partilhadas pelo grupo. Nos testemunhos podemos encontrar construções e reconstruções de sentidos de narrativas que circulam para gerar um imaginário de veracidade em unidade.

A compreensão de religião assumida neste trabalho alinha-se a de Sanchis (1995) e Rodrigues (2012), em que ela é definida como campo religioso em fenomenologia que atravessa outros campos sociais. No campo religioso, o passado e o presente podem conviver, em estudo fenomenológico, simultaneamente no presente em construção e reconstrução. A esse respeito Sanchis (1995) não acredita numa evolução, em linha temporal, dos acontecimentos que gere uma superação do passado resultante de sua eliminação no presente no campo religioso. Ele acredita numa porosidade nas identidades religiosas, possuidoras de dinâmicas, capazes de agregar forças opositoras, forças conservadoras e revolucionárias da religião, que o permitam transitar num campo religioso vasto<sup>28</sup>. Não acredita que a religião e as instituições religiosas passem por uma evolução, um processo de progressão, que elimine por completo marcas do passado, cosmovisões e acontecimentos geradores de fenômenos socioreligiosos.

Existe uma dinâmica no campo religioso, Sanchis (1995), Cannell (2006), em que as relações são constantemente construídas e reconstruídas, em que os atores pertencentes a este campo, aqui em questão, poderão passar e reviver situações moldados na e pela história, no espaço-tempo. A história, acontecimentos históricos e as relações sociais de um determinado lugar irão pré-moldar ou moldarão a dinâmica do campo religioso. Rodrigues (2012, p 14)

---

<sup>28</sup> Sobre essa questão podemos nos reportar ao fato de que numa relação social, existem trocas simbólicas. As pessoas não apenas influenciam, elas também sofrem influências. A religião, em contato com outras culturas, vai se dinamizar em movimentos de rompimento, de continuidade, de ressignificação. As identidades vão conciliando novos significados e orientações para reorganizar a todo instante a vida. Toda experiência religiosa é única, todo indivíduo carrega consigo reflexos de sua origem e de caminhos por onde passou, numa relação dialógica, e isso possibilita que num mesmo campo religioso coexistam diversas crenças. Isso favorece um trânsito religioso e incorpora novos sentidos à vida. Sanchis não acredita numa evolução da religião de forma sequencial, elas coabitam num mesmo campo, bem como podem interagir e desse encontro surgir um terceiro ou quarto movimento que não elimina os dois agentes iniciais. Mas essa questão requer estudos mais aprofundados para conhecer o fenômeno.

acrescenta sobre essa questão que “no campo religioso brasileiro, a religião existe enquanto uma escolha e não como uma identidade assumida no berço ou transmitida num ambiente social”. Ou seja, a dinamicidade da vida gera uma dinamicidade na identidade do ser humano e o ser humano escolhe, em trânsitos e bricolagens, suas crenças e narrativas de sentido.

Assim, há muitas realidades, no campo religioso, que podem conviver simultaneamente num mesmo tempo presente e continuar coexistindo no futuro com a presença de remanências e criatividades do passado juntamente com as inovações e transformações da atualidade, bem como a relação entre elas. O presente não é simplesmente uma projeção do passado, existe um entrelaçamento entre passado e presente, mas isso não determina uma projeção. Há relações dinâmicas de presente e de passado que coabitam em espaços tornando o campo religioso brasileiro um campo farto de fenômenos, assim é possível entender o convívio de conservadores, ultraconservadores e progressistas dentro de uma mesma tradição religiosa, mesmo que seja o convívio conflituoso e tensionado entre eles expresso de forma silenciosa, velada ou denunciada. Por isso, é preciso conhecer as raízes do campo que se deseja pesquisar para compreender as dinâmicas e lógicas que podem ter sido relacionadas em mudanças com rupturas e com continuidades em um determinado lugar. O campo religioso brasileiro possui um cristianismo católico sob sua influência em meio a bricolagens advindas de sincretismos e trânsitos religiosos.

Para adentrarmos a uma análise sobre o objeto de estudo proposto, há de considerarmos algumas questões que aprofundaremos ao longo da discussão. Uma dessas análises diz respeito à compreensão de política e à de religião, visto que são categorias que apresentam diversas teorias. Essas diversas teorias foram se desenvolvendo, tanto sincrônica ou diacronicamente, nas diversas sociedades, ao longo da história, de acordo com as conexões que foram sendo consideradas válidas por cada cientista as quais atendiam a expectativas e interesses das metodologias aplicadas, bem como os pressupostos que cada uma carregava consigo.

Antes de se tornar científica, a apreensão sobre política e religião está no imaginário popular como temáticas que, ao mesmo tempo, são colocadas para não serem discutidas atualmente; da mesma forma que são apresentadas como algo de disputas ferrenhas em defesa de ideias empíricas em espaço público ou privado. Na época do pleito de 2018, elas se tornaram mais evidentes nas vias públicas das redes sociais. Muitas *fake news* foram divulgadas acirrando mais ainda os extremos de posicionamentos religiosos e políticos. Termos como conservadores, bancada evangélica, fundamentalismo e discurso de ódio deferido a ideias que não contemplam os valores família, pátria e Deus, por exemplo, foram termos que circularam nas eleições

moldando discursos políticos e posicionamentos polarizados entre o bem e o mal na política e na religião.

Quando política e religião foram e são evitadas como foco de conversas, podem evidenciar, por exemplo, em senso comum, diversas intenções: o desconhecimento sobre o que está sendo exposto, ou a crença de que são assuntos em que nunca haverá um consenso, ou a associação reduzida de política a políticos e à corrupção, bem como redução de religião a algo pessoal que não se deva questionar ou por determinação doutrinária, ou por considerar que o que acontece aqui na Terra seja da vontade divina<sup>29</sup> e assim não se deve questionar. Não se pode considerar que todas as pessoas reajam a um mesmo evento da mesma maneira. Há de se perceber que há intenções e compreensões sobre religião e política que ficam no âmbito do subjetivo, bem como fazem parte também de uma coletividade. Mas o silêncio de posicionamento político diante do fenômeno sociorreligioso, que movimentou as eleições de 2018, também pode apresentar leituras que podem ser colocadas para compreensão.

Quando discutidas, geralmente, em senso comum empiricamente, cresce a possibilidade do risco de serem polarizadas entre conceitos de certo e errado ou bem e mal, em competitividade, em que o *não-eu* sendo o outro indivíduo, altero, torna-se um estranho e inimigo a ser combatido. Assim, um princípio de conversa pode virar uma relação incorporada de atos de violências verbais ou até mesmo físicas, em ataques de projeções desse errado e desse mal a ser aniquilado. Há, também, os que fazem relações da política e da religião com a vida cotidiana em análises de demandas concretas da vida, por exemplo: na política, relacionada a aumento do preço dos alimentos e bens de consumo ou aumento da violência urbana; na religião, a testemunhos de fé.

Para começarmos a compreender essa tensão que existe entre o eu e o *não-eu* na Modernidade, faz-se necessário apreender que ela possibilitou um novo movimento civilizatório secularizado que proporcionou o pluralismo e o surgimento da individualização e com ela, segundo Sanchis (1995), no campo religioso, a presença do fundamentalismo, do nacionalismo e do comunitarismo. O pluralismo decorrente de um mundo secularizado, em

---

<sup>29</sup> Quanto à vontade divina há de se considerar aspectos tanto de um catolicismo popular quanto de protestantismo e evangélicos. Alba Zaluar, no livro *Os homens de Deus, um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular* (1983), argumenta que há no imaginário de um catolicismo popular a compreensão de um sistema de reciprocidade entre o mundo espiritual e social em forma de relação contratual de que o que ocorre no mundo espiritual em termos de organização social e ação também ocorre na Terra. Há também a compreensão entre mundo espiritual e o mundo terreno encontrada no repertório evangélico pentecostal enquanto batalha espiritual que podemos perceber no livro *Neopentecostais* de Ricardo Mariano (1999); e, cujo repertório, também, influenciado por concepções calvinistas, pautadas na Bíblia, a questão sobre a vida estar sob a graça da vontade divina serve para compreender o que existe como uma organização e manutenção de ordem de forma inquestionável, segundo Zwinglio Dias, 2012).

enfraquecimento da instituição católica, também fez surgir tensões entre as identidades plurais que foram surgindo, mas não se traduziu no fim da religião como muitos cientistas previam. Conhecia-se, antes, apenas como religião o cristianismo católico e o com o enfraquecimento da instituição, a especulação do fim da religião foi divulgada. Novas identidades religiosas surgiram a partir de Lutero e João Calvino. O protestantismo é concebido, em sua origem, com a Modernidade e com o espírito de liberdade e democracia. Os protestantes começaram a conquistar espaço e a construir seus fundamentos teológicos, em termos racionais, excludentes de um sentimentalismo ritualístico, possuidor de uma tendência de purismo nas liturgias para compreensão das escrituras. As solas teológicas reformistas – *Somente a fé, Somente Cristo e Somente as Escrituras* – constituíram a base fundamentalista dos movimentos protestantes. O fundamentalismo como marca identitária religiosa passou a ser adotado para se diferenciar de outras denominações religiosas, principalmente em posicionamento contrário à igreja católica. Assim, é possível dizer que protestantes da reforma e seus descendentes consideram que

A inerrância das Escrituras é a base de sustentação dos dogmas fundamentalistas, tanto dos centrais como dos periféricos, pois a defesa da historicidade e legitimidade do cristianismo depende de uma argumentação cíclica: a Bíblia é verdadeira porque ela afirma ser verdadeira. (BRENO, 2014, p 472)

Seguir fielmente as solas teológicas consistia na pertença protestante que os diferenciariam do catolicismo. “O *barato* de ser católico é fazer parte de uma religião que não precisa ser seguida à risca pela maioria dos fiéis” (PIERUCCI, 2009, p. 15). Ao expressar esse pensamento, Pierucci (2009) apresenta uma proposta de catolicismo que se abre a negociações de viveres, em termos populares, que apesar de ter a bíblia como escritura, ela não se torna a base central de muitos católicos, que só o são por terem sido incorporados, por tradição familiar, a essa instituição.

A relação fundamentalismo e evangélicos é muito corriqueira, principalmente em período eleitoral, tratada pela mídia brasileira, e como Almeida (2017) aponta dotada de sentido de “acusação”. Mas não é de uso comum de reconhecimento identitário por parte dos evangélicos, pois, no Brasil, essa relação fundamentalista possui um elo interpretativo com o terrorismo islâmico. Uma posição contrária se vê em identificação em autodeclaração nos EUA com a compreensão que os enquadra como fundamentados teologicamente. Há indicativo de que alguns evangélicos no Brasil podem se declarar fundamentalistas seguindo a lógica moralista dos protestantes norte-americanos por terem a mesma base teológica.

Uma relação intrínseca entre religião e política pode ser pensada não apenas porque os evangélicos estão em evidência no contexto político brasileiro, mas pode ser verificada desde a presença jesuítica em catequese em nosso território e na nossa formação sociocultural. A presença católica nos bastidores governamentais não é novidade. Mesmo que saibamos que a secularização vinda com a separação Estado-Igreja, no período republicano brasileiro, tenha favorecido o fortalecimento jurídico-político do Estado, trazendo a legalidade da liberdade religiosa com o pluralismo religioso, Mariano (2003); a influência da Santa Sé, como personalidade jurídica internacional, continua mantendo as relações de tratados, acordos e convênios por meio de concordatas, incluindo a forte presença do campo simbólico-religioso na dimensão cultural e educacional. A dimensão cultural referendada aqui é a concepção de Sanchis (2008) que trata a religião e cultura numa relação intrínseca de organização de vida, público e privado, que envolve contextos sociais dinamizados pela história em diversos territórios de forma singular. Almeida (2017, p. 6) traz que a Igreja Católica goza de “relativa invisibilidade no espaço público por sua profundidade histórica, cultural e jurídica no país”. Quando pensamos na tradição religiosa brasileira e seu envolvimento com a cultura, logo termos como sincretismo, trânsitos religiosos e pertença são acionados.

## **1.2. Batistas históricos e renovados em diálogos religiosos**

Os batistas, na abordagem weberiana, eram chamados de anabatistas e eram protestantes da reforma juntamente com calvinistas, luteranos e puritanos. Segundo Rodrigues (2014), não há evidências históricas documentais que indiquem o surgimento do movimento batista e suas reflexões teológicas, mas há hipóteses divergentes que recaem ora sobre o profeta São João Batista, na primeira era Cristã; ora sobre John Smith, no século XVII.

Nas considerações weberianas, os primeiros anabatistas, considerados seitas, eram radicais quanto a seguir a Bíblia em conduta de vida numa imitação aos apóstolos como modelos, num rompimento total com o mundo, uma conduta extramundana, o que os tornava conhecidos como espíritos fanáticos. Em oposição ao batismo infantil católico, por influência arminiana, acreditavam que o batismo só seria justificado por uma transformação interior que professasse conscientemente a fé em Cristo, o que só poderia ocorrer na vida adulta, segundo a crença. A fé em Cristo é uma sola teológica protestante extremamente importante. Ela é descrita por Weber (1999) (2004) (2011) como algo que não está relacionado ao fato de se conhecer a doutrina da igreja, nem tem relação alguma quanto à submissão à penitência para obtenção da graça divina. A fé em Cristo está sob a compreensão da ortodoxia protestante de gratuidade.

Assim, a fé é considerada advinda de Cristo, como “apropriação interior da ação de redenção”, Weber (2004, p. 131), em revelação individual provinda do próprio Espírito de Deus. É muito significativa a compreensão da graça divina para o evangelismo derivado do protestantismo histórico que cultua a *Sola Gratia*, como aquela que incorporará todas as demais solas luteranas. *Sola Gratia* traduz toda uma compreensão do espírito protestante de que não importa o que o ser humano possa fazer, articular ou criar, tudo provém da Graça Divina em permitir que tudo aconteça. Somente Deus concede a graça da vida e da salvação eterna, nada depende do ser humano.

Em relação à ascese, Weber (2004) observou uma aproximação com a da protestante calvinista, porém com um rigor de evitação de mundo nos primeiros batistas. As igrejas reformadas se tornaram igrejas visíveis e deixaram de ser reconhecidas como comunidades voltadas para abrigar justos e injustos fazendo referência a católicos e luteranos que buscavam a escatologia (bens da salvação) ou que eram voltados para a glória de Deus como os calvinistas. Elas adquiriam reconhecimento de “comunidade daqueles que se tornaram pessoalmente crentes e regenerados” (WEBER, 2004, p. 131). Apesar de relatar uma ascese nos primeiros reformados batistas, Weber (2004) percebe uma mudança de condução de vida mundana: o antigo separatismo vivenciado já não era visto como importante para dar prova da regeneração. Os calvinistas influenciaram os batistas no desenvolvimento profissional e na ideia da propriedade privada como prova de regeneração, de uma aquisição de ética reformada. Houve a adesão à ascese intramundana numa relação intrínseca com a ética capitalista em dedicação ao trabalho com honestidade, segundo Weber (1999) (2004), visando o crescimento profissional, contudo sem uma glorificação da criatura; isso era um dever para com Deus.

Sob influência ainda calvinista, após a morte de John Smith, primeiro pastor batista, surgiram os batistas particulares com a crença de que Cristo morreu pelos eleitos. Outra dissidência batista já não concordava com essa exclusividade e passou a crer que a morte havia sido para todos, esses eram os batistas gerais (RODRIGUES, 2014). Como reformados, os batistas também compreendiam a doutrina da salvação advinda da conscientização revelada individualmente de Deus, o que gerou um rompimento com o meio eclesiástico e favorecendo a pedagogia do silêncio nessa espera. Vinculados à regeneração íntima do indivíduo por meio da ação do Espírito, a vivência batista pautada numa vida bíblica apresentou uma resignificação de fé testemunhal consciente ao batismo e à ceia.

Como protestantes de missão, os batistas chegaram ao Brasil por vias norte-americanas no final do século XIX e trouxeram, consigo, as solas teológicas reformistas – *Somente a graça, Somente a fé, Somente Cristo e Somente as Escrituras*. A instalação da primeira igreja batista

em Salvador, em 1882, teve auxílio do ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque, que havia se convertido e sido batizado na Igreja Batista de Santa Bárbara do Oeste. O ex-padre ajudou os missionários Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, além de Zacharias Clay Taylor e Kate Stevens Crawford Taylor. Talvez esse tenha sido um dos primeiros registros de conversão de um católico para batista, simbolizando futuros trânsitos religiosos que influenciarão nas singularidades batistas no Brasil. A presença marcante da ação feminina na missão pode ser evidenciada na “formação de classes bíblicas para senhoras e visitas aos lares” brasileiros, (REILY, p 149 apud RODRIGUES, 2014, p 156).

Influenciados pelo Renascimento e Iluminismo, a exaltação à liberdade como reconhecimento de uma racionalização histórica foi um marco para os batistas também. Por terem origem norte-americana, as missões batistas no Brasil trouxeram princípios liberais e burgueses que favoreceram o capitalismo com um liberalismo político-econômico, bem como um liberalismo teológico. Defensores da separação entre Estado-Igreja adotavam a liberdade de consciência religiosa, e, por isso, o princípio de autonomia entre as Igrejas Batistas sempre foi respeitado até hoje e não há uma centralização pastoral nem litúrgica. Apesar de serem igrejas autônomas, eram reconhecidos como irmãos em Cristo, assim como outros regenerados da reforma, o que desencadeou uma ajuda mútua vinda por meio de congregações ainda hoje existentes.

Como dito antes, a religião é dinâmica e depende das relações socioculturais entre os indivíduos. Se observarmos os trânsitos religiosos, o cenário religioso brasileiro se apresenta como sincrético com base de uma linguagem de formação católica considerada um capital simbólico, trazendo consigo singularidades de cristianismos<sup>30</sup>. Segundo Campos (2009), o catolicismo brasileiro provocou uma identidade predisposta ao sincretismo, o que Regina Novaes<sup>31</sup> e Mariz & Campos (2014) chamam de matriz católica sincrética. Campos (2009) apresenta a ideia de que o contexto religioso brasileiro apresenta diversos pluralismos religiosos e com eles paradigmas, modelos. Os batistas brasileiros se enquadram na diversidade denominacional como a IBREM – Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, como a Igreja Batista Regular, como a Igreja Batista da Lagoinha, IBL. Há diversas dissidências de igrejas batistas – menonitas, regular e renovada, por exemplo – possuidoras de posicionamentos

---

<sup>30</sup> Joel Robbins trata de tipos de cristianismo ao analisar o surgimento de uma Antropologia do Cristianismo que passa a perceber uma alteridade no Cristianismo provinda da relação transcendência e plano mundano presente na mudança cultural, na linguagem e no individualismo gerado a partir de uma conversão ou adesão a outra denominação cristã de oposição ao catolicismo.

<sup>31</sup> Regina Novaes é citada por Roberta Bivar (2009) ao analisar o contexto religioso brasileiro dotado de sincretismo com o catolicismo, a começar pelo catolicismo português introduzido no Brasil, visto por alguns cientistas ora de forma positiva ora de forma negativa na produção de um multiculturalismo.

conservadores e de princípio histórico de separação Estado-Igreja. As cidades do eixo sul-sudeste são apontadas com grandes influências históricas das congregações batistas amparadas “em cinco propósitos bíblicos: ‘adoração’, ‘comunhão’, ‘discipulado’, ‘ministério’ e ‘evangelismo’” (Rodrigues, 2014, p.164) e estão presentes, de modo geral, em todas as dissidências batistas.

A ideia de diversidade religiosa brasileira em vez de pluralidade é revisitada novamente por Roberta Bivar Campos e Cecília Mariz (2014) ao discutir a presença do movimento pentecostal no Brasil a partir de 1910<sup>32</sup>. Isso nos remete ao que Cannell <sup>33</sup>(2006) diz que todos os cristãos são ligados entre si num movimento de compartilhamento nem que seja de concordância ou discordância, ruptura e continuidade.

A vinda de protestantes ao Brasil – luteranos, calvinistas e batistas – desencadeou novos encontros e dinamismos religiosos, diante também dos contextos sócio-históricos locais e proporcionou mais diversidades e singularidades no campo religioso brasileiro. Protestantes, de início, foram compreendidos como comunidades separatistas, com princípios fundantes nas solas teológicas reformistas e ética racional. Isso os tornava estranhos aos católicos, principalmente de catolicismo popular, nas concepções entre transcendência e plano mundano, pois possuem uma experiência empírica muito forte que os conduzem a fé num Deus piedoso e a obra de caridade como prática de um *ethos* para alcançar o céu. Pelo fato de o campo religioso brasileiro ser bastante diversificado e sincrético e apresentar um repertório de linguagens, nós poderemos considerar uma aproximação entre protestantes e católicos nas linguagens quando remetemos a compreensão sobre aliança entre Deus e o ser humano, bem como em conceitos ortodoxos sobre gênero, sobre família e o papel social e religioso de seus membros. Mesmo que tenha havido encontros religiosos com pentecostais e novos movimentos carismáticos que provocaram o surgimento de novas dissidências batistas, os renovados, eles continuaram conservando a doutrina bíblica como palavra de Deus, bem como prezando pelas solas teológicas a serem seguidas.

Algo a considerar em termos de igrejas batistas é que têm governança congregacional. Cada uma possui autonomia e independência de reflexões teológicas, ministérios e expansão missionária. Há de se considerar que exista cooperação entre as igrejas estabelecida nas

---

<sup>32</sup> Em nota, no referido capítulo escrito por Cecília e Roberta (2014, p.194), há uma citação que expõe que Pierucci e Mariano não acreditam que haja uma pluralidade religiosa, pois se baseiam no censo em que a maioria da população assinala de alguma forma o cristianismo como religião a que pertence. Assim, o que defendem, segundo elas, é que a diversidade cultural e religiosa no Brasil possui um repertório de influência cristã, não havendo um processo de ruptura e mudança de cosmovisão sobre o transcendente.

<sup>33</sup> Por isso que ela trata de cristianismos em pluralidade.

convenções, como a Convenção Batista Brasileira - CBB<sup>34</sup> e a Convenção Batista Nacional - CBN<sup>35</sup>. De acordo com Fonseca (2011, p. 108), as igrejas batistas filiadas à CBB são tradicionais e as filiadas à CBN são as igrejas batistas que adotam princípios pentecostais em sua prática e teologia. A CBN está filiada à Aliança Evangélica que possui diversos filiados de denominações e igrejas diferentes, mas que, conforme se identifica, possuem confissão “em sintonia com o legado do evangélico alicerçado nos marcos da Reforma Protestante: a suficiência das Escrituras, a mediação de Jesus Cristo e a justificação pela graça mediante a fé.”<sup>36</sup>

Poderemos considerar que haja uma aproximação entre católicos e movimentos protestantes, em concepções religiosas e sociais, bem como em termos de diversidade denominacional de igrejas com a presença de concepções conservadoras e progressistas em seu interior. Nos congressos e concílios católicos também são tomadas decisões que servem de orientação para as demais igrejas, a diferença está na questão do poder centralizado, no caso da igreja católica, papal. Após o Concílio Vaticano II (1962-1965) muitas vozes identitárias católicas começaram a ser evidenciadas; surgiram a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base, com ideias progressistas; e a Renovação Carismática Católica, RCC, como movimento carismático de reforço ao conservadorismo católico.

A RCC possui uma aproximação de linguagem sincrética com os protestantes renovados, pois a condução do Espírito Santo na organização da vida é bem presente. Essa aproximação também pode ser observada por meio da estrutura hierárquica constituída por células (no caso católico chamado de grupo de oração) conduzidas por lideranças chamadas de pastor ou pastora que possuem a função de acompanhar, aconselhar e auxiliar na orientação da vida dos membros em demandas dentro e fora da igreja de forma espiritual; bem como na presença de cursos preparatórios para evangelismos voltados para fins específicos – casamento, encontro de mulheres, encontro de casais, juventude – com finalidade pedagógica de estudos bíblicos e orientação de vida em obediência por meio de hermenêuticas ortodoxas da doutrina. Além dessa estrutura, há uma semelhança na condução litúrgica dos grandes encontros; seja na

---

<sup>34</sup> “Também no início do século 20, as igrejas passaram a se agrupar nas chamadas convenções, com o objetivo de gerir causas comuns como o trabalho de missões e a manutenção de seminários, orfanatos, asilos e colégios. Essa estrutura ampliou-se, buscando a cooperação entre as igrejas. Surgiu assim a Convenção Batista Brasileira (CBB), que hoje abriga mais de 6,5 mil igrejas da denominação, com cerca de 7 mil pastores e mais de um milhão de membros.” (SOUZA, Sócrates Oliveira de. *Pacto e Comunhão: documentos batistas*. Convicção: Rio de Janeiro, 2010, p.62)

<sup>35</sup> A CBN, fundada em 16 de setembro de 1967, é também uma grande convenção que filia igrejas Batistas com a finalidade de fortalecer o trabalho de missões e cooperação. As igrejas que são filiadas à CBN são as que aceitam o batismo pentecostal, sendo consideradas de avivamento, renovadas. (Estatuto da Convenção Batista Nacional, 2004)

<sup>36</sup> Informação encontrada no site <https://aliancaevangelica.org.br/quem-somos/>, acesso em setembro de 2021

missa ou nos encontros de eventos no caso da Renovação Carismática Católica, seja nos cultos ou nos encontros de eventos no caso da IBREM. A presença de uma musicalidade instrumentalizada, conduzida por uma banda que envolve a plateia de fiéis liderando-a a louvores e promovendo uma experiência espiritual de êxtase, é uma característica bem marcada tanto na RCC quanto na IBREM que desencadeiam nos fiéis a expressão corporal de sua fé com a elevação das mãos, o fechar dos olhos, sonorização de glossolalia e glorificação a Deus e a Jesus, além do corpo embalado em ritmo musical.

### **1.3. IBREM – a igreja do avivamento em Juiz de Fora: princípios e diálogos**

Localizada no bairro Santa Terezinha, ao lado do Jardim Botânico da UFJF, em Juiz de Fora, está localizada a Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, IBREM, com uma infraestrutura projetada em fase de execução crescente. É uma igreja protestante renovada de dissidência batista que, além dessa unidade, possui mais cinco em municípios de Minas Gerais. Cada unidade traz junto ao nome IBREM a indicação do bairro ou cidade onde estão localizadas. A IBREM é uma igreja batista de expansão da igreja Batista Jardim das Oliveiras, IBAJO, uma igreja batista que poderíamos classificar como de princípios pentecostais já que está ligada à CBN<sup>37</sup>.

Inicialmente, em seu ministério, a IBREM fundada no bairro Ladeira possuía poucos membros participantes, dentre eles o jovem Gilmar Garbero. Bem diferente do que é hoje, o templo, em 1985, era pequeno com capacidade para 70 pessoas. Com a transferência do pastor Sebastião Rodrigues de Oliveira para outra cidade, o então jovem Gilmar Garbero, aos 33 anos assumiu a liderança da IBREM como pastor-presidente.

Ao longo dos anos, a pequena estrutura não foi suficiente para abrigar a igreja que vinha crescendo exponencialmente em número de membros convertidos. A IBREM acredita na conversão de seus membros e investe em diversos cursos e atividades para envolvê-los em compromisso com a cosmovisão da igreja. A conversão pode ser compreendida como uma ação voluntária de submissão testemunhal de mudança de vida, proveniente de uma confissão consciente de aceitação a Cristo que deve ser professada pelo fiel, compromissada por meio do batismo e do engajamento nas atividades da igreja. Devido a esse crescimento, entenderam que

---

<sup>37</sup> De acordo com o que já fora dito antes aqui por Fonseca (2011), as igrejas batistas vinculadas à CBN (Convenção Batista Nacional) apresentam vínculos com o pentecostalismo, ou seja, são renovadas.

o lugar “estava restrito para a visão que Deus tinha dado à igreja”<sup>38</sup>, e investiram na ampliação da sede com a ajuda financeira dos fiéis, informação retirada do site.

Então, sobre as religiões que possuem centralização na salvação, como o cristianismo, e podemos inserir a IBREM, Weber (1999, p 146) diz que todo o entendimento provém de um “carisma de iluminação”, numa tradução de submissão a Deus diante da compreensão de que tudo provém dele como graça, e o Espírito Santo teria essa função de transbordamento de iluminação. A compreensão de que tudo provém de Deus sendo graça, confirmada na fé e respaldada nas escrituras é um entendimento que movimenta um *ethos* religioso a se posicionar no mundo. Esse entendimento da graça, da fé e das escrituras está presente na IBREM. Como a igreja IBREM se vê e se reconhece no mundo, enquanto comunidade, configura uma espécie de consciência coletiva que a manterá em unidade entregue às orientações e engajamentos missionários.

É proposital e provocativo o uso do termo “consciência coletiva”, pois uma consciência sobre algo nos induz a entender que apenas fazendo o uso da observação do conteúdo que ela apresenta em pertencimento nos dirá sobre essa identidade. Mas essa consciência coletiva sobre a própria identidade só é percebida parcialmente, pois a construção identitária da comunidade está nos pactos inconscientes de coletividade expressa por linguagens. É por isso que Rubem Alves (2005) prefere o termo “espírito” ao termo consciência, por compreender a esse como falho, pois aquilo que é revelado conscientemente sobre quem se é não passa de um resultado parcial do que os une. Ou seja, é como se a comunidade da IBREM, por mais que aja em coletividade, nos cultos e atividades da igreja, e possua sua identidade religiosa enquanto igreja batista renovada com missão edificadora da sociedade e da família por meio de um avivamento, não se restringe a essa definição. É como se dissesse que a IBREM se estrutura em relações intrínsecas e imperceptíveis conscientemente que favorecem essa união e a dispõe a agir em comunidade. Esse espírito comunitário é partilhado por todos que lá estão.

Assim, fortalecer esse espírito, pela força integradora do culto que os une, é um dos propósitos pastorais para mantê-los vivos e agindo testemunhalmente na sociedade. Esse espírito apontado por Alves (2005) podemos reconhecê-lo também em estudo por Wach (1990) quando ele aponta para uma experiência religiosa permeada pela afetividade, ou seja, pelo reconhecimento do “sentimento de realidade de sua fé”. Essa realidade imaginária apreendida pela percepção é inconscientemente partilhada por meio de linguagens.

---

<sup>38</sup> Informação obtida na página do site da IBREM que trata da história da igreja, encontrada em <https://ibrem.com.br/igreja/>

Assim, creio que diante do que observei, possamos compreender um pouco esse espírito que une a IBREM de partilhar de um sentimento, de um mesmo espírito de realidade de fé, sabendo que “a oração, o sacrifício e o ritual não servem apenas para articular a experiência, (...), mas contribuem para formação e determinação da organização e do espírito do grupo”, WACH (1990, p. 57). Dessa forma pode-se elucidar o “um certo espírito protestante” de avivamento que constrói essa realidade, parafraseando Rubem Alves (2005), e que favoreceu uma irmandade de apoio evangélico a Jair Bolsonaro.

A realidade IBREM é constituída por trabalho de evangelização e de estudos bíblicos em células desde o ano 2000. Talvez possamos classificar as ações sociais como a desenvolvida pelo pastor Sérgio na distribuição de agasalhos, cesta básica e cobertores no bairro Parque das Águas<sup>39</sup>, como exemplo de um trabalho de evangelização; assim como o envio de missionários para outros países, por meio da Agência Missionária Intercultural Resplandecer (AMIR), em 2005 com a finalidade de “restaurar igrejas”. Hoje a AMIR, segundo o site,

mobilizam pessoas para orar por missões, contribuir com missionários e projetos, realizam a EBD<sup>40</sup> missionária, administra os cursos de missão e teologia com seus parceiros na IBREM, realiza expedições missionárias e conferências missionárias. (IBREM)<sup>41</sup>

Em 2003 recebeu o título<sup>42</sup> de “Entidade Benemerita pelos trabalhos prestados à causa do Evangelho” por meio da lei municipal 10.528. Segundo a IBREM, essa titulação reverberou sobre Juiz de Fora o reconhecimento como “a capital do avivamento no Brasil”. Essa titulação, a princípio, causa estranheza, pois aponta para um provável estreitamento de relação entre estado e igreja, em que uma administração pública reconhece trabalhos sociais de uma instituição<sup>43</sup> cristã na cidade de Juiz de Fora justificados por princípios religiosos. As igrejas batistas, pelo contexto do protestantismo histórico, posicionam-se em defesa da separação

<sup>39</sup> Informação colhida no Culto Louvor e Adoração, do dia 22 de agosto de 2021, que pode ser acessado no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=ZDiuNdVdOdA&t=2196s>

<sup>40</sup> A sigla citada significa Escola Bíblica Dominical

<sup>41</sup> Informação encontrada no site da IBREM: <https://ibrem.com.br/igreja/missoes-5/>

<sup>42</sup> Informação encontrada no site da Igreja: <https://ibrem.com.br/igreja/historico/>. Podemos compreender, após análise de alguns títulos beneméritos expedidos e encontrados na internet, que a titulação benemerita é uma homenagem concedida a uma pessoa ou a uma entidade pertencente à cidade que tenha prestado serviço à sociedade local. A titulação surge em formato de Lei, via projeto elaborado por algum vereador, que a concede após aprovação da Câmara Municipal e sanção do prefeito.

<sup>43</sup> Não há maiores referências a respeito aos trabalhos prestados. Também não foi encontrada na internet a lei municipal 10.528 que pudéssemos conhecer o nome do vereador que elaborou o projeto para a titulação concedida à IBREM. Se tivesse sido encontrada a Lei, talvez, pudéssemos estabelecer uma conclusão se a justificativa dada tivera influência de cunho pessoal do vereador para exaltar a missão evangelizadora da instituição ou se a justificativa tivera apenas a intenção de descrever que a igreja possui uma ação evangelizadora que também promove uma ação social.

igreja-estado; mas também, como aponta Almeida (1999), agindo tal qual pentecostais e renovados, pratica um eficiente proselitismo, o que podemos perceber na exaltação à interpretação de reverberante de “capital do avivamento” devido a presença da igreja na cidade. Poderíamos indicar, a partir desse caso, um provável hibridismo religioso que a IBREM esteja compartilhando em suas ações envolvendo o protestantismo, o pentecostalismo e diálogos com o catolicismo. Assim, com a prática da caridade o diálogo com o catolicismo já que ela provém de uma compreensão católica sobre solidariedade aos pobres; com o uso do proselitismo, já mencionado por Almeida (1999), pertencente ao protestantismo histórico e, por fim, o avivamento como marca pentecostal.

O Instituto de Estudos da Religião, ISER, em 1996, criou a categoria “históricas renovadas” no interior do campo evangélico para designar igrejas protestantes que “se autotitulam renovadas e defendem a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo” (MARIANO, 1999, p.48). Assim, é possível encontrar a seguinte descrição

Somos uma igreja contemporânea, adoradora, apresentando as Boas Novas de Jesus Cristo de uma forma atual, criativa e relevante para sua vida. Temos o foco de edificar pessoas e famílias a fim de servirmos ao mundo em que vivemos. A IBREM é uma igreja em células e cremos que a presença de Deus é a chave para a edificação do reino de Deus. (IBREM<sup>44</sup>)

A descrição do *Quem somos* e o *Saiba mais*, apresentada no site da IBREM, vai nos dar pistas para o que o ISER<sup>45</sup> pesquisou e atribuiu ao surgimento de uma nova categoria religiosa. A igreja é estruturada como uma empresa possuidora de missão, visão e valores. Na autodescrição, podemos perceber a proposta de contemporaneidade da igreja ao indicar que é atual, que possui criatividade e que trata de assuntos importantes para a vida das pessoas, ou seja, possui solução para as demandas pessoais de cada ser humano. Observando apenas os termos “contemporânea” e “de forma atual” poderíamos supor, em interpretação, que a IBREM pudesse ser uma igreja inclusiva. E, entendemos igreja inclusiva àquelas ‘igrejas que acolhem pessoas LGBTs’, que trazem a Teologia Inclusiva em ‘concepções de gênero e sexualidade, moralidades e relações distantes ou próximas com o ativismo/militância LGBT’, JESUS<sup>46</sup>

<sup>44</sup> Descrição intitulada *Quem Somos* encontrada na página principal do site da IBREM, <https://ibrem.com.br/>

<sup>45</sup> A pesquisa *Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja*, desenvolvida pelo ISER, no Rio de Janeiro, pode nos auxiliar para interpretar outros contextos de conversão evangélica como os batistas e históricos renovados. A pesquisa observou que 70% dos evangélicos eram convertidos de outros credos e, por terem *ethos* evangélico como base de fé, comum, o trânsito religioso se dava entre fiéis interdenominacionais também direcionados para o protestantismo carismático e o pentecostalismo (ALMEIDA, 1999).

<sup>46</sup> JESUS, Fátima Weiss de. *Igrejas Inclusivas em Perspectiva Comparada: da inclusão radical ao mover apostólico*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Acessado em fevereiro de 2022. Disponível em:

(2013, p.1,6). Esse entendimento viria pelo fato superficial de correlacionar algo contemporâneo e atual a um mundo globalizante, inclusivo e dialogal com diversas realidades. Mas ao começar a ler outras informações dadas pela IBREM, em seu site, deparamo-nos com questões formativas educacionais ligadas a preceitos tradicionais sobre a família.

A ascese intramundana pode ser compreendida também nessa autodescrição, em missão, no fato de servir ao mundo e edificação do reino de Deus, bem como na missão de “manifestar a glória de Deus aqui na Terra”<sup>47</sup>, apresentando-se como proposta diferente do mundo em vida em Cristo, sob o poder do Espírito Santo “através das células nos lares”<sup>48</sup>. O ser do mundo, mas não fazer parte dele é um entendimento bem presente na IBREM.

Trazem a compreensão que só por meio de Deus, “a chave”, que é possível edificar o reino que é composto por pessoas e famílias edificadas Nele, ou seja, regeneradas, continua seguindo a composição dos protestantes reformados relatada por Weber (2004). A comunidade IBREM não se afasta dos problemas que afligem a sociedade geral. Desemprego, doença, crise financeira, educação dos filhos e problemas no casamento são algumas aflições partilhadas em esperança e em aspirações por uma solução em Deus. Pedir com fervor é um sentimento conduzido em oração durante o culto e outras atividades experimentadas, primeiro pela musicalidade, fortalecendo uma disposição para a confissão em Deus e a confiança de uma edificação por meio da intervenção divina. As mãos erguidas declaram louvores de entrega a Jesus e a Deus os desejos de edificação. O tempo passado é sempre lembrado como tempo presente, ou seja, a esperança por uma restauração pessoal e familiar da comunidade é projetada nas narrativas de personagens bíblicos. Nas palavras do pastor Gilmar Garbero, no dia 02 de janeiro de 2022,

Israel em 400 anos no Egito, boa parte escravizado(...) Baseado na lei de Deus o povo foi libertado. No meio deles não havia inválido, vovó desamparada para não cair no deserto... andavam no deserto, nem caíam pelo chão, ninguém era carregado, ninguém tomava conta de ninguém(...) Hoje as pessoas caem dentro de casa, nas calçadas (...) a vida é espiritual. Como eles cruzaram o mar vermelho? (...) porque estavam debaixo de nuvem espiritual. Deus nos dá dons espirituais para que ajamos sobre nossas vidas, porque enquanto não cuidarmos da nossa vida, não sai dom pra ninguém.

O pastor Gilmar, à frente da IBREM como referencial maior de pastoreio, é sabedor do espírito que une a comunidade, bem como da compreensão temporal e espacial. Assim a condução do sermão é remetida à reflexão bíblica de um tempo presente, atuante, de um Deus

---

[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384797767\\_ARQUIVO\\_FatimaWeis\\_sdeJesus.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1384797767_ARQUIVO_FatimaWeis_sdeJesus.pdf)

<sup>47</sup> Informação encontrada no site da Igreja: <https://ibrem.com.br/igreja/>

<sup>48</sup> idem

que protege e restaura aqueles que estão junto a Ele, seguindo Sua vontade. Esse entendimento pode ser observado pelo trecho lido anteriormente quando ele compara a proteção do povo no deserto com os que vivem hoje sob a guarda de Deus.

Isso nos remete aos dizeres, em diversos sermões nos cultos de domingo, do pastor Gilmar Garbero em informar que essa missão de “pastoreamento”, igreja em células, vem pelo avivamento vindo por meio da IBREM. A ideia de pastorear se submete à de que nada é imposto, mas orientado, por vias de células ou cursos, em pedagogia de missão para que o indivíduo possa decidir, em liberdade de consciência, em professar a fé em Cristo e se submeter ao compromisso e à aliança com a igreja.

A visão da IBREM, segundo o site, é “viver na comunhão e poder do Espírito”. Esse entendimento a insere, no contexto pentecostal, de avivamento. Por ser uma igreja renovada, insere-se no campo religioso brasileiro com inovações teológicas identificadas com o neopentecostalismo como a presença do Espírito Santo conduzindo a igreja, a presença da Teologia da Prosperidade, o ascetismo intramundano, a crença na existência de uma guerra espiritual, a presença da emoção nos cultos e a expressão corporal motivada pela experiência empírica do êxtase, imposição das mãos sobre as pessoas, diálogo com outras igrejas renovadas e pentecostais, mas não possui ênfase na glossolalia (há mais clamores e louvores em voz alta), usufruir dos bens de Deus na Terra, presença do dízimo e doações para a obra.

Nos cultos, é possível perceber no momento da oferta, que é lembrado o espírito de gratidão que a comunidade deve ter a Deus por Ele ser generoso. A oferta é concebida como resposta de amor do coração. Há uma percepção de diferenciação do catolicismo em que oferta é sinônimo de sacrifício e sofrimento. Para a IBREM, toda oferta que ocorre deve ser premissa para todo o ano que virá em oferta e que promove prosperidade. “Se a premissa for santa, todo restante da massa também o será”. A comunidade é convidada sempre a compartilhar da crença de que Deus não falhará em controlar a vida financeira (nenhum centavo), crença que nenhum poder ou espírito de enfermidade tem poder sobre os corpos, crença que nenhum dano ou crise tem poder sobre quem ali está, sobre a cidade, estado e país, crença num tempo de prosperidade, de abundância e de fartura.

A guerra espiritual é um imaginário cultivado na IBREM, pois ao crerem que o Diabo tenta a todo instante afastar o ser humano da presença de Deus, por meio de artimanhas atraentes do mundo, a liderança pastoral pede para que procurem estar sempre em oração, clamando a Jesus proteção, ao Espírito Santo para iluminá-los e a Deus para combater por eles por estarem fiéis. Na lição 23, do estudo bíblico para célula para criança IBREM, podemos também

encontrar esse direcionamento, exemplificando que em todos os momentos e para toda a membresia, há esse ensinamento.

Andando com o Espírito Santo: Que possamos estar sempre andando com o Espírito Santo de Deus, não deixando nenhuma brecha, para o mal tentar nos atrapalhar. Temos a certeza de que a vitória já foi concebida a nós, porém, devemos andar segundo o coração de Deus, e revestidos de todas as armaduras.<sup>49</sup>

A IBREM possui atividades culturais que para Silva<sup>50</sup> (2007) poderiam ser classificadas de pólos de sentidos invertidos a quem não é crente, como por exemplo, o “Arrasta crente”, “Jantar Romântico”, “Summer Camp”.

A teologia da prosperidade pode ser associada à compreensão de que quem doa a Deus, obtém bênçãos nos negócios. Segundo o pastor Gilmar Garbero, durante o Culto de Louvor e Adoração, no dia 02 de janeiro de 2022, a oferta é resposta de amor do coração, toda oferta que acontece se torna premissa para todo o ano que virá em oferta e que promove prosperidade. Não há uma condenação no fato de se usufruir dos bens<sup>51</sup>, segundo o pastor Gilmar Garbero, mas há uma advertência de que isso não é importante porque a vida é espiritual. A teologia da prosperidade pentecostal, conforme descreve Rodrigues (2021, p. 33), enfatiza numa linguagem beligerante uma busca para usufruir dos bens materiais vinda pela crença que “os filhos de Deus são herdeiros e têm direito sobre toda criação e tudo no mundo”<sup>52</sup>. A compreensão sobre a prosperidade da IBREM está mais próxima a uma benesse recebida de Deus pelo fato do fiel se manter na retidão e obediente a Ele em seus desígnios espirituais.

Esta teologia, no entanto, não se desvencilha das bases teológicas batistas firmadas nas solas protestantes. Todas as ações de orientação ética intramundana são pautadas na Bíblia e na obediência ao que ela traz. Há sempre a presença de várias passagens bíblicas na liturgia dos encontros e dos cultos. Há uma busca por promover uma hermenêutica contemporânea que trate de problemas atuais, mas a interpretação é de cunho conservador para o convertido. Lembrando

<sup>49</sup> <https://ibrem.com.br/wp-content/uploads/LICAO-23-Serie-As-Armaduras-de-Deus-parte-01.pdf>

<sup>50</sup> O texto de Vagner Gonçalves Silva, *Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré*, nos remete a pensarmos em trânsitos de bens simbólicos entre dois sistemas religiosos: candomblé/umbanda e o pentecostalismo. Vagner relembra Ronaldo Almeida com “antropofagia da fé inimiga” (p.222) ao defender que esse trânsito atesta que há uma continuidade em nível estrutural das religiões afro-brasileiras para o pentecostalismo, porém com pólos de sentidos invertidos. Se tomarmos como referência a ideia que Minas Gerais é um estado de maioria católica, segundo Almeida e Montero (2001), e que a IBREM pode possuir ex-católicos dentre seus membros, poderíamos analisar, por comparação, que os pólos invertidos nas atividades culturais da IBREM seriam em relação aos que são da igreja e os que não são, fazendo uso de atividades valorizadas socialmente, assim haveria uma certa ‘antropofagia’ dos aspectos culturais da festa com valores invertidos agora para os que creem em Cristo.

<sup>51</sup> Usufruir de bens, o lucro, pode ser considerado o pecado da luxúria na doutrina católica que fora revogado na Reforma Protestante.

<sup>52</sup> “the sons of God are inheritors and have Rights upon whole Creation and everything in the world.”

que o convertido pode ser lido como aquele que muda sua cosmovisão e conduta de vida, antes desregulada no mundo e agora com proposta de reestruturação, inserindo-se na comunidade de fé. Almeida (1999, p.176) ao analisar o relatório da pesquisa de Fernandes<sup>53</sup> sobre um homem convertido e suas responsabilidades, diz que tanto os evangélicos dessa pesquisa quanto os da IBREM exigem que haja uma “mudança de comportamento no que diz respeito à economia doméstica, ao adultério” e a outros temas relacionados especialmente à família. Para a IBREM essa mudança de comportamento advém primeiramente no plano espiritual,

Os homens têm um peso espiritual muito grande na igreja. Você representa sua família, sua casa. E a igreja é formada por sua família, pela família dos homens que estão aqui. Você é o sacerdote da sua casa. Essa mudança de casa também é mudança de uma era, de um tempo espiritual em nossas vidas, (GARBERO)<sup>54</sup>

Percebendo essa relação, a conversão adquire um entendimento de verdadeira mudança de conduta e consciência sobre o novo ser que surgiu. O homem, compreendido como chefe de família patriarcal, tem uma missão espiritual de condução e regeneração familiar para a IBREM.

Assim como as igrejas neopentecostais, a IBREM investiu em programação midiática digital como parte da missão de evangelismo. Possui hoje um site vinculado a um canal no YouTube<sup>55</sup> e às redes sociais Instagram<sup>56</sup> e Facebook<sup>57</sup>. A década de 80 foi muito promissora para o movimento de terceira onda pentecostal, um período de fortalecimento das igrejas evangélicas de origem pentecostal no Brasil, esse investimento midiático pode ter influenciado a igreja IBREM a se modernizar também e a investir nessa ação evangelizadora. De acordo com Mariano (1999), o movimento de pentecostalização do protestantismo, na década de 70, nos EUA, passou a ser conhecido como carismático.

Não nos é dado o entender, é nos dado crer. Por isso que é pela fé. Sem fé é impossível agradar a Deus. Deus olhou para a humanidade e viu que a fé era a única maneira de levar a humanidade para uma verdadeira humildade. Deus não entra na lógica do raciocínio humano, conhecimento humano, sabedoria diabólica mundana. (GARBERO)<sup>58</sup>

---

<sup>53</sup> *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja*

<sup>54</sup> Parte da pregação do pastor Gilmar Garbero, no Culto Matutino, do dia 15 de maio de 2022, disponibilizado em [https://www.youtube.com/watch?v=sZGMyc\\_Klug](https://www.youtube.com/watch?v=sZGMyc_Klug)

<sup>55</sup> <https://www.youtube.com/c/IBREM>

<sup>56</sup> Existem várias páginas ligadas a igreja IBREM no instagram que estão direcionadas a diversos públicos específicos: Ibremoficial, juventudeibrem, cccristoeigrejajf, servireinfluenciaribrem

<sup>57</sup> Foi encontrado um grupo público no facebook que traz o nome da igreja IBREM, além de uma página na rede com o mesmo nome

<sup>58</sup> Parte da pregação do pastor Gilmar Garbero, no Culto de Louvor e Adoração, tema O Deus que não muda, no dia 05 de dezembro de 2021, disponibilizado em <https://www.youtube.com/watch?v=Ba8SeQv2Zrw&t=5396s>

É percebido pelos vídeos dos canais do *YouTube Ibrem Live e o Ibrem*<sup>59</sup> que nos cultos e celebrações existem diversas pregações que apresentam as bases teológicas e de fé sempre pautadas em passagens bíblicas e em consonância com os princípios da reforma *Sola Gracia, Sola Fide, Sola Christus e Sola Scriptura*. Tendo o entendimento sobre o poder da fé e sobre ser essa concebida pela graça de Deus, o pastor Gilmar Garbero diferencia razão humana e sabedoria divina, apresentando a concepção de que a razão humana está sujeita a ação diabólica mundana o que pode levar o indivíduo a se afastar de Deus. Assim, há uma procura em alimentar a fé e aumentar a graça por meio da palavra bíblica. “A Bíblia diz em aumento de graça, pela graça são salvos por meio da fé” (GARBERO)<sup>60</sup>.

A IBREM tem a base do ministério de ensino em visão e missão na passagem bíblica em 2 Timóteo 3, 16-17, “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”. Os diversos seminários, cursos e treinamentos se pautam nessa base numa busca pela sabedoria divina. A IBREM tem seu sustento teológico na Bíblia, ou seja, em todas as suas atividades há menções de várias passagens bíblicas que se interligam ao tema do culto que será abordado para criar uma narrativa litúrgica. Assim, poderíamos dizer, seguindo o pensamento de Campos (2014, p.473), que a IBREM cumpre o papel de “exegetas e hermeneutas do cânon”.

O espírito ascético, teologia bíblica e ética puritana, segundo Rodrigues (2014), constituíram a identidade batista de religião liberal.

aqueles que aceitaram Jesus se preparem pra serem batizados e ingressarem na igreja, se afastando daqueles que não são para que não esfriem e sejam tentados, ingressem em células, não dá pra ir a um culto, assumir Jesus e não voltar mais, tem q voltar a igreja, a casa de Deus, se houve compromisso de verdade (GARBERO)<sup>61</sup>

<sup>59</sup> O primeiro canal pode ser acessado no endereço [https://www.youtube.com/channel/UCtVfCLc-tg\\_L1jtaxDpNBXw](https://www.youtube.com/channel/UCtVfCLc-tg_L1jtaxDpNBXw), mas há a informação que ele será desativado mesmo tendo 8,73 mil inscritos e muitos vídeos de cultos com louvores e pregações datados desde 2012 com a presença de vários pastores de outras igrejas Cláudio Duarte, Steve Foss e Marcos Feliciano. Há um encaminhamento na página inicial desse canal para que acessem a outro canal também do Ibrem no endereço <https://www.youtube.com/c/ibrem> com 30,7mil inscritos, mas que só possui vídeos datados desde o ano de 2015.

<sup>60</sup> Parte da pregação do pastor Gilmar Garbero, no Culto de Louvor e Adoração, no dia 02 de janeiro de 2022, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8ez1VjCvLM4&t=2782s>

<sup>61</sup> Parte da pregação do pastor Gilmar Garbero, no Culto Louvor e Adoração, tema O Deus que não muda, no dia 05 de dezembro de 2021, disponibilizado em <https://www.youtube.com/watch?v=Ba8SeQv2Zrw&t=5396s>

Quanto ao espírito ascético, podemos observar na pregação acima o que disse Elisa Rodrigues, a existência de um separatismo – característica não apenas batista como também pentecostal de primeira onda – a procura por um distanciamento daqueles que não fazem parte da IBREM. Mas se tomarmos como parâmetro vestimentas, cortes de cabelos, cuidados pessoais com a aparência física, não se diferenciam dos que não frequentam a igreja, e isso talvez possa ser traduzido como uma preocupação menor de controle da igreja sobre a estética ou talvez traduzido como uma subjetivação do fiel.

Quando comparamos com a proposta de assumir o papel no mundo como cristãos em valores e condutas, mesmo diante da modernidade, é possível dizer que é exigido um compromisso de ser testemunha como cumpridor dos valores retos da doutrina, que segundo a IBREM, deve ser vivenciada como no tempo dos primeiros cristãos, o que nos remete à ética puritana citada por Elisa Rodrigues. A obediência pode ser uma virtude compreendida como de grande valor para os cristãos da IBREM. Obedecer às diretrizes da Bíblia é ser cumpridor da retidão da vontade de Deus e da missão que, segundo a IBREM, Ele designou para a igreja como restauradora em edificação de pessoas e famílias. A Bíblia é concebida como diretriz atual para o verdadeiro cristão, dentro da perspectiva IBREM, assim, toda orientação de construção nas relações do ser humano com Deus, do ser humano com os demais e do ser humano com a natureza é compreendida como verdade inegociável. A família é um bem precioso para ser santificada pelos fiéis da IBREM em Deus.

Para os cuidados com a família, todos os membros são convocados a se manterem observadores da palavra de Deus. Assim, edificar cada membro em termos de ensinamentos para buscar a santidade é uma missão observada em cuidados pela IBREM. As crianças na Bíblia são citadas em diversas passagens nos livros de Provérbios, de Efésios, de Colossenses, de Êxodo, de Deuteronômio, de Timóteo, de Lucas, de Marcos e de Mateus. A Bíblia apresenta a relação entre criança/filho com os pais em atribuições de obediência, de proteção e instrução; também apresenta a relação entre a criança e o reino de Deus como sendo envolvida pela obediência, pela proteção e pela instrução.

A interpretação de passagem bíblica em que Jesus atribui o Reino de Deus pertencente às crianças ou àqueles que são semelhantes a elas aparece muitas vezes e pode vir como um dever da igreja nesse cuidado para com o Reino de Deus. Há diversos projetos sociais de igrejas cristãs com a finalidade de resgatar crianças em situação de vulnerabilidade. A criança ser considerada o futuro de uma nação requer políticas públicas que promovam cuidados, proteção e instrução em direitos constitucionais, por determinação em Leis, Estatuto, em projetos educacionais, de saúde e assistenciais. A indicação ao Ministério da Mulher, da Família e dos

Direitos Humanos de Damares Alves, pastora de confissão batista, parece se aproximar das aspirações de cuidados que a IBREM compreende que a criança deve receber.

A santificação virá por meio de orações e tomados pelo poder do Espírito Santo que, em nome de Jesus, fará com que os membros, disciplinarmente, assumam atitudes uns pelos outros. Rodrigues (2014, p. 152) ressalta a relação entre a ascese protestante, a igreja visível e o movimento batista tratados como seita por Marx Weber<sup>62</sup> vinculados à regeneração íntima do indivíduo por meio da ação do Espírito que conduziu os batistas a vivência separatista pautados numa vida bíblica, com ressignificação de fé testemunhal consciente ao batismo e à ceia em experiência testemunhal. Essa compreensão também pode ser percebida em ensinamentos direcionados à criança, nas lições direcionadas para estudo nas células kids<sup>63</sup>, que estão disponíveis no site da IBREM para a liderança seguir. A obediência aos preceitos bíblicos é um direcionamento espiritual que se propõe a indicar como o religioso deverá se comportar em sociedade para estar em santidade. Há lições de ensinamentos, até em estudos bíblicos voltados para as crianças, direcionando para compreensão do que acontece a quem for desobediente a Deus.

A ênfase à vida espiritual é corriqueira: “a igreja viva é espiritual” nas palavras do pastor Gilmar em suas pregações. Essa cosmovisão reverbera na orientação sobre a vida e a conduta que o fiel da IBREM deve assumir, por isso a missão de avivamento

Deus habita dentro do indivíduo porque o seu espírito dialoga com o Espírito Santo e você sabe que é filho de Deus porque você crê, você sabe que é salvo porque você crê que é salvo... não somos melhores que ninguém, mas o que faz a diferença é aquilo que temos dentro de nós, a fé que tem dentro de nós (GARBERO)<sup>64</sup>

Novamente é a fé a responsável pela condução da vida, por se deixar ser morada do Espírito Santo e assim permitir que esse Espírito de Deus aja sobre ele, diferenciando-o dos demais por terem a sabedoria divina. Esse entendimento colabora para a construção do *ethos* protestantes na IBREM.

#### **1.4. Família Tradicional Brasileira: embate entre conservadorismo e cultura**

<sup>62</sup> A ética protestante e o espírito capitalista, 2004, p 130-131

<sup>63</sup> <https://ibrem.com.br/kids/>

<sup>64</sup> Parte da pregação do pastor Gilmar Garbero, no Culto Louvor e Adoração, tema O Deus que não muda, no dia 05 de dezembro de 2021, disponibilizado em <https://www.youtube.com/watch?v=Ba8SeQv2Zrw&t=5396s>

O campo religioso brasileiro parece ser harmonioso por ter relação de sincretismos e bricolagens. Esse imaginário invisibilizado de violência simbólica, em uma suposta harmonia, pode ser compreendido em tensão com vivência de atuação de diversas forças da tradição e conservadorismo dos fundamentos bíblicos em valores nos tempos atuais interagindo com o mundo. A concepção sobre a família nuclear não está centrada apenas nas igrejas evangélicas, ela pode se apresentar como uma idealização de tipo de relacionamento, que é repassado não apenas em meio religioso, mas também retratado no imaginário social expresso em diversos gêneros textuais, verbais ou não verbais. É possível perceber no meio social comum que o discurso sobre família começa muito antes do namoro, noivado, casamento e filhos. Ele pode ter sido elaborado antes do próprio nascimento do indivíduo por seus pais ou familiares, em idealização de controle de corpos e identidades<sup>65</sup>.

Esse discurso faz parte de uma linguagem social que sofre influência de diversos atores, mas que, na maioria das vezes, idealizam a família, em termos populares, como objeto de desejo para uma realização pessoal rodeada de filhos, como num contexto de ficção literária caricatural em um felizes para sempre. A reprodução desse imaginário é alimentada tanto por familiares quanto por meio religioso ao conceber uma família hetero como projeto de vida. Esse pensamento pode ser associado a um pensamento conservador que é repassado hereditariamente como tradição em que cada um terá seu papel definido como provedor, como cuidadora e como futuro(s) repassador(es) da tradição. Se considerarmos que esse discurso, por mais que não esteja na vivência dos diversos lares brasileiros, está presente sendo propagado por diversos meios, poderíamos dizer que somos predispostos a constituir uma família como desejo interno de felicidade, idealizando a relação.

Não adentrando muito no contexto do conservadorismo católico, visto que não é o objeto de estudo desta dissertação, mas situar o movimento da Sociedade em Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) na problematização que ocorre no campo religioso e político brasileiro em levantes contra progressismos advindos com a Modernidade e secularização é válido de ser conhecido em parênteses, visto que existem discursos pastorais em defesa também da família tradicional brasileira.

Quando temas como criação do mundo e família são acionados em tradição cristã, a hermenêutica bíblica sob concepções de valores entre católicos, evangélicos e protestantes

---

<sup>65</sup> André Musskopf (2015), no artigo *Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem queer*, nos diz que “Este processo inicia já na fase intra-uterina, quando pai e mãe preparam o ambiente no qual a criança vai nascer e começam a projetar nela suas expectativas, que incluem desde elementos de decoração até expectativas quanto ao futuro do filho” (apud L. CUSCHINIR; E. MARDEGAN Jr., *Homens e suas máscaras*, p. 23-30).

renovados ou não, tende a ser conservadora. Além de conservadores, como diz Campos (2014, p. 472), para fundamentalistas, “ciência boa é somente a que confirma a Bíblia”. Esses valores tradicionais são ortodoxos dentro do mercado religioso brasileiro e hierarquizados como bens privilegiadores para os que os têm. Vozes que se levantem contra o criacionismo ou que venham interferir, no tipo ideal, no imaginário de família heteronormativa patriarcal são vistas como hereges e potenciais inimigos. A moralidade e os costumes sob o ponto de vista científico, jurídico e religioso divergem em tensões principalmente sob temas que configuraram exponenciais de modernidade e secularização como direitos reprodutivos e sexuais, por exemplo. Esses direitos, pelas análises de Almeida (2019), foram compreendidos como ameaça à família tradicional brasileira nas eleições de 2018.

Quadros (2013) ao discorrer sobre as eleições de 2010 e o envolvimento da moralidade e defesa dos bons costumes, apresenta-nos a TFP<sup>66</sup>, uma sociedade católica (ultra)conservadora fundada no Brasil desde a década de 60, mas que já vinha atuando ideologicamente no cenário político-religioso. Dentre muitas pautas conservadoras, chegaram ao ponto de criticar até o Concílio Vaticano II. A TFP esteve à frente da Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade, movimento mobilizado por leigos, a partir das articulações de Plínio Corrêa de Oliveira, com conteúdos morais e religiosos cristãos. A legalização do aborto e a criminalização da homofobia foram temas muito discutidos nas eleições de 2010, envolvendo tanto católicos quanto igrejas pentecostais, Pierucci (2009) e Quadros (2013), que impactou a opinião pública e ergueu protestos de representação católica e evangélica em defesa da família e da vida em nome da moral cristã.

A partir do que aponta Campos (2012) e (2014) sobre o fundamentalismo, podemos relacioná-lo aos valores cristãos conservadores, por considerar a Bíblia como verdade absoluta, em que engajado com essa verdade, tem como dever religioso defendê-la, preservando os princípios independente do contexto histórico-social. Todo cristão fundamentalista, independente de qual cristianismo siga, crê na história da salvação em Jesus. Independentemente da hermenêutica que se atribua a como ter acesso a essa salvação, seja por predestinação ou conversão a Jesus ou pedido de perdão a Deus antes da morte, o fato de considerar a história da salvação presente na Bíblia como verdadeira está intrinsecamente interligada ao fato de a Bíblia ser o livro sagrado cristão e tudo o que estiver escrito nele ser considerado verdadeiro.

---

<sup>66</sup> Tradição, Família e Propriedade

Em qualquer ocasião, nos diversos suportes de comunicação, envolvendo diferentes gerações e classes sociais, expressões que exaltam a família como a base da sociedade em dizeres tais quais, ‘A família é o bem mais precioso’ ou ‘Minha família é meu abrigo’ ou “Agradeço a Deus pela família que tenho”, surgem tanto no espaço público quanto privado. O fato de se considerar a família como base de sustentação para o desenvolvimento do ser humano, em potencialidades individuais, resguardado pelo princípio da dignidade, é uma leitura do artigo 226 da Constituição Federal de 1988. A cosmovisão sobre família, sobre dignidade e sobre desenvolvimento humano perpassa diversas interpretações também no campo jurídico, quanto popular, quanto no campo religioso. Compreendida como base, tratada como objetiva, ela tende a ser dita como estrutura estruturante em categoria social, do ponto de vista subjetivo, como estrutura estruturada.

Numa compreensão antropossociológica, a família pode possuir uma participação político-cultural-econômico-histórico de construção social que a depender da região pode adquirir diferentes composições, relações e estabelecer funções para cada membro. Sendo família a base, estrutura estruturante, o princípio de apoio emocional e de gratuidade, nas ações, para possibilitar o desenvolvimento de um ser humano saudável e pronto para exercer seu papel social cidadão, mobiliza um espírito que ela deverá ser protegida como uma propriedade que sustenta a sociedade e é sustentada por ela, salvaguardando princípios essenciais para um ideal social.

Podendo ser considerada como propriedade, pode adquirir diversas explicações de âmbito privado para sua proteção, para preservação da privacidade e intimidade das relações de seus membros como uma sociedade secreta. Bourdieu (1996) (2008) (2015) (2019) abre considerações, enquanto categoria, sobre a família como uma personagem transpessoal que no coletivo nutre vida, espírito e visão específica de mundo. Essa personagem transpessoal, em tipo ideal, trará em sua relação valores morais de afeto, solidariedade, confiança, realização e, num princípio de harmonia, comungará de maneiras de pensar e agir semelhantes entre seus membros.

Porém a sociedade é dinâmica, por mais que se queira separar o espaço público do privado, ou seja, por mais que se queira manter a família, em sua construção social ficcional reservada, em separação de fronteira, e sacralizada em composição nuclear, há diversos fatores que podem alterar a sua existência ideal para a real. A tentativa de manutenção dessa fronteira, de proteção a uma família nuclear sagrada é regida por várias tensões sociais e econômicas.

Dentre essas tensões poderíamos elencar a contraposição do bem coletivo<sup>67</sup> a interesses individuais de um dos membros ou tensões de dominação masculina, por exemplo.

Observa-se muito a existência de um discurso em defesa da família brasileira, em campanha eleitoral, sendo veiculado tanto para cargos minoritários quanto majoritários. Trazendo consigo uma visão idealizada de família nuclear, o discurso tem como finalidade agregar valores à campanha e assim buscar conquistar um maior número de eleitores. Numa concepção weberiana, essa família nuclear, em tipo ideal, poderia ser reconhecida em valores como um bem idealizado por um grupo de pessoas, que poderíamos chamar de conservadoras. Essa família nuclear, em heteronormatividade, sendo uma construção coletiva conservadora de princípios que, em tese, cumpriria seu papel de base em funções sociais distintas e definidas para cada membro, teria na figura masculina o ser provedor e na figura feminina a organizadora do lar e cuidadora da educação dos filhos.

Podendo ser reconhecida também como uma propriedade privada, em senso comum; suas características são construções de uma realidade social compreendida como imaginada, BOURDIEU (1996). Bourdieu (1996) usa a expressão imaginada, pois, segundo ele, o termo família tem o princípio da nomeação e tudo o que nomeia provém da criatividade humana e da imaginação. Assim ao definir família, como “conjunto de indivíduos aparentados, ligados entre si por uma aliança, casamento, filiação, ou, excepcionalmente, por adoção (parentesco), vivendo sob um mesmo teto (coabitação)”, Bourdieu (1996, p 124) retrata a família pertencente a um território regimentado por uma aliança. Essa é uma das compreensões do que poderíamos tratar de família nuclear regida por uma ordem social civil, pois ele a determinou por meio de uma ação social em aliança, estabelecida a ideia de casamento, podendo ser civil ou religiosa, que poderá ser composta de filhos consanguíneos ou adotivos.

A compreensão jurídica sobre família já não está limitada aos conceitos ortodoxos, antes compreendidos nos parágrafos 3, 4 e 5 do artigo 226 da Constituição Federal de 1998 como restritivos e reduzidos à união entre homem e mulher. Em 1998, a concepção de família nuclear atendia a um grupo que conservava, em tipo weberiano, essa redução heteronormativa, em composição para que estivesse sob proteção do Estado. No censo do IBGE de 2010, sobre amostra de família<sup>68</sup>, no item *Tipo de composição familiar*, foi constatado que o número de famílias compostas apenas por mulheres sem cônjuge com filhos era de 2.342.003, em contraste a 2.039.253 de casal com ou sem filhos. De acordo com esses dados, poderíamos dizer que a

---

<sup>67</sup> Entendemos aqui como bem coletivo tudo o que é produzido para manutenção de uma organização de dominação de pensamento, de valor, de comportamentos e visão de mundo que todos compartilharão.

<sup>68</sup> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/24161>

representação da família nuclear já não é mais tão dominante na sociedade moderna brasileira. Mudanças sociais e pessoais provocam alterações na categoria família que nem sempre são reconhecidas nem aceitas pela sociedade nem protegidas pela legislação. Neste censo, parece que não ficou bem esclarecido quanto à diversidade de arranjos de famílias, no aspecto cultural, que poderia existir na época, por exemplo: casais que apenas vivem juntos (sendo hetero ou homoafetivo) ou família anaparental ou famílias constituídas por avós e netos ou famílias poliafetivas ou famílias paralelas, etc. As leis muitas vezes não acompanham a dinâmica social.

Somente em 2011, a união homoafetiva foi considerada estável e formadora de família. A compreensão de que família, além de construir uma realidade social, é também uma construção dela nos permite analisar o caminhar até a legalização dessa união e as manifestações que se mobilizaram contrárias ao reconhecimento de leis que amparam novos conceitos. Assim, a julgar pelas movimentações sociais de reconhecimento da pluralidade de famílias existentes, o direito foi tensionado a declarar mudanças. A determinação sobre a união homoafetiva abrigada sob o Direito da Família foi julgada pelo Supremo Tribunal de Justiça (STF) na Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277<sup>69</sup> e Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 132<sup>70</sup>. Esse reconhecimento legal para dentro do Direito da Família trouxe uma compreensão secularizada para o direito brasileiro, permitindo também que dessa união, o casamento civil fosse realizado. Se antes a família nuclear era regulamentada por elos religiosos para procriação, a inclusão da família homoafetiva nas leis a abrigaria por vias de regras para adoção e herança. Essa mudança jurídica desencadeou movimentos conservadores cristãos contrários a essa legalização, vindos principalmente por vias evangélicas, em defesa da família tradicional.

Em questão religiosa judaico-cristã, a família assumida como núcleo de elo para o serviço de Deus, em discurso popular, constrói um alicerce de campo religioso ao redor de tudo o que se refere a ela interligado ao Sagrado.

No meio cristão, não seria diferente uma idealização de pureza de família como Cristo e a Igreja ou como o modelo da família de Cristo, chamada de Sagrada Família por católicos. Há várias passagens bíblicas que são invocadas para traduzirem o papel da família e de seus membros a serviço de Deus. A relação família e Deus, na Bíblia, cria elos de troca e de negociação baseada em adoração e crença cristã para o recebimento de multiplicação de bênçãos e de filhos, Gênesis 1 e Provérbios 17; de capacitação para enfrentar as dificuldades da vida, 2 Reis 4; de salvação, Atos 16, por exemplo. Sendo a Bíblia considerada o livro sagrado

---

<sup>69</sup> <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628635>

<sup>70</sup> <https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>

para todos os cristãos, tanto evangélicos quanto católicos, o seu referencial interpretativo de palavra de Deus na Terra é unânime entre os cristãos, mas o engajamento de fé nela comporá dogmas teológicos irreconciliáveis diferenciados em diversos cristianismos<sup>71</sup>. A hermenêutica e o discurso religioso judaico-cristão, em sua maioria, conservarão a leitura de família vinculada a uma composição binária homem-mulher e filhos. Para manutenção de uma hermenêutica de divulgação da defesa da família tradicional cristã e preservação das relações entre seus membros, muitas igrejas carismáticas, católicas ou evangélicas e protestantes possuem cursos, palestras e encontros que trazem uma pedagogia religiosa voltada para a temática.

A igreja IBREM oferece o curso Casados como Cristo e a Igreja, “um curso baseado totalmente na palavra de Deus e com o intuito de tratar e restaurar o relacionamento conjugal”<sup>72</sup>. Nos designers gráficos de divulgação do curso Casados como Cristo e a Igreja, bem como de um encontro de casais, imagem 1, aparece uma compreensão de relacionamento afetivo centrado sempre entre um homem e uma mulher. Essa cosmovisão de relacionamento amoroso se associa a uma concepção de heteronormatividade difundida não apenas pela IBREM, mas por todo movimento conservador cristão, principalmente no que diz respeito à formação de família e de casamento.

### Imagem 1 – Cartaz de Divulgação de Eventos para Casais da IBREM



Fonte: Instagram cccristoeigrejajf

Com a intenção de restaurar o casamento, essas atividades da igreja tencionam a regulamentação e o controle sobre a forma como, segundo a doutrina, deve vir a ser um relacionamento cristão de ortodoxia. Há vários tipos de relacionamentos que podem ser atravessados pelas dimensões religiosas, dentre eles o afetivo-sexual. As possibilidades de um

<sup>71</sup> A compreensão sobre Cristianismos, com o emprego plural ao termo, se deve a Joel Robbins e Fenella Cannel que dialogam com a ideia diversidade e pluralidade de relações entre Transcendente e imanente, de linguagem e mudança. Assim a inserção de conversão e de fé nessas relações no meio cristão – seja ele evangélico, seja renovado, seja católico – se dá de forma diferenciada ao ponto de se falar em Cristianismos.

<sup>72</sup> Descrição encontrada em <https://ibrem.com.br/ensino/casadoscomocristoeaigreja/>

relacionamento afetivo-sexual, em senso comum, são classificadas em heterossexual e homossexual e, embora não seja o objetivo dessa dissertação, é preciso fazer algumas considerações a respeito da homossexualidade. Abrir um parêntese nesta dissertação sobre esse assunto se faz importante porque é, justamente, envolvendo uma interpretação de doutrina reta que desencadeia uma aproximação do discurso de Jair Bolsonaro com o de cristãos conservadores; e assim compreendemos que existe a necessidade de se aprofundar mais no assunto, por isso um breve histórico.

Antes de meados do século XIX, o termo homossexual não existia, o que existia para classificar um relacionamento afetivo-sexual entre pessoas do mesmo sexo era sodomia. A sodomia é um termo que se refere aos sodomitas, habitantes da cidade de Sodoma, que segundo a Bíblia, sofreu a ira de Deus devido a prática de sexo anal entre homens e entre homens e mulheres. Assim, essa prática sexual, entre pessoas do mesmo sexo e pessoas que praticassem sexo pela penetração anal, era considerada prática de abominação e de perversão que estaria sob os olhares de ira de Deus. A partir de uma interpretação judaico-cristã, em práticas condenatórias pela igreja católica em período principalmente medieval, foi estabelecida uma normatização de conduta sobre a prática sexual e afetiva aceita na sociedade ocidental.

A ideia de purificação do corpo como templo de Deus passou a ser difundida para alcançar a santidade; assim, as normas de conduta e de controle de corpos e prazeres foram moldando o ser social público e privado estabelecendo descrição de pecado. Podemos hoje dizer que a homossexualidade é compreendida como categoria vinculada a sigla LGBTQIA+ que já foi modificada por diversas vezes para incorporar as pluralidades de identidade de gênero. Hoje, a transgressão do mundo binário é possível de ser estudado, em teologia e epistemologia, e ultrapassa por meio de uma eclesiologia *queer* as gaiolas conservadoras denunciadas por Rubem Alves (2005). Caberá um estudo aprofundado no futuro sobre essa questão.

Considerar que exista uma única possibilidade de relacionamento afetivo-sexual, como algo válido, é um pensamento difundido em diversas sociedades ocidentais cristãs e esse pensamento pode ser classificado como conservador. Dentro dessa estrutura de dualismo homem-mulher, podem-se encontrar derivados que revelam um patriarcado bíblico que tenta se manter em hegemonia. Os derivados podem ser desde a educação do homem e da mulher, conforme as Escrituras e interpretações dela – determinantes de subalternidade da mulher e supervalorização do homem por meio de privilégios – passando por normas de condutas, conceitos de virtudes com abominação dos vícios, controle sobre a sexualidade e o prazer, entre outros.

Essas questões possibilitam ao homem se identificar como “o cabeça” desse relacionamento, cabeça simbolizando o comando e a racionalidade, e à mulher ser o corpo que sente, sendo incapaz de tomar as próprias decisões sem consultar o marido (cabeça) que dá as ordens para que o corpo execute. Logo, a heteronormatividade está vinculada à ortodoxia, numa busca de valores conservadores a serem mantidos por uma sociedade que vai moldar as relações e os papéis sociais do homem e da mulher.

Foram observadas nos cultos algumas falas do pastor Gilmar promovendo o Encontro de Homens, atividade da IBREM, voltada para uma educação masculina, para um trato delicado, atencioso e amoroso a ser dado às mulheres, em especial, à esposa e filhos, e foram detectados indícios de que vai depender desse homem a manutenção maior da casa e que por isso ele deve orar e participar do encontro, pois lá Deus agirá sobre as finanças. Assistindo a um dos encontros do curso Casados como Cristo e a Igreja, escutei de um dos pastores palestrantes que reconhece que alguns casais ali presentes poderiam estar no segundo ou no terceiro casamento, mas ele advertiu que depois de eles terem conhecido a Jesus, na IBREM, deveriam permanecer com Ele no casamento.

Não seria estranho perceber esse acolhimento vindo da IBREM, pois ela reconhece que há uma dinâmica social que envolve um casal, seja ele casado, amasiado ou em situação de separação. Isso pode ser percebido pela descrição, no site, pelo título “Quem pode fazer?”, pois quando se abre a ficha de inscrição<sup>73</sup> para o curso, a informação da data do casamento consta como de preenchimento obrigatório, impedindo àqueles que estiverem amasiados de participarem do curso. Embora haja essa ficha, ninguém do ministério do curso conferiu se os casais ou as pessoas que ali estavam eram casados ou não, ou qual era a situação familiar dos que ali estavam assistindo ao curso. O curso ocorreu de forma aberta, no salão principal do templo, a qualquer pessoa que, talvez, possa ter preenchido ou não a ficha de inscrição, tornando-se assim aberto ao público geral, da mesma forma não foi observada uma constância de participantes em cada encontro. Sempre aos domingos, era reforçada a informação e o convite que estava havendo o curso e que era aberto ao público.

O próprio pastor Gilmar Garbero em vídeo, no site IBREM, declara que “Deus nunca usou casamento de homem nenhum, de profeta nenhum como modelo para casais (...) e o relacionamento de Cristo com a Igreja é um relacionamento de perdão constante, por isso que

---

<sup>73</sup> Ficha pode ser acessada em <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdj9dO-6gCRLGCLWvsHUHE97rSDM19PQhLKIEU1U7fkywS5eg/viewform> ou no site <https://ibrem.com.br/ensino/casadoscomocristoeaigreja/> ou na bio do instagram [ccristoeigrejajf](https://www.instagram.com/ccristoeigrejajf)

a Bíblia fala que o único modelo para os casais é Cristo e a Igreja”<sup>74</sup>. Esse discurso foi finalizado com a citação do livro de Efésios 5, 21-33 para justificar o nome do curso Casados como Cristo e a Igreja.

Essa compreensão de família nuclear sacraliza, em elos divinatórios, a função destinada a cada membro por meio da obediência, citada em Efésios 5, 21: “esposa obedeça a seu marido, como você obedece ao Senhor. Pois o marido tem autoridade sobre a esposa, assim como Cristo tem autoridade sobre a Igreja”. A linguagem da obediência no meio familiar e a figura masculina é uma construção patriarcal que vem se firmando em conservadorismo religioso. O Brasil por ter uma base histórica católica, cuja construção de senso comum compartilha de linguagem cristã, traz essa construção social e sendo assim, “as palavras criam as coisas, já que criam o consenso sobre a existência e o sentido das coisas, a *doxa* aceita por todos como dada”, Bourdieu (1996, p. 127).

O movimento conservador religioso terá a tarefa de manter essa *doxa* em espectro sagrado em oposição a movimentos hereges que venham ameaçar esse tipo ideal hierarquizado de valor. A pedagogia religiosa da IBREM vem ilustrar como a formação conservadora religiosa acerca da família vem sendo compreendida e articulada na cultura brasileira em termos ortodoxos de manutenção da ordem de organização de vida.

Observando o meio político, a exaltação da família e dizeres em sua defesa não ficam apenas em diálogos jurídicos e legislativos. A presença de atravessamentos de linguagem e de discurso religioso na vida pública envolvendo dogmas cristãos está se tornando cada vez mais presentes. Até em nomenclaturas partidárias a presença da identificação cristã é composta: Partido Social Cristão (PSC); Partido Democrata Cristão (PDC) que se transformou em Partido Progressista (PP); Partido Trabalhista Cristão (PTC). Mas há partidos políticos que mesmo não trazendo o nome cristão em sua nomenclatura, trazem no discurso e atuação a defesa de princípios cristãos ligados a igrejas católicas e ou a alguma denominação evangélica.

Bourdieu (1996) aponta que é possível existir a presença de ideologia política com viés religioso no discurso sobre família, uma tentativa de atrair e recuperar uma série de pressupostos em valores de relações sociais no senso comum. A construção do discurso político em favor de uma família nuclear visa resgatar um modelo em senso comum que coincide com o desejo de pureza das relações em aspecto religioso judaico-cristão. Assim, segundo Bourdieu (1996, p. 126)

---

<sup>74</sup> Vídeo encontrado em <https://ibrem.com.br/ensino/casadoscomocristoeaigreja/>

O discurso comum frequentemente e, sem dúvida, universalmente, inspira-se na família de modelos ideais das relações humanas (em conceitos como os de fraternidade, por exemplo), e as relações familiares em sua definição oficial tendem a funcionar como princípios de construção e de avaliação de toda relação social.

Se a tomarmos como família nuclear, em tipo ideal de modelo conservador de corpos sociais, a figura masculina patriarcal poderia compor em si a virilidade, o exemplo de força e determinação em decisões sobre um coletivo privado. A mulher comporia o papel domesticado de procriadora, mantenedora da ordem, mediadora das relações e responsável pela educação dos filhos. Essa construção mental alicerçada em moldes cristãos vem contribuir o discurso em prol da reprodução desse valor ideal, numa tentativa de busca por um sagrado nas relações em pureza.

Ao analisar as funções determinadas a cada membro familiar, Bourdieu (1996, p. 129) a classifica como uma instituição, possuidora de trabalhos simbólicos, em que há rito e técnica que ajudarão a criar condições para sua unicidade afetiva coletiva de um corpo social, sejam afeições obrigatórias e obrigações afetivas do sentimento familiar em que os tipos de relações de amor se darão reproduzidas em pedagogias. Essas obrigações de amar serão transformadas em disposição amorosa e gerarão o espírito de família. O espírito de família guarda nas relações o exercício de generosidade, solidariedade, devoção e gentilezas.

Há uma tendência de romantização das relações sociais que incorpora uma suposta harmonização no âmbito privado. Os discursos políticos que evocam a preservação da família tendem a divulgar que há forças que ameaçam a unicidade desse corpo e desse espírito, que podem respingar na estrutura do espaço social. Conservadores tendem a primar por uma romantização e harmonia social centrada na família nuclear agregadora de privilégios que a torna, em condições sociais, apta a ser como deve ser simbolicamente. Aliar o discurso conservador ao religioso sobre família fortalece a compreensão de que há forças inimigas que querem destruir essa unicidade sagrada que detém valores morais e uma ética das relações.

A família vista como campus, produtora de bens simbólicos e de capital, é tensionada por relações subjetivas internas e externas a ela. Como um corpo, irá portar *habitus* que estarão constantemente elencando valores hierarquizados em ortodoxia em combate a outros que dentro de um mercado simbólico nas relações sociais tenderão a ocupar espaço mesmo que seja como heresia. Como estrutura estruturante, possui um acúmulo de capital de gerações e tenderá a transmitir esse capital como herança. Quando o discurso político vem em defesa da família, traz consigo a ideia de preservação do espaço privado nos moldes valorados em privilégios a uma categoria de família nuclear, cujo corpo será controlado por uma figura masculina. Essa busca

de discurso tende a tensionar relações entre o público e o privado, pois há diversos arranjos familiares e assim irá demonstrar a força que o Estado possui sobre privilegiar um modelo de organização familiar, e como Bourdieu (1996, p. 134) explica vai

reforçar aqueles que podem se conformar a essa forma de organização e encorajar, por todos os meios, materiais e simbólicos, o ‘conformismo lógico’ e o ‘conformismo moral’ como adesão a um sistema de formas de apreensão e de construção do mundo, do qual essa forma de organização, essa categoria, é sem dúvida o ponto central.

Essa realidade pode ser aplicada ao Estado brasileiro quando nos deparamos com o tempo que levou para que fosse inserida no direito a união estável homoafetiva e a salvaguarda dos direitos de família como adoção e herança. Segundo Bourdieu (1996), isso seria a prova de que a esfera pública interfere na esfera privada por meio da construção jurídico-política.

O discurso político conservador em privilegiar uma logicidade e moral de organização do mundo encontra respaldo no discurso religioso judaico-cristão nesta organização nuclear como ponto central de *ethos*.

Quando a IBREM em sua autodescrição informa que tem como “foco de edificar pessoas e famílias a fim de servirmos ao mundo em que vivemos”, apresentando uma proposta de avivamento de base teológica bíblica com tendência a ética puritana, é possível estabelecer um diálogo com o conservadorismo católico. E esse diálogo se constrói, justamente, em torno de um *ethos* voltado para um resgate weberiano, em tipo ideal de ser humano dotado de virtudes morais cristãs, cuja organização da família nuclear pode ser sacralizada a partir de pressupostos bíblicos.

A dedicação ao trabalho disciplinado e o investimento em educação configuraram ações adotadas pelos batistas no Brasil. O investimento na educação em escolas de cunho religioso também é uma estratégia da igreja católica, utilizada desde a época colonial, para propagar princípios e valores cristãos conservadores. O investimento na área educacional foi uma característica de atuação dos batistas no Brasil em colégios e seminários teológicos, promovendo uma qualificação profissional com bases cristãs teológicas e a inserção desse profissional na sociedade. A escola também pode se tornar um suporte para reprodução ideológica de concepções religiosas acerca do ser humano, de dogmas e cosmovisão teológicos por meio do proselitismo das orientações que são ensinadas. Para promover uma conservação de tradição familiar cristã, a concepção de identidade de masculinidade e feminilidade também é uma construção que interfere nessa conservação.

Em visita do pastor José Linhares e do pastor Cláudio Duarte a sede da IBREM em 27 de julho de 2021<sup>75</sup>, sob muitos aplausos, o pastor Linhares informa que a escola Getsêmani “foi a única escola que se posicionou sobre a questão de gênero dizendo que menino é menino e menina é menina, homem é homem e mulher é mulher”. Essa fala estabelece um vínculo com as declarações da pastora Damares Alves, ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos na época, que também fez menção à questão de gênero: “menina veste rosa; menino veste azul”. O pastor José Linhares é pastor da Igreja Batista Getsêmani, em BH, e faz parte do Conselho de Pastores de Belo Horizonte, além de ser diretor de um colégio batista.

Ao fazer a divulgação do seu livro “Como ser ou não ser”, no culto, José Linhares explicou que o livro tratava de um assunto que explicava quando é que “o homem fica parecendo mulher, quando é que uma mulher fica parecendo homem, quando é que uma pessoa fica parecendo com Cristo e quando é que uma pessoa fica parecido com o Diabo”, abordaremos essa fala mais adiante, no terceiro capítulo. Durante a pregação, a temática sobre os cinco princípios judaicos foi apresentada como um resgate à pureza de conduta moral que é apresentada como modelo para o cristão. É enfatizado o fato de serem ensinados desde a infância esses princípios. Analisando as falas do pastor Linhares, o fato de ser ensinado desde a infância reforça a certeza do domínio de uma linguagem moral religiosa cristã conservadora do que é posto como pureza que se perdera no Brasil, segundo seu entendimento. Bourdieu (2008, p. 35) esclarece sobre linguagem que

No processo que conduz à elaboração, legitimação e imposição de uma língua oficial, o sistema escolar cumpre a função determinante de fabricar as semelhanças das quais resulta a comunidade de consciência que é o cimento da nação.

A língua oficial poderia ser associada à linguagem religiosa conservadora que tende a querer se manter em domínio de valorização de aceitação social de bom gosto. Com uma proposta de ensino de uma linguagem de moral cristã desde a infância, por esta ser um período em que começa a formação de consciência sobre o mundo, a preocupação por edificar a pessoa e a família, em teoria, teria êxito no resgate aos valores cristãos, que, segundo interpretação do pastor Linhares, já não existem no Brasil. O pastor Linhares continua em sua pregação, “há pessoas que não tem mentoria, elas casam, descasam”, em reflexão a leitura de Provérbios 15,22 que diz “sem conselhos, os planos fracassam, mas com muitos conselhos há sucesso”, e ele prossegue sua fala dizendo que Deus falava com ele assim: “cuida das crianças, ensina às

---

<sup>75</sup> \_5 Princípios judaicos <https://www.youtube.com/watch?v=wdFnZRYQsVs&t=10s> Último acesso 13 de outubro de 2022

crianças, põe na mente delas, ..., os adultos não querem aprender”. A construção de um *ethos* cristão conservador dos princípios, numa concepção objetiva, sendo ensinada, mentorizada, pastoreada desde a infância, levaria à formação, como diz Bourdieu (2008), de “cimento da nação”.

Possuidora de caráter dinâmico e vivo, a religião mantém movimentos de continuidade, ruptura, adaptação e ressignificação constantes. Quando o pastor Linhares, em pregação na IBREM, exalta a importância de investir numa educação direcionada às crianças, em adoção de ensinamentos religiosos, esse movimento tende a querer manter viva a continuidade de um cristianismo que, aos olhos do pastor, talvez esteja se perdendo. Essa situação nos remete, nas palavras de Rivera (2001, p. 45), ao dinamismo da própria sociedade em que “quanto mais ela muda, mais precisa referir-se ao passado e quanto menos o passado aparece no presente, mais é necessário colocá-lo como ponto de referência”.

A presença de mudanças culturais, em ameaça a concepções religiosas sobre o mundo, provoca reações da religião e a preocupação com o futuro dela para não se desviar de sua doutrina. Mesmo que mudanças sejam inevitáveis dentro de uma igreja e/ou religião, elas são vistas como ameaças, em movimentos de heresia ou profanação, às doutrinas e dogmas e há sempre tensões que se mantêm constantes. Por isso há um investimento, principalmente por grupos religiosos, na educação de crianças com o controle formativo<sup>76</sup> e doutrinário do tipo de educação e orientação que se deseja desenvolver na sociedade. Embora deseje aprofundar o assunto, essa questão não é foco da dissertação, e ficará para outro momento.

Nas palavras do pastor Djalma, no culto de Louvor e Adoração, ocorrido no dia 31 de julho de 2022, logo após o convite para a comunidade participar do curso Casados como Cristo e a Igreja, há um lembrete sobre a IBREM ser uma igreja em célula para orientar e crescer no Espírito Santo. Assim, analisando-se dentro dessa perspectiva de ensino de linguagem religiosa para torná-la oficial na vida do fiel, que tem como finalidade também a edificação da família, a teoria da dominação weberiana pode ser aplicada para compreender a necessidade de se manter o religioso participante das atividades da igreja.

A igreja, como instituição em teoria weberiana de dominação, tem um papel fundamental na construção da identidade conservadora de princípios doutrinários e valores morais em relação à cosmovisão sobre a vida, e assim, também sobre a família tradicional nuclear. Ainda, segundo Weber (1999, p.50), a igreja tem a responsabilidade na formação/aptidão da ética religiosa quando se mantém democrática no fato de possibilitar a

---

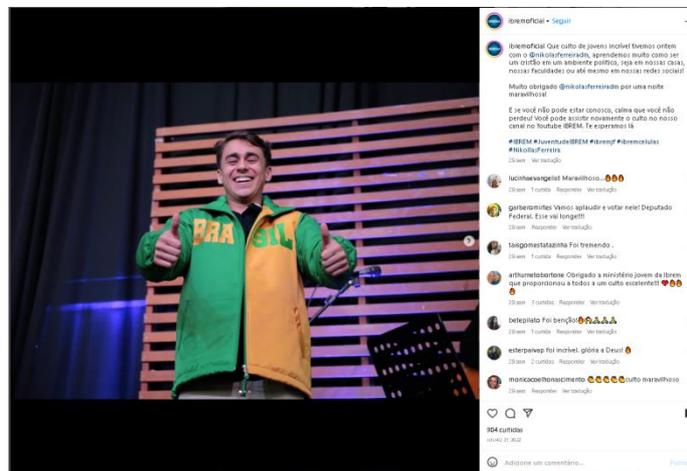
<sup>76</sup> Sobre um controle formativo e doutrinário, o homeschooling tem sido um movimento educativo muito procurado no Brasil e, parece ter atraído um interesse dos religiosos conservadores.

todos o acesso aos valores consagrados por ela. Dentro dessa perspectiva, a IBREM pode ser classificada como democrática e responsável pela formação ética do religioso e assim também encarregada, em sua missão de edificação da família tradicional brasileira, por uma hermenêutica bíblica configurada por meio de células e propostas de ensino em cursos e estudos bíblicos direcionados a todas as faixas etárias.

Poderíamos considerar que todos os discursos da IBREM estão conectados em uma hermenêutica ortodoxa em formação de valores cristãos conservadores que podem dialogar com o conservadorismo católico, principalmente com a TFP<sup>77</sup>, quanto a determinadas pautas como o aborto, a família tradicional, o sexo após o casamento e a ideologia de gênero.

No dia 30 de julho de 2022, o jovem Nikolas Ferreira fora convidado para ministrar sua penúltima palestra sobre O Cristão e a Política<sup>78</sup> na IBREM. Nikolas foi recebido em meio a aplausos e com grande expectativa pelos jovens presentes, da mesma forma ovacionado na rede social Instagram da IBREM e comentários no canal do YouTube da instituição. Vestindo um casaco verde-amarelo, estampando o nome Brasil, Nikolas, imagem 2, foi recebido pelo pastor Gilmar com saudações de felicitações por ser um jovem fervoroso em Cristo.

### Imagem 2 – Culto da Juventude com o vereador Nikolas Ferreira



Fonte: Instagram @ibremoficial

Pastor Gilmar lhe impôs as mãos, junto com a comunidade, para orar por ele antes de iniciar a palestra. A imposição das mãos faz parte de um rito, não exclusivo do Cristianismo, que visa, por meio do poder sobrenatural, exercer um poder mágico<sup>79</sup> sobre aquilo que está sob

<sup>77</sup> Sociedade Tradição, Família e Propriedade.

<sup>78</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=-yMQYQTD6hM&t=214s> último acesso 19 de novembro de 2022

<sup>79</sup> Para aprofundar o estudo sobre a magia, vale nos reportarmos a Marcel Mauss (2003), pois ele estabelece uma reflexão sobre a relação mágico-religiosa presente nos rituais, na esfera social. A magia, tal qual a religião, é

sua imposição, podendo ser uma pessoa, um objeto, uma cidade, um governo, ou qualquer ser que também não esteja ali presente abaixo das mãos. Após a oração, Nikolas Ferreira se dirige a todos, com expressão de sorriso em agradecimento a igreja lotada, seguida de um semblante sério para dizer a finalidade da presença dele ali, uma ação profética de alerta para os jovens e a igreja que estão se afastando de Deus e assim assumindo outras posturas convenientes ao mundo, por eles não serem mais influência e sim influenciados. Com o discurso em linguagem bem acessível, Nikolas Ferreira cita pequenos exemplos, que levam a plateia a gargalhar, como as dancinhas de tic toc e o assistir a programações de entretenimentos da rede Globo.

Em diversos momentos é possível perceber valores cristãos conservadores que dialogam com a palestra do pastor Linhares e com as orientações do pastor Gilmar Garbero, como a defesa da família e o fato de o cristão estar se enfraquecendo na moral porque a alma e o espírito não estão alinhados com os ensinamentos de Jesus, por meio do Espírito Santo, e que isso tem afetado a vida nos negócios e na família como um todo. Num momento de exortação ao público presente, Nikolas fala

A Bíblia fala que você tem uma alma da mesma forma que você tem um espírito. O espírito a gente alimenta através do jejum, da oração, da Bíblia. Mas e a nossa alma? (...) Você vai alimentar sua alma através do conhecimento e sabedoria. Salomão diz pra gente correr atrás do conhecimento como aquele que busca o ouro e a prata. Você tem corrido atrás do conhecimento como aquele que busca o ouro e a prata?

Por diversas vezes, Nikolas adverte sobre ataques que cristãos estão sofrendo de forma invisibilizada pela cultura que ataca valores morais, seja por meio da exaltação à sexualidade, aos direitos humanos de respeitar a liberdade de identidade e ideologia de gênero, por meio da quebra de hierarquia na disposição das salas de aula em círculo ou por descriminalização do aborto. A cultura é apresentada como inimiga dos valores cristãos. Poderíamos dizer que há uma convocação para que a IBREM seja fundamentalista, para guerrear numa batalha entre valores cristãos versus cultura. A cultura sendo propagada por vários artistas é interpretada como via que o diabo utiliza para atacar os valores morais cristãos. A modernidade é vista como inimiga do protestante. Se antes a modernidade era atribuída pela inserção do protestantismo

---

uma categoria de análise que requer estudos. Mauss informa que o rito mágico possui um caráter técnico, que o sacerdote e aqui eu remeto, por comparação, também ao pastor, pode assumir o papel de mágico quando se apropria de técnicas para manipular o sagrado. O mágico sob a influência de forças espirituais age, tal qual um xamã que sopra sobre um corpo. “Todo ato mágico comporta a representação do seu efeito”( p. 97). Ao fazer essa afirmação ele informa que a eficácia do rito permite que o ato mágico continue. O gesto de erguer as mãos, direcionando-as para alguém ou algo, é um gesto repetido, por uma comunidade/grupo, em diversas religiões, durante um rito e evoca uma crença coletiva sobre a eficácia do gesto. Embora, Mauss se refira a magia com intenção de sortilégio, Mircea Eliade (1991, p110-117), ao estudar povos antigos, vai apresentar considerações a respeito do poder mágico em termos de intenção ou de “amarra” ou de “desamarra”.

no campo religioso, hoje ela advinda da pluralidade de modo de viver e de valores, se torna inimiga do protestantismo. Vemos isso nas palavras de Nikolas na IBREM, sob olhares de espanto diante de uma ameaça.

Assim como Deus utiliza pessoas para o reino Dele, o Diabo também utiliza pessoas para o império Dele. (...) Deixa de ser bobo achando que algo não está te influenciando. (...) Irmãos, qual é a sua referência de mulher e de homem? O que tem te influenciado pra você de fato gerar uma família saudável? Tá sendo mais o mundo.

O ensino de história, de filosofia e de sociologia é questionado como conhecimentos válidos para formação do cristão. Assim Karl Max é apresentado em slide, durante a palestra como aquele que se posicionou contra a família. Por diversas vezes o discurso de Nikolas evoca a questão de o jovem deixar de ser cristão após entrar na faculdade. A partir do que foi ouvido e lido nos slides, pode-se analisar que há uma perspectiva político-religiosa em que política é entendida como a capacidade de influenciar outra pessoa. Esse repertório de repulsa a determinados pensadores já foi e é por diversas vezes convocado pela ala conservadora católica para denunciar o enfraquecimento da religião e culpabilizar à ideologia marxista como destruidora dos valores cristãos e da família brasileira.

A cultura é apontada como inimiga do cristão. Essa observação foi percebida por Campos (2014), ao abordar sobre o livro *The Fundamentals for the Twenty-First Century*. O livro, segundo Breno Campos, apresenta a existência de uma luta entre crentes e os adversários modernos sobre a “verdade cristã referente à fé e ao comportamento” (Campos, 2014, p. 119). Mais adiante, analisaremos o fato de o discurso se tornar tendencioso para apoio político em pleito eleitoral. Lê-se em um dos slides apresentados sobre Karl Marx

‘Abolição da família! Até os mais radicais se assustam com este propósito infame dos comunistas’. ‘Sobre quais fundamentos se assenta a família atual, a família burguesa? Sobre o capital, sobre o proveito privado. Em sua forma completamente desenvolvida, a família tradicional é uma burguesa e existe somente na burguesia.’ O comunismo anula as verdades eternas, elimina toda religião e toda moralidade, em vez de constitui-la sobre uma nova base; portanto, ela age em contradição com toda experiência histórica passada.

Ao apresentar as estratégias que o diabo utiliza para afastar jovens, desvirtuar o religioso dos desígnios de Deus e para atacar a família cristã, Nikolas aponta inimigos que ameaçam, com influências sutis e não sutis, os valores cristãos e a vida espiritual. A ideia de que há uma batalha espiritual que se reflete na vida do cristão é sempre citada como um alerta e um chamado para que o cristão se fortaleça na Bíblia e na comunidade para se manter sob a graça divina e

fortalecer a fé. Também alerta que há uma perseguição aos cristãos que assumem os valores bíblicos na sociedade

Estamos vivendo algo que está acima da nossa vida, e você está com medinho de ser cancelado. Deixa eu te falar, se não somos nós pra colocar um ponto, opa, perai, 'daqui pra traz não', quem colocará esse limite? Porque quando eu entrei nessa igreja eu não vi nenhuma placa 'Proibida a entrada de homossexuais'. Eu não vi uma placa assim 'Proibida a entrada de pessoas imperfeitas', 'Proibida a entrada de pecadores'. (...) Somos pecadores. Mas a igreja é aberta a todos. Amém irmãos? Mas ela não é aberta a tudo. É diferente. E o que estão tentando fazer conosco, o povo cristão, é ou você aceita ou nós vamos chamar o Ministério Público pra você ou você aceita ou você vai ser processado, ou você aceita ou se não você vai pra prisão. Pode nos pressionar até voltarmos a sermos doze. Nós estamos aqui pra dizer que não vamos nos curvar diante da pressão do coletivo. Isso é que quer dizer ser cristão.

Comparando os discursos que repousam sobre interpretações de ameaças sofridas pela família e valores cristãos com o advento da modernidade, poderíamos dizer que o discurso teológico de 2022 não se afasta do de 2018 ou de outro feito na década de 60 em defesa dos princípios de um cristianismo conservador. Como já dito antes, o ser humano transita por diversas esferas, carregando consigo bens simbólicos inegociáveis em termos religiosos que irão refletir em discursos e ações também no campo político. Como compreendido por Nikolas Ferreira, a política é um campo de poder capaz de influenciar outras pessoas, e política, em suas palavras, não se limita a políticos, candidatos ou à corrupção, mas também envolve a vida prática do religioso em ação no mundo. Ela, sendo influenciada por discursos religiosos traz consigo o peso de um eleitorado evangélico que só vem crescendo e reivindicando a presença de Deus neste campo para moralizar o Brasil com valores cristãos conservadores. É possível perceber intervenções de diversas forças conservadoras evidenciadas nas últimas eleições com atuação da bancada evangélica. Aqui poderíamos fazer algumas perguntas: 1 - Como os discursos e as práticas religiosas evangélicas, alinhadas ao conservadorismo católico, sustentam certo conservadorismo político? 2 - Como conhecer alguns contextos históricos brasileiros no cenário político que configuraram relações de desconfianças e disputas religiosas entre esses atores, além de aproximações para negociações e manutenção de pautas morais? Nos próximos capítulos procuro argumentar sobre essas questões.

## **CAPÍTULO 02 – RELIGIÃO E POLÍTICA NO CENÁRIO BRASILEIRO**

### **2.1. Política e Religião: participação evangélica após República Velha até a Redemocratização**

O enfraquecimento do poder da religião sobre as decisões do Estado provocou mudanças, com a secularização, na sociedade moderna, mas não eliminou a existência da experiência religiosa e das interpretações escatológicas. A secularização, para alguns, poderia ter sido compreendida como o fim da religião na época da separação Igreja-Estado, mas, conforme comenta Hervieu-Léger (2008), ela disseminou a religião e revelou um leque de fenômenos de crença e de religiosidade flutuante. A autonomia do indivíduo para organizar seus próprios pensamentos e ações frente aos novos desafios modernos rompeu relações e estabeleceu trâmites de combinações e negociações que culminaram em bricolagens para ressignificar a vida.

Em contrapartida, novas reconfigurações institucionais religiosas foram surgindo em forças-motrices para se manter no poder de controle de corpos sociais e direcionamentos espirituais por meio de suas teologias, dogmas e doutrinas. A conquista de leigos, seja para mantê-los agregados ou em busca de conversão, era extremamente necessária tanto para a igreja católica quanto para as igrejas protestantes que começaram em missão a aportar no Brasil no século XIX. Assim compreendemos que o campo religioso, palco de disputas de território, é um espaço político de esfera privada. Bem como consideramos que ele desemboca na esfera pública, em determinação de quem pode ser considerado indivíduo de direito na sociedade, o comportamento que deverá ter, organizando a estética e a ética em valores de consumo: vestir, comer, vontades, linguagens, sexo, enterro, casamento, consciência e relações. O campo religioso brasileiro, em constante disputa, principalmente entre católicos e não católicos culminará em bricolagens e negociações de trânsitos de subjetivação e coletividade.

As experiências vivenciadas pelo ser humano muitas vezes vão modelando o seu caminhar interativo com o mundo que é possível alcançar. As experiências vão moldando as ações políticas que o sujeito vai assumir ao longo da vida. Podemos compreender o indivíduo como um ser afetado pela afetividade em sua compreensão de quem é, ou seja, de sua identidade enquanto ser, bem como de que modo apreende e reage ao mundo em que está e aos contextos que o envolvem. Dentre essas experiências vivenciadas, há a religiosa que também atravessa essa afetividade e (re)compõe o cotidiano da vida pública construindo narrativas e significados. Wach (1990, p. 30) vai declarar essa interferência de interesse da religião traçando “analogias e os paralelos entre as formas religiosas e as de outras atividades culturais, tais como arte, jurisprudência, economia e ciência”.

Procurei trazer, em reflexão sobre essa questão no primeiro capítulo, um pouco a respeito de como a religião institucionalizada, tendo a IBREM como campo de pesquisa, por meio da experiência religiosa, aproxima um caminhar público no campo político brasileiro nos

pleitos de 2018 e 2022 em favor do discurso de Jair Bolsonaro. A família, tema contemplado em modelo estrutural privado, experimentada em relações interpessoais que envolvem afetividade em realidade ou idealização, excede para o campo público político como pauta de disputa entre a ala conservadora e a progressista em que a religião vai transpor seu poder para o pleito.

A relação religião e política, em termos de esfera de poder, pode ser analisada em atuação no Brasil em movimentação estratégica, em disputa de território e legitimação, ao longo dos contextos históricos em determinação de leis e organização sócio-político-econômico e cultural. Arendt (2020, p. 72) explicita que a igreja, instituição religiosa regulamentadora, precisa da política, “tanto da política mundana dos poderes seculares como da própria política religiosa ligada ao âmbito eclesiástico”. Com essas palavras, poderemos começar a analisar as relações de poder da igreja, tanto católica quanto evangélica, também no âmbito brasileiro, que vão calcando lugar de disputa para se manter em gestão influenciadora de condutas sociais, como traz Arendt, para “afirmar-se na terra e neste mundo do lado de cá”.

Podemos também neste início de caminhar, com Arendt sobre este nosso capítulo, tomar como referência a relação intrínseca de necessidade que a política vai ter com a existência da igreja como uma instituição palpável para dar legitimidade, assim como era imposto na idade Média, e agora com semelhança em nosso campo de pesquisa. Como vimos no primeiro capítulo, a presença de discursos nas liturgias e nos cursos na IBREM vai direcionar, de certo modo, para um posicionamento pessoal, político e eleitoral do religioso batista renovado para favorecer um candidato que esteja em conformidade com o imaginário de conduta cristã e que vá zelar pelos princípios que são elencados por ele.

Mas a participação evangélica<sup>80</sup> no cenário político brasileiro não surgiu no século XXI com as campanhas eleitorais de 2018 e 2022, ela já vem trilhando caminhos desde a República Velha. Novaes (2001) aponta para a existência de rompimento de fronteiras entre as dimensões da religião e da política, indicando que é preciso considerar o simbolismo verbal e ritual que a religião traz para analisar a força política que ela exerce sobre seus membros em construção de capital simbólico para construção de narrativas de sentido. A construção por espaço na esfera pública se iniciou com ações discretas dos evangélicos por diversos fatores de complexidade, dentre eles: a maioria da população católica; a cosmovisão protestante da época; bem como o pouco número de convertidos, mesmo que crescente; e o nível de instrução educacional dos convertidos. O cenário de atuação, participação e representatividade política do religioso

---

<sup>80</sup> O uso do termo evangélico é convencionalmente usado para marcar participação de várias denominações cristãs não católicas: protestantes históricos, protestantes renovados, pentecostais.

evangélico hoje se apresenta em contexto bem diferente e vem provocando curiosidade sobre o seu início. O Estado laico começou a ser pensado por meio da presença do não católico no cenário político em uma reivindicação por democracia.

Freston (1999) e Cunha (2022) apontam para uma participação discreta e de pouca representatividade dos protestantes, 3 senadores na República Velha, que não tinha uma linha partidária definida, ou seja, era pluripartidária, bem como não pretendiam trazer um proselitismo político. Não havia participação pentecostal na época, pois, apesar de já estarem inseridos no campo religioso brasileiro desde 1910, mantinham um posicionamento apolítico, ascetismo intramundano e exclusão da vida social (MARIANO, 1999). Mafra (2001, p. 34) classifica esse período da primeira onda pentecostal de “estilo simples, autônomo e improvisado” em que o movimento pentecostal estava se revelando entre a camada mais pobre da sociedade a partir da ação missionária, congregacional e autonomistas dos batistas, de onde saiu o núcleo para a formação da maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus.

Fonseca (2011) nos lembra que o exterior passava por transformações, decorrente do período pós-Revolução Industrial, que provocou a autonomia de várias esferas sociais e que alteraram consideravelmente as relações comerciais e econômicas de vários países. O espírito capitalista ia ao encontro da ética protestante de ascetismo e dedicação ao trabalho. A vinda de estrangeiros ao Brasil desde a vinda da família real, assim escreve Mafra (2001), com os ingleses e o anglicanismo, em seguida alemães com o luteranismo e outras nacionalidades com o protestantismo histórico vão articular um novo cenário político e religioso.

Como traz Freston (1999, p. 330), “O Brasil, um caso historicamente singular em alguns sentidos, pode lançar luz sobre as questões da relação entre protestantismo e democracia ao longo da história e da religião pública na era da globalização”. Isso também é apontado por Fonseca (2011), em sua abordagem sobre o processo de secularização na América Latina, principalmente no Brasil, não se enquadrar em um modelo europeu, pois houve peculiaridades provindas de encontros com a América do Norte e as singularidades históricas e sociais. Em uma breve abordagem, para compreendermos melhor o cenário que vem sendo disputado hoje, seguiremos em vias públicas no campo político, em uma linha histórica, com a presença de atores que construíram oposição à hegemonia cristã vigente, assim deu-se: protestante versus católico, progressistas versus conservadores, pautas, alianças, interesses, concessões, presença do pentecostalismo em negociações ora em busca de legitimação de igreja utilizando narrativas religiosas ora em proselitismo de beligerância.

Em termos de oficialidade de um Estado Laico<sup>81</sup>, havia uma aproximação cada vez maior da igreja católica brasileira com o governo provisório de Vargas, principalmente no que tange a retomada de privilégios com o ensino religioso nas escolas públicas em 1931 com o Decreto-Lei de 30 de abril. A igreja católica tinha um enorme interesse em reassumir a influência. Em nome de uma moralidade, o cristianismo católico buscava retomar o poder sobre o ensino de princípios católicos e de influência sobre a cultura brasileira. A concepção de família como categoria de disputa entre conservadores patriarcais católicos e progressistas protestantes em defesa do divórcio<sup>82</sup> começava a ser sinalizada também.

A disputa no cenário político brasileiro pode ser catalogada a partir de 1932 quando foi fundada a Liga Eleitoral Católica (LEC)<sup>83</sup> que visava levar para a Assembleia Nacional Constituinte, representantes católicos para delegar propostas na elaboração da nova Constituição de 1934. Havia um discurso político de moralização da sociedade por meio da defesa da família entre outros aspectos. Plínio Corrêa de Oliveira, fundador na década de 60 da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, foi o deputado da LEC mais votado para fazer parte da Assembleia Constituinte de 34. Também em 1932, evangélicos começavam a se articular contra essa aproximação católica, e, por meio da Confederação Evangélica do Brasil, CEB, fundada oficialmente só em 1934, passou a convocar evangélicos também a se manifestarem politicamente, buscando representatividade no poder público em participação da Assembleia Constituinte. Apenas o pastor metodista Guaracy Silveira (PSB),

---

<sup>81</sup> O francês Gilles Kepel é citado por Alexandre Fonseca (2011) sobre a questão da laicidade e da secularização informando que, segundo ele, Kepel diz que o mundo possuiu movimentos de recristianização, por exemplo, nos anos 90, e tem uma tendência de “por abaixo a organização jurídica da laicidade, que limita a expressão da identidade religiosa ao domínio privado, e instituir um sistema no qual essa identidade consiga adquirir ‘uma condição de direito público’. Se olharmos para o caso do Brasil, talvez essa recristianização estivesse num patamar de retomada do poder católico frente ao Estado numa invisibilidade dentro da laicidade governamental, algo que estava sendo denunciado pela CEB, Confederação Evangélica do Brasil, e depois outras frentes evangélicas.

<sup>82</sup> As considerações levantadas sobre a questão do divórcio em campo de disputa jurídico-legislativo aqui levantado na dissertação se faz para compreensão de argumentos que foram levantados, durante o pleito de 2022, para questionarem a legitimidade de defesa da família em discurso de Jair Bolsonaro, mesmo ele estando em seu terceiro casamento. Assim, trazendo uma trajetória histórica de defesa protestante pelo divórcio, primeiro deslegitimando um dos sacramentos católicos, e depois para se valer da interpretação também dada pelo pastor Gilmar da IBREM que na Bíblia não há modelo de família a seguir, de nenhum profeta, mas a família se constrói a partir da união com Jesus e permanência Nele, “Casados com Cristo e a Igreja”.

<sup>83</sup> Sob a orientação de Dom Sebastião Leme, cardeal do Rio de Janeiro, iniciou a convocação para formação nacional da LEC em 1932. A LEC visava orientar o voto católico para seus representantes. Vale lembrar que, neste período, começava a ter uma articulação para uma reabertura política após a Revolução de 30, que impediu Júlio Prestes a assumir a presidência da República. Tanto o voto passou a ser secreto como também houve o direito de voto a todo brasileiro (a) acima de 21 anos que fosse alfabetizado. Nacionalmente, a LEC se posicionou suprapartidária, mas, no Ceará, tornou-se um partido político que elegeu todos os seus 6 representantes para a Assembleia Constituinte de 1933, ocupando assim 6 vagas das 10 disponíveis. No Estatuto da LEC traz a informação “pelos ideais católicos na vida pública brasileira” (LIMA, 2017)

primeiro deputado evangélico do Brasil, foi eleito para participar da Assembleia Constituinte (CUNHA, 2022); (OLIVEIRA; FURLIN, 2018).

Isso se deve, talvez, ao cenário religioso evangélico que se apresentava, ou seja, não havia condições favoráveis para um engajamento político, visto que a preocupação maior dos evangélicos naquele momento não estava nas questões terrenas. A preocupação com a salvação da alma, a partir de um ascetismo de rejeição do mundo, incluía proibições e distanciamentos de um mundo reconhecido como imundo para que houvesse um preenchimento do Espírito Santo na vida do fiel, no caso do pentecostalismo de primeira onda (MARIANO, 1999).

Havia outras forças e atores de movimentos sociais que se articulavam desde a Proclamação da República. Esses movimentos já vinham assumindo um posicionamento político minoritário há um tempo: as sufragistas com a luta pelo voto tanto na Inglaterra como no Brasil<sup>84</sup>, por exemplo, juntamente com o movimento das operárias brasileiras de ideologia anarquistas para relatar a situação das mulheres nas fábricas no início do século XX.

A presença da ação feminina no cenário público começava a trazer reações conservadoras que respingaram sobre o conceito de família e o papel da mulher nessa relação e com o mundo. A ideia de que o feminismo viria destruir a família era algo que já começava a preocupar e mais tarde se tornaria latente. O movimento negro também se articulava em formação política com o partido Frente Negra Brasileira, FNB, em 1936, e se aproximava das ideias de exaltação da raça em suas reivindicações e foi embalado pelo lema *Deus, Pátria, Raça e Família*, trazido pelo jornal *A Voz da Raça*<sup>85</sup>. Na época, havia o movimento integralista de extrema direita, AIB – Ação Integralista Brasileira, que se identificava com o discurso fascista que apresentava o lema *Deus, Pátria e Família*, que encontra respaldo nas vozes católicas, ultranacionalistas e conservadoras de apoio ao que viria acontecer na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* em 1964.

---

<sup>84</sup> No Brasil, de acordo com Celi Regina Jardim Pinto no artigo *Feminismo, História e Poder*, o voto feminino foi conquistado pelo movimento liderado pela sufragista Bertha Lutz a partir de 1910 e foi intensificado em 1927 com um abaixo-assinado direcionado ao Senado Federal. Havia um pedido para que fosse aprovado o Projeto de Lei.

<sup>85</sup> A importância de trazer essa informação é apenas para apresentar as diversas vozes que também se articulavam na época em torno da ideia em defesa da família tradicional, pauta que aproximou o discurso evangélico ao de Bolsonaro, demonstrando que as relações não se dão de uma hora para outra, nem envolve apenas um só tipo de categoria social, ela vem sendo construída em embate em diversos contextos. No artigo *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*, Petrônio Domingues vai mostrando a força política do movimento negro após a escravatura, articulações de luta contra discriminação racial, contra o pensamento eugênico de democracia racial, contra a marginalização das favelas, preconceitos e estereótipos. A FNB foi extinta junto com outros partidos durante o Estado Novo. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em set de 2022

Enquanto isso, a igreja católica reivindicava “a promulgação da Constituição em nome de Deus, o reconhecimento constitucional da indissolubilidade do matrimônio e da validade civil do casamento religioso”, dentre outras questões como a inserção de “assistência religiosa às forças armadas, às prisões e aos hospitais” e o ensino religioso na educação pública (OLIVEIRA; FURLIN, 2018, p. 121). A CEB, Confederação Evangélica do Brasil, apesar de ter apresentado 29 candidatos, só obteve representação política única na pessoa do deputado federal Guaracy Silveira. Segundo Cunha (2022, p 39-40), a CEB lutava para defender a “laicidade do Estado e do ensino público e gratuidade, o divórcio, o pacifismo e a liberdade de pensamento e de crença”.

O Brasil, nessa época, descrito por Oliveira e Furlin (2018, p 128), era de país de maioria católica que apresentada à Constituinte argumentos para manutenção do sistema do “patriarcalismo, submissão da mulher, subordinação dos filhos, monogamia indissolúvel”. A família tradicional foi colocada em defesa nacional. O discurso conservador católico relacionava o divórcio com o fim da moral e conseqüentemente a desestabilidade no governo. Havia a necessidade de manter o controle social a partir da ordenança dos papéis familiares, numa regeneração moral da sociedade, para o bem de legitimidade do Estado<sup>86</sup>.

O discurso de defesa da família tradicional brasileira atravessará tanto no campo político quanto no religioso as tomadas de decisões conservadoras de agência de moralização da sociedade ao longo dos contextos brasileiros. “O modelo de família que o divórcio ameaçava destruir era um valor natural e o casamento uma instituição divina” (ALMEIDA, 2010, p 12). A compreensão sobre a categoria família defendida pela ala conservadora era de linguagem ortodoxa e tradicional cristã patriarcal que a considera modelo único, indissolúvel pela força do sacramento em uma estrutura estruturante da sociedade. Poderíamos associar essa questão a uma luta pela preservação da consagração dos sistemas simbólicos que trazia o discurso católico muito presente.

Isso nos remete ao que Bourdieu (2015) expressa em relação ao princípio da eficácia simbólica. Ele analisa que haverá eficácia simbólica quando se estabelece relações entre três propriedades: as propriedades do discurso vinculadas às propriedades daquele que as anuncia

---

<sup>86</sup> Em Oliveira e Furlim (2018, p128) lemos o posicionamento do deputado Heitor Annes Dias à Assembleia Constituinte de 34: “Aqueles que dizem que a doutrina de Cristo é contrária ao bem do Estado, dêem-nos um exército de soldados, tais como os faz a doutrina de Cristo, dêem-nos governadores de províncias, pais, filhos, maridos, esposas, senhores, servos, reis, juizes, contribuintes, enfim, recebedores, como os quer a doutrina cristã. E usem ainda dizer que ela é contrária ao Estado. Mas ao invés não hesitem em confessar que ela é salutar ao Estado, quando observada (carta CXXX, a. Marcelino)” (ANNAES, p. 319, v. V). ANNAES da Assembleia Nacional Constituinte. Volume I ao XXII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936. Disponível na Biblioteca Digital do Congresso Nacional: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/6>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

que também estarão vinculadas às propriedades da instituição que o autoriza. Ou seja, se dentro de um sistema político circula um discurso ortodoxo de conceituação sobre a categoria família ser de força sacramental provinda de uma instituição religiosa que a legitima como verdade absoluta de vínculo consagrado a Deus, estiver sendo também reproduzido por uma autoridade, o discurso ideológico terá um efeito eficaz sobre aqueles que estiverem sob sua influência. Mas o discurso vai perdendo sua eficácia quando surgem mais atores em representatividade neste complexo campo político e a busca pela liberdade começa a criar expressividade.

A representatividade política evangélica conseguiu eleger mais de um deputado federal em 1950 e começou a apresentar um maior peso em defesa da liberdade religiosa. Freston (1999) aponta que a presença do protestantismo no Brasil, até os anos 50, foi de fundamental importância para se consolidar a transição “para uma sociedade democrática”. Seu maior posicionamento era contra a influência católica. A busca pela liberdade religiosa poderia ser evidenciada como algo restrito a eles e talvez não se abrisse para considerar as demais religiões como o candomblé, o espiritismo etc. Em 1954, após a morte de Getúlio Vargas, a presidência da República, em caráter de governo transitório, foi assumida por seu vice-presidente Café Filho<sup>87</sup>, o primeiro protestante a assumir a função, mesmo que tenha sido por um ano. Na época (1951), havia eleição também para vice-presidente, e, quando se tornou vice-presidente de Getúlio Vargas, a igreja católica, bem como o próprio Getúlio, não viu com bons olhos a presença dele.

O embate católico e protestante no campo político continuava mais acirrado com discurso antidivorcista e divorcista. O matrimônio, para católicos na época, considerado sagrado em rito de passagem num espaço sagrado era indissolúvel. Católicos, em pauta conservadora, não admitiam a modernização da sociedade passando pela família, ou seja, a compreensão dogmática de que o que Deus uniu o homem não separa era para ser mantida, mesmo que o desquite já estivesse instituído desde 1916. A compreensão sobre os termos desquite e divórcio, juridicamente, se revelava na possibilidade de contrair ou não outro casamento. O enfrentamento com a igreja católica levava os protestantes a romperem com a ideia de sacralização do matrimônio sendo reduzida aos moldes católicos.

---

<sup>87</sup> Café Filho era presbiteriano e começara a carreira política, com o partido que fundara Partido Social Nacionalista (PSN), em atuação como vereador em Nata/RN em 1923, assumiu mandato de deputado federal, PSN-RN, em 1935 como suplente, participando também da Assembleia Constituinte; foi também deputado federal em 1946 acumulando cargo de vice-presidente da República de 1951 a 1954 durante presidência de Getúlio Vargas. <https://www.camara.leg.br/deputados/130346/biografia>

A proposta do projeto de lei 786/51 de autoria do deputado Nelson Carneiro<sup>88</sup> que pedia a supressão da expressão “de vínculo indissolúvel” do artigo 163<sup>89</sup> da Constituição de 1946 não foi aprovada, mas causou um impacto sobre a Igreja Católica. Tornar algo que fora consagrado em algo de domínio profano era uma tradução que os católicos não conceberiam, principalmente, para os que se articulavam na Ação Católica da Arquidiocese de São Paulo que estariam no futuro à frente da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, TFP, liderada por Plínio Corrêa de Oliveira.

As décadas de 50 e 60 foram marcadas por transformações nas relações sociais-econômicas-políticas-religiosas com a globalização e outros atores entraram em cena com os movimentos feminista, negro e homossexual e ganharam expressões mundiais na luta por direitos. Os deputados evangélicos<sup>90</sup> brasileiros na década de 50, segundo Cunha (2022, p 40), se omitiram “na defesa dos direitos humanos e da democracia e pelo apoio à Doutrina da Segurança Nacional, com rejeição ao consumismo e aos posicionamentos de esquerda”. O pós-guerra fez surgir o perigo comunista no Brasil invadindo diversos campos sociais, principalmente a economia, a política e a religião. A configuração internacional construía imaginários inflamados de ameaça comunista sob as nações que mobilizou tanto católicos quanto protestantes a se posicionarem contra a esquerda partidária brasileira, aproximando-se da linha da extrema direita. O diálogo<sup>91</sup> entre protestantes e católicos tinha um propósito bem específico: combater o avanço do comunismo.

É importante lembrar que quando falamos em política e religião, estamos também nos referindo ao reflexo que a experiência religiosa traz de mudança de comportamento e de ação no mundo. O movimento pentecostal já havia se inserido na sociedade trazendo novas

---

<sup>88</sup> Embora não tenha encontrado nenhuma referência sobre sua identidade religiosa, podemos perceber a influência científica acadêmica de Nelson Carneiro atuando na política em pauta progressista pelo divórcio. Ele se formara em direito com especialidade em direito da família. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/nelson-de-sousa-carneiro>

<sup>89</sup> O artigo 163 dispunha que “a família é constituída pelo casamento de vínculo indissolúvel e terá direito à proteção do Estado”.

<sup>90</sup> Em evangélico, lemos protestantes, ainda não havia participação pentecostal. Rubem Alves explica que os próprios protestantes quando vieram ao Brasil, missionários, se declararam evangélicos como uma forma de expressar que seguem e se identificam com os ensinamentos do evangelho, apresentando assim uma crítica de oposição ao católico. “O nosso Deus está num livro sagrado e não na cabeça de um homem.” (ALVES, 2005, p12) Mas, ao mesmo tempo em que traz essa informação, ele alerta que os evangélicos os quais retrata já não são de uma linhagem que se preocupa com a filosofia e o destino da alma, ou seja, da salvação. Alves denuncia, na década de 70, que os evangélicos têm na prosperidade como meta de vida. E essa prosperidade vem com alianças e com os privilégios que o Estado pode fornecer.

<sup>91</sup> Já havia uma aproximação também entre o missionário pentecostal Walter Robert McAlister com o Vaticano nesta época, como ressalta Mariano (1999, p51), que informou que ele já fora “representante junto ao Vaticano no diálogo com igrejas pentecostais”. Daí, talvez, tenha surgido uma aproximação de experiência carismática para depois vir a se consagrar em uma renovação carismática católica. Mas isso é algo que não nos interessa nesta dissertação.

perspectivas e discursos. É válido recordar que, por meio de trânsitos religiosos provindos de conversões, dão-se trocas de experiências e conseqüentemente isso vem impactar na construção da espiritualidade individual e transformações nas teologias. Dessa forma, com a inserção do pentecostalismo no campo religioso em disputa de espaço de culto e de fiéis, podemos perceber uma influência de religiosidade carismática circulando por entre protestantes e católicos. O número de adeptos ao carisma só crescia e igrejas como Assembleia de Deus e IURD só cresciam em número de fiéis e isso atraía olhares políticos que viam possíveis conquistas de votos nesses nichos.

Essa compreensão se torna relevante para considerarmos o efeito de poder do discurso político de buscar o discurso religioso como apoio, o número de eleitores no meio pentecostal foi um atrativo. Arendt (2020, p. 72) já tratava sobre essa questão de a política precisar “da igreja – não apenas da religião, mas sim da experiência palpável das instituições religiosas -, a fim de provar sua razão de ser mais elevada, por causa de sua legitimidade”. Assim, a presença de grandes fiéis sob orientação de igrejas como Assembleia de Deus (AD) e a Universal do Reino de Deus (IURD) vieram impactar as vias políticas partidárias, Partido Social Cristão e Republicanos, respectivamente, anos mais tarde e na condução de disputa para pleitos, como no caso desta pesquisa. Mas da mesma forma que a política buscou na religião parceria para sua consolidação, a religião também buscou o poder que a política pode oferecer. A prosperidade na Terra foi uma bandeira que agregou religião à política brasileira percebida e denunciada por Rubem Alves (2005) durante a ditadura militar. Com o surgimento ainda maior do pentecostalismo, essa ideia de prosperidade tornou-se Teologia agregada à Teologia de Domínio e a Guerra Santa.

Assim faremos uma breve compreensão sobre esse surgimento, sem muito aprofundamento, pois não é o objeto de estudo. À medida que os anos passavam, o processo de institucionalização da religião aumentava, como descreve Mariano (1999), os pentecostais vão crescendo, junto com o desprezo dos protestantes históricos a eles e a perseguição católica a ambos. Já adentrando na segunda onda pentecostal, anos 50 à metade dos 70, denominada por Ricardo Mariano (1999) de deuteropentecostalismo, o movimento já começa a apresentar diferenças teológicas do período pentecostal clássico. O clamor pela cura divina e os primeiros despertares para as evangelizações em massa aconteciam por meio da rádio principalmente que, na segunda onda pentecostal brasileira, foi uma das inovações trazidas pelos pentecostais norte-americanos além do uso das tendas, de locais populares alugados para eventos como cinema, estádios e teatro. A Assembleia de Deus começava a ampliar seu número de fiéis em meio a camada mais pobre, enquanto outras também iam se desdobrando em ênfase ao dom da cura,

como a Quadrangular. O programa radiofônico *A Voz de Nova Vida* chegava às casas cariocas levando as mensagens do pastor Walter Robert McAlister<sup>92</sup>. Em 1963, Edir Macedo entra para igreja de McAlister, Nova Vida, permanecendo por doze anos até romper e fundar a IURD – Igreja Universal do Reino de Deus, com seu cunhado Romildo R Soares, em 1977<sup>93</sup>.

O Brasil vivenciava a Ditadura Militar e ainda não havia interesse, no meio pentecostal, pelo campo político. Havia preocupação de alugar espaços em rádios com programação de 15 minutos para pregar a palavra de Deus, anunciando uma nova mensagem escatológica, uma promoção de cura divina e uma conversão em massa. A experiência religiosa dos convertidos capturada pela experiência com o Espírito Santo configurava um novo ser humano em ação política de proselitismo, de experimentação de cura, de exorcização dos demônios, de busca pela prosperidade que se divulgava por meio do testemunho de vida durante os cultos. Isso provocava uma mudança de conduta e de agir no mundo. Diante do período militar, os pentecostais estiveram à parte das movimentações políticas, em representatividade, mas isso não pode vir a significar que se posicionaram contra o regime.

Rubem Alves (1987, p. 26), ao falar sobre sua experiência com o Brasil de 1964 escreve “caça às bruxas” e que “a política eclesiástica aparecia como profecia da política secular”. Em 64, na presidência do general Castelo Branco, circulava o slogan *Brasil, ame-o ou deixe-o*, bem como havia um incentivo ao patriotismo de apoio à ditadura militar e houve a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* que agregou diversas igrejas cristãs conservadoras que se posicionavam anticomunista.

Não se sabe exatamente a data quando iniciou a *batalha escatológica* dentro do movimento pentecostal, mas o registro da publicação do livro *Mãe de Santo*, de Walter Robert McAlister em 1968, pode nos servir de referencial para compreendermos que já havia uma movimentação de batalha espiritual compreendida entre o bem e o mal, sendo o mal representado pelos fiéis e adeptos das religiões de matrizes africanas. Nesse período, a igreja católica, também como influenciadora legislativa, tentava controlar o horário para culto afro, delimitando também o espaço público para manifestações religiosas. A presença de uma linguagem bélica de combate ao inimigo espiritual também foi estendida para os movimentos

<sup>92</sup> McAlister, televangelista, possuía um programa de TV na antiga TV Tupi, entre 1965 a 1967.

<sup>93</sup> Vagner Silva (2007) e Ricardo Mariano (1999) relatam que, após sair da igreja Nova Vida, sendo um dos motivos o fato de ela ser elitista e não apoiar suas “atividades evangelísticas, consideradas agressivas” (Mariano, 1999, p51), Edir Macedo funda a igreja Cruzada do Caminho Eterno, é consagrado pastor, na Casa da Bênção, junto com seu cunhado R R Soares e dois anos depois surge a IURD. Durante os doze anos em que esteve com o pastor McAlister, autor do livro *Mãe de Santo*, Edir Macedo aprendeu técnicas de exorcismo e, provavelmente, observava nos bastidores da antiga TV Tupi o desenvolvimento dos programas de Televangelismo protagonizados por McAlister.

de defesa dos direitos humanos que se posicionavam em bandeiras de esquerda partidária. Dentro do imaginário evangélico, os inimigos também estavam listados em “feministas, homossexuais, maconheiros e macumbeiros”, (CUNHA, 2022, p43).

Rubem Alves (1987) (2005), pastor presbiteriano e escritor, aponta para momentos que ele vai classificar como metafísicos, que estariam sendo vivenciados neste período de ditadura militar, em que a experiência com o Absoluto seria compartilhada pelos inquisidores de forma a se tomar a ideia de uma batalha pela salvação do futuro. E ao tratar dessa batalha do Bem versus o Mal, o que se põe como Bem se vale de todas as armas possíveis, deixando de lado até mesmo a ética, para vencer o que considera ser o Mal. Talvez Rubem Alves<sup>94</sup> (1987) (1990) estivesse relacionando os inquisidores aos líderes religiosos evangélicos protestantes<sup>95</sup> que estariam apoiando a ditadura militar e conseqüentemente se posicionando contrários aos evangélicos que se aproximavam da luta pelos direitos humanos e ideias de esquerda. Todo aquele que se alinhasse a ideias vinculadas aos direitos humanos poderia ser tomado como herege pela igreja e subversivo pelo Estado. Pelo relato de Rubem Alves (1987), que sofreu perseguição por parte da igreja Presbiteriana da qual era pastor, e que fora preso, juntamente com outros pastores, podemos perceber que havia uma propagação de denúncias falsas que pesava sobre eles:

Eram mais de quarenta acusações: que pregávamos que Jesus tinha relações sexuais com uma prostituta, que nos deleitávamos quando nossos filhos escreviam frases de ódio contra os americanos, nas latas de leite em pó por eles adotadas (eram os anos do programa “Alimentos para a Paz”), que éramos subvencionados com os fundos vindos da União Soviética. (ALVES, 1987, p 30)

A presença forte de falácias denegrindo a imagem dos pastores foi uma batalha não apenas dentro da igreja, mas também acadêmica. Assim escreve Freston (1999) que nessa fase,

---

<sup>94</sup> Rubem Alves (1987) (2005) chama de inquisidor aqueles que trazem conceitos retrógrados, ortodoxos e sem prazer, apenas uma verdade bancária. Na teoria da religião em Alves, a religião é ilusão, não a ilusão dos loucos que aliena o ser humano da sua realidade concreta; a ilusão aqui é imaginação que atende aos desejos da realidade de corpos oprimidos que se projeta a possibilidades de futuro. A existência do ser está estampada nos corpos que anseiam de desejo por saciedade de uma vida digna. Essa realidade é a verdade de cada existência que se faz concreta em necessidades de vidas. A imaginação pode ser reconhecida como resistência a todo sistema opressor que determina apenas uma realidade existencial possível. Assim, vem evidenciar a existência de outras realidades e por assim dizer outras verdades heréticas que se levantam contra a ortodoxia. Era adepto a linguagem do humanismo político.

<sup>95</sup> Esses protestantes evidenciados por Rubem Alves (2005) serão aqueles que sendo fracos se tornaram fortes por bajularem aqueles que estavam no poder político, os militares. Esses fracos-forte são os protestantes que foram capazes de denunciarem e acusarem de subversivos outros protestantes por terem sido profetas dentro da igreja e assim foram considerados hereges pelos fracos-forte. O termo profeta nos remete a um tipo de líder religioso, em Weber, que vai chamar a atenção, exortar, a comunidade sobre um desvio de doutrina que esteja ela seguindo. Weber (1999) vai falar do profeta que profere dois tipos de profecia: a profecia ética e a exemplar. Rubem Alves, profeta, que por sua heresia fora acusado de ser subversivo, talvez tenha praticado os dois tipos de profecia com sua teopoética.

a sociologia do protestante, rompido com suas igrejas, estava voltada para mostrar as movimentações de “alienação protestante”; e apresenta como exemplo a obra *Protestantismo e Repressão*<sup>96</sup> de Rubem Alves (2005).

Há uma aproximação do protestantismo com a ditadura na América Latina nas décadas de 60 e 70. O general Ernesto Geisel, segundo Cunha (2022), pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), assumiu a presidência do Brasil na Ditadura Militar em 1974 a 1979. Huff Jr (2012, p. 8) lembra que a IECLB<sup>97</sup> possui base alemã e se interessou, no começo dos anos 70, pela vida política, tornando “pública sua responsabilidade para com o país e sua intenção de dirigir-se ‘ao homem como um todo, não só com a alma’”. O engajamento político de alicerce sobre a conduta moral do brasileiro estava sendo experimentado em um regime totalitarista de controle social de determinação de lugares frente a uma mudança global de surgimento de feminismos e movimentos de vanguarda.

Trazer o contexto histórico e o período militar no Brasil para nosso contexto dissertativo é partilhar da premissa de que há um diálogo que vem se estendendo de participação religiosa no campo político e de um conservadorismo que se enamora com uma interpretação ortodoxa da Bíblia. Bem como, é constatar as articulações de oposição e disputa de poder que se estabeleceram entre católicos e evangélicos no cenário de governabilidade e defesa de pautas que permeiam suas ideologias teológicas. É perceber também a inserção do pentecostalismo em mudanças que culminará em representatividade política que vai articular uma nova força motriz para impulsionar negociações entre religiosidades pleiteadas em conservadorismo.

Nos anos de chumbo, impulsionados pelos programas de rádio e televisão, por meio da democratização de acesso aos meios de comunicação, entrava em cena o movimento pentecostalismo de terceira onda com uma nova perspectiva de condução de vida diferente das ondas anteriores, e assim denominados de neopetencostais. Surgia uma nova ética que romperia com a ascese intramundana com Edir Macedo e R R Soares à frente da Igreja Universal do Reino de Deus e que se engajaria no campo político como estratégia, inicialmente, de sobrevivência e, depois, de consolidação do proselitismo.

O movimento carismático crescia no meio pentecostal influenciando uma nova linguagem espiritual que alcançava católicos, protestantes e religiões de matrizes africanas. Nos

---

<sup>96</sup> O título do livro fora alterado para *Religião e Repressão*, anos depois, pois Rubem Alves notara que permanecer apenas em uma linha devocional seria restringir a compreensão que a força conservadora da religião pode causar também repressão além da libertação não apenas no protestantismo.

<sup>97</sup> É válido perceber que a IECLB, como descreve Arnaldo Huff Jr (2012, p13), apesar de manter uma forte característica alemã em solo brasileiro, também sofreu modificações ao longo dos anos, chegando a se diversificar em seus significados, “podendo ir de um protestantismo germanista à teologia da libertação e ao carismatismo”.

anos 80, os pentecostais já se movimentavam nas rádios, ora alugando espaços de 15 minutos de programação, ora comprando a própria radiodifusora, e assim, ampliando um maior alcance territorial e conseqüentemente o número de fiéis. Apoios políticos foram se configurando como estratégia de manutenção das concessões de rádio e televisão. Embora não vá haver aprofundamento sobre este braço histórico do pentecostalismo, trazer uma breve explanação a respeito pode nos elucidar sobre os diversos interesses que possam vir a dialogar nesta relação religião e política em busca de mais espaço de atuação e de representatividade.

Será por meio da interpretação de serem vítimas de perseguição que os pentecostais procuraram adentrar na política, lançando candidaturas religiosas, em busca de uma liberdade religiosa e ampliação de concessão de emissoras de rádio e televisão. Fazendo uma comparação temporal, com intenção de compreender discursos que atraíram votos evangélicos para Bolsonaro em 2018 e 2022, poderíamos supor que a ideia de perseguição aos cristãos também foi um mote que pode ter sido acionado. A Assembleia de Deus é a pioneira a apresentar, em 1982, candidatos para eleições, segundo Mariano (1999). A narrativa de uma batalha espiritual concretizada em atos de exorcismo dentro do templo e a teologia da prosperidade atraíam cada vez mais conversões para o neopentecostalismo.

O número de fiéis crescendo representava também um crescimento de eleitores que, segundo Mariano (1999), estaria também sendo conduzido pelo lema “irmão vota em irmão” e que veio a se tornar “moeda de barganha” de apoio político em candidaturas partidárias não religiosas. Assim, tanto a Assembleia quanto a IURD começaram a ganhar números de eleitores capazes de inserir representantes que lutariam para “conquista de poder e atendimento dos interesses corporativos da denominação e das causas evangélicas”, MARIANO (1999, p. 91). Em meados de novembro de 1985, segundo Cunha (2022, p 41), a Ordem dos Ministros Batistas promoveu o seminário *Os evangélicos e a Constituinte*, em que também apresentavam uma reivindicação pela liberdade religiosa; bem como, a defesa de separação Igreja e Estado para que houvesse um “tratamento equânime da parte do Estado para todos os credos e confissões religiosas”.

Essa busca política pela liberdade religiosa ainda é um clamor presente nos discursos evangélicos e provém de uma ideia de perseguição que sofrem. A movimentação no cenário político brasileiro vai sendo apresentada em uma disputa de poder no espaço de reivindicação de pautas tanto espirituais quanto materiais de denominações religiosas evangélicas. Apesar de não serem um bloco monolítico e coeso, evangélicos, das diversas denominações e autônomos, vão somar forças para atuarem em defesa de pautas comuns. Os valores morais e religiosos centrados na Bíblia farão parte do discurso de união entre a ala conservadora dos evangélicos.

As relações de poder entre carismáticos, principalmente evangélicos pentecostais, e políticos, nas décadas de 80 e 90, com a abertura para redemocratização do Brasil, foram sendo costuradas em negociações de micro e macroteias, se assim podemos dizer. Poderíamos classificar de microteias as mudanças individuais de conversão que mobilizaram toda uma virada comportamental. O convertido carismático, pentecostal ou renovado, reconstrói o sentido de sua existência por meio da ação e condução do Espírito Santo em sua vida. Torna-se um renascimento, uma experiência religiosa única e subjetiva, em que o êxtase desse encontro o mobiliza para uma mudança, uma gestação de futuro.

A mudança radical provém dessa forte experiência religiosa vivenciada que ressignifica a compreensão sobre si, sobre Deus e sobre o mundo. Nessa mudança, valores morais e religiosos judaico-cristãos, em vias de santificação e purificação, são acionados pautados na interpretação bíblica apresentada pelo líder religioso. O imaginário carismático evangélico é alimentado por uma batalha espiritual que o envolve na luta entre o Bem e o Mal, em que esse Mal está presente para destruir os propósitos de Deus na Terra, bem como afastá-lo, enquanto filho escolhido de Deus, do caminho da salvação. Dessa forma, esse Mal precisa ser combatido em um viver, individual e coletivo, em oração, em vigília, em jejum, em comunidade com a participação nas atividades da igreja, em missão de evangelização proselitista, em práticas de exorcismo. O imaginário carismático evangélico é alimentado também por uma compreensão sobre a Teologia do Domínio e da Prosperidade em que ser filho de Deus significa, dentro de uma hermenêutica, ser herdeiro e escolhido por Ele para implantar o Seu Reino na Terra.

Além disso, a cosmovisão de pertença divina o impulsiona na busca de permanecer sob a graça divina, e assim seguir a Bíblia como palavra de lei e vontade divina é inegociável para se obter a salvação. Estar sobre a permanência da graça divina pode ser compreendida, muitas vezes, pela visualização da prosperidade financeira e profissional que esse fiel adquire.

Sentir-se ameaçado por uma modernidade que esteja destruindo, segundo a interpretação evangélica conservadora, valores que lhe são caros como a família, o caminho para santidade, bem como uma modernidade que esteja atrapalhando os planos de Deus para sua vida em prosperidade e domínio na Terra, fará com que o indivíduo religioso permaneça num eterno movimento bélico proselitista. Podemos inferir que existe um entrelace da microteia regente da vida particular do religioso também refletindo numa macrorrelação de busca por participação no cenário público político a partir da redemocratização do Brasil.

As articulações políticas partidárias em pleitos deram-se não apenas na esfera estadual, mas também nacional, como aponta Mariano (1999) ao tratar da participação política

pentecostal em clientelismo e antiesquerdismo<sup>98</sup>. Tomando a pesquisa tanto de Mariano (1999) quanto de Cunha (2022), podemos visualizar as relações de negociações de cargos na esfera pública em busca pelo que aponta Mariano (1999), já mencionado antes, de poder e causas evangélicas. “A defesa de privilégios fiscais para as igrejas, o combate a virtuais penalidades pela desobediência de leis restritivas à poluição sonora”, Mariano (1999, p.91), era apenas uma das molas motivacionais para o ingresso na política, além do engajamento pela ampliação do poder de influência de controle de corpos vindo pela conversão em massa através da concessão de rádio e TV. Percebia-se uma movimentação de articulação em troca de interesse, tanto a política procurou a igreja quanto a igreja procurou a política para potencializarem o poder de atuação.

Pautas moralistas sempre estiveram na linha de defesa, por interpretação religiosa, conservadora de valores à vida. Uma interpretação de seleção de passagens bíblicas produz uma construção narrativa, dotada de sentido, que apresentava ações de oposição à legalização do aborto e da eutanásia; à união civil homoafetiva; o combate às drogas, principalmente por via da descriminalização da maconha; a oposição à pornografia e a defesa do controle e censura nos meios de comunicação. Essas pautas alimentam o imaginário cristão conservador, de procura por vivência de santidade de influência puritana, a se posicionar contra a luta progressista pelos direitos humanos que apresentava uma leitura mais esquerdista de reivindicações.

O crescimento exponencial de números de adeptos ao pentecostalismo, fez com que igrejas como Assembleia de Deus e IURD fossem procuradas para consolidação de apoio. A crescente representatividade partidária pentecostal, entre 1986 a 1998, envolveu diversas disputas de pleitos, principalmente disputas majoritárias. O Partido Republicano do Brasil (PRB), depois renomeado apenas Republicanos, traz filiação principalmente de candidatos ligados à IURD, enquanto o Partido Social Cristão (PSC) é de assembleianos. Esse período foi marcado pela formação de uma Bancada Evangélica Constituinte, pela instrumentalização da igreja em presença atuante de campanha eleitoral em suas dependências em apoio a candidatos de direita, a negociações de cargos públicos, em secretarias e ministérios, e concessões de rádio e TV. Mariano (1999) relata que pastores e bispos da IURD utilizando de seu carisma de liderança persuadiam os fiéis a votarem em seus candidatos, havia distribuição de santinhos, exibição de faixas nos templos e entrevistas com os seus candidatos nas emissoras de rádio e

---

<sup>98</sup> Ricardo Mariano (1999) no capítulo destinado ao *Histórico das Igrejas Neopentecostais*, direcionado principalmente à IURD, há um subitem que apresenta as negociações políticas em busca de poder e defesa de interesses religiosos que estavam alinhados a concepções moralistas.

TV. Estratégias muito parecidas com as que foram também conduzidas na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018 e 2022 e candidaturas específicas de seus representantes. Políticos como Paulo Maluf, Fernando Collor de Melo, Mario Covas, Fernando Henrique Cardoso e José Serra, por exemplo, já receberam apoio da IURD. Nesse período também foram registrados escândalos de corrupção envolvendo políticos de igrejas de diversas denominações evangélicas que desencadearam renúncia ao cargo e cassações.

Em meio a essa conjuntura política, surgia a Associação Evangélica Brasileira (AEVB)<sup>99</sup>, liderada por protestantes históricos que começara a se preocupar com a instrumentalização da religião pela ala evangélica pentecostal (Mariano 1999), bem como se preocupava em recuperar a “imagem pública do segmento religioso” diante do envolvimento em corrupção de representantes evangélicos na política (CUNHA, 2022, p.62). Sua atuação política ia desde a produção de *Manifesto à nação brasileira acerca de charlatanismo, curandeirismo e estelionato* apresentada após a prisão do bispo Edir Macedo, apontada por Mariano (1999), quanto à confecção da cartilha<sup>100</sup> de orientação para o voto ético. Outro movimento político que se articula como ecumênico evangélico era o Conselho Nacional de Pastores do Brasil (CNPB) que fundado em 1993 veio dar amparo às diversas denominações a se organizarem em torno da defesa da liberdade religiosa dos evangélicos, como traz Mariano (1999); bem como organizar campanha anti-Lula dentro do segmento evangélico desde que fora criada. A CNPB também se apresentou contra as decisões da AEVB por acreditarem que ela apoiava bandeiras de esquerda<sup>101</sup> por apresentarem posicionamentos críticos à Bancada Evangélica por instrumentalizar a religião em favor da política.

Os embates políticos não se davam apenas dentro do Congresso, havia muita movimentação política evangélica por detrás das cortinas promovendo estratégias de alianças e ataques para atender aos respectivos interesses não apenas materiais, mas também ideológicos e teológicos. Na questão material, podemos citar as concessões de rádio e TV, o posicionamento contra a hegemonia da Rede Globo; na questão ideológica, o posicionamento anti-Lula, contra o comunismo, contra a perseguição religiosa que sofriam principalmente por parte do

---

<sup>99</sup> Mariano (1999, p.78) registra o surgimento da fundação da AEVB em 1991. Cunha (2022, p. 61-62) aponta que a AEVB iniciada em 1988 perdeu forças em 1990. Na entrevista a coluna do jornalista Octavio Guedes, ao Jornal Globo, 19/10/2022, há o registro de fundação a AEVB em 1978.

<sup>100</sup> Segundo Mariano (1999, p.95), *Decálogo Evangélico do Voto Ético* é a cartilha que fora produzida e distribuída pela AEVB para combater o curral eleitoral que se configurava por meio da manobra de pastores manipulando o voto dos fiéis. A cartilha apresentava propostas de “princípios éticos para a reflexão e orientação do eleitorado crente”.

<sup>101</sup> Segundo Mariano (1999), havia denúncia de aproximação do presidente da AEVB, pastor presbiteriano Caio Fábio D’Araújo Filho, com Lula e com a igreja católica na figura do Frei Betto.

catolicismo<sup>102</sup> e a luta pela liberdade religiosa; na questão teológica, a presença das três concepções pentecostais (batalha espiritual, teologia do domínio e teologia da prosperidade) influenciando articulações em favorecimento de pautas moralistas cristãs.

## 2.2. Política e Religião: o conservadorismo em resistência e renovação

Para compreensão do termo conservadorismo, Almeida (2019) propõe que pensemos que esse movimento sempre existiu em contextos históricos e não se reduz apenas a evangélicos, muito menos que evangélicos se reduzem a conservadores. Manter o *status quo*, principalmente em momentos de crise, é uma tarefa política conservadora. Há diversos atores conservadores e objetos de conservadorismo que podem ser ativados ou reativados durante a dinâmica da vida em sociedade, principalmente em momentos de crise nas esferas sociais.

Há um jogo político em tensão social de linhas conservadoras que se articulam com diversos movimentos em negociação para que se mantenha a ordem vigente e se evite uma revolução, em forças heréticas e progressistas. Isso pode ocorrer nas artes, na economia, na política, na religião e na ciência. Em termos revolucionários, o Brasil nunca apresentou revolução, pois nunca houve mudança nas estruturas do *status quo*, a elite que sempre esteve no poder, ditando regras e produção de bens simbólicos de condução de vida em sociedade, ainda se mantém no poder. Poderíamos dizer que há articulações dentro de cada esfera tensionadas para estreitar alianças com outras correntes conservadoras toda vez que uma crise social ou decisões sociais ficam em evidência.

Quando se trata de eleições presidenciais, muitos discursos e tensões se entrelaçam para manutenção do *status quo*. Surgem especulações no mercado financeiro, que oscilam – muitas vezes em queda da bolsa de valores e uma alta do dólar americano para forçar alianças – e, que

---

<sup>102</sup> Lembremos que o catolicismo, desde que perdera vínculo direto com o Estado com a secularização, nunca perdeu o poder de influenciar decisões, além da influência na linguagem cultural do povo brasileiro, principalmente no que tange à educação em termos de ensino religioso. Quando o pentecostalismo foi crescendo, em número de fieis, temendo ainda mais o esvaziamento nos templos, a igreja católica começou a fazer considerações depreciativas de charlatanismo e curandeirismo, por exemplo, ao bispo Edir Macedo, que o levava a ser preso por questões fiscais. Também se aproximou do pentecostalismo e influenciada por ele, um novo braço católico surgiu a renovação carismática católica. Em disputa por fieis e para firmar a existência pentecostal, ficou marcado no campo religioso brasileiro, o dia 12 de outubro de 1995, o chute a imagem da santa católica Nossa Senhora Aparecida em um programa de televisão pelo pastor Sérgio Von Helder. Alguns apontam que sob influência da igreja católica, a Rede Globo divulgava em seus telejornais denúncias sobre as movimentações financeiras das igrejas pentecostais, principalmente a IURD, além de exibir em novelas e minisséries personagens caricaturais de evangélicos em tons de deboches e de referência a pastores corruptos, como a minissérie *Decadência*.

vão favorecer esse mercado; alianças que clamam por um liberalismo econômico e um patrimonialismo.

A religião, por mais que tenha sido dito que a secularização a afastou da governabilidade de um Estado-nação como o Brasil, possui um forte poder para conduzir a população em seu agir por meio de narrativas e códigos de conduta. Não é à toa que vimos um breve contexto histórico sobre a influência da religião nos contextos históricos e políticos brasileiros.

Como vimos anteriormente, nos bastidores políticos encontramos bastidores religiosos que também são políticos e que também se articulam por meio de pautas com finalidades bem definidas. Mesmo que o segmento religioso evangélico seja bem fragmentado, e que apresente variedades doutrinárias e teológicas, as alianças em blocos conservadores e progressistas poderão se constituir de interesses colocados em comuns.

Talvez possamos considerar progressista a denominação evangélica ou apenas o sujeito religioso evangélico que compreenda as narrativas da Bíblia como contextos temporais geopolíticos e que por isso contextualiza ao tempo presente as interpretações dadas. Também talvez possamos compreendê-los como aqueles que, engajados em ajuda humanitária, abrem-se para a luta dos direitos humanos que envolvam lutas LGBTs, lutas feministas, lutas negras e lutas indígenas. No entanto, é válido pensarmos sobre o conservadorismo não apenas como presença de grupo em disputa política de pauta, mas também como algo que possa unir, em tradição, um segmento religioso.

Será que o que chamamos de conservadorismo e de movimentos conservadores são chaves para pensarmos o que há de comum, em termos religiosos do cristianismo<sup>103</sup> e que é capaz de unir correntes distintas desse cristianismo? Se assim o for, poderíamos elencar a Cristo como o filho de Deus, a fé na salvação vinda por meio dele e a Bíblia Sagrada como ideias-chave motoras para o cristianismo e que se perpetuam em todas as vertentes. Essas ideias-chaves, para Wach (1990), são os símbolos tradicionais que devem ser uma base para a unidade comum. Ou seja, haveria um conservadorismo de religiosidade cristã que mantém intactas as pilastras de uma religião em termos simbólicos. Esse conservadorismo, nas palavras de Hervieu-Léger (2015), seria exatamente essa memória que o grupo carrega sobre essa constituinte religiosa que podemos nos deleitar a estudar como ela pode ser ativada, reativada, inventada e reinventada dentro de um imaginário religioso.

---

<sup>103</sup> A relevância para essa reflexão sobre o conservadorismo no cristianismo é trazer para reflexão que há dentro da religião ideias-chave que interagem, direta ou indiretamente, nas variedades de crenças cristãs que além de estarem no imaginário coletivo são articuladas, em instrumentalização, em discurso político para agregar, por meio da manipulação, eleitores, muitas vezes utilizando-se do pânico moral/religioso e da guerra espiritual.

Essa memória de grupo é reconhecida por Wach (1990, p 51) como uma “poderosa força de coesão” que mesmo que haja a experiência religiosa, ela não se desviará do coletivo, pois ele acredita que haja “solidariedade que une os membros”. Uma linguagem simbólica, signo, poderia dizer Bourdieu (2008) (2015), em que haveria diferentes expressões de significados nas pluralidades e diversidades cristãs para cada significante. A polivalência de significados é configurada sob influências diretas da experiência religiosa individual e coletiva, institucionalizadas. Ao analisar sobre essas questões, Robbins (2011, p. 12) enfatiza que há “tipos de mudança cultural que o cristianismo tende a gerar entre os convertidos”, ou seja, a conversão ao cristianismo tende a gerar diferentes mudanças individuais e culturais, e isso vai depender de muitos fatores que são interseccionados na vida desse convertido<sup>104</sup>.

A relação mundano<sup>105</sup> e transcendência é apontada por Cannell (2006) como um tema de investigação importante para se compreender a variedade cristã. Essa relação de entendimento entre imanência e transcendência também é enfatizada por Mark Lilla como algo maleável ao cristianismo, visto que “cada entendimento subscreve sua própria teologia política” (ROBBINS, 2011, p. 16)

À medida que foram surgindo os movimentos pentecostais que se espalharam pelo mundo, começou-se a perceber o surgimento do estranho e do exótico nas práticas cristãs. A intervenção da fé no Espírito Santo movimentando o ser humano a agir de forma alheia ao que era de convívio religioso e social causava estranheza tanto em protestantes quanto em católicos, mas aos poucos foi adentrando, dialeticamente, em cada um deles deixando marcas carismáticas. O surgimento de uma nova experiência religiosa apresentou mudanças na relação Deus, homem e mundo<sup>106</sup>. A presença da alteridade no cristianismo foi percebida como uma ameaça à ordem vigente, pois até então o cristianismo estaria associado apenas a essas duas grandes correntes: católicos e não católicos. Havia uma visão dualista sobre o cristão: ou era católico ou protestante. Poderíamos inferir que sempre que algo surge como linguagem herege

---

<sup>104</sup> Tratamos o convertido, segundo as considerações de Hervieu-Léger (2008), como a pessoa que carrega a identidade religiosa

<sup>105</sup> Poderíamos tratar de mundano aqui o convertido em sua vivência, ou seja, a imanência

<sup>106</sup> Wach (1990, p. 36) vai apontar que “o conteúdo da expressão intelectual da experiência religiosa gira em torno de três tópicos de particular importância – Deus, o mundo, o homem”. Essa concepção dialoga com a de Joel Robbins (2011) ao tratar sobre Transcendência e imanência em tensões nos cristianismos. Em alguns desses cristianismos, Deus está num plano totalmente diferente e distante do mundano; em outro pode estar num plano parecido com o mundano ou próximo. Às vezes, essas tensões diferenciadas existem dentro de uma mesma comunidade (católica: conservadores, teologia da libertação e carismáticos, por exemplo; ou evangélicas; batistas, presbiterianas, pentecostal). Assim tratamos de cristianismos, no plural, que vão apresentando pontos de continuidade, ruptura, ressignificações.

ao dito ortodoxo, mesmo que essa ortodoxia seja vista em bloco unificado<sup>107</sup>, a tendência é ser combatida, pois estaria fugindo às regras estabelecidas entre católicos e protestantes.

Muitas vezes, ao se referir a cada um desses segmentos, ainda se percebe que há um tratamento universalizante a eles como um único bloco, como se não houvesse diversidades no catolicismo (renovação carismática, teologia da libertação, correntes mariana, franciscana e jesuítica, por exemplo) ou diversidades no protestantismo (presbiterianos, batistas, calvinistas, luteranos, renovados e metodistas) e dentre cada movimento protestante, ramificações. “Sempre é desafiadora a tarefa de descrever grupos religiosos”, RODRIGUES (2013, p. 1). Assim, para tratarmos de cristianismos, em movimentação política de alianças, é necessário atentar para pluralidades e diversidades de concepções denominacionais tanto evangélicas quanto católicas. Também atentar para o fato de existência de bricolagens advindas de encontros e trânsitos religiosos, muitas vezes, invisibilizadas por quem compartilha delas, ou seja, pelo próprio religioso. O campo religioso é dinâmico e apresenta movimentos de continuidade, ruptura e ressignificação.

Mesmo trazendo ressignificações e hermenêuticas, poderíamos apontar certas estruturas estruturantes no cristianismo que permanecem intactas, conservadas, em presença: a Bíblia, a soteriologia e a escatologia. A crença na Bíblia como a Palavra de Deus, palavra que traz narrativa de verdade absoluta e inquestionabilidade, é considerada sagrada por todos os cristãos. Mesmo nas diversas teologias cristãs que há, a Bíblia apresenta-se inerente à vontade de Deus para o povo escolhido. A diferença entre as teologias, dogmas e doutrinas dos diversos e plurais cristianismos, vai se compor na interpretação e nas escolhas de passagens que elas vão fazer da Bíblia. A leitura literal ou contextualizada, ou seja, ortodoxa e herética, da Bíblia, além das escolhas das passagens a darem suporte às narrativas cristãs, farão parte de pontos de divergências. Essas leituras trarão o que Wach (1990) convoca para estruturar o estudo da religião em teoria, prática e experiência religiosa, ficando no campo da teoria os mitos e doutrinas, no da prática os ritos e performances, e a experiência religiosa que vai articular interpretações individuais e coletivas sobre ambos.

A Bíblia é livro sagrado de suporte mítico para qualquer cristão expondo respostas cruciais para perguntas inquietantes (de onde viemos, quem somos, o que viemos fazer, para onde iremos); bem como vai instruir condutas a serem seguidas e como proceder em rituais

---

<sup>107</sup> A visão unificada em bloco é só para destacar que em senso comum essas chaves são acionadas para caracterizar aqueles seguidores da linha que tem o Papa e Maria Santíssima como elo que os agrega como católicos (Norget; Napolitano; Mayblin, 2017, 1-29); bem como aqueles seguidores da linha da Reforma Protestante iniciada por Martin Lutero.

diante de Deus, por exemplo, para adorar, conclamar, consagrar. Parece ser muito complicado para um fervoroso religioso cristão perceber a Bíblia como um conjunto de narrativas de contextualização histórica de temporalidade e de espacialidade, sem que sobre ela paira a voz de Deus no comando de tudo. Da mesma forma, talvez seja difícil também admitir que o Deus presente no antigo testamento seja diferente do Deus do novo testamento, que seja diferente também do que está presente hoje. Sob influência dos princípios teológicos da reforma, *Sola Gracia, Sola Fide, Solus Christus e Sola Scriptura*, as diversas correntes protestantes e pentecostais apresentam suas cosmovisões ontológicas de construção de conduta a partir da compreensão do sagrado presente na Bíblia.

Quanto aos pentecostais, a Bíblia possui um peso de valor menor em relação aos protestantes reformadores. Para pentecostais, a experiência religiosa, advinda por intermédio do Espírito Santo, tem importância maior que a própria escritura, mas isso não significa um abandono da Bíblia. Poderíamos dizer, no entanto, que há uma submissão da Bíblia a uma interpretação do Espírito, ou, às vezes, nenhuma referência a ela durante um culto. O Espírito Santo é a chave para se conhecer a palavra de Deus. Na IBREM, mesmo sendo uma igreja de avivamento, ela é de tradição protestante, e assim preza pela Bíblia como valor máximo da palavra de Deus; em todos os cultos, ela é lida e referendada como norte de pregação da doutrina, a presença do Espírito Santo está no entendimento ao que está lá escrito.

Outro ponto comum que podemos apontar é a soteriologia, a compreensão de que a salvação advém de Jesus Cristo, em quem os católicos e os evangélicos creem. Jesus é a personalidade central evocada por todo cristão para obtenção da salvação. Na passagem bíblica do evangelista João, em 14:6, há uma fala transcrita de Jesus, “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim”. Essa fala é internalizada como verdade absoluta para o cristão que vê em Jesus a única possibilidade de ser salvo e assim ir ao paraíso, ir para o reino de Deus. A busca por essa salvação é reconhecida através das escrituras presentes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

O cristão preservou o repertório narrativo judaico presente no Antigo Testamento para justificar a santidade profetizada sobre Jesus ser o Messias que fora concretizada para o povo escolhido. A compreensão sobre quem é esse povo escolhido é algo que diz respeito também a compreensões teológicas. Ao se referir sobre os protestantes, Wach (1990, p. 43) nos faz lembrar da IBREM, pois tanto ele como a igreja, reconhecem que há uma compreensão sobre haver uma comunhão de santos na comunidade dentre eles – os santos sendo aqueles que estão na igreja, aceitaram e seguem a Jesus – mas que esse caminhar para santidade é individual, “responsabilidade direta perante Deus”.

A figura de Jesus circula como linguagem cultural, no imaginário popular, também de forma a ser invocada sempre que algo ruim venha acontecer ou ser relatado, frases como “Jesus restaura”, “Jesus, tende misericórdia”, “Em nome de Jesus isso não vai acontecer”; ou sempre que algo bom também acontece, “Glória a Deus, Glória a Jesus”. A solicitude a Jesus, principalmente, para estar à frente da batalha para se alcançar a salvação e o reino de Deus é algo recorrente entre os cristãos e foi disseminada pela musicalidade gospel cantada tanto por católicos quanto por evangélicos.

Em canções como “o nosso general é Cristo, seguimos os seus passos, nenhum inimigo nos resistirá”, a figura de Jesus é convocada para estar junto ao povo, em combate, contra o inimigo<sup>108</sup>, que no imaginário cristão pode ser sempre o outro que não possua a mesma identidade religiosa que a dele. Nesse imaginário, para alcançar a salvação será preciso, como diz a música, “seguir os passos de Cristo”, ou seja, se tornar santo, se purificar e assim é criada a necessidade de se expulsar os demônios da própria vida. A conduta de vida, que performatiza a existência do religioso, em termos de ritos de purificação, vai depender de cada segmento religioso cristão, tanto orientado pelo líder religioso quanto internalizado pela possibilidade de execução pelo indivíduo. As regras de conduta serão retiradas, por meio da escolha, de passagens bíblicas.

O terceiro aspecto, sem ser o menos importante, visto que os três estão interconectados, intrinsecamente no imaginário cristão, é a escatologia. Saber como se dará o fim do mundo e para aonde se vai ao final desta vida terrena é algo de extrema importância para aquele que busca em Cristo a salvação da alma. Muitas interpretações podem ser acionadas sobre a chegada do fim dos tempos, principalmente quando não se compreende o que esteja acontecendo em fenômeno natural e social. Chaves são acionadas como mensagem da aproximação do fim do mundo. O discurso pela conversão na missão de levar a palavra de Deus, para receber a graça da salvação em Cristo e seguir em batalha para implantar o reino de Deus, pode se tornar mais corriqueiro. Wach (1990) apresenta a guerra como um fenômeno humano presente em quase todas as religiões, principalmente as abraâmicas que trazem a sanção divina.

A modernidade não exterminou o desencantamento da religião, poderíamos concordar com Hervieu-Léger (2008) que a religião foi reconfigurada em outras chaves de forma subjetivada de interpretação por meio de crenças para as quais a razão, científica positivista, não conseguiu trazer respostas. Essa concepção apresenta-se em coesão ao que Wach (1990, p.

---

<sup>108</sup> No imaginário católico, o inimigo pode ser o não católico. Já o imaginário pentecostal, em específico, tem o católico e o espírita como inimigos, mas, principalmente, será nas religiões de matriz africana que encontrará o maior inimigo de Deus, o Diabo, na figura de Exu, Zé Pelintra e Pomba Gira.

66) nos convoca a pensar sobre a experiência religiosa cuja “a atitude com relação ao ‘mundo’ que é determinada e motivada por uma experiência religiosa característica, influencia a apreciação que o homem faz dos aspectos básicos da existência humana e das formas da atividade humana”. Assim, mesmo sendo ousado sugerir, talvez seja possível tornar válida essa relação, pois ambos avaliam a possibilidade das atividades do ser humano serem atravessadas pela experiência religiosa que delegará compreensão e agir sobre a vida, bem como a relação interpessoal, mas os fatores externos a essa experiência também conduzirão o agir em sociedade, sendo uma delas a interferência de instituições religiosas e as outras intermediadas pela política e pela economia, por exemplo.

Em uma determinada sociedade também encontraremos normas e condutas que trazem ideias-chave<sup>109</sup> de convivência social que são, por assim dizer, concepções culturais de um determinado lugar. A ideia sobre família, reconhecida aqui como categoria e tendo uma polivalência semântica, vai se apresentar em termos de valor social, por controle de corpos, de forma estética e ética, em disputa de conservação tradicional e de progressão moderna. Quando atravessada pela experiência religiosa cristã, intermediada por uma instituição religiosa, o conceito de família tradicional pode ser resgatado de forma patriarcal, principalmente conduzida pelo discurso fundamentalista. Haveria, então, um resgate para se manterem vivos conceitos tradicionais, ou seja, movimentos conservadores seriam acionados e se manteriam alinhados a concepções religiosas.

Aliados ao discurso bíblico, a família pode adquirir status religioso divinatório de vontade de Deus para o ser humano implantar o reino de Deus na Terra. Estando dentro dos planos de Deus para o ser humano, ela poderá ser apresentada dentro dos planos de santidade para a pátria também. O caráter revolucionário promotor de uma nova concepção de sociedade plural atrai olhares conservadores sobre a modernidade para impedir conquistas de espaço e direitos.

O surgimento dos movimentos LGBT e feminista, reconhecidos como revolucionários em defesa de pluralidades de vivências, desencadeou pânico moral sob um *status quo* religioso cristão, no caso do Brasil, que culminou em convocação de falas fundamentalistas para garantir

---

<sup>109</sup> Essas ideias-chave numa concepção bourdieuniana poderia ser dita como *habitus* que num determinado campo de disputas tende a se manter em conservação. No campo religioso institucionalizado por regras e dogmas de fé, por meio de mitos fundantes, que orquestrarão narrativas de sentido, será incorporado na individualidade de cada ser. Cada ser irá negociar, dentro das possibilidades existenciais de vida, uma absorção do *habitus* para se manter vinculado ao subcampo institucionalizado. Quanto mais próximo o indivíduo se submeter incondicionalmente ao *habitus*, ou seja, se aproximar em obediência a ele e cultivar zelosamente pelos bens simbólicos e materiais sacralizados nesse campo, ele estará mais próximo ao que é elencado como pureza e assim adquirirá prestígio perante o Transcendente, Deus, e o reconhecimento de escolhido.

que não haja ruptura de uma concepção tradicional, de busca por uma pureza de conduta que leve a santidade, e, conseqüentemente a salvação da alma. O discurso que alimenta esse imaginário parte de interpretações literais da Bíblia, consideradas fundamentalistas e conservadoras de valores que alimentam outras compreensões sociais, como o patriarcado, base aliada a um cristianismo conservador. Sempre que um discurso libertário de heresia a ordem patriarcal vai sendo visibilizado em um estado democrático, o pânico social é reativado para contê-lo sob lugares marginais de direitos.

Democracia é uma categoria que também apresenta polivalências e interpretações. Dentro de um sistema democrático, várias vozes ficam em evidência, outras vão sendo invisibilizadas em escala de poder político. Embora o termo democracia não tenha sido exaltado por Lutero, ele faz parte do repertório protestante em busca de espaço de culto e de representatividade política. A tensão nas relações de poder vai determinar quais vozes influenciam, quais as que dialogam, quais apenas falam sem serem ouvidas e quais apenas obedecem.

Há vozes fundamentalistas que procuram resgatar a pureza dos princípios, e, por isso, trabalham em função de um conservadorismo. Há vozes que se levantam em heresia, em disputa de espaço para terem direito à fala, serem visibilizadas e adquirirem poder de decisão e de diálogo. Quando Jair Bolsonaro, aliado a algumas lideranças evangélicas e católicas, se posicionou num imaginário a favor da democracia, justificando suas falas de ataques ao STF reivindicando uma volta de intervenção militar em um momento e, em outro, ataques a pessoas LGBTs, por exemplo, não refletiu um ato democrático, pois praticou a intolerância à diversidade em um discurso de retorno a um período de totalitarismo, de imposição de submissão opressiva a um sistema de ideias e controle de corpos.

O conservadorismo religioso adentra e se alia ao conservadorismo na esfera político-social, em linhas internacionais e nacionais também. Segundo Almeida (2019), o mundo percebeu uma onda conservadora, atuante desde 2014 a 2018, que trouxe para governabilidade a extrema-direita, diante de crises sociais-políticas-econômicas, aliando-se a uma religiosidade fundamentalista. Já era possível perceber em postagens, nessa época, no Facebook do Jair Bolsonaro, entre 2014 e 2018, mensagens de apoio ao estado de Israel e de ataques ao PT, relacionando-o ao Hamas ou denunciando a volta de um suposto *Kit-gay* de 2010 no governo Dilma; bem como postagens com citações bíblicas e imagens referentes a Jesus Cristo com as criancinhas e em celebração à ressurreição. O contexto histórico brasileiro é configurado sob a influência de tendência internacional, advindas de transações financeiras. Poderíamos dizer que a sociedade brasileira tem pressupostos estruturantes constitutivos de enlacs de

conservadorismo eurocentrado, de releitura americanizada, que sofreu adaptações à realidade cultural brasileira de miscigenação, mas que nunca abandonou princípios que atendem a tradição e aos interesses econômicos liberais.

Foram apontadas, por Almeida (2017) (2019), em pesquisa, quatro linhas de força social que contribuíram para uma retomada ao poder: a economia liberal, a moralidade reguladora, a necessidade punitiva e a intolerância social. Todas essas forças atuaram também na América Latina, principalmente Brasil, convocando a muitos atores para se articularem contra a ameaça progressista revolucionária, que só existe num imaginário alimentado de invasão comunista, trazendo o fim da religião cristã e destruindo valores estruturantes sociais e sagrados como a família. A demonização do outro, outro esse contrário a um sistema que representa o eu-sujeito, sempre fez parte do repertório de batalha cristã e de um imaginário sobre um inimigo potencializado que precisa de uma massa manobrável para se posicionar em combate contra esse não-eu.

Há uma estratégia política-econômica-social e cultural para manutenção da ordem vigente no Brasil que é regida por uma elite liberal, patriarcal e cristã. Vianna<sup>110</sup> (1996) destaca que no Brasil nunca houve de fato uma revolução, apenas adaptações de disputa de poder pelo comando de governar. Para se evitar uma revolução propriamente dita que venha mudar as estruturas estruturantes da sociedade e, por assim dizer, incendiar a ordem estabelecida, criou-se, ao longo do tempo, uma ideia de suposta revolução cristã para combater a ameaça de revolução de invasão comunista. Assim, recorre-se a resgates discursivos de luta contra a revolução para se manter o que existe. Um imaginário de ideias-chave, conservadoras de realidade absoluta cristã e provindas da leitura bíblica, foi reativado para convocar uma força motriz forte de combate diante de uma suposta ameaça, não apenas espiritual, mas também contra a nação.

Existe uma renovação conservadora, uma espécie de reconfiguração na estrutura, uma adaptação ao contexto, para manter os indivíduos em suas respectivas funções e classes. Nas palavras de Vianna (1996, p. 3), “para as elites políticas do novo Estado-nação a primazia da razão política sobre outras racionalidades se traduz em outros objetivos: preservação e expansão do território e controle sobre a população.” Esse controle sobre a população recai em controle de corpos, em códigos de condutas, exercendo papel essencial para manutenção da ordem. A

---

<sup>110</sup> As referências a Luiz Werneck Vianna foram baseadas no texto “*Caminhos e Descaminhos da Revolução Passiva à Brasileira*, elaborado a partir da transcrição da gravação da conferência de mesmo título, produzida pelo autor no Ciclo de Conferências., Alternativas e Dilemas do Brasil no Fim do Século”, organizado pelo IUPERJ, Rio de Janeiro, 12-16 de agosto de 1996.

religião, neste caso o cristianismo, exerce importante destaque e, dessa forma, é convocada para auxiliar nesse controle dos corpos, principalmente num país como o Brasil, cuja religiosidade cristã, mesmo que plural e diversa, tem pilastras sustentadas em ideias-chave, trazidas na Bíblia em orientações para dar legitimidade a esse controle e determinação de lugares a cada ser. A religião torna-se uma força aliada a esse sistema de domínio. Alguns poderiam supor que a diversidade dentro do cristianismo seria um empecilho para o controle social, porém é justamente por apresentar esse leque de opções de segmentos e denominações que ele se torna tão próximo do liberalismo e da ideia de defesa da democracia concebida por alguns<sup>111</sup>. O diálogo plural religioso evangélico, principalmente em formato de células, alcança melhor o controle sobre a sociedade para rédea de conduta, pois está mais perto do religioso manipulando as interpretações para o fenômeno social.

Quando nos referimos ao termo revolução, consideramos uma ideia de ruptura com o controle de corpos, que antes eram mantidos por uma ideologia, que determina o lugar social de cada ser. O liberalismo precisa controlar a sociedade por mais que a incentive a ser plural, pois daquele ele se alimenta financeiramente. Esse controle faz parte de preservar a ordem determinante de cada função social, proletariado (o novo ser humano escravizado pelo sistema financeiro) e a elite (o patrão que comanda o sistema). As alianças entre política e religião também envolvem outras esferas sociais que trazem em si forças para articular negociações para que as estruturas não mudem. Dessa forma, a batalha espiritual, acionada em termos cristãos, é uma batalha também de conservação de princípios morais que trabalha em função de uma preservação de hierarquias, privilégios e de poder de uma classe dominante.

Princípios esses que alimentados por um pânico de ataque constante vão resultar em alianças entre as denominações religiosas para combater, com Jesus Cristo, o suposto inimigo advindo com a modernidade para destruir o reino de Deus e a nação brasileira. “Em situação de guerra os perseguidos esquecem de suas divergências sobre as palavras (...) se dão as mãos, tornam-se irmãos”, (ALVES 2005, p.11). Embora essa expressão esteja se referindo aos hereges católicos e aos hereges protestantes que se rebelaram contra o regime militar brasileiro, Rubem

---

<sup>111</sup> Bourdieu (2008) (2015) (2019) vai nos informar que todos somos produtores de bens simbólicos, mas há aqueles que os reduzem para controle social em valores e estética de privilégios, assim vai classificar esses produtores nas relações de poder, num domínio sociocultural, nos diversos campos da esfera pública. A democracia, em termos ideais de atuação, na esfera pública deveria estar sendo mais vivenciada em abertura para o diálogo com a complexidade das relações existentes no âmbito sociocultural que traz o indivíduo como sujeito construtor e também sendo objeto de construção de sentidos. As narrativas que são articuladas em âmbito particular e coletivo na esfera privada e pública vão organizando sentidos peculiares em cada indivíduo em realidades que chegam à escola. O protestantismo no Brasil, principalmente de linha Batista, vai investir na educação escolar para expandir sua linha doutrinária, de condução de vida. (Parte da explicação nesta nota faz parte do corpo do ensaio *A Democracia no Ensino Religioso perpassa questões étnico-raciais e de gênero*, apresentado pela autora ao VI CONACIR da UFJF para publicação no Anais do evento)

Alves (2005) nos remete a pensar sobre as alianças que existem entre divergentes de ideias, e, no caso, doutrinas, que se unem quando há um inimigo em comum. Rompem com as barreiras doutrinárias, quando se sentem ou são perseguidos, para juntos vencerem o mal comum.

Quando o inimigo foi apresentado como anticristo – sendo ele o PT trazendo consigo pautas de direitos humanos favorecendo lutas feministas como a descriminalização do aborto; favorecendo a união estável homoafetivo ou o não controle sobre o gênero e o sexo; favorecendo a luta antirracista e conscientização de classe –, ficou relativamente sedutor e acessível unir aqueles que trazem a religião como doutrina reta, seguidor da palavra, inquisidor. Assim, o conservador vai agindo em função de um conservadorismo. Esse imaginário de assombros e terror é sempre convocado em época de pleito ou em crise institucional, principalmente, alimentado por aproximação da vinda de um anticristo, presente no apocalipse, por exemplo.

Como já citado antes, a política precisa da religião, assim como a religião da política em favorecimentos para sustentação do *status quo*. Os discursos precisam ser alinhados para que haja esse favorecimento. Nunca os evangélicos estiveram tão participativos na esfera pública, em termos de poder de decisão governamental, restaurando valores de controle social de princípios morais cristãos. Foi observado que a estrutura de poder governamental não está centrada apenas no poder legislativo e executivo, o jurídico também faz parte de entrelaçamentos que validarão a manutenção da ordem estabelecida.

Quando observada a ação política de protestantes como batistas e presbiterianos em atuação missionária no Brasil, a educação escolar foi um território importante para fortalecer os princípios religiosos de valorização moral. A educação escolar é também um território de disputa religiosa que vai se alinhar a um controle social de corpos em função de um cristianismo e de uma ordem de vigência econômica-social. O investimento em uma educação religiosa para inserção num mercado de produção financeiro-ideológico-jurídico capacitou protestantes históricos e renovados a assumirem cargos importantes para a decisão de condução do país. Vimos isso em discussão anterior e, embora não seja nosso foco de pesquisa, é válido lembrar-se da complexidade de micropoderes que atuam sobre um controle social que se apresenta em um estado de tensão permanente.

Quando se percebe uma abertura para pautas progressistas, como a conquista de direitos feministas, LGBTs, negritude, trabalhistas, poderemos supor que houve certo relaxamento de alguma força conservadora que precisou se articular, em transações comerciais, para se manter no poder, cedendo espaço, mas mantendo tensões de controle. Jessé Souza (2019) infere que até em ceder espaço para o *não-eu*, pode ser lido como estratégia política de governabilidade

de controle social e de corpos, para vir depois submetê-los em uma nova acomodação em função do mercado vigente. Se pensarmos nessa validação de reflexão, poderíamos entender como o campo do direito abriu jurisprudência para a união estável homoafetiva, por exemplo. A tensão com o religioso fundamentalista conservador inflama e estremece as relações com outras esferas sociais que logo também articulam novas alianças para validar o discurso de um grande aliado estrategista de controle social.

Fala-se muito da participação política dos evangélicos pentecostais para decisão nas eleições presidenciais de 2018 e 2022, mas eles não representam o todo do segmento conservador, muito menos os únicos religiosos cristãos conservadores. Esse alerta é só para não reduzirmos em linhas conservadoras de representatividade religiosa apenas uma carga depositária no pentecostalismo, nem na liderança de Edir Macedo ou Silas Malafaia, em representação evangélica em discurso na esfera política.

A defesa de políticos conservadores aliados a igrejas evangélicas – seja em suas variadas denominações protestantes, renovadas ou pentecostais – está numa união em resgate conservador de valores morais. Valores que estejam alinhados a uma compreensão literal da Bíblia, que levem a santidade e por consequência à salvação da alma. Cultuar esses valores demonstraria uma identidade religiosa de pertença à filiação divina e ao destino, que segundo a teologia do domínio, eles estariam destinados a reinar sobre a Terra. Valores que trazem, num imaginário de defesa da família, enquanto uma propriedade divina, dentro dos planos de Deus, uma constituição patriarcal de ordenança e prosperidade são inegociáveis para o evangélico de qualquer denominação. Preservar a essência da família nuclear de ordenança patriarcal, em que todos estejam alinhados a um plano dicotômico sobre o ser humano em sua heterossexualidade de origem no primeiro livro de Gênesis e de obediência organizacional é uma linguagem de renovação conservadora que estará a serviço de um sistema orgânico conservador e controlador de papéis sociais.

Para essa questão, recorrer a um passado instituído de obrigatoriedades de condutas de obediência caracteriza, em linhas weberianas, um evangélico ético com Deus, com sua família nuclear e com a sociedade. Isso talvez possa explicar a defesa por uma família que, como traz na história de luta protestante no congresso brasileiro em defesa do divórcio, mesmo que ela não seja a de primeiro casamento, mas se ela permanece com Cristo – tal qual interpretação da IBREM – ela estará nas graças de Deus. Assim a obrigatoriedade de manter-se vigilante, em eterna oração, em defesa da família nuclear é de vital importância.

Em *A ética protestante e o espírito capitalista*, Weber (2004) apresenta uma explicação de valorização da ética, de uma conduta de princípios cristãos calvinistas dentro de uma linha

ortodoxa que favorecerá a um sistema econômico em linhas de produção de um trabalhador honesto, sincero e que se torna testemunha da presença de Deus em sua vida por obter êxito de lucro com seu comportamento de ascese. Caminhando por linhas de compreensão comparativa, podemos entender que protestantes históricos, renovados como a IBREM e pentecostais primam por uma ética evangélica que tende a propiciar ao religioso um posicionamento como testemunha dos feitos de Deus sobre suas vidas. Procurando agir de forma honesta e sincera, tal qual descrita por Weber, evangélicos de nosso tempo, renovam uma tipologia ideal em que os valores morais religiosos estarão alinhados aos valores sociais contra a corrupção.

Em momentos de crise ou de pleito eleitoral, por mais que a política liberal possa prestigiar a pluralidade em fortalecimento ao mercado econômico numa democracia, apresentar um quadro de instabilidade de uma suposta ameaça comunista, que venha trazer o caos para o sistema, é uma estratégia política para se convocar uma retomada de conservadorismo de combate a um imaginário comunista no Brasil que nunca houve. Vianna (1996) traz essa cena para análise ao refletir sobre o Brasil de revolução passiva, que não mudou as estruturas de base do sistema econômico.

Dessa maneira, a convocação de um conservadorismo de discurso religioso pode ser útil para se por a serviço de um discurso político contemporâneo no que tange a ideias-chave motoras para uma batalha anticomunista, anticorrupção, antifeminismo, anti-LGBTs, colocando-se em defesa de Deus, da família tradicional brasileira e da pátria. Por meio da exploração de um imaginário gerador de pânico religioso, uma aproximação em apoio político-religioso de alianças e negociações pode ser constituída. Há uma narrativa que intersecciona os discursos e lá está Deus, em máximo divisor comum<sup>112</sup>.

---

<sup>112</sup> A expressão 'máximo divisor comum' foi pensada, em licença de empréstimo lexical da matemática, para indicar que, assim como se calcula o que há de comum entre dois números quaisquer fatorando, dividindo-o (analisando-o) por números reais, obtendo o número que expressa o máximo valor numérico divisor comum entre eles; Deus se apresenta como o Ser real e presente nas duas esferas sociais, em representações simbólicas, que ao ser analisado, é possível perceber a presença máxima, em valor sobre Ele, que marcará quem está dentro e quem está fora dessa relação de diálogo entre religião e política em termos de força de poder de domínio quando acionadas de forma conjunta. Um Deus cristão, no Brasil, está nessas duas conjunturas mesmo que de forma sincrética, lembremos da formação do povo brasileiro. Uma compreensão de Deus cristão acionado em poder de domínio, em termos fundamentalistas de ortodoxia e de doutrina reta, nas duas esferas marcando valores de ordem social ameaça a existência de outras compreensões sobre Deus, favorecendo aqueles que comungam desses mesmos valores ortodoxos, em busca de poder pelo poder ou de busca por um privilégio que a governabilidade oportuniza, e assim subalternizam as demais valências de organização de vida, por serem de fora desse sistema.

## CAPÍTULO 3 – DEUS ACIMA DE TUDO

### 3.1. E o verbo se fez carne na religião e política por meio de linguagem simbólica

Muitos discursos para se tornarem legitimados dentro de uma comunidade devem compor no mínimo um conjunto de léxico do qual essa comunidade compartilha também em sentido e valores. É possível pensar assim, a partir de leituras bourdianas sobre linguagem simbólica<sup>113</sup> e em Wach (1990) sobre a experiência religiosa. Não compreendemos a experiência religiosa apenas limitada a uma experiência num ambiente religioso, ela pode ser atuante no meio social em que esteja presente um mínimo de um capital linguístico simbólico para ela ser acionada que reverbere uma concepção sobre Deus, o mundo e o ser humano<sup>114</sup>. Tentando articular uma proximidade entre os discursos de Jair Bolsonaro e a comunidade evangélica, parto do princípio da expressão “Deus acima de tudo”.

Para analisar o poder da expressão idiomática<sup>115</sup> “Deus acima de tudo”<sup>116</sup> proferida por Jair Bolsonaro em quase todos os seus momentos de fala enquanto candidato e presidente da República, escolhemos compreender os agentes envolvidos que dão veracidade em legitimação a essa expressão, ou seja, a compreensão popular, o religioso, a doutrina. Essa ordem estabelecida foi pensada para que possamos entender que há uma linguagem de capital religioso

---

<sup>113</sup> Resgato aqui minha percepção sobre a linguagem simbólica. Ela se torna um recurso para compreender o comportamento da sociedade frente a linguagens aceitas numa comunidade em termos de atribuir legalidade e legitimidade a um discurso. O ato de nominar é criação humana, da mesma forma também pode ser classificado o representar, simbolicamente, a realidade por não caber em uma única percepção expressiva, ela se torna fluida de possibilidades. O ser humano tende a querer aprisionar a expressão simbólica atribuindo valores, em conceitos ortodoxos. Lembrando que os ortodoxos são os que mantêm poder de imposição de definições objetivas sobre a realidade. Toda linguagem promove comunicação entre quem a produz e quem a recebe, em que o produtor, emissor, agrega intencionalidade e intertextualidade a mensagem dentro do contexto; cabe ao receptor decodificar essa mensagem apreendendo sobre ela um sentido que pode ser o mesmo produzido ou outros sentidos diferentes e até divergentes do produzido.

<sup>114</sup> Wach (1990), traduzido, utiliza o termo homem, p 36, ao invés de ser humano, nós optamos pelo termo ser humano por compreendermos a melhor adequação de abrangência que o termo traga. O termo homem limita-se apenas ao masculino silenciando a mulher e outras dissidências de gênero, embora possamos pensar que homem também venha evidenciar, na concepção patriarcal, o que o ser masculino se entende como proprietário de todas as demais coisas, a incluir mulher, crianças, flora e fauna. No texto de Wach (1990), a concepção de homem é remetida ao estudo da antropologia teológica, que inclui a soteriologia e escatologia (origem, natureza e destino) do homem.

<sup>115</sup> Acreditamos que o lema “Deus acima de tudo” seja uma expressão idiomática, visto que ela ultrapassa o sentido conotativo religioso para se valer de um recurso de fala e escrita de valor político muito utilizado que atraiu, por diversos momentos da história, em termos de tempo e espaço, a população, principalmente por governos conservadores e de extrema direita.

<sup>116</sup> Embora possamos encontrar vídeos que apresentem a fala de Bolsonaro exclamando essa expressão “Deus acima de tudo”, podemos encontrar também o slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” presente não apenas em material impresso em campanha presidencial de 2018 ou ao longo do seu governo, bem como uma espécie de mote utilizada por Jair Bolsonaro durante sua carreira política também enquanto deputado federal pelo Rio de Janeiro.

cristão que circula na sociedade, numa compreensão popular, antes mesmo do ser humano se reconhecer enquanto identidade religiosa<sup>117</sup>. Religião não é algo inato do ser humano, é algo construído por ele, ou seja, faz parte da cultura e de sua capacidade de imaginar, nomear e representar, simbolicamente, o Sobrenatural, gerando sentido de organização de vida, pois possui linguagem intrínseca. Assim identificamos esse capital como um verbo que talvez possa ser acionado no futuro, como uma disposição, para a ação. Depois, advém a própria experiência religiosa que o indivíduo venha a ter ao longo da vida e a quem possa atribuir o que acontece com ele ou deixa de acontecer, como obra de Deus, seja como livramento ou graça, por exemplo, ou motivo de cura. Essa experiência religiosa pode possibilitar a aproximação desse indivíduo com doutrinas de instituição religiosa por meio do engajamento por conversão ou por trânsitos religiosos.

Dessa forma, o agir, ou seja, a prática encarnada desse verbo pode ser, sistematicamente, estudada em coletividade pelo que compreendemos de *ethos* religioso. Mas a experiência religiosa não se limita a livramento, graça ou cura. Ela é o sentimento religioso indo ao encontro de encantamentos e dos espantos gerados diante da beleza que nos arrebatava de nossa existência mortal, como Rubem Alves (2005) diria, isso nos retira das nossas gaiolas de palavras. O termo ‘gaiolas de palavras’ pode ter sido usado, metaforicamente, para expressar o poder de domínio das doutrinas retas, ortodoxas, que a religião institucionalizada limita em definição de quem é Deus ou sobre as coisas de Deus. Essa experiência religiosa pode possibilitar a aproximação desse indivíduo com doutrinas de instituição religiosa por meio do engajamento por conversão ou por trânsitos religiosos. Dessa forma, o agir, ou seja, a prática encarnada desse verbo pode ser, metodicamente, estudada em coletividade pelo que compreendemos de *ethos* religioso.

O que analisaremos daqui para frente, e que chamo de chave de leitura, será uma compreensão de proposta de aproximação de linguagens que possibilitaram uma mobilização de apoio evangélico a Jair Bolsonaro. A chave de leitura invocada aqui, em linguagens, se entrelaça, em construção de sentidos, que norteiam a vida de muitas pessoas. Acreditamos que o fato de se recorrer ao mote “Deus acima de tudo” ou a um conjunto de léxicos<sup>118</sup>, em

---

<sup>117</sup> Como já dito no primeiro capítulo, o Brasil possui uma linguagem cristã de base católica que circula em capital simbólico, que foi acrescida de outras linguagens religiosas, dentre elas a pentecostal. Muitas vezes essa linguagem simbólica, que circula, vai perdendo o seu sentido original para se tornar uma fala popular em interjeição com expressão de emoção, por exemplo, como “valha-me Deus”, “misericórdia”, “diabo”, “cruz credo”, “Deus é mais”. Também já falamos nos capítulos anteriores que a identidade religiosa vai depender de como o sujeito se vê no mundo em crenças e valores assumidos em concordância com uma linha ou doutrina teológica ou filosófica, e pode se apresentar híbrida, em trânsito e cheia de bricolagens.

<sup>118</sup> O léxico e sentidos acionados remetem ao mito de origem, ao *ethos* religioso cristão fundamentalista (católico e evangélico) e aos seus princípios morais. Já tratamos no segundo capítulo sobre nossa compreensão a respeito do fundamentalismo religioso como movimento pautado no Livro Sagrado que conduz uma interpretação literal, no caso cristão, da Bíblia, ou seja, não se considera o contexto efêmero das narrativas ali presentes em

campanha no pleito ou em atuação presidencial, nos meios de comunicação, principalmente nas mídias digitais, pode ser compreendido como gatilho acionado para essa mobilização de apoio político partidário que se encontrava em estado de disposição fundante em capital de linguagem, aqui analisada, em termos cristãos, com foco nos evangélicos, representada pelo campo de pesquisa na IBREM.

Possuidor de muitas conotações, a expressão “e o verbo se fez carne”, extraído do evangelista João, pode nos impulsionar a pensar nas aplicabilidades do discurso, da ideia e pensamento para a prática no que se destina a esta dissertação. Tomado pela expressão bíblica, em contexto religioso cristão, o verbo pode ser lido, também em um sistema fixo de representação, em referência a Deus. Um conhecimento interpretativo, por parte da compreensão popular, do religioso e da instituição religiosa, de o Ser imaterial, o Sobrenatural, Deus, advir antes de qualquer matéria, sendo o criador, de que sempre existiu e que tudo move em poder, pode ser lido como chave dogmática de tronco abraâmico das religiões de revelação, passado por tradição.

Embora saibamos que o evangelista João, pertencente ao Novo Testamento, esteja no eixo cristão, a ideia do Ser sobrenatural, Yahveh ou Allah, tomado pelo sentido de “Aquele que sempre existiu e está acima de todos, pois é Deus”, como muitas vezes é proferido tanto pelo pastor Gilmar Garbero quanto por outras lideranças religiosas da IBREM, é algo compartilhado como princípio de verdade pelo tronco abraâmico. O princípio de ter na Bíblia a verdade absoluta, como já esclarecido no capítulo anterior, nos traz, à tona, a ideia de que a narrativa fundamentalista cristã se estrutura nela, como princípio de narrativa única e verdadeira adotada por religiosos protestantes históricos, pentecostalizados ou não.

As interpretações criativas a essa narrativa é que favorecerá a construção de sentidos para uma vida prática. Talvez possamos recorrer ao sentido que se constrói ao mito das origens para delegar a compreensão desse Ser acima de tudo que há e que orienta, em crença, a organização da vida, em prática, do ser humano.

A compreensão de mito, em Eliade (2016) e em Wach (1990), nos importa porque apresenta uma narrativa de cunho sagrado que remete a origem da existência de algo e de uma realidade socioreligiosa, um contar de história das noções primitivas que o ser humano constrói a respeito do tempo, do espaço e de personalidade. Uma realidade socioreligiosa, tanto coletiva

---

temporalidade e regionalismo, nem se admite interpretações plurais. O entendimento de que o que há na Bíblia apesar de ter feito parte da história cronológica torna-se um ciclo vivo, pois Deus é apreendido atemporal, Senhor de tudo, faz com que sua vontade e as orientações de condutas, também para o seu povo, permaneçam vivas.

quanto individual, capacitante para construir relações e negociações na organização da vida. Trazendo, assim, “uma realidade cultural extremamente complexa”<sup>119</sup> em que o reconhecimento do ser humano religioso no mundo pode se dar ao fato de haver um referencial Sobrenatural supremo e eterno, em linguagem mítica que reforça a ideia do sujeito ser criatura mortal. Essa mortalidade humana é compreendida em decorrência de um acontecimento mítico que tenha provocado o fim da existência humana ou do próprio mundo; da mesma forma, o alcance à imortalidade provém de outro fato mítico que possibilitará o retorno à condição de eternidade, a soteriologia e a escatologia. O mito das origens traz uma revelação de uma sacralidade, em que o ser humano o tornará significativo em valor, pois vai desvendar perguntas cruciais para a própria existência, para a compreensão da vida e agir no mundo.

A reverência a Deus, atribuindo-Lhe o comando de tudo que há, de tudo o que acontece na Terra, no país e principalmente na vida do religioso cristão é tratado, por ele próprio e pela comunidade, em um lugar sagrado, em linguagem mítica de oração por meio de louvores, clamores de piedade e misericórdia e de glorificações. O imaginário de onipotência, onisciência e de onipresença de Deus garante a crença numa justiça divina, teodiceia, que repousa sobre aqueles que estão debaixo da proteção divina e avassala os que estão fora de uma aliança com Ele. Esse imaginário religioso, num sentimento de pertença divina de um reino, vai fazer-se presente nas diversas dimensões da vida do indivíduo, principalmente, se ele for fundamentalista. A vida daquele que constrói o sentido da vida procurando seguir os fundamentos bíblicos, em ortodoxia de doutrina reta e em ascese, é marcada pela procura pela santidade em todas as dimensões – afetiva, profissional, social, econômica, saúde, alimentar.

Em sociedade, o ambiente sagrado não está presente a todo o momento para expressar a experiência com o sagrado, a experiência religiosa, individual, abrirá diálogo em negociação com outras experiências que incorporarão esse indivíduo na sociedade. Talvez seja pretensão considerar que toda experiência religiosa, individual, determinará como se darão as outras experiências pelas quais o sujeito passará. Mas podemos pensar que o religioso subalternizado por essa experiência religiosa se posicionará, de forma social ou simbolicamente, em negociação de sociabilidade em que ele buscará romper com o velho ser anterior a essa experiência.

Diante disso, também podemos refletir que as experiências que o indivíduo passa vão moldando seu agir no mundo e dentre essas experiências a religiosa possui um valor grandioso, pois vai envolver questões ontológicas de ser e estar no mundo. O evangélico fundamentalista,

---

<sup>119</sup> Eliade (2016, p. 11)

em ascese, tende a se afastar do mundo por o considerar imundo e assim profano, para buscar tornar sua vida santa e vivenciar o sagrado, norteando as dimensões da vida, descritas por Rodrigues, unguídos por Deus. Se possível, rompe relações familiares que entrem em desacordo com sua experiência religiosa para que sua santidade e conquista do reino de Deus, na Terra, em prosperidade, e no céu, com a salvação da alma, sejam alcançadas.

Essa seria uma forma de tentar controlar e submeter as outras experiências de vida à experiência religiosa, essa linguagem podemos encontrar na IBREM. Tal construção narrativa pode nortear toda uma negociação de sentido, munido da concepção de sagrado e profano, que promoverá uma ação no mundo. Ora, se Deus está no comando de tudo, nessa construção de veracidade narrativa, por parte de um sujeito e comunidade religiosa, acionada em campo de pleito eleitoral, pode-se recorrer a uma busca de sentido de que se está sob a proteção de um sagrado, pois a Ele se busca. A primeira proposta de se converter para Deus provém de uma declaração que Ele é Deus e Senhor de todas as coisas, inclusive da própria vida desse sujeito. Essa compreensão evangélica é adotada como parte da experiência religiosa do sujeito e está presente na compreensão também da IBREM.

É notória a presença de uma linguagem simbólica na oralidade e nos textos produzidos por Jair Bolsonaro, em mídias digitais, evocando a presença de Deus, da expressão “Deus acima”, de representatividade de imagens de Jesus crucificado ou entre as criancinhas e de referências a passagens bíblicas. Essa presença pode ter sido um recurso estratégico de discurso político, como alguns cientistas políticos trazem para reflexão, bem como pode representar uma expressão externada de experiência pessoal de Jair Bolsonaro que pode ter sido compreendida por um grupo evangélico como um sinal simbólico de declaração de primeiro passo para a conversão.

Esse entendimento concatena com o de Wach (1990) e com outros pesquisadores<sup>120</sup> que compreendem que o religioso leva para vida pública o privado, ou seja, se há uma internalização significativa de sentido que atribui ao que acontece no mundo ser por vontade de Deus, da divindade Dele estar acima de tudo, e isso reverbera nas relações sociais que são estabelecidas, pois têm uma forte influência a partir dessa concepção. Não há um só momento que a IBREM não considere como verdade tudo o que acontece ser da vontade de Deus, sempre nas liturgias do culto, é dito que tudo é obra de Deus, as passagens bíblicas são o suporte para esse credo. O fiel é sempre lembrado que deve se entregar ao Espírito Santo para que o entendimento da

---

<sup>120</sup> Destaco aqui Max Weber (2011, p12), em estudo, por elencar tipos de orientação que levam para o agir do ser humano: a tradição; o afeto; a expectativa de comportamento e objetivos de situação externa e de outros indivíduos; o comportamento estético, ético, religioso.

palavra de Deus lhe seja concedido, que seja ungido de sabedoria, a fim de que ele se torne santo no mundo e assim seja testemunho. Lembrando o que já vimos no primeiro capítulo, de interpretação pastoral fundamentalista, a razão humana pode estar a serviço do mundo diabólico e a sabedoria provém somente de Deus.

“Em nome de Jesus” é também uma expressão muito corriqueira no meio evangélico. Nela, Ele assume sentidos determinantes na condução da vida do evangélico, sendo exaltado na sua condição humana e também na santa de filho de Deus, principalmente por ter sido por meio dele a vinda da salvação das almas, a soteriologia. Jesus é uma personagem mítica que faz parte da doutrina fundante dos cristianismos. Ele poderia ser considerado uma categoria que é acionada num universo religioso pelo qual, em narrativas bíblicas estão relacionadas a vários significados valorosos como, por exemplo, filho de Deus, o messias da linhagem do rei Davi, o salvador, aquele que cura e livra do mal, opera milagres. Lembremo-nos das solas luteranas que se perpetuam no segmento protestante histórico e no pentecostal. O “somente Cristo” trazendo salvação impulsiona o evangélico a tudo fazer em seu nome, reafirmar sua glória em sua vida. É possível perceber que as igrejas evangélicas renovadas, como a IBREM, ampliam essa concepção adicionando o Espírito Santo em seus louvores e exaltando a ação Dele em suas vidas.

A narrativa do dia de Pentecostes e os dizeres atribuídos a Jesus a respeito do Espírito Santo, no Novo Testamento<sup>121</sup>, poderiam ser apontados como componentes de um mito de origem que impulsionou a compreensão da ação do terceiro ente da Trindade Santa de Deus a mobilizar toda comunidade para pregar o ensinamento de Jesus movido por esse Espírito. A liturgia do culto evoca sempre a presença do Espírito Santo para encher os corações dos fiéis a fim de movê-los para agir conforme a vontade de Deus. É recorrente na IBREM ministrações que exortem o fiel a procurar ser íntimo de Deus, de aclamá-Lo como Senhor de sua vida, de evocar a presença do Espírito Santo e de declarar Jesus como seu salvador. Os membros da igreja são sempre alertados que devem procurar, em espírito de verdade e movidos pelo Espírito Santo, envolverem-se por Deus em nome de Jesus Cristo; e assim são orientados, em narrativa bíblica e por meio de ministrações, a sempre buscar a experiência religiosa não apenas dentro do templo, mas em todo lugar em que estejam para serem santos.

O fiel é sempre envolvido por passagens bíblicas nas liturgias e encontros religiosos nos cultos que o vão conduzir a compreender a vontade de Deus enquanto agir na sociedade, orientando a materializar os ensinamentos em condutas sociais. A influência das solas luteranas

---

<sup>121</sup> Atos dos apóstolos 2,1-13; João 14, 15-31; João 16, 5-16; 1 Coríntios 2, 6- 16

não foi abandonada pela igreja renovada como a IBREM, podemos dizer que ela foi acrescida pela presença do Espírito Santo para mover o religioso nesse agir. Assim, o que pode ser compreendido acerca do verbo envolve não apenas Jesus, como figura mítica, mas o próprio Espírito Santo também pode ser concebido como integrante desse verbo.

“As doutrinas são protegidas por definições bem nítidas, que cristalizam e clarificam os sentidos e significados”, (WACH, 1990, p 60). Elas vão estabelecer regras de conduta que desaguarão no *ethos* religioso, pois ele será conduzido para um tipo ideal de *ethos* que se almeja construir. Esse *ethos* procede da narrativa ortodoxa da realidade imaginada e que atribui sentido e significado a tudo, partindo de um princípio hermenêutico. Embora percebamos que o sujeito religioso, em sua subjetivação, pode fugir a esse ideal, ele é constantemente conduzido para procurá-lo. Tomando algo análogo a questão de se conhecer o mito, Eliade (2016) nos permite pensar que o fato de o religioso evangélico apreender sobre esse conhecimento que o rege, em ordem divina, de ser escolhido por Deus para ser seu filho, de ter como modelo exemplar o Filho de Deus Jesus, ter com Ele uma irmandade e por meio do sacrifício a expiação dos pecados promove uma experiência religiosa que mobiliza a vida prática.

O fato de o religioso conhecer e crer no segredo divino de sua criação e do mito da salvação, isso pode possibilitar garantia de luta para se pôr em batalha de vitória como se já estivesse determinada essa vitória por ser quem é, bem como em estar fiel a Deus. Poderíamos apontar que o sujeito religioso constrói uma linguagem simbólica, em representatividade de esperança depositária de sentido verdadeiro, na fé, sobre Deus. Essa fé em Deus poderá ser vivenciada em espírito de verdade com o Incondicional quando apreendido pelo indivíduo em representação simbólica.

Por diversas vezes, lideranças da igreja IBREM evidenciaram, em fala, ser Deus a única esperança que o fiel deve ter, não apenas a última, mas a única. “A fé é capaz de mover montanhas e quando Deus estende a mão para nós, podemos superar qualquer obstáculo. Jamais estaremos sozinhos, pois Ele está sempre cuidando de nós!”<sup>122</sup> A fé nesse entendimento de Deus acima de tudo, que concede a graça para superar os obstáculos e que cuida, torna-se um conforto para o cristão evangélico em esperar e confiar Nele. Os testemunhos compartilhados pela comunidade vão atribuir uma concretude nas narrativas das obras de Deus sobre o povo escolhido, que será incentivado a se manter fiel a Ele por meio do zelo pela palavra bíblica. Essa linguagem simbólica provinda da fé em Deus é compartilhada por Jair Bolsonaro também.

---

<sup>122</sup> Palavras do pastor Gilmar no culto, 23 de maio de 2021.

Durante a campanha presidencial, em setembro de 2018, o então candidato Jair Bolsonaro sofreu um atentado à faca. Na época, circularam via mídias digitais, ilustração e montagem de imagens com a presença de Jesus ao lado dos médicos e de Bolsonaro. A presença de Jesus ao lado dos médicos, que cuidavam de Bolsonaro, torna-se uma leitura cristã remetida à linguagem de Jesus ser o médico dos médicos; bem como estar ao lado de Bolsonaro, remetaria a crença que Jesus sempre cuida de seus filhos fiéis.

Poderíamos apontar que esse fato tenha começado a ser lido, por assim dizer, como um mito de origem, pois mobilizou uma leitura mítica, adotada tanto por Bolsonaro quanto por outras lideranças políticas. A associação dele com Jesus Cristo acionada para a interpretação salvífica por ter derramado sangue pela nação brasileira e quase ter morrido foi representada em linguagem imagética que circulou via redes sociais em grupos evangélicos e familiares. O próprio Bolsonaro, segundo alguns jornais, comparou esse episódio à ressurreição de Jesus, pois considerou um milagre estar vivo para que se cumpra a missão de salvar o Brasil do comunismo e proteger os valores cristãos. O sobrenome Messias do candidato pode também ter favorecido essa associação<sup>123</sup> de interpretação de projeção messiânica.

Em aparições públicas anteriores ao pleito de 2018 é possível perceber um envolvimento de Jair Bolsonaro com algumas lideranças evangélicas, como o pastor Silas Malafaia na inauguração da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, em fevereiro de 2015. Na época, escreveu que ambos eram vítimas das mesmas pessoas, “quer por preconceito, intolerância”<sup>124</sup>. No mesmo ano, 2015, participou junto com pastor Silas Malafaia, Sóstenes Cavalcante e Magno Malta da Marcha para Jesus que trazia o lema “Família como projeto de Deus”<sup>125</sup>. Foi possível

<sup>123</sup> O fato de Jair Bolsonaro ser aclamado com o apelido mito foi – segundo matéria veiculada no caderno Valor Econômico, do jornal O Globo, datada de 20 de outubro de 2022 – atribuído a Jair Bolsonaro, segundo ele próprio diz ser referência antiga desde criança, por ter canela branca e assim ser chamado de palmito, depois reduzido para mito. Também na matéria é apontada, depois, a referência ao fato de ele produzir frases de efeito nas suas declarações extremistas, assim sendo uma derivação do verbo mitar provindo da internet. Disponível em <https://valor.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/20/por-que-bolsonaro-e-chamado-de-mito.ghtml>. Acessado em 04/01/2023. Mas aos poucos, podemos perceber que esse sentido tem fugido ao da narrativa apontada por Bolsonaro ao termo e passou a adquirir expressão semelhante ao que Eliade (2016) explica sobre mito: como um exemplo a seguir pelos seus seguidores mais exaltados. Não consegui observar nenhuma referência a Bolsonaro como mito pela liderança da igreja IBREM e nem em sentido religioso. Isso talvez se deva ao fato de a igreja ter a compreensão que não há modelos de ser humano a seguir, pois a preocupação maior é com a vida espiritual que regerá a vida terrena, seguem as Solas luteranas. No instagram da Ibremoficial, 17 de maio de 2021, há a seguinte declaração que mostram a importância das Escrituras: “A palavra de Deus que gera uma igreja santa, portanto, a Bíblia está acima da Igreja”. A palavra igreja gravada duas vezes, uma em minúsculo e outra em maiúsculo, pode apresentar dois sentidos: igreja enquanto ser humano, e Igreja enquanto comunidade e povo de Deus.

<sup>124</sup> Essa informação pode ser acessado no facebook <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./441734279308897/?type=3> último acesso 10 de janeiro de 2023

<sup>125</sup> <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./492875330861458/?type=3> último acesso 10 de janeiro de 2023

observar que havia uma aproximação entre algumas lideranças evangélicas durante a Marcha para Jesus de 2015 que partilhavam de amizade com a figura pública de Bolsonaro. Essa participação de Jair Bolsonaro representa um ato simbólico importante para o meio evangélico, pelo fato de indicar o compartilhar de uma realidade que busca a Deus em projeto de família e de vivência. No Instagram da IBREM, no dia 09 de junho de 2017, há um cartaz de divulgação, conforme imagem 3, da 24ª Marcha para Jesus, em Juiz de Fora, com o tema “Família, a base da sociedade”. Uma linguagem imagética do rosa e do azul, destinados à representação da mulher e do homem, no imaginário evangélico é reforçada em linguagem implícita ao conceito de família.

### Imagem 3 – 24ª Marcha para Jesus com Silas Malafaia em Juiz de Fora



Fonte: Instagram @ibremoficial

Compreendendo as igrejas renovadas em uma nova chave de leitura que mobiliza a ação do Espírito Santo para o agir, num entendimento que somente inundado pelo Espírito Santo, esse religioso será capaz de seguir a Cristo com fidelidade, pois se esvaziou de si mesmo e se entregou às obras de Deus, poderemos refletir sobre uma identidade de quem são os filhos de Deus. Uma leitura pentecostalizada da relação Deus e o ser humano por meio da ação do Espírito Santo parece não ser apenas o que aproxima o pastor Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, e a IBREM, uma concepção sobre família, homem e mulher também está em evidência em linguagem conservadora cristã. Já abordamos sobre essa questão nos capítulos anteriores, mas vale lembrar a presença do pastor José Linhares nas dependências da IBREM, em palestra, que divulgou o livro “Como ser ou não ser” e no curso Casados como Cristo e a Igreja.

Observando falas do pastor Gilmar Garbero, podemos perceber essa compreensão de identidade religiosa: “Ter o Espírito Santo é como ser um copo cheio. Ser batizado n’Ele é jogar

esse copo no mar e mergulhar nessas águas profundas”<sup>126</sup>; “Jesus não te salvou para você só ocupar banco de igreja. Quando Jesus subiu aos céus, Ele falou para que nós continuássemos as obras Dele”<sup>127</sup>. A compreensão do se sentir cheio do Espírito Santo revigora a crença do fiel em ter acesso a imensidão da vivência com Deus, da mesma forma que mobiliza o crente a agir conforme Jesus o fez. A presença de Jesus na experiência religiosa cristã é analisada como modelo exemplar por Eliade (2016, p147) que proporciona um comportamento mítico tornando-o “a própria fonte de sua existência”. O fato de Bolsonaro ter se submetido ao batismo nas águas pelo pastor Everaldo vai sinalizar, para o evangélico em 2016, essa adesão ao desejo de mergulhar na obra de Deus em entrega e decisão de mudança.

No culto em que Silas Malafaia, 30 de outubro de 2018, declara que Jair Bolsonaro foi o escolhido por Deus para governar o país, pois segundo a exegese evangélica “Deus capacita os escolhidos”, podemos encontrar a linguagem simbólica valorosa para o evangélico de que tudo vem da graça de Deus. No *post* no Instagram da IBREM, de 2021, podemos observar uma possibilidade de releitura que aparece nas seguintes palavras “Deus não unge sistema, ele unge pessoas para cumprir um propósito”<sup>128</sup>. Uma linguagem simbólica pode ser interpretada de forma denotativa, em objetividade ortodoxa, ou de forma conotativa em subjetividades e polivalências de entendimento. No caso evangélico aqui analisado, um entendimento sobre essa frase, pode gerar um favorecimento de apoio, renovado a Bolsonaro, por compreendê-lo como ungido por Deus e assim capacitado para cumprir o propósito de trazer uma compreensão de moral conservadora cristã e um *ethos* a ser imposto por via de lei política.

No vídeo de transmissão do culto da virada de 2018<sup>129</sup>, da IBREM, para o primeiro ano de governo do presidente Jair Bolsonaro, foi possível perceber a aproximação de linguagens projetadas de anseios e crenças religiosas com os seus discursos no que tange a concordar com o restabelecimento dos valores morais cristãos no Brasil e de uma governança econômica liberal a partir da declaração de concordância e felicitação com o novo presidente, proferida pelo pastor Gilmar. A presença de um painel<sup>130</sup> no palco, durante esse culto, sugerindo os muros de Israel e o contorno iluminado sugerindo construções israelenses pode ser lido como um resgate de

<sup>126</sup> Pastor Gilmar Garbero, 17 de junho de 2019, via instagram Ibremoficial.

<sup>127</sup> Pastor Gilmar Garbero, 30 de maio de 2019, via instagram Ibremoficial.

<sup>128</sup> 24 de julho de 2021, <https://www.instagram.com/ibremoficial/>

<sup>129</sup> Não será possível colocar o link do culto, visto que ele não está mais disponível no canal do YouTube da IBREM, mas ele foi assistido por mim em 30 de setembro de 2022 nesse canal do youtube.

<sup>130</sup> Foi possível perceber a presença desse painel ao longo do ano 2019 por meio do assistir no canal do YouTube da IBREM a diversos cultos na sede, durante a pesquisa no ano de 2022. Há no Instagram Ibremoficial também registro de fotos do painel ao longo do ano de 2019. Além da presença da estrela judaica, em algumas fotos, no instagram Ibremoficial, como o de 11 de setembro de 2017, em que há o pastor Gilmar, a frase “Que a nossa igreja não seja conhecida por nada mais do que a dedicação à oração e à palavra”.

desejo de volta às origens, de um período histórico num reviver o tempo litúrgico no rito<sup>131</sup>. O imaginário cristão acerca da relevância de Israel como povo escolhido de Deus parece ter sido um recurso de representação utilizada pela igreja para impulsionar a interpretação de que o Brasil é o povo escolhido de Deus, e por meio da IBREM, há uma missão de avivamento em missão de evangelização. Na busca por compreender o poder que um símbolo e uma imagem exercem sobre o imaginário de um sujeito, podemos nos referendar em Eliade (1991) que ao propor que a imagem é uma linguagem comunicativa entre o sujeito que a produz e o(s) sujeito(s) que a recebem, apresenta a ideia de que ela não é representação de imitações do objeto representado e assim, desenvolve o pensamento que ela seja uma invenção interpretativa submissa a um compartilhar coletivo para adquirir poder de sentido, que quando acionado pelo universo religioso agrega valor sagrado.

Há uma tendência de judaização do cristianismo evangélico, pentecostal e renovado, que poderíamos apontar num campo simbólico de um resgate às origens do povo de Deus, talvez como num movimento desejoso a um imaginário de pureza de orientação de conduta instituído pelo próprio Deus, no Antigo Testamento, para se diferenciar daqueles que não são o povo de Deus. Deste modo, símbolos como a estrela de Davi, por exemplo, farão parte de um léxico neste contexto, assim como o próprio imaginário sobre Israel. Uma Israel, que em hermenêutica bíblica, pode apresentar multivalências para o evangélico, dentre elas a de um povo escolhido por Deus, que se põe em aliança com Ele, que rompe com essa aliança, mas a reata para estar sob a proteção divina, uma proteção divina que ouve o clamor dos seus filhos fiéis, se põe em batalha por eles e vence o inimigo. Essa compreensão é acionada na IBREM em linguagem simbólica.

Jair Bolsonaro procurou aproximar o governo brasileiro com Israel, uma marca registrada em publicações dele na presidência da República e enquanto deputado federal<sup>132</sup>, pode ter sido pensada, estrategicamente, para agregar ainda mais a participação evangélica em força de apoio ao novo governo. Não se sabe ao certo se houve essa relação de forma pensada, mas podemos perceber através do ano de 2019, por meio da exposição do painel na IBREM

---

<sup>131</sup> Eliade (2016, p 147) fala que o cristianismo aceita o tempo linear da história, mesmo celebrando o tempo litúrgico de forma circular, ou seja, “o Mundo foi criado uma única vez e terá um único fim; a Encarnação teve lugar uma única vez, no tempo histórico, e haverá um único Juízo”. Embora essa descrição possa ser lida para todos os cristianismos que há, é válido lembrar que é no rito que acontecem performances para reviver e ressignificar esse tempo litúrgico que pode apresentar diferentes interpretações.

<sup>132</sup> Na presidência, Bolsonaro apoiou a transferência da embaixada de Israel para Jerusalém, seguindo o governo dos EUA. Da mesma forma, há postagens, nas mídias digitais, parabenizando Israel. Enquanto deputado federal, em sua página do facebook, Bolsonaro informa que protocolou nota de apoio ao estado de Israel porque, segundo ele enquanto denunciante, o governo petista apoiava o Hamas, <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./345695702246089/?type=3>

que houve uma sintonia de linguagem. Como já foi dito antes, Israel torna-se uma imagem que foge ao concreto, ou seja, não se reduz a sua forma real de país, vai para além dessa alusão, permeia um imaginário apresentado “na qualidade de feixe de significações ou um só dos seus numerosos pontos de referência”, Eliade (1991, p. 16).

A musicalidade, parte integrante da liturgia, prepara o fiel para se entregar ao que será dito. Houve um momento performático, imagem 4, antes da ministração do pastor Gilmar, no culto da virada, que chamou atenção: as pontas da saia da cantora Cris Araújo, durante uma música, foram desprendidas da cintura e se transformaram numa grande bandeira nacional, o que levantou aplausos da comunidade.

#### Imagem 4 – Culto da Virada de 2018, Musical de Ano Novo



Fonte: Instagram @ibremoficial

Podemos compreender que o rito se torna, portanto, um momento capaz de retomar uma coletividade integradora da comunidade que vem desenvolver o grupo religioso<sup>133</sup>. Esse grupo ficará disposto para desenvolver um espírito cristão coletivo, que estará em negociação com cada subjetividade ali presente. O fato de um desenrolar da bandeira nacional, de forma performática, durante o culto talvez possa ser compreendido como colocar o Brasil sob a proteção divina, a serviço de Deus que está no controle de tudo, pois está acima de todos. Essa interpretação em termos de linguagem simbólica vai representar um alinhamento objetivo de sugestão de apoio a serviço da pátria, já que a bandeira é símbolo nacional que remete a uma identidade nacional. A apropriação da bandeira nacional sendo direcionada a um movimento

<sup>133</sup> Wach (1990, p 56-62) desenvolve essa ideia de que o culto possui elementos que tem poder integrador capaz de unir indivíduos individualistas produzindo o sentimento de fé religiosa, determinando e organizando o espírito do grupo.

ufânico foi uma característica do bolsonarismo durante o pleito e o período presidencial. Bem como, também pode acionar um sentido subjetivo de missão evangélica de vivenciar o tempo de Deus para o Brasil, para cada cidadão brasileiro ali presente em prosperidade sob o comando do escolhido, ungido e capacitado por Deus para esta cumprir Seu propósito de reino na Terra.

A experiência religiosa do indivíduo em contato íntimo com Deus, durante o culto, é apenas um momento reconhecido como alimento coletivo. Essa experiência deve ser estendida a todo instante por meio do mergulhar na entrega do Espírito Santo para assim reconhecer em veracidade e sinceridade de coração Deus acima de tudo e assim se posicionar no mundo como filho de Deus. Tomada como campo de pesquisa, a IBREM apresenta essa compreensão por meio da pregação de lideranças em cultos, ministração de palestras e cursos. A ideia de que todos os seres humanos são livres para escolherem o bem ou o mal mesmo diante do chamado de Deus para se converter ao seu reino é algo presente em algumas denominações evangélicas. A liberdade é um bem precioso para o evangélico e assume uma chave de interpretação também elencada por Jair Bolsonaro.

### 3.2. A liberdade vos libertará?

Noticiado pelas mídias, em 2018, como o candidato que mais falava sobre a liberdade, Bolsonaro define o seu entendimento sobre liberdade

Liberdade é um princípio fundamental. Liberdade de ir e vir, andar nas ruas em todos os lugares deste País. Liberdade de empreender. Liberdade política e religiosa. Liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas. Este é o país de todos nós, brasileiros natos ou de coração, um Brasil de diversas opiniões, cores ou orientações. Como defensor da liberdade, vou guiar um governo que defenda e proteja os direitos do cidadão que cumpre seus deveres e respeita às leis. Elas são para todos, porque assim será nosso governo: constitucional e democrático.<sup>134</sup>

As ideias sobre a liberdade definidas por Jair Bolsonaro, como em um verbete de dicionário, incorporam interpretações de senso comum que invisibilizam os sujeitos e contextos implicados na ideia de liberdade. Ao longo dos quatro anos de governo, movimentos sociais que lutam por direitos humanos, em políticas públicas, denunciaram o descaso e as infrações cometidas tanto por Bolsonaro quanto por ministérios motivados pelo mote *O Brasil é laico, mas este governo é cristão*. Liberdade e cristianismo, em prática governamental, não

<sup>134</sup> [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/29/interna\\_politica,1001153/liberdade-e-deus-dominam-discorso-de-bolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/10/29/interna_politica,1001153/liberdade-e-deus-dominam-discorso-de-bolsonaro.shtml) último acesso 15 de fevereiro de 2023

dialogavam com oportunidade de direitos para todos. Um exemplo sobre essa questão é a extinção de sete órgãos colegiados, em 2019, que eram responsáveis por proteger, investigar denúncias e elaborar políticas públicas em defesa da população quilombola e negra, além da presença de racismo religioso com as religiões de matrizes africanas. Também no primeiro ano de governo de Jair Bolsonaro, houve a extinção da secretaria responsável por elaborar políticas públicas de combate à discriminação à população LGBT.

Quando tratamos de liberdade, o protestantismo, em seu princípio, se sustenta na luta pela democracia. São expressões tradicionais de um protestantismo histórico de rompimento com o cristianismo católico, de uma época em que Lutero apresentou um Deus conciliado com o símbolo da liberdade. Ser livre significaria, então, ser capaz de decidir por si só, de fazer escolhas e assim declarar a confissão em Cristo sem intermediários, poder se qualificar para compreender por si só as escrituras, sem tradutores. Uma luta pela consciência e pela liberdade provocou uma racionalização do mundo e a modernidade. As palavras, em 2018, de Jair Bolsonaro convocavam o princípio protestante de liberdade, uma memória histórica e mística, que atraía a ala protestante. Já vimos anteriormente, que tanto protestantes missionários quanto pentecostais, sempre apresentaram oposição aos católicos para se diferenciar e legitimar sua presença no campo religioso. Ser livre é essencial para se entregar a Deus e assim receber os benefícios dessa entrega, essa compreensão também é partilhada pela comunidade IBREM. Datada como mobilizadora de uma saída do período medieval e introdutora da modernidade e de todo um período iluminista de ideias e democracia, o protestantismo pode não ter se modernizado e talvez continue a promover um período medieval de avassalamentos.

A proposta da modernidade prometeu um imaginário de multiplicidade democrática de pensamentos e de inserção de todos os brasileiros nos direitos e no seu governo, de acordo com Bolsonaro. O entendimento sobre modernidade, compartilhado pela IBREM, envolve a presença de pastores de outras comunidades de confissão batista refletindo sobre a vida cristã. Quando o pastor Gilmar descreve a IBREM, como já analisado antes, como uma igreja moderna, ele a expõe como uma igreja que compreende as necessidades diárias da comunidade dentro da sociedade. As necessidades diárias, em busca de cura e libertação dos problemas e aflições, são apresentadas ou reveladas, durante a liturgia do culto, e proporcionam o desejo de restauração do sujeito e família. E assim, ser livre para criar os filhos sem interferência das coisas do mundo, também pode ser resultado dessa ideia de ir e vir sem ser incomodado por algo que venha a desvirtuá-los do caminho.

Ao analisar determinadas situações, as concepções sobre modernidade e liberdade, dentro da proposta de espírito protestante das origens, parece ter sofrido algumas mudanças ao

longo dos anos e essas mudanças podem ter se alinhado a proposta de governo de Bolsonaro, que agregou apoiadores conservadores, a bancada evangélica e os militares para participarem de seu governo. Embora modernidade e liberdade estejam na origem, não tem como permanecer intactas até hoje dentro do sistema de crença protestante atual. Weber e Alves (2005) mantêm uma linearidade nessa perspectiva de que o protestantismo mudou e não comporta mais harmonia entre liberdade e modernidade, ou se aproxima da modernidade ou se aproxima do espírito da liberdade das origens.

Ao se aproximar da modernidade, o protestantismo pode se abrir para compreensão progressista religiosa, em diversas teologias com hermenêuticas possíveis de heresias e indecentes diante das ortodoxias. Freston (1999, p 336-337) já diz que no Brasil houve uma proposta de unificar diversas denominações protestantes em torno de um projeto político, mas que nessa tentativa, a democracia é “meramente instrumental” para alcance político, e que quando alcançassem o poder haveria “concorrência ideológica interna”. Se fôssemos aprofundar essa questão, poderíamos discutir com maior propriedade sobre o dinamismo protestante em denominações progressistas e conservadoras em campo de aproximação e rupturas que provocaram perseguições e expulsões de membros da igreja durante o período da ditadura militar, bem como durante o pleito e governo de Bolsonaro. Assim poderíamos compreender que liberdade é uma categoria que apresenta variações de sentidos. Se antes, a liberdade representava uma aspiração por se afastar das manipulações de controle de um sistema econômico e de um sistema de crenças e de condução de vida atrelados a uma religião que os mantém; hoje, essa liberdade já não existe por pactos de apoio a um sistema que os controla e que os atrai em relações de poder.

Segundo Alves (2005, p. 52), o espírito protestante consistia numa “vigilância contra os ídolos seculares e sagrados, uma recusa de se ajustar ao *status quo*, uma rebelião iconoclasta que nega obediência a qualquer ordem estabelecida”. Isso implicaria, por tradição, uma recusa a estar num posicionamento de favorecimento a uma pessoa que estivesse sendo figurada como ídolo e a seus dizeres que mantivessem um sentido de verdade absoluta diante uma realidade relativa. O personagem Jair Bolsonaro enquanto candidato à eleição de 2018, governo e candidato à reeleição, foi apontado, conforme já dissemos antes, como mito por seus apoiadores, e, também, como um enviado de Deus, em culto por Silas Malafaia, para restaurar a nação brasileira. Apesar de Silas Malafaia ser uma liderança pentecostal, esse feito repercutiu pelas diversas denominações evangélicas. Foi noticiado, por várias mídias, vídeos e imagens que mostraram muitas igrejas pentecostais e protestantes que passaram a recebê-lo nas congregações em cultos, impondo sobre ele as mãos em momento de unção e reconhecimento

dessa escolha divina. Foi depositada sobre ele a esperança de uma salvação contra o inimigo comum, um inimigo do capitalismo também: a esquerda vinculada à ideia de pecado, de reino para o demônio, de um reino do comunismo. Circulava o imaginário que trazia uma esquerda que iria fechar as igrejas de Deus, ameaçadora da liberdade de culto, e, conseqüentemente, uma implantadora do caos. Esse imaginário invocado já esteve presente em eleições presidenciais, entre José Serra e Dilma, anos anteriores, Lula e Fernando Collor, já tratamos desse assunto no segundo capítulo. O caos pode ser reconhecido como uma substantivação do inferno aqui na Terra. Assim, a figura de Bolsonaro passou a ser considerada um missionário exaltado, com tanta veemência, que poderíamos dizer que seria quase um ídolo, principalmente em algumas igrejas pentecostais que tornaram o altar um momento para pedir votos, da mesma forma de escarnear todos aqueles que não votariam em Bolsonaro. “Ídolos são produtos da criatividade humana que se tornam, posteriormente, senhores do homem que os criou”, nessas palavras Alves (2005, p 112) nos apresenta uma definição bem peculiar sobre essa personalidade que passou a se fazer presente no altar das igrejas com muita frequência em posição de combate ao Mal que ameaçava o Brasil.

A IBREM não apresentou uma linguagem que demonstrasse uma exaltação à imagem do personagem Jair Bolsonaro nem como mito nem como ídolo nos cultos. Talvez por manter a tradição de um protestantismo reformado e por trazer a compreensão de uma humanidade distorcida pelo pecado, ela tenha se mantido contida nos cultos em exaltação ao personagem Jair Bolsonaro. Mas isso não afasta a ideia que circulava nas dependências da IBREM de que o caos seria devolvido ao Brasil caso Jair Bolsonaro viesse a perder a reeleição. Um caos que atingiria o modo de ser e viver do cristão que deseja seguir a Cristo para ser santo, que ameaçasse a todos favorecendo valores sociais diferentes dos valores morais cristãos. Assim, Alves (1987) (2005) recorre às reflexões weberianas: é impossível a existência de um espírito libertário e crítico num sistema que mantém um controle de comportamento, de produção religiosa, de valores. Todos ajustados à ética de disciplina, de obediência, impossibilita a existência de comportamentos subversivos ao sistema. Uma vez subalternizados à disciplina e padronização de santidade, não há liberdade para exercer a individualidade.

Por isso, em proximidade das eleições 2022, no Culto Protegendo às famílias contra os inimigos, em meados de agosto, foi pedido para a comunidade declarar que Deus é o Deus de toda terra, é o único Deus eterno sobre a Terra, sobre as nações e sobre o país também. O pastor Gilmar Garbero pede para que todos se juntem a ele em oração e intercessão sobre as missões, sobre as eleições, sobre as autoridades e cita o livro de I Timóteo 2, 1-3 que diz

Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranquila e pacífica, com toda a piedade e dignidade. Isso é bom e agradável perante Deus, nosso Salvador.

O pastor faz a oração de olhos abertos andando de um lado para o outro, e vez por outra olha para o celular que fora colocado em cima do púlpito como se estivesse lendo algo ou olhando alguma anotação que fizera e continua a informar, em oração de intercessão, que todos estão em oração pelas autoridades, pelo país e pelo presidente. Informa que são da igreja, e por isso, possuem autoridade como igreja e posição de autoridade sobre a Terra, em poder espiritual. Confessa que concordam que o reino venha sobre o Brasil, sobre os governantes e sobre a justiça. Afirma que o reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Neste momento, muitos impõem as mãos como se emitissem um poder espiritual de autoridade, proclamada pelo pastor, sobre as urnas em justiça. A fé em Jesus move o evangélico a crer que tudo o que é dito em nome Dele pode ser amarrado ou desamarrado, como Mircea Eliade (1991) poderia argumentar se analisasse essa questão. A súplica vem, em pedido, que seja prevenida a vontade de Deus para o Brasil, os desígnios – a ideia de vontade de Deus é bem compreendida pelos evangélicos em tudo o que acontece sobre a Terra sendo da vontade Dele. Eles professam que querem viver a santidade, a piedade, a dignidade em Cristo. Nessa oração, pode-se perceber a ideia de conduta de vida que o fiel deve ter em busca pela santidade, em ser santo, e isso só pode ser encontrado em Cristo. Cristo é apresentado pelo pastor como o porta-voz da libertação do ser humano do pecado. Tornar o Brasil como referência às outras nações reafirma a missão da IBREM de ser referência também em missão para outras igrejas.

Seria uma análise equivocada crer que o princípio do protestantismo permanece intacto desde sua origem, ou seja, que não tenha sofrido mudanças ao longo do período histórico e espacial, pois em tudo há dinamismos. Cabe-nos, então, pensar que se Lutero apresentou Deus como símbolo de liberdade, a interpretação de quem seja Deus e/ou do que seja liberdade possa ter sofrido mudanças. Na IBREM, a compreensão sobre Deus, podemos dizer que está em doutrina reta, permanecendo também no Senhor que combate. Fazendo uma analogia com Lutero, poderíamos dizer que o Senhor que combate é símbolo da liberdade. Quando Jair Bolsonaro recorre à liberdade como um novo componente do mote *Deus, pátria e família*, ele novamente tenta capturar para si um espírito do protestantismo que fora incorporado a todo evangélico. A liberdade é cara ao evangélico, pois representa, aos olhos da IBREM, estar livre para poder escolher a Deus e a salvação dada por Ele por intermédio de Jesus.

Algumas interpretações podem radicalizar em vivenciar a liberdade, no sentido de ser livre para decidir, e buscar a salvação estando interligados ao modo de ser e estar no mundo,

em doutrina reta, seguindo a ordem bíblica, interpretada, na maioria das vezes pelas instituições religiosas, para controle de corpos e para a determinação de uma realidade que passa a ser compreendida como absoluta. O que já analisamos anteriormente ser algo inconciliável para Rubem Alves (2005): liberdade e controle de corpos. Para Rubem Alves (2005), a liberdade deveria gerar a escolha de querer ser como Cristo e de se converter a ele, de vivenciar essa experiência de comunhão em voo livre. A conversão se constitui, na crença protestante, em busca pela salvação vinda de Cristo, e assim conseguir por fim à possibilidade de morte eterna. Uma conversão de querer ser como Cristo, e assim obter o mesmo poder de ser curado é algo divulgado pela IBREM, que traz em um dos cursos essa interpretação Casados como Cristo e a Igreja. Ser como Cristo, seria fazer a vontade de Deus Pai. E para acompanhar esse ser em caminhar de conversão, as células e os minicursos vão moldar a nova linguagem do convertido à linguagem da comunidade. O controle de corpos, de inserção de linguagens, vai sendo agregado a essa realidade pela instituição.

A presença da teologia da prosperidade está vinculada à IBREM como benção de Deus para aqueles que lhe são fiéis em oração e ofertas. A oração é compreendida como poder. A oração provém de uma comunhão íntima com Deus e para isso acontecer, o fiel deverá estar livre para escolher Deus, confessar seu amor e submissão a Ele, e assim receberá a vida próspera. Assim diz o pastor Gilmar sobre a oração “Você tem o controle remoto da sua vida, é só você usar, ele se chama: oração. Hoje eu quero um dia de benção, não quero morrer, quero prosperar, eu quero vencer. Ora, ora, ora. (...) Você firmado na palavra e na fé, você ora.”<sup>135</sup>

A presença de um presidente, ou de um candidato como Jair Bolsonaro, apresentando-se como atuante em oração nas igrejas, em visitas constantes, bem como na participação na Marcha para Jesus e em outros eventos cristãos evangélicos é traduzida como um presidente que dentro de sua liberdade de escolha, escolheu a Deus e assim ora, intercede pelo seu povo, coloca-se em missão messiânica, apresenta-se como aquele que clama pela benção e espera que os desejos pedidos de prosperidade para o povo sejam atendidos. Essa percepção sobre o poder da oração e do ser humano que ora gerando benefícios por ser fiel a Deus pode ser associada a uma interpretação da IBREM, pois o reconhecimento sobre o poder da oração, a presença da liberdade de escolha por Deus, o manter-se fiel na comunidade e a prosperidade estão associadas.

No curso Casados como Cristo e a Igreja, o testemunho do casal Adriana e Laerte, como ministradores da palestra na noite do dia 23 de agosto, na sede da IBREM, nos diz um pouco

---

<sup>135</sup> <https://www.instagram.com/p/CjoQ3q7uQpf/>, trecho da ministração do pastor Gilmar, do dia 12 de outubro, colhido do Instagram no dia 07 de fevereiro de 2023

sobre esse poder da oração, as finanças e a providência divina. O testemunho de vida do casal, apresentando um período em que tiveram dificuldades financeiras, comoveu a plateia que acompanhava atentamente a narrativa contada com alternância de ênfase, com entonações de voz, em determinados momentos. A confiança na providência de Deus foi uma escolha que o casal teve para sustentar a família, em 3 anos de “joelhos dobrados em oração e fé”, durante um momento em que o marido não conseguia mais trabalhar por problemas na coluna. Essa situação é marcada, principalmente, pela figura da mulher que ora com o seu marido pela família com fé, e em doações de tempo livre para a obra missionária. A conquista da aposentadoria, pelo INSS, foi interpretada como uma vitória de gratidão a Deus por tantos anos de trabalho exemplar do marido, “meu marido era o melhor vendedor da loja, homem com boa reputação e honesto”. A todo o momento, havia uma referência a alguma passagem bíblica para sustentar sua atitude disciplinada e consciente de se manter fiel a Deus dentro de sua liberdade de escolha.

Interpretando Weber, Rubem Alves (2005, p. 53) interpela sobre a aproximação da ética protestante com o capitalismo numa relação funcional, “A ideologia protestante unifica a liberdade do indivíduo, a democracia liberal e o progresso econômico como progressões do espírito do protestantismo.” Freston (1999) nos atira para o que podemos entender por democracia e por protestantismo e suas relações. São categorias apresentadas que, em alinhamento de interpretações, geraram aproximação com o discurso de Jair Bolsonaro.

Sobre o protestantismo já estamos abordando por linhas do espírito que o move e compõe a ideia de liberdade do indivíduo, o ser livre para poder confessar conversão e ser convertido para promessa de salvação e das benesses de caminhar como Cristo, compactuando de seu poder. Em 21 de maio de 2019, no facebook de Jair Bolsonaro, há a seguinte citação bíblica de João 8:32, “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, completando com o dizer “carrego esta mensagem sempre à frente de nossa missão<sup>136</sup>”. Essa mensagem está acompanhada da imagem dele à frente da reprodução, em alto relevo e em bronze, da Santa Ceia. Uma linguagem imagética comunica uma mensagem, principalmente, quando associa o pronome possessivo nossa com o substantivo missão, expressão identitária cristã de discipulado. Ao usar o “nossa”, Jair Bolsonaro se posiciona como um missionário capaz de falar a verdade que libertará a nação brasileira de uma suposta investidura do comunismo e do anticristo.

---

<sup>136</sup> Essa informação pode ser encontrada no facebook de Jair Bolsonaro, publicado em 2019, <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./1463053777176937/?type=3>

Essa questão interpretativa de aproximação pode ser visualizada na IBREM quando associada à prosperidade e a uma política de liberalismo econômico que gera lucro no indivíduo para contribuir com a obra de Deus na construção do templo e missão de evangelização para restauração do indivíduo e da família. Frases de Jair Bolsonaro exaltando a economia liberal e a privatização podem ser reconhecidas pela comunidade evangélica que investe em empreendedorismo como sinônimo de progresso, bem como frases que induziam a crer que havia uma perseguição ao cristão e o desejo de fechar as igrejas, e assim era preciso lutar pela liberdade de crença cristã. Apesar de a IBREM crer que o espaço físico é apenas físico e que Deus e sua obra estão na igreja viva que é o próprio sujeito, essa questão do fechamento da igreja não foi observado por mim nos cultos assistidos. Mas o fato de ter uma ameaça para com a interpretação que o cristão é perseguido por fazer parte do reino de Deus é notado com a busca por um armamento de oração.

Em diversos momentos de fala do pastor Gilmar em cultos variados, durante a pandemia, foi possível observar um conhecimento sobre a situação financeira da comunidade, enquanto empresariado e dono do próprio negócio, comércio, que enfrentava dificuldades. Houve pedidos para que todos se colocassem sob o domínio do Espírito Santo para ser conduzido por Ele para interpretar e discernir a palavra de Deus em condução de vida, e assim, obtenção da graça e do lucro nos negócios.

A liberdade econômica e religiosa foi um dos discursos de Jair Bolsonaro para o país durante a campanha e ao longo do ano de 2022. No dia 27 de maio de 2022, alguns jornais trouxeram uma frase em que Bolsonaro liga a economia à intervenção divina: a solução para a economia brasileira está nas mãos de Deus e assim a ordem é “dobrar os joelhos”. Essa expressão é muito recorrente na linguagem evangélica, em experiência religiosa no depositar a esperança em Deus, esperança essa que também envolve os negócios e as finanças familiares.

O liberalismo econômico, próprio do espírito capitalista, que visa o lucro e as benesses pode ser reconhecido pela presença de uma linguagem de prosperidade nos diversos negócios como preocupação presente na liturgia durante o momento das ofertas no culto da IBREM. Neste momento, as bênçãos de prosperidade são sempre profetizadas para aqueles que doam de coração para a obra de Deus na construção do templo. “Eu creio no Deus da provisão e no Deus da multiplicação.” No Culto da Rede de Mulheres, imagem 5, nas dependências da IBREM e exibido no canal do *Youtube*, no dia 27 de setembro de 2021, a pastora Valéria, esposa do pastor Gilmar, relembra que teve uma época que não era contribuinte de oferta de dinheiro apenas de serviços, mas que a partir do momento que o Espírito Santo a tocou, e ela interveio junto ao marido, eles começaram a doar, a orar e a ter prosperidade.

### Imagem 5 – Pastoras Valéria e Lorena no Culto da Rede de Mulheres



Fonte: Instagram @ibremoficial

Neste mesmo encontro, a pastora Lorena Ferrari de Matos, da igreja Batista Central de BH, esposa do pastor Leo, visitante na IBREM, instiga a comunidade a pensar em como a pandemia agiu sobre a comunidade: “a crise que passamos na pandemia, afastou ou nos aproximou de Deus. A culpa é do ser humano por se afastar de Deus na escassez.” Ao proferir essas palavras, Lorena insere a passagem bíblica 2 Reis 4,6 para falar do credor e da viúva. O apelo para se fazer mais testemunha de Deus para o mundo é uma proposta de interpretação de conquistar mais discípulos porque “o mundo aí fora está perdido (...) e a igreja deve ser a resposta, a igreja manifesta a glória de Deus nos dias de hoje pelo celular.”

Um imaginário sobre crise é construído em cima de um afastamento do ser humano de Deus. Tanto no sacrifício quanto na oração, são mobilizadas ideias de purificação, reincidindo sobre a possibilidade de voltar a estar sob as bonificações da graça, pois há a crença de que a aliança se reestabelecerá. Ao lermos em Wach (1990, p. 309) que “ritos de passagem, oração e sacrifício apresentam surpreendentes semelhanças em quase todas as religiões”, podemos começar a comparar determinadas posturas e interpretações de que o ser humano possa estabelecer nas relações sociais que o envolvem permeado pela experiência religiosa. E assim refletir, como Rubem Alves (2005) fez em *Religião e Repressão*, que tratamos nesta dissertação sobre um posicionamento de religião de matriz evangélica, mas cujas reflexões podem ser associadas a um cristianismo católico também que visa por meio de ritual de passagem, oração e sacrifício uma aproximação de busca de pureza, para uma santificação e merecimento das bonanças provindas de Deus, por retomar as origens sem desvios. A refletir sobre essa situação que envolve um período eleitoral, desestabilizador de um segmento político-ideológico, a liberdade é seletiva e intencional, principalmente quando relacionada a religião que incorpora

uma linguagem de necessidade na população de se orar e se sacrificar pela nação para que ela não caia nas mãos do inimigo apontado como anticristo, no caso o PT e Lula.

A pandemia expôs um momento de crise financeira que dificultou tanto a preservação de empregos quanto diminuiu o lucro das empresas. O grito por liberdade tanto econômica quanto religiosa foi construído, pelo governo Bolsonaro, neste momento de crise e *lockdown* e atraiu o desejo de várias comunidades evangélicas tanto de se manter em prosperidade, quanto de poder continuar a expressar sua confissão em Cristo pela salvação, participantes dentro dos templos. Ronaldo Almeida (2019) apresenta que os discursos em torno da liberdade, num momento de crise, aproximaram a onda conservadora com quatro linhas de forças sociais que mobilizaram a religião de alguma forma: a economia liberal, a moralidade reguladora, a punição e a intolerância. A família está na relação com as quatro forças. Não há como dispensar a questão da situação da família, e a defesa de um discurso de proteção a ela, sem esbarrar nas forças que atuam diretamente sobre ela. Conforme foram apresentadas nas evidências registradas, elas mantêm uma comunicação forte para mobilizar ações de aproximação entre os discursos. Na IBREM foram percebidas duas forças sociais atuantes bem explícitas, mas isso não quer dizer que as demais não tenham influência indiretamente. Eis as que foram percebidas: a preocupação com a economia liberal relacionada à prosperidade nos negócios sob intervenção divina por meio de oferta e oração e a moralidade reguladora por meio da presença de estratégias de acompanhamento do convertido por meio de células orientando para o conhecimento da linguagem e cosmovisão da comunidade.

O discurso na esfera política, em torno de Jair Bolsonaro e em favor da liberdade, foi gerenciado, com forças renovadas, quando se aproximava às relações políticas para o pleito de 2022 em moldes conservadores de valores morais que são defendidos pelas igrejas cristãs. O estar livre para declarar confissão em Cristo, passa a ser estendido a declarar condenação a tudo que não seja referência a Cristo. A afirmação do que se é, muitas vezes, pode ser construída em uma negação ao que não se é. Para se legitimar diante da sociedade, é necessário se opor. Isso aconteceu numa afirmação de protestantismo e pentecostalismo, ambos se opondo à igreja católica, interpretada como um inimigo de desvio do Cristianismo. Essa oposição de origem de legitimação evangélica também encontra nas religiões de matrizes africanas reporte de um *não-idêntico*, que é lembrada regularmente em algum momento profético e de teoria e prática dessas religiões de matrizes evangélicas. Em outros momentos, falas de ataques a pessoas LGBTQs ou pessoas de esquerda ou feministas, por exemplo, podem ser entendidas por alguns evangélicos, como uma declaração de afirmação do que não são e, assim, do que condenam como identidade, também não cristã e de prática.

A liberdade de expressão foi um tema muito difundido por Bolsonaro, como bandeira, para poder expor o que pensa a respeito da liberdade de ser do outro, que não se identifique com ele, ou seja, o *não-idêntico*. Em nome de um imaginário sobre liberdade de expressão, surgiram posturas grosseiras, violentas e de ataques aos direitos humanos, falas homofóbicas, sendo ditas pela família e apoiadores de Jair Bolsonaro, dentre tantas frases já pronunciadas, destacamos duas: “Ninguém gosta de homossexuais, a gente suporta”<sup>137</sup> e “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu ver dois homens se beijando na rua, vou bater”<sup>138</sup>. Essas frases ditas por Jair Bolsonaro, em momentos diferentes, uma em 2021 e outra em 2002, demonstram que esse repertório assumido por ele não é recente e se respaldam no seu entendimento do que seja liberdade, em termos de concepções diretivas a si mesmo, derivadas de um individualismo e de uma supervalorização de si, e isso se reflete no desrespeito à integridade e à dignidade de um ser humano não igual a ele. Para dar início a uma violência física, como o ato de bater em alguém, há um início na violência verbal e psicológica, ser um ato de desrespeito, de não aceitação e de intolerância. Além disso, representa uma tentativa de controle sobre o outro, impedindo-o de ser livre para decidir sobre a própria vida, consciência, crença e corpo.

Essa mesma interpretação sobre liberdade de expressão e controle de corpos pode ser observada em lideranças religiosas. Muitas falas de ataques a todo ser humano que não representava o imaginário identitário de confissão cristã, também proferidas por pastores, já foram justificadas em nome da liberdade de expressão<sup>139</sup>. Não é recente que se lê, em noticiários, denúncias contra lideranças religiosas devido a declarações, em sermões ou em público, que são apontadas como restritivas à liberdade de ser e de existir de identidades plurais e religiosas. Edir Macedo, da IURD, e Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, são lideranças evangélicas, de representação pentecostal, que mais surgem nesses noticiários.

Silas Malafaia, pastor da Assembleia de Deus, tem presença polêmica, em diversos momentos, em falas homofóbicas. Em uma delas, em que foi alvo de ação do Ministério Público, ele diz “Os caras na Parada Gay ridicularizam símbolos da Igreja Católica e ninguém fala nada. É pra Igreja Católica entrar de pau em cima desses caras, sabe? Baixar o porrete em

---

<sup>137</sup> Jornal Estado de Minas, 30 de outubro de 2021.

<sup>138</sup> Registro de fala de Bolsonaro enquanto deputado em 2002, no jornal Folha de São Paulo, após FHC pousar com a bandeira LGBT.

<sup>139</sup> Não contabilizei quantas notícias já foram divulgadas, mas podemos encontrar informações a respeito dessa intolerância religiosa praticada por evangélicos e católicos divulgadas, por exemplo, em artigos publicados pelo ISER, Instituto de Pesquisa da Religião, e, também, presentes no II Relatório sobre Intolerância Religiosa: Brasil, América Latina e Caribe, de 2023, disponibilizado em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000384250>. Na página 29 do relatório, há um quadro que mostra que “56% dos casos em que é possível identificar a religião do violador de direitos esta é evangélica”.

cima pra esses caras aprender. É uma vergonha<sup>140</sup>”. Comparando tanto as falas de Jair Bolsonaro com essa de Malafaia, a presença de um discurso, incitando a violência contra pessoas LGBTs, é naturalizada, por eles, como uma liberdade de expressão. Ainda podemos perceber que a posição de Silas Malafaia aproxima uma solidariedade e uma suposta defesa à teologia da igreja católica. Vale lembrar que os neopentecostais já apresentaram discordância em diversos momentos, em disputa no campo religioso com católicos, em termos de legitimação religiosa e concessão de rádio e televisão, relatados no capítulo anterior. Mas, nessa fala de Silas, a intencionalidade de aproximação ao posicionamento de dom Eugênio Salles e do bispo Odilo Scherer, ambos da igreja católica, é de unir forças, em combate ao movimento LGBT e a Parada Gay. Sobre esse assunto nos aprofundaremos mais adiante para tratar de discursos que se aproximam em defesa de uma moral cristã e fortalecimento de um patriarcado capitalista.

Quando a liberdade de expressão fere a liberdade de ser de um indivíduo, ou seja, atropela e violenta a liberdade e o direito de existir de alguém, assume uma prática de intolerância com o outro *não-idêntico* a ele, principalmente quando há assassinatos e agressões contra pessoas LGBTs. Para compreendermos mais a fundo questões como essa, o filósofo Emmanuel Lévinas<sup>141</sup>, talvez possa nos ajudar a pensar sobre as crises de sentido da ética que faz reflexões sobre a desumanização das relações sociopolíticas e o princípio da totalidade que tende a reduzir o outro a si mesmo, praticando dessa forma a intolerância ao *não-idêntico*. Quando há intolerância e violência, não há o exercício de liberdade de expressão. Percebemos uma aliança de pensamento de doutrina reta, entre pentecostais e católicos, no que tange à Parada Gay, condenando-os ao inferno. O que muitas vezes é entendido como liberdade de expressão, por parte de alguns religiosos, torna-se discurso de ódio e de violência, principalmente quando excita “entrar de pau”, “baixar o porrete”, ser uma “vergonha” ser *não-idêntico* a um comportamento homossexual.

O discurso gerador de terror, sobre uma possível influência de pensamentos marxistas e feministas na formação do jovem que frequenta a universidade como destruidor do verdadeiro cristão, é um imaginário acionado por Nikolas Ferreira, enquanto vereador por Belo Horizonte, em visita a igrejas protestantes batistas, incluindo a IBREM como já vimos anteriormente. O imaginário gerado em torno de uma cristofobia alimenta um sentimento de perseguição que, muitos cristãos, principalmente os conservadores, alimentam em torno de uma invasão

---

<sup>140</sup> Em 2011, o Pastor Silas Malafaia fez essa declaração em um dos seus programas após o evento da Parada Gay que trazia como tema “Amai-vos uns aos outros”.

<sup>141</sup> ESTEVAM, José Geraldo. *Alteridade e sentido ético da religião na filosofia de Emmanuel Lévinas*. Belo Horizonte: PUC-MG, 2010

comunista no Brasil que irá dizimar o Cristianismo e submetê-los a um regime de totalitarismo. Em diversos momentos evidenciados na mídia social e streamings como YouTube, Nikolas Ferreira apresenta posicionamento contrário ao feminismo ligando-o ao aborto<sup>142</sup>, também o desqualifica enquanto movimento de luta social<sup>143</sup>. O momento de crise sempre é motivo de desestabilização e de reconstruir valores, por isso que analisando a pandemia como uma crise de saúde pública e econômica, uma aproximação entre a preocupação com a prosperidade e com salvação da alma aproximou ainda mais as interpretações dos discursos acerca da liberdade como linguagem e expressão, e a família estava envolvida diretamente nesta situação de preocupação.

O fechamento da igreja durante a pandemia não foi um problema enfrentado pela IBREM, diretamente, pois ela tem, por meio de canal no YouTube, a transmissão ao vivo de culto, mas foi um período que dificultou diretamente a atuação do religioso nas atividades da igreja para ser como Cristo um missionário, ou seja, em atuar como um discípulo. Isso, talvez, possa ter gerado um sentimento de restrição da liberdade, pois a presença na participação direta nas atividades da igreja faz parte da sua experiência religiosa, é identitária, e é muito incentivada pela própria comunidade. Foi percebido que houve um direcionamento de estudo bíblico para esse período pandêmico a fim de que a comunidade se mantivesse na fé em Deus, seguisse as orientações divinas, por meio das escrituras, estando guiada pela interpretação do Espírito Santo, e acreditassem, com fé, na intervenção divina para a economia brasileira. Foi percebido, por vídeos no canal, que pouquíssimas pessoas participavam dos cultos presenciais, as doações continuavam sendo feitas, agora, por pix e as orações de profecia de bênçãos aos negócios e situação financeira também.

Poderíamos indicar que tal qual a pandemia, qualquer crise que o ser humano possa passar pode gerar não apenas o desconforto pela presença de ameaça à vida terrena, bem como

---

<sup>142</sup> Por exemplo, no spot do programa de *talk show* do canal Cara a Tapa, há considerações que Nikolas Ferreira faz a feministas como incoerentes por serem defensoras de “todas vidas importam” e condenam a vida de alguém ao aborto. O canal traz a seguinte descrição junto ao vídeo “Nikolas Ferreira lembra que toda feminista um dia já foi bebê e que teve a chance de sobreviver. Para o Deputado as mesmas deveriam repensar seus pensamentos em nome de seus filhos” <https://www.youtube.com/watch?v=XsVDxj4nmhE>. Acessado em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>143</sup> Por exemplo, no spot do programa de entrevista Flow, exibido no dia 01 de dezembro de 2021, no canal do YouTube, Nikolas diz que Celina Guimarães, a primeira mulher a votar no Brasil, afirmou que foi graças ao marido que ela conseguiu esse feito. Essa informação parece vir carregada para desqualificar o movimento feminista, apontando para uma ideia de subalternidade e inferioridade da mulher em sua luta de reivindicação. Além dessa consideração, vale lembrar que o movimento feminista veio a ser considerado feminista a partir da década de 60, antes havia o sufrágismo em reivindicação ao voto, assim a informação apresentada por ele demonstra um desconhecimento sobre o movimento. A partir de uma luta pelos direitos civis e assim desencadear análises sobre o patriarcado capitalista, como descreve Lélia Gonzalez (2020, p 127), o feminismo “revelou bases materiais e simbólicas da opressão das mulheres”.

à celestial também. E, uma reação a isso é logo acionada com a intenção de harmonizar o que antes era ordenado ou, supostamente, aceito. Esse período de reordenação, como dito antes, pode revelar um sentimento de totalidade, de um individualismo da modernidade, que tende a submeter o outro a si mesmo e aos próprios conceitos.

A força que uma experiência religiosa possui pode ser a mais intensa na vida do sujeito e, assim, pode ser acionada para ordenar e organizar novamente a vida do religioso. Durante essa reorganização, podem ocorrer pequenas mudanças, adaptações e forças conservadoras atuando por meio de reprodução e memória. Poderíamos pensar se a crise liberta e se a liberdade de ir e vir, lembrada por Jair Bolsonaro em discursos eleitoreiros, realmente atenderá à necessidade humana de livre crença e consciência de todo brasileiro não cristão ou não conservador ou *não-idêntico* a seus pensamentos de extrema-direita.

O pensamento totalitarista, presente no que aponta Rubem Alves (1987) (2005) em doutrina reta, pode ser incorporado a um movimento de massa quando aciona uma aliança de estado e religião. Nas declarações de Jair Bolsonaro *O Estado é laico, mas o nosso governo é cristão*, a imposição de uma crença religiosa aciona experiências religiosas cristãs em defesa de um regime e de um governo que promete valorizar apenas uma conduta humana. E o que seria ser cristão numa compreensão identitária de doutrina reta que se constrói a partir de uma negação ao outro? A diferenciação em relação ao outro, ao estranho, constrói uma identidade de si. Poderíamos supor que ao acionar um pensamento identitário cristão de exclusividade governamental, gera-se uma exclusão do que não pertence a essa identidade. A exclusividade é uma linguagem recorrente no meio cristão evangélico, principalmente entre os neopentecostais e os calvinistas, se formos considerar a predestinação do reino de Deus. A experiência religiosa provinda de um sentimento de pertença e de exclusividade, de um Deus que exige também exclusividade de adoração a Ele, provoca repulsa a toda cosmovisão que não esteja inserida nesse sistema, ou seja, gera intolerância.

Lembrando que a intolerância religiosa praticada por alguns evangélicos, em relação a terreiros restringe a liberdade de culto de adeptos das religiões de matriz africana, mas essa questão não será aprofundada aqui, ela apenas foi citada para nos lembrar sobre qual liberdade de culto, de consciência e de ir e vir é legitimada. O pensamento de Bourdieu (2008) (2015) (2019) e de Weber nos retoma para a questão de disputa de campo, em *habitus*, valores, gostos e dominação, mas como dito, essa observação é apenas para nos lembrar de que a fala *a liberdade nos libertará*, nos impõe as perguntas: a quem libertará? Quem tem direito a ela dentro de uma compreensão necropolítica de fornecer liberdade? Para quem e o que libertar? Por que libertar? Há também questões mais intrínsecas, filosoficamente do ser, mas nossa

discussão não permeia adentrarmos nessas reflexões, não é o que me propus a aprofundar. Se houvesse o desejo por uma democracia e por uma liberdade, talvez discursos de diversas Teologias<sup>144</sup> – como a da Libertação, Feminista, Afro-latina-americana, indígena, Negra e Queer, por exemplo – fossem mais visibilizados para creditar uma democracia de multiculturalismos e crenças.

O imaginário de uma ameaça comunista e de intervenção do Diabo na Terra pode gerar uma mobilização da comunidade cristã, no geral, a uma leitura de necessidade de liberdade de ir e vir, de liberdade de professar a fé cristã, pois há uma derivação de fechamento de igrejas com a vinda comunista ao Brasil. Podemos apontar que esse desconforto está interligado ao discurso de proteção à propriedade, sendo a família e os valores morais cristãos uma das preocupações primordiais, além do papel de se manter fiel à promessa de milagre e prosperidade. Tanto o indivíduo quanto a família estavam, assim, desabrigados do projeto de restauração, com a liberdade ameaçada nesse imaginário, facilitando a ação de um discurso de combate a um inimigo que também é visado pelo discurso de Bolsonaro.

### **3.3. Família, patriarcado capitalista e bolsonarismo**

Quando me propus a fazer observação participativa no curso Casados como Cristo e a Igreja, por 3 meses, todas as terças-feiras, de 02 de agosto a 25 de outubro, no salão principal da IBREM, procurei compreender as implicações sobre o termo casados, bem como a relação interpretativa de Cristo e a Igreja, em considerações hermenêuticas já iniciadas, em discussão nos capítulos anteriores. Lembrando, novamente, que esses encontros foram abertos ao público geral, sem conferência da situação conjugal de quem estava presente, seja de forma individual ou em casal, bem como sem conferência de quem preencheu ou não a ficha de inscrição. Começando pela ficha de inscrição para o curso, foi possível notar que o termo casados se restringia ao tipo de família heteronormativa: conforme a ilustração, imagem 6, a presença de um homem e uma mulher, ambos com coroas, olhando um para o outro e trajas brancos.

---

<sup>144</sup> Elisa Rodrigues (2005, p 21) elucida que “a teologia ultrapassa os limites impostos pelas paredes das igrejas” e se faz presente em vários espaços. A vontade de Deus(es) (esas) sempre esteve presente nas relações e condutas humanas – como por exemplo casamento e colheita –, e estudar os sentidos atribuídos a essa vontade é questão de hermenêutica. O domínio de uma hermenêutica por parte da igreja católica assumiu caráter plural com o secularismo, a partir de uma Reforma Protestante, em termos de Cristianismo, que buscam estudar a revelação de Deus por meio da interpretação bíblica. Os estudos teológicos cristãos se desenvolveram em dois âmbitos: um de ortodoxia (doutrina reta) e outra liberal que reconhece que os textos são “catálogo de regras éticas e de orientação moral para todas as pessoas”, p. 30.

### Imagem 6 – Ficha de inscrição do curso Casados como Cristo e a Igreja (início)



FONTE: Site IBREM

Observando a imagem da ficha, a cor branca, por tradição, remete à pureza e à virgindade, uma linguagem simbólica de semiótica<sup>145</sup> que é incorporada nas cerimônias de casamento do ocidente. Analisando a coroa, aproximamos a interpretação evangélica da teologia de domínio, integrando o religioso ao ser filho do Rei, assim pertencente a Seu reino, e ao plano divino para o homem e a mulher. Uma visão de sacralidade do casamento. A presença de apenas um tipo de relacionamento coroadado, em imagem, nos reporta a ideia de aceitação de um único modelo de relacionamento afetivo.

Em linhas de Wach (1990), a expressividade religiosa está na relação intrínseca entre a teoria, a prática e a experiência religiosa atuantes nas relações sociais. Ou seja, se na teoria, encontramos os mitos e a doutrina; se na prática, encontramos nos ritos, nos cultos e adoração; também encontraremos, na experiência religiosa, uma interpretação pessoal e coletiva, da realidade teológica da religião, que envolve teoria e prática, em mito-rito-símbolo, em pensamento e ação na sociedade. Segundo Hervieu-Léger (2015, p 181), é comum que as igrejas da reforma, possuam uma “regulação do crer”, “assegurada pelo teólogo, encarregado de um ‘magistério ideológico’ que regula, em princípio, a diversidade das interpretações individuais e

<sup>145</sup> Semiótica aqui pensada se refere à semiótica social de teoria de Van Leeuwen, que define o uso da cor pela sociedade “com propósito de expressão e de comunicação”, bem como “a manipulação de pigmentações e escalas de cores” a fim de “expressar sentimentos, comunicar ideias e promover a interação social”, CARVALHO (2013, p 49). Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/view/8289/6808>, acessado em 22 de fevereiro de 2022. Poderíamos pensar mais adiante, em outra oportunidade de estudo, a cor rosa, elencada por Damares como referência de uso exclusivo para meninas como uma pigmentação suavizada de um vermelho, em escala pecaminosa da sina da mulher concebida como aquela que trouxe o pecado ao mundo, por se deixar seduzir pela serpente, e por seduzir o homem retirando-o do paraíso. Mas há outras interpretações que podem ser estudadas relacionando o vermelho à nobreza divina, pelos bispos da igreja católica, historicamente, com um rosa ao príncipe. Mas essa questão não é nosso objetivo de discussão, apenas considerações para indicar que há uma simbiose que envolve o porquê das cores e seus sentidos na sociedade.

comunitárias possíveis da Escritura”. Essa regulação do crer pode ter sido interpretada, por Rubem (1987) (2005), como uma doutrina reta, ortodoxa, inquisidora de qualquer outro sistema de relacionamento e diversidade interpretativa da Bíblia que questione o dualismo e polaridade, no que tange aqui nesta abordagem à relação de afetividade amorosa. Assim, é possível compreender a ficha de inscrição – que segue com o pedido de preenchimento do nome da esposa e do esposo; se frequentam alguma igreja, alguma célula; o motivo de se inscrever no curso e se há amigos próximos a IBREM – como um controle regulador de uma leitura conservadora sobre relacionamento afetivo-sexual, além de se buscar a manutenção da união do grupo, em termos de disposição, para conversão de novos integrantes ou para firmar um avivamento da experiência religiosa na instituição.

Normalmente, um questionário visa conhecer o perfil do sujeito entrevistado com um objetivo específico, mas, analisando-o, podemos também compreender qual o perfil de sujeito que se deseja para participar de uma determinada atividade, como é o caso dessa ficha de inscrição. A restrição aos termos esposo e esposa ratifica a primeira interpretação, também em imagem, de que, na igreja IBREM, a compreensão de casados se refere a somente um relacionamento heteronormativo. E mesmo que o pastor Gilmar, em vídeo, no site da IBREM, explicando que na Bíblia não há modelo de casamento, o fato de haver na ficha de inscrição um homem e uma mulher, há uma indicação de modelo de casamento que é considerado pela igreja como sagrado e a ser mantido, ou seja, conservado.

Retomo, assim, para compreender a ideia de família, falas, já mencionadas em capítulo anterior, do pastor José Linhares, no dia 27 de julho de 2021, na sede da IBREM, “menino é menino e menina é menina, homem é homem e mulher é mulher” e a explicação dele para dizer o assunto que trata em um de seus livros “quando homem fica parecendo mulher, quando é que uma mulher fica parecendo homem, quando é que uma pessoa fica parecendo com Cristo e quando é que uma pessoa fica parecida com o diabo”. A ideia de concepção de menino e menina em determinação de gênero e de papel social é notada por construção bíblica de dualidades opostas, de constituição biológica, descartando qualquer pluralidade de identidade de gênero e relacionamento. Essa compreensão é uma concepção de doutrina reta que interpreta a Bíblia apoiando-se na ideia de um relacionamento binário iniciado com Adão e Eva, e o que foge a esse binarismo é figurado como pecaminoso, de relação com o Diabo. Embora lideranças da IBREM, em minha observação, não tenham se manifestado em declarações, em cultos, de forma tão enfática e incisiva, de ataques, sobre uma questão condenatória de abominação e pecado estar vinculada diretamente a pessoas LGBTs, tal quais algumas lideranças neopentecostais se pronunciam a ponto de receberem ações judiciais, há um pensamento de concordância. Um

imaginário circula em concepções conservadoras de hermenêutica bíblica que restringe o gênero à biologia.

A presença do pastor e vereador, por BH, Fernando Borja, da igreja Batista da Lagoinha, nas dependências da IBREM, no dia 15 de agosto de 2021, aconteceu com o objetivo de ministrar a palestra “Famílias em perigo e a face oculta da ideologia de gênero”. Essa palestra do vereador Fernando Borja já é ministrada, por ele, desde 2018, e visou alertar a comunidade cristã sobre a ameaça que a família está sofrendo com o surgimento da ideologia de gênero. Situações de registro da presença do pastor José Linhares, da Lagoinha, já mencionado aqui, bem como em abordagens de formação da identidade IBREM por meio de cursos como Casados como Cristo e a Igreja ressaltam a presença desse conservadorismo. A presença de Nikolas Ferreira, também em convite de palestrar sobre o Cristão e a Política nas dependências da IBREM, delibera uma interpretação que visa manter um alinhamento de conservadorismo que percebe no feminismo, nos LGBTs e nos movimentos de esquerda uma tentativa de eliminar essa concepção inerrante sobre a Bíblia, sobre a concepção biológica de gênero, sobre a concepção de família, numa visão ortodoxa, por exemplo. Tanto o discurso do pastor Fernando quanto do jovem Nikolas visam informar que há uma guerra de narrativas acontecendo e envolve um conjunto de pessoas e organizações – como professores, artistas, ONU, UNESCO, Globo, partidos políticos – que defendem a promiscuidade, “defendem o poliamor, amor geracional entre pais e filhos, defender o lebianismos, a homossexualidade”, assim declara Fernando Borja<sup>146</sup> que continua a informar que

Pessoas estão aceitando narrativas de Satanás e estão abrindo mais portas para que a promiscuidade entre na sua porta...vão fugir da verdade. E qual verdade? Só existe homem e mulher, só existe macho e fêmea. Ninguém nasce gay, é uma opção. Não é uma opção, eu nasci assim. Me prove cientificamente. Não existe prova científica de um terceiro gênero... é uma fábula...a ideologia de gênero...a ausência de sexo...não importa se a criança nasceu no sexo biológico masculino, não quer dizer que vai ser homem...agora não é a biologia que determina a sexualidade, agora é o professor e a sociedade. E isso nasceu principalmente com Simone de Beauvoir....e ela fala ‘não se nasce mulher, torna-se mulher’...ela era amante de Jean Paul Sartre e ela agenciava crianças para que os dois tivessem relação sexual com crianças...Simone de Beauvoir, a famosa das feministas. O que era uma luta contra o machismo, hoje é uma luta contra o masculino...por trás vem uma agenda da teoria queer ...por trás vem uma agenda de

<sup>146</sup> Essa frase dita por Fernando Borja não é de registro de sua passagem, em palestra pela IBREM, mas pode ser encontrada no canal do *YouTube* da igreja Lagoinha Varginha, igreja parceira da IBREM em circuito de palestras. No vídeo, Fernando informa que ele sempre ministra essa palestra, sobre a família em perigo e a ideologia de gênero, quando é convocado, e que constantemente ele muda para acrescentar novas informações a respeito de fatos que acontecem na sociedade para alertar sobre a dinâmica de narrativas que visam destruir a família. Assim nesse vídeo, em específico, ele denuncia o ‘dia da zoofilia na Alemanha’, e diz que o movimento da zoofilia está querendo entrar na sigla LGBT. <https://www.youtube.com/watch?v=4uwnH9K2m6I&t=1365s> Último acesso 26 de fevereiro de 2023

criar uma próxima geração de crianças de gênero neutro. O que é gênero neutro? É a desconstrução da identidade de Deus em nós.

Na narrativa de Fernando Borja, podemos sinalizar uma interpretação que convoca a imagem de uma guerra santa em que Satanás, novamente, por via da mulher insere o plano de destruir os planos de Deus. A declaração da ex-ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no governo Bolsonaro, Damares Alves, em 2019, com “meninos vestem azul, meninas vestem rosa”, foi reafirmada em esfera político-partidária ao se filiar ao Republicanos<sup>147</sup>, em 2022, para concorrer ao Senado. Ao evidenciar essa fala binária e determinante de um controle social, a ex-ministra une estado e igreja para declarar os valores morais e de projetos de políticas públicas que foram implementados durante sua gestão.

Apesar de o ministério trazer o nome de mulher, família e direitos humanos, a gestão pública de Damares foi restrita a ações que favoreciam valores cristãos atuando sobre políticas públicas. O silenciamento dos direitos humanos direcionados a pessoas LGBTQs já havia sido sinalizado por Jair Bolsonaro ao declarar o lema *Deus, Pátria e Família* em momentos de sua carreira política, enquanto deputado e em pleito presidencial. A ordem de posicionamento das palavras – Deus, pátria e família – nos indica uma hierarquia de poder para uma narrativa criada, dentro de um imaginário cristão de restauração da sociedade que possa, em sentido conservador, ter aproximado os discursos também. Podemos compreender, assim, uma interpretação criativa de restauração que enfatiza Deus no comando de tudo que há; a pátria que ordena a nação para o caminho de um reino de Deus e a família, a base dessa nação, sendo e operando a vontade divina para homens e mulheres.

A família já vem sendo uma preocupação constante para líderes religiosos, em termos de restauração de valores cristãos, diante de uma multiplicidade de identidades plurais. Essa interpretação não se restringe à IBREM ou a qualquer outra igreja evangélica, ela está presente nas concepções de um Cristianismo de doutrina reta, de conservadorismo de um patriarcado histórico e também religioso. Para compreendermos esse patriarcado, a presença de um feminismo e de uma teologia feminista nos auxilia a analisar a exclusão e opressão sofridas pelas mulheres em determinações de lugares.

O posicionamento de Damares Alves, no Ministério da Mulher, sempre foi declarado em pautas conservadoras, ditas por ela mesma. Ao refutar uma declaração do arcebispo da igreja

---

<sup>147</sup> A matéria pode ser encontrada no site <https://www.uol.com.br/eleicoes/2022/03/28/damares-alves-diz-que-no-republicanos-menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa.htm>. Último acesso 26 de fevereiro de 2023

católica, dom Orlando Brandes, em 12 de outubro de 2019<sup>148</sup>, que criticou, segundo ela, a direita chamando-a de ‘dragão do tradicionalismo’ e ‘violenta e injusta’, Damares afirma que ele deve estar com medo deles – referindo-se aos evangélicos – por serem “terrivelmente cristãos”. Continua em confessionalidade: “o conservadorismo vai dar certo. O povo de bem se levantou e agora está governando esta nação”. Outra batalha foi lembrada por Damares: o posicionamento tradicional do protestantismo contra o catolicismo. Assim, temos nessas palavras, a intenção de afirmar que de um lado católicos que são mais porosos em sua cosmovisão cristã, com capacidade para sincretismos, já apontados em estudo por Sanchis, e para desvios da palavra de Deus, apontados por evangélicos; e do outro lado, protestantes e evangélicos que seguem fielmente a Bíblia, ou seja, as Escrituras e, por conseguinte, a vontade divina. Além disso, associa o bem ao conservadorismo e a uma linguagem e hermenêutica de doutrina reta da Bíblia.

A frase “Mulher, você pode!” dita por Damares quando lançou a campanha para o ingresso de Mais Mulheres na Política<sup>149</sup>, em 28 de agosto de 2020 parece repercutir uma expressão feminista de emancipação da mulher. A inserção da mulher nos diversos espaços sociais foi uma busca política almejada pelo movimento feminista, mas é válido lembrar que Saffioti e Lugones alertam para o fato de que mulheres, no poder, podem trabalhar em prol de um patriarcado. A partir dessa leitura, torna-se necessário saber qual o sentido de mulher para a pastora e ex-ministra Damares, bem como para a ala conservadora. Mulher passa a ser então uma categoria a ser estudada para entender que a fala de Damares não coincide com a do movimento feminista e da teologia feminista. A concepção da mulher, que ora pela família e que dobra o joelho para Deus, se faz presente na IBREM também é defendida por Damares, enquanto pastora e figura pública na política.

A mulher que trabalha para ajudar o marido a edificar a casa, que também gera e cuida dos filhos dentro dos ensinamentos bíblicos é uma leitura de mulher virtuosa que busca a santidade. A IBREM, conforme já dito nos capítulos anteriores, se declara uma igreja moderna e o fato de a mulher trabalhar fora pode ser compreendido como algo moderno por parte dela. O fato de a mulher ser do lar, ou seja, não trabalhar remuneradamente não é algo descartado, mas também não é uma visão incentivada pela igreja, pois há o entendimento que há a

---

<sup>148</sup> A matéria pode ser encontrada no endereço <https://oglobo.globo.com/brasil/em-evento-conservador-damares-compara-esquerda-ao-diabo-atribui-eleicao-de-bolsonaro-tupa-24014460> último acesso 26 de fevereiro de 2023

<sup>149</sup> A matéria sobre a campanha Mais mulher na política pode ser encontrada no endereço <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/agosto/mulher-voce-pode-diz-ministra-damares-no-lancamento-da-campanha-mais-mulheres-na-politica> último acesso 26 de fevereiro de 2023

necessidade financeira da família, bem como há mulheres que criam sozinhas os filhos. Da mesma forma, há um incentivo para que o homem ajude a mulher nas tarefas da casa e no cuidar dos filhos.

No curso Casados como Cristo e a Igreja, a narrativa nas palestras visa ensinar, em orientação bíblica, como homens e mulheres devem agir na família em cuidados com a vontade de Deus. A interpretação bíblica é sempre voltada para obediência às Escrituras e assim a IBREM procura orientar também o homem para participar do cuidado com os filhos e com a mulher em atenção e carinho. A busca pela santidade, tanto de homens quanto de mulheres, está vinculada à obediência, ao jejum e à oração. A narrativa conservadora cristã sobre a mulher parece autorizá-la para poder trabalhar fora, desde que não se afaste da obediência à palavra de Deus e que ela saiba se comportar em virtude – em seu vestir, andar, falar, se maquiar, por exemplo –, ou seja, agir em sociedade com controle para não expor sua sexualidade. O corpo feminino, o sexo e a reprodução são tabus que o movimento feminista e a teologia feminista denunciam de subalternidade da mulher diante de um patriarcado que os gerencia.

Dameres Alves, em seu exercício como pastora batista, à frente do Projeto Infância Protegida, visitou a igreja Batista Lagoinha em BH em maio de 2016. No dia 8 de novembro de 2020, em visita a IBREM, no culto das mulheres, a pastora Mônica apresenta a família e a criança como projeto de vida de Deus

Eu sou missionária, temos o ministério ‘eu e a minha família’. Nossa família toda, somos missionários, tenho um filho chamado Davi de 3 anos e 7 meses, a Zoe de 1 ano e 7 meses e meu esposo é o pastor Leonardo Paulino... servimos às nações no Haiti, no Paraguai, na Venezuela, e no ano que vem vamos entrar ali no Camboja pra resgatar crianças do tráfico humano, temos visto e assistido várias histórias de transformações... que Deus tem alcançado as famílias por meio das crianças, nós cremos que o alvo desta geração para as famílias são as crianças e temos respondido a esse chamado do senhor

Há uma preocupação em resgatar a dignidade de crianças em situação de vulnerabilidade como projeto de restauração do ser humano por parte de igrejas evangélicas. A preocupação com a infância, em formação educacional, é uma questão que também já foi apresentada por Jair Bolsonaro nas redes sociais, como facebook, “somos a favor da família, do livre mercado e do direito à legítima defesa. Somos contra as drogas e o narcotráfico, o controle da mídia e internet, a ideologia de gênero e o aborto”. Essa declaração em 2022, bem como outras que Jair Bolsonaro veio inserindo nas mídias, na época em que era deputado<sup>150</sup>,

---

<sup>150</sup> No dia 16 de agosto de 2022, no facebook de Jair Bolsonaro, podemos encontrar essa declaração. O endereço está no link <https://www.facebook.com/photo/?fbid=649514809859277&set=pb.100044022914395.->

aciona uma linguagem de defesa da infância e da família que a igreja tenta reestruturar em projetos, que visam retirar o indivíduo dos vícios, como as drogas, e restabelecer virtudes cristãs que o ajudarão a reorganizar a vida.

Uma narrativa construída, em preservação da vida, é uma pauta ética missionária da religião que é utilizada pela direita e extrema-direita em campanhas eleitorais divulgando que somente essa ala tem o compromisso com a preservação da vida. Em 24 de junho de 2022, há divulgação de uma foto de Jair Bolsonaro com uma criança branca e de olhos claros em seu colo e os seguintes dizeres: “Que Deus continue dando força e sabedoria para aqueles que protegem a inocência e o futuro de nossas crianças, no Brasil e no mundo.” Essa fala e a imagem acionam a imagem de um Deus protetor, de um governante que ora, que conhece um Deus que protege e que se preocupa com o futuro das crianças. Dessa forma, apelativa, por assim dizer, uma linguagem religiosa é intimada a se fazer presente em defesa da inocência e futuro da criança, e esta defesa é feita numa leitura contra o aborto. Poderíamos analisar a qual criança se visa proteger e entregar o futuro da nação, mas não adentrarei sobre essa questão por não ser o foco direto desta dissertação.

O apelo imagético de proteção ao Jair Bolsonaro, como missionário de Cristo, seguidor de seus passos, foi constantemente divulgado nas redes sociais – para o pleito de 2018, durante seu governo presidencial <sup>151</sup>e intensificado para o de 2022 – convocando a comunidade evangélica a orar por ele para cumprir a missão acolhida por ele.

O fato de o tema aborto ser tão corriqueiro e polêmico quando se pretende assumir políticas públicas em defesa de proteção da vida das pessoas que foram agredidas sexualmente é sempre uma pauta que está longe de ser acolhida pela sociedade cristã conservadora. Por outro lado, movimentos que lutam pelos direitos humanos entendem que o aborto é uma pauta de defesa da vida da mulher ou da criança estuprada e vulnerabilizada por causa deste estupro; o aborto é considerado também quando há uma gravidez que coloca em risco a vida da mulher ou quando há má formação genética que impossibilita o desenvolvimento do feto.

---

2207520000. Mas podemos encontrar nessa mesma rede outros pronunciamentos mais antigos com o apelo imagético de Jesus entre as crianças. Último acesso em 18 de janeiro de 2023.

<sup>151</sup> Podemos encontrar diversas convocações feitas por lideranças evangélicas, de diversas denominações, para juntas orarem pelo presidente. Uma dessas convocações está presente na rede social de Jair Bolsonaro, no dia 4 de junho de 2020, encontrado no endereço [facebook.com/jairmessias.bolsonaro/fotos/pb.1000440022914395.-2207520000./1960252247457085/?type=3](https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/fotos/pb.1000440022914395.-2207520000./1960252247457085/?type=3). Vimos nos capítulos anteriores, que o pastor Gilmar faz oração, no culto da virada de 2020, abençoando Jair Bolsonaro e sua família.

Em defesa das crianças, um discurso contra pessoas LGBTQs e contra a ideologia de gênero foi construído por Jair Bolsonaro. Em 28 agosto de 2018<sup>152</sup>, no facebook, em plena campanha presidencial, Jair Bolsonaro apresentou um livro que, segundo ele, teria uma abordagem de ensino de sexo para crianças nas escolas. Em 16 de janeiro de 2016, logo após o início do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff<sup>153</sup>o deputado Jair Bolsonaro já se pronunciava a respeito de um suposto ensino proporcionado pelo MEC que promove a erotização de crianças. Porta-voz da movimentação política conservadora, Jair Bolsonaro, enquanto deputado e candidato à presidência da república, denunciava o PT como um partido que pregava a erotização de crianças na escola. Outros políticos de partidos de extrema-direita, como o Republicanos, Podemos, Avante, Partido Social Cristão e Partido Liberal aderiram ao mesmo discurso em defesa da família e contra uma suposta campanha de erotização de crianças e contra o incentivo à ideologia de gênero.

Para políticos como Flávia Borja (Avante), ligada à Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte, a mesma da ministra Damares Alves, a participação na política institucional é uma forma efetiva de impedir que crianças sejam “induzidas à homossexualidade”, erotizadas e, portanto, expostas à pedofilia, interpretada como um resultado direto da implantação de educação sexual por governos de esquerda. Gilberto Nascimento Jr. (PSC), vereador eleito em São Paulo, entende que tais ameaças também ocorrem de forma silenciosa por meio “de roupas, músicas e danças aparentemente inofensivas”. (REIS; CUNHA; ABREU, 2020)

Dentre as denúncias de Jair Bolsonaro, estão a distribuição de um livro que, segundo o MEC, nunca fez parte do Programa Nacional do Livro Didático e do Programa Nacional Biblioteca da Escola; bem como, nunca houve a promoção de um Kit Gay e a mamadeira de piroca. Observando a fala da candidata Flávia Borja, frequentadora da igreja Batista da Lagoinha, a compreensão missionária de um *ethos* religioso a impulsiona a agir, em sua imaginação, como discípula de Jesus, assumindo uma atitude de livrar as crianças da homossexualidade e pedofilia, que novamente são associadas ao governo de esquerda, em especial ao PT. Na palestra do pastor Fernando Borja, Família em perigo, já mencionada anteriormente, a ideologia de gênero é combatida como algo não natural, pois não faz parte da natureza de Deus e assim, segundo ele, é uma opção ser ou não ser homossexual e equivale a ser ou não ser de Deus. Logo, não ser de Deus, estará na menção de pertença ao Diabo, como

<sup>152</sup> Essa informação está disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1174910665991251&set=pb.100044022914395.-2207520000>. Último acesso em 18 de janeiro de 2023

<sup>153</sup> O processo que resultou no impeachment iniciou no dia 02 de dezembro de 2015 e finalizou no dia 31 de agosto de 2016.

sugeriu o pastor José Linhares “o homem fica parecendo mulher, quando é que uma mulher fica parecendo homem, quando é que uma pessoa fica parecendo com Cristo e quando é que uma pessoa fica parecido com o Diabo”. Segundo Musskopf, o patriarcado não apenas determina a mulher, como também delinea um modelo masculino – bruto, competitivo, sinônimo de forte e longe da feminilidade e fragilidade emocional da mãe. Logo, o masculino passa a ser, como Musskopf (2015, p. 83) diz

sinônimo de poder e liderança absoluto, excluindo o feminino e as mulheres. Mito ou realidade histórica, isto explica a definição da identidade masculina em oposição ao feminino, considerado fraco e não competitivo. Ressalte-se que o feminino, neste caso, não se restringe às mulheres, mas também se refere aos homens que não apresentam estas características do “modelo hegemônico” de masculinidade

Uma das preocupações elencadas pelos conservadores cristãos, em aliança de patriarcado, está na educação e nas relações que crianças e jovens possam vir a ter, influenciados por uma sociedade que não combate a ideologia de gênero. Assim, uma defesa de *Homeschooling*<sup>154</sup> e de uma educação vigilante e excludente contra a ideologia de gênero nas escolas volta a circular nas igrejas.

Uma característica de posicionamento conservador, que sustenta uma narrativa de terror contra a ideologia de gênero e o feminismo, é o que Saffioti (2004) vai apontar na existência de um patriarcado. O patriarcado é compreendido como uma estrutura estruturante da sociedade conservadora, que vai centralizar o poder numa dominação masculina sobre o controle da sexualidade e de reprodução da mulher. Assim temas como o aborto, como já mencionado anteriormente, é polemizado, na esfera política e religiosa, em defesa à vida, e se torna um veículo para galgar votos entre pessoas conservadoras, principalmente religiosos, cuja experiência religiosa esteja condizente com uma teologia de hermenêutica bíblica de doutrina reta.

Na palestra sobre a intimidade entre o casal e as formas de se comunicar durante o curso Casados como Cristo e a Igreja, no dia 16 de agosto de 2022, foi apresentado o testemunho do casal Fátima e Paulo, com o tema aborto e cura. Fátima apresentou a família que possui como testemunho da obra de Deus, pois a mãe de Paulo se recusou a abortá-lo após descobrir que a gravidez era de risco por ela estar com câncer. A experiência religiosa em testemunho para a

---

<sup>154</sup> Só para tecer um brevíssimo esclarecimento sobre *Homeschooling*, ele consiste em um sistema de ensino em casa sob a tutela dos pais, iniciado nos Estados Unidos, que vem sendo proposto como projeto de modelo educacional a ser adotado por pais brasileiros. Tomados pela preocupação com as relações sociais e conceitos que os filhos possam vir a ter, em contato com ideias que contrariam a ideologia fundamentalista dos pais, o *homeschooling* é visado como um projeto-solução. Esse tema requer aprofundamento.

comunidade reforça a ideia de um posicionamento contra o aborto, principalmente quando fora informado que a mãe dele, após o parto, começara o tratamento contra o câncer, “sem se submeter a um tratamento forte” e junto com a fé em Deus fora curada.

Saffioti (2004) menciona ainda que o patriarcado constitui não apenas uma relação social determinante de gênero, mas também retira a capacidade pensante, de racionalização da mulher, limitando-a para o espaço doméstico em que ela poderá exercer seu papel sagrado de geradora e regente da família. Além disso, atribui a ela, mesmo na ausência da figura masculina, a tarefa de ensinar como ser subalterna e obediente ao homem, bem como informa que “Ninguém, nem mesmo homossexuais masculinos e femininos, travestis e transgêneros, fica fora do esquema de gênero patriarcal”, (SAFFIOTI, 2004, p 122).

Assim, diante do que discutimos em proposta de estudos que aproximam família, patriarcado capitalista e bolsonarismo, podemos compreender que a religião, em termos de ortodoxia de doutrina reta, legitima um sistema governamental. Sua contribuição vem em ação de responsabilidade por manter uma tradição hermenêutica de obediência à família nuclear, de controle de corpos e sexualidades, os quais condicionam a existência humana a uma subalternidade às autoridades e à manutenção do *status quo* de um sistema patriarcal capitalista. O bolsonarismo, movimento político, que poderíamos enquadrar como mito das origens que apresentou movimentação fenomenologia sociorreligiosa, foi beneficiado por esse entendimento de família nuclear e doutrina religiosa conservadora que favorecem o patriarcado em aliança com o espírito capitalista.

## CONCLUSÃO

Diante de tudo o que vimos até aqui, não poderíamos estruturar uma resposta simples para o objeto de estudo religião em sua relação com a política, mesmo porque ambas são categorias de análise e esferas sociais muito complexas. A opção encontrada foi, por meio de uma sociologia compreensiva, tentar entender a relação religião e política, reconhecendo suas complexidades e interações, em que se dá num momento de articulações diante da desestabilização de um sistema de poder político. Para compreender esse sistema de dominação em meio a linguagens conservadoras que se sentem ameaçadas pelo surgimento de linguagens progressistas que possam vir, talvez, a crescer e desestabilizar a ordem de suas estruturas de *status quo*, foi preciso entender a teoria de Viana. Em sua teoria, ele defende que nunca houve no Brasil revoluções para retirada do poder de quem está na governança. Com a teoria de Viana,

associada à de Bourdieu (2008) (2015) (2019), a disputa de poder político de governança passou a criar narrativas de terror ao próprio sistema que detém a produção de valores de sentidos para organização da vida em sociedade. Esses valores de sentidos estão associados ao capitalismo e ao patriarcado como estruturas estruturantes que mantêm quem está no poder, pois possuem o poder de controlar a sociedade em obediência dos corpos que considera propriedade. Quando a igreja católica começa a perder forças, após a secularização, mesmo em articulações de adaptações ao novo modo operante de se fazer presente no poder político de controlar a sociedade, há uma promoção de surgimento de vozes heréticas a esse poder, com o protestantismo e depois com o pentecostalismo. O que antes era voz herética, por ter um menor número de adeptos, vai crescendo em número expressivo de fiéis, principalmente com a chegada do pentecostalismo que vai adentrando no protestantismo com uma nova denominação de protestantismo renovado. O que antes era disputa de território por fiéis passa a ser uma trégua entre as diferenças para juntos se defenderem de um novo movimento herético que se levanta contra o que há de comum entre católicos e evangélicos: a concepção conservadora sobre Deus que controla, sobre o homem que manda e as propriedades que devem obedecer ao sistema de patriarcado e capitalismo.

Mesmo que a compreensão sobre religião apresente pontos discordantes, encontramos nos estudos de Weber (1999) (2004) (2011), Bourdieu (1996) (2008) (2015) (2019), Joachim Wach (1990) e Rubem Alves (2005) suportes de diálogos possíveis de serem feitos com o que me propus a pesquisar em religião e política, bem como com outros autores auxiliares que dialoguei para compreender que nessa relação é preciso mais aprofundamentos, pois adentrou em novas possibilidades de discussão. Joachim Wach (1990) entrelaça, em sua proposta de pesquisa em *Ciência da Religião*, encontro entre Bourdieu, Weber e Tillich.

Por compreendemos que religião trata de fenômeno humano, ou seja, uma resposta que o ser humano dá à sociedade a partir de sua experiência com o sobrenatural, o presente estudo apresentou limites, pois se reporta a um campo de observação com muitas pluralidades e entrelaçamentos de negociações simbólicas. Essa experiência religiosa com o sobrenatural é única, individual, privada, e possibilita o encontro de elementos de sentidos já constituintes do ser, provindos de outras experiências, com novos elementos que serão agregados na organização de sentidos para a vida. Essa experiência religiosa torna-se objeto de estudo da *Ciência da Religião* quando está num coletivo e atuando na sociedade. A religião sofreu institucionalização que possibilitou o encontro das experiências religiosas com um sistema de controle de narrativas e ritos.

A modernidade trouxe muitos benefícios para o mundo permitindo a ele ser racionalizado, possibilitando que o ser humano descobrisse novos horizontes e articulasse novas relações sociais. As relações de poder foram ratificadas com o surgimento de outras esferas sociais. O ser humano passou a experimentar diversas possibilidades de construir seu próprio sentido de vida. A subjetividade, com a modernidade, surge com propostas de forças libertadoras, principalmente para a religião, quando o ser humano pode estabelecer hierarquias de valores a partir da sua própria constituição de realidade. Mas há de se pensar até que ponto a subjetividade, no campo da religião, pode agir e se comportar quando o ser humano se agrega a um sistema religioso. A Reforma Protestante tornou-se fruto de esperança da modernidade para a religião cristã com a proposta de rompimento das amarras de dominação da relação Estado e Igreja. Lutero possibilitou, dentre tantos rompimentos com a igreja católica, a livre interpretação bíblica, sem intermediários para se buscar a salvação.

Uma nova possibilidade de se relacionar com Deus foi estabelecida. As solas luteranas *Somente a Graça, Somente a Fé, Somente Cristo e Somente as Escrituras* tornaram-se a base das religiões de matriz evangélica. Somente a Graça pode ser considerada a mais importante dentre as demais, pois atende a ideia de que somente pela graça de Deus se obtém a salvação, a vida, a organização de tudo o que há. A crença de que não importa o quanto de esforço o ser humano venha a fazer para alcançar a salvação, ele nunca a terá se essa não for concedida por graça de Deus faz parte do repertório de linguagem cristã evangélica derivada dessa sola luterana. A hermenêutica passou a configurar a válvula motivadora para diferenciar e, também, agrupar as diversas denominações evangélicas dentro dessa matriz.

O novo mundo foi sendo reconfigurado, dentro das complexidades científicas e angústias humanas. Não existe sociedade sem fenômenos que surgem a partir dos encontros e inter-relações dessas complexidades nos diversos contextos históricos e geográficos. As pluralidades culturais foram sendo evidenciadas ao mesmo tempo em que combatidas em disputas territoriais pelo poder de domínio. As ciências tentaram superar as narrativas religiosas que ofereciam respostas às angústias existenciais, mas o ser humano mantinha o Sobrenatural, reestruturando significados em novas articulações e expressões de viveres.

Muitos caminhos foram percorridos ao longo deste estudo para percebermos que religião e política além de serem esferas socioculturais também são categorias de análises que acionam narrativas e organizam a vida em sentidos e valores. Através das experiências que cada ser humano passa, é dinamizada essa organização de sentidos. Foi através de testemunhos que, durante a pesquisa de campo na igreja IBREM, presenciei posicionamentos contra o aborto, por exemplo, ou a crença que por meio da oração alguém da família ficou curado. Esses

posicionamentos, dotados de sentidos de linguagens provenientes de experiências pessoais, permitiram concretizar a teoria de Weber e Wach (1990) de que cada indivíduo é capaz de provocar mudanças sociais, principalmente quando se torna uma coletividade movida pela experiência religiosa. Essa coletividade é envolvida, em movimentação empática, pelo outro que compartilha de mesmos valores e crenças.

Alguns valores parecem permanecer intactos dentro das experiências religiosas quando são acionados elementos que são estruturantes a elas em termos de sagrado, em vias de posicionamentos políticos. O valor da vida como uma dádiva de Deus, interpretando-O no comando de tudo o que há e acontece, por exemplo, é uma compreensão sobre o sagrado que percebi presente nas músicas e ministrações dos cultos da IBREM e que também estava presente nas experiências de religiosos, via testemunhos. A compreensão de Deus, do homem e do mundo, conforme Joachim Wach (1990), é estabelecida como proposta de análise de categorias a serem conhecidas em interpretação dada sobre o sentido que assumem. Essa proposta veio suprir a necessidade que tive para perceber que encontrei nos discursos políticos uma aproximação com denominações cristãs, tanto evangélicas quanto católicas, que se reuniram em blocos de valores comuns para apoiar um poder de domínio já em voga.

A relação Deus e ser humano foi compreendida como uma relação de filiação familiar, em que o pai, em comando patriarcal, protege os filhos, pois os filhos pertencem a Ele, propriedade, e uma relação de obediência é estabelecida para receber as bênçãos de prosperidade. E assim, iniciamos a análise de resultados atravessados pela presença de algo comum entre religião e política presente na concepção de valores que estruturam a sociedade quando são despertados temas importantes ao ser humano como Deus, pátria e família.

Nossa proposta visualizou a sociedade brasileira como dimensão dinâmica, em que ela comporta diversos contextos e realidades religiosas, em espaço e tempo, em que os sujeitos interagem influenciando e sendo influenciados numa relação dialética. O período eleitoral de 2018 até o de 2022, em recorte de campo de observação em uma igreja de matriz evangélica interseccionada pelo protestantismo e pentecostalismo, como a IBREM, uma igreja Batista de avivamento, forneceu-me suporte para perceber a dinamização do protestantismo e as interações estruturadas nas solas luteranas e no poder do Espírito Santo. Não foi apenas o pentecostalismo que se enveredou para apoiar a bandeira: Deus, pátria e família. Olhar para a história política brasileira, em termos de movimentação após Proclamação da República e em um período de ditadura militar, me fez perceber o quanto esse lema foi também acionado pelo protestantismo por via da doutrina reta, conforme mobiliza Rubem Alves (1987) (2005).

O fundamentalismo presente em concepções de verdades inerrantes da Bíblia sobre o que é ser homem e o que é ser mulher alimenta um patriarcado em obediência de controle de corpos em um imaginário criativo de céu e inferno, com personagens maniqueístas, induzindo a se pensar que a ordem só pode ser concebida por determinação de lugares em identidade binária. O poder do inferno sobre o homem, representado em narrativa associada ao afastamento de Deus e ao caos, conseqüentemente de afastamento da possibilidade de ser santo e de desestruturar a família e a pátria, foi percebido nas temáticas das palestras ministradas na igreja IBREM.

Um cosmo sistemático de complexidades abraça o ser humano e é abraçado por ele, promovendo fenômenos humanos. Por meio de Weber, a compreensão de fenômenos humanos enquanto manifestações, individuais e coletivas, que os sujeitos expressam como resposta a complexidade de sentido que é gerada a partir de suas interações com outros seres humanos, também de forma individual e coletiva, dentro das esferas sociais foi possível entender quem eram os atores sociorreligiosos que foram acionados para apoiarem uma renovação de conservadorismo político brasileiro. A IBREM foi meu campo de observação, em que encontrei na coletividade as experiências individuais vinculadas a mesma linguagem conciliadas a um conservadorismo de concepção fundamentalista sobre quem é Deus, sobre quem é o ser humano e sobre o que é o mundo visível e invisível.

A religião e a política são esferas sociais – juntamente com a estética, a economia e a ciência – que mobilizam o ser humano a criar sentidos e a organizar a vida. A religião, definida a partir da fenomenologia, traduz uma resposta de sentido à vida a partir de um imaginário construído, pelo indivíduo e pelo coletivo, gerado de sua interação, por meio da experiência com o sobrenatural para satisfazer as angústias existenciais.

As narrativas de sentidos, criadas a partir de experiências, organizam a vida do ser humano em suas relações e ações sociais. No campo religioso circulam diversas narrativas de sentidos com diversos elementos, capital simbólico, em linguagens, que circulam por entre essas narrativas. A ideia de um Ser sobrenatural, Deus, em trindade santa, que criou o universo e que controla tudo o que há é um elemento de capital simbólico para o cristianismo de grande valor no campo religioso em escrita na Bíblia. Outro elemento de capital simbólico é o conceito da criatura mortal, ou seja, o que é o homem e o que é a mulher, para só então compreender o como agir no mundo é importante para o religioso que apoiou Jair Bolsonaro.

Assim, cheguei às seguintes conclusões sobre como a religião pode ter sido acionada para convocar uma renovação do conservadorismo, ou seja, de manutenção de *status quo* de um sistema de patriarcado capitalista. Para isso, foi preciso entender que não foram apenas

evangélicos que apoiaram Bolsonaro e a extrema-direita, católicos também apoiaram em linguagens comuns de valores que submetem Deus, homem e mundo em escala hierárquica de valores quando acionados conceitos bíblicos de doutrina reta. Confirmou-se o que Bourdieu (2008) (2015) (2019) e Rubem Alves (1987) (2005) falam sobre linguagens simbólicas, doutrina reta, verdade absoluta articulando interna e externamente a religião para atuar em defesa dessas ortodoxias de interpretação inerrante da Bíblia. Essa consideração foi bem interessante de ter sido percebida porque a religião também aciona características de negociações políticas para se articular internamente para atingir um objetivo comum. Como foi mostrado no terceiro capítulo, quando foi apresentada a movimentação de Silas Malafaia em uma suposta defesa à igreja católica após a Parada Gay em 2011, que trazia imagens erotizadas de santos católicos, não havia ali um apoio à adoção de imagens de santos pela igreja católica, o objetivo comum, em negociação simbólica, era aumentar a oposição ao movimento LGBT, convocando os fiéis católicos também a se posicionarem contra já que, aos olhos dele, a liderança católica foi pacífica.

As narrativas que circularam, mesmo sendo *fake news*, foram criadas alimentando um terror presente não apenas entre evangélicos, mas também entre católicos que é a possibilidade de Satanás dominar a Terra, escravizando o ser humano com suas armadilhas vindas pelo prazer carnal, representados pelo movimento LGBT e pelo feminismo; também armadilhas vindas pelos direitos humanos e pelo feminismo que buscariam no aborto a decisão sobre a vida. Esse imaginário de terror poderia ser submetido a uma teorização em o mito da caverna de Platão que adquiriu mais forças em diversas classes sociais e grupos étnico-raciais devido o isolamento derivado da pandemia, em via de pânico social, em efeitos psíquicos religiosos mobilizadores de ações. Poderíamos sustentar a hipótese da presença de uma linguagem de terror que fora acionada para mobilizar não apenas pentecostais, mas também protestantes de diversas denominações para apoiarem a ala da extrema-direita. Foi percebido que foi preciso acionar e unir forças conservadoras – principalmente entre protestantes e pentecostais, em via de observação dinâmica de uma igreja que poderíamos dizer híbrida nas teologias, mesmo que identificando prioritariamente como de linha protestante – para se manter o regime patriarcal.

O medo do inferno e conseqüentemente de se perder a mortalidade da alma concedida para aqueles considerados santos, por seguirem a Cristo, é algo que também foi percebido sobre a presença da escatologia e soteriologia, lembrada por Wach (1990), Rubem Alves (2005), Mircea Eliade (1991) (2016), Ricardo Mariano (1999) (2003). Essa linguagem de terror foi percebida na presença de palestras ministradas na IBREM por convidados de outras denominações evangélicas como pastores ligados à igreja batista da Lagoinha. Por ser uma

igreja de linhagem protestante, a IBREM ficou mais contida em trazer, como diria Ronaldo Almeida (2009)<sup>155</sup>, o Diabo no templo para submetê-lo a aniquilação, sua maior preocupação era olhar para Deus, se aproximar Dele, se deixar ser restaurado por Ele em santidade e assim se sentir protegido por Ele em combate as artimanhas de Satanás.

A mídia vislumbrou os pentecostais como porta-vozes de toda uma matriz de religiões evangélicas para tratar da relação religião e política, classificando-as como um bloco único, sem diferenciações. Percebemos ao longo da observação de campo na IBREM, que não eram apenas os pentecostais que estavam envolvidos por essa relação em apoio a Jair Bolsonaro, mas a eles foi permitida uma aproximação, talvez, por terem mais visibilidades provenientes das concessões de rádio e televisão e assim serem ruidosos e disseminarem mais as ideias principais das solas luteranas: somente a Fé, somente Cristo, e somente às Escrituras. Duas características batistas foram percebidas na IBREM: ser autônoma das demais denominações batistas, e a tentativa de manter longe do altar um retorno da aliança entre o estado e a igreja.

Começando pela primeira consideração em relação à autonomia, mesmo que houvesse um desejo por se manter autônoma, pude perceber que já havia uma movimentação batista, vinculada à igreja Batista da Lagoinha que mobilizava, por meio de um circuito de palestras, uma manutenção de interpretações possíveis que acionavam uma linguagem simbólica comum entre eles e que se apresenta na leitura literal da Bíblia. Esse vínculo é político e estabelecido em convenções para tratar de visões comuns, com a finalidade de fortalecimento do movimento batista enquanto coletividade. Nessa leitura, havia um compartilhamento sobre a verdade absoluta sobre quem é Deus, quem é o ser humano e como ele deve agir no mundo por crer o que é o mundo. Essa verdade absoluta se constitui de concepções sobre mitos de origens que se mantém até hoje estruturando a sociedade, estabelecendo relações de poder e que são utilizados para manutenção do *status quo* de um patriarcado que serve ao capitalismo. O convite feito a lideranças de outras igrejas para participarem de cultos é possível de ser evidenciado como estratégia para manter as interpretações possíveis sobre essa verdade absoluta circulando na comunidade evangélica em leitura de ortodoxia e evitar possíveis vozes heréticas que surjam.

Mesmo sabendo que faz parte do sistema protestante, um despertar profético, para alguma questão específica, uma movimentação política acionada pela religião, em modos de controle de manutenção do poder de domínio, estava presente por meio de convenção batista e

---

<sup>155</sup> ALMEIDA, Ronaldo. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo: Ed Terceiro Nome, 2009. Este livro tem no capítulo II o título O Diabo no Templo, em que Ronaldo Almeida vai descrevendo seu trabalho etnográfico na IURD, apresentando ressignificações de condutas evangélicas a partir do cenário do campos religioso de trazer a figura do Diabo para submetê-lo a força divina dentro do templo sagrado e assim o poder eliminar.

interpretações possíveis nessa ortodoxia. Por isso, foi preciso perceber que o caminho de observação para estudar a religião, atravessando a sociedade, traçado por Joachim Wach (1990) nos remeteu a compreensão de Weber sobre a importância do indivíduo legitimando um sistema de dominação, como o *ethos* religioso de ascese, de ação intramundana. Outra presença marcante de Weber na IBREM foi a definição de carisma sobre a liderança religiosa que mantém a todos sob a condução da igreja para os caminhos de Deus em processo de restauração do ser humano, da família e conseqüentemente da sociedade juiz-forano. A ideia de pertença religiosa em missão é uma motivação weberiana, que envolve a tradição e a afetividade, para agir em sociedade testemunhando as mudanças pessoais ocorridas a partir da experiência religiosa.

A outra característica percebida foi a tentativa da IBREM em se manter afastada da esfera política, ou seja, essa tentativa, talvez, esteja numa busca de se manter próximo às origens batistas em proposta de defesa de separação estado e igreja, por destacar, nos cultos, que o religioso deve buscar manter a experiência religiosa viva para se manter no caminho da santidade. Exponho o termo tentativa porque não foi observado a ênfase numa indicação de apoio a políticos específicos feito por pastores da IBREM, durante cultos ou por via de redes sociais como foi noticiado pela mídia sendo feito por pastores de igrejas pentecostais e por lideranças batistas, como o pastor André Valadão, que transformaram o altar em palanque político.

Rubem Alves (2005) expõe no livro *Religião e Repressão* que é exatamente por conta dessa visão sobre verdade absoluta, presente em doutrina reta, que ele percebeu que não se trata apenas de protestantes apoiando um sistema repressor da liberdade. Nossa pesquisa se enveredou na observação no campo evangélico, mas por comparação talvez num futuro próximo, posso me remeter também a fazer essa leitura literal que podemos chamar, em termos de disputa de hermenêutica, num campo religioso, de ortodoxia. Nessa leitura literal é possível perceber sentidos comuns sobre elementos presentes nos mitos de origem: Deus, masculino, é o criador, responsável em manter a ordem, proteger seus filhos combatendo, por ser a força e o poder, e eliminando o inimigo. Esse inimigo em comum para os cristãos de doutrina reta, em termos de leitura literal da Bíblia, são as feministas, os gays e apoiadores de ambos, no caso a esquerda e grupos empresariais que promovem a manifestação sociocultural de suas identidades. Esse grupo é elencado como promíscuo e porta de entrada de Satanás, porque confronta a ideia de que os filhos de Deus não podem se afastar da concepção biológica de homem e mulher, de que a santidade se manifesta na obediência à vontade de Deus. Perceba que aqui, as diferenças entre ser considerado dentro e fora do reino de Deus não está focada na

diferença doutrinária, de pertença religiosa, mas em entendimento de fazer parte da vontade de deus em obediência a um mito originário do ser humano. A compreensão de que tudo o que acontece aqui na terra provém de uma batalha entre o céu e a terra é uma linguagem presente tanto no catolicismo popular quanto nas denominações evangélicas.

Todos esses discursos de ortodoxias sobre Deus e concepções sobre o homem e sobre a mulher foram acionados por alimentarem o sistema patriarcal que determina o papel e o lugar de subalternidade de cada ser social. Esse sistema presente em linguagem que atravessa as religiões de doutrina reta detém o controle de corpos e assim promove uma contribuição de manutenção de poder político conservador movido por valores morais cristãos. Os conservadores católicos se inseriram dentro de uma leitura de “terrivelmente cristãos” para mostrarem para a sociedade que também possuem, dentro de uma crença conservadora de princípios católicos posicionamentos confessionais de doutrina reta, capazes de serem inquisidores de movimentos heréticos como a teologia *queer*, a teologia feminista e a teologia negra, todos provindos de uma base de teologia da libertação.

É curioso notar como a educação trabalha em função de interesses de um sistema. Também existe no campo da educação a disputa entre a ortodoxa e as heresias. Há uma estrutura construída, sistematicamente, que poderíamos assim deduzir, pensada, para que o sistema flua e seja sustentado por ideologias que visam mantê-lo. Quando me refiro à educação, em termos sistemáticos, não a reduzo a educação escolar, parto do princípio de que ela seja qualquer sistema que vise ensinar, e dessa forma é aberta outra categoria de análise sobre o ensino e seu conteúdo de abordagens. Logo, a educação é função social de manutenção de um sistema. Ora, as instituições religiosas também possuem escolas religiosas inseridas em seus templos para compor também um sistema de ensino religioso, tornando o convertido religioso nos padrões do sistema de crenças e doutrinas. Em se tratando de religião de matrizes evangélicas, há diversas escolas sob a guarda de várias denominações, mas há também um sistema de ensino religioso, nos templos, alimentado pelas células, as escolas de ensino dominicais, encontro de homens, encontro de redes de mulheres, encontro da juventude, pelos cursos de noivos, de casados. Foi percebido, por meio da pesquisa de campo na IBREM, que esse sistema de ensino é um suporte para manter vivas as concepções sobre Deus, sobre o ser humano e sobre o mundo que a igreja sustenta em sentido e organização de vida.

Considerando que há sistemas de ensino que coabitam numa mesma sociedade – o ensino religioso das instituições religiosas e o ensino religioso nas escolas – e que possuem valores importantes para manterem um sistema muito maior, é preciso se enveredar em estudos futuros para essa questão, tendo como crescente o número de evangélicos e forças

conservadoras para manutenção do patriarcado e de um ensino proselitista que caminha contrário ao da proposta da BNCC de 2017. Salientando que há diversas propostas de ensino religioso que coabitam na educação básica, sendo uma delas a promovida pela BNCC de 2017, com uma proposta de ensino religioso que pode estar sendo considerada uma ameaça ao *status quo* do patriarcado capitalista que está alinhado a um proselitismo religioso cristão fundamentalista. Caberá assim uma proposta para estudos futuros para compreender as tensões que são geradas a partir de uma nova proposta pedagógica direcionada pelo Ministério da Educação, MEC, em desdobramentos estaduais, para entender o campo religioso brasileiro em estudos fenomenológicos que podem criar impactos libertários para compreender o mundo em combate a intolerância religiosa e em defesa dos direitos humanos.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Isabel de Moura. *Rompendo os vínculos, os caminhos do divórcio no Brasil: 1951- 1977 (tese)*. UFG, 2010.

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro presidente – conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. In: *Novos estudos*. CEBRAP: SAO PAULO, v38, n01, jan/abr 2019, p 185-213.

\_\_\_\_\_. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. In: *Cadernos Pagu* (50), 2017

\_\_\_\_\_. Religião e Comportamento (resenha). IN: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 14, nº 40, junho/1999, p.175-178

ALMEIDA, Ronaldo; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. In: *São Paulo em Perspectiva*, vol 15 (2001): p.92-101. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/spp/a/ccq85SjmLJjtY7WcPynRJcs/?format=pdf&lang=pt>. Último acesso em: 28 jul. de 2022.

ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Campinas/SP: Papyrus, 1987

\_\_\_\_\_. *Religião e Repressão*. São Paulo: Ed Loyola Brasil, 2005

ARENDT, Hannah. *O que é Política?* 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020

\_\_\_\_\_. *Homens em Tempos Sombrios*. 8ªed. São Paulo: Companhia e Bolso, 2008

BOURDIEU, Pierre. *Razões e Práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papyrus. 1996

\_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*. 2 ed. Ed USP: São Paulo, 2008

\_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Editora Perspectiva. 2015

\_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Editora Vozes. 1ªedição. 2019

CAMPOS, Roberta Bivar C.. Interpretações do Catolicismo: do sincretismo e antissincretismo na e da cultura brasileira. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009, p 135 – 150

CAMPOS, Breno Martins. A linhagem do Fundamentalismo Protestante no Século XX: das raízes às últimas ramificações. IN: *INTERAÇÕES – Cultura e Comunidade*. Belo Horizonte, Brasil, v.9 n.16, jul./dez.2014, p. 469-484

\_\_\_\_\_. O Fundamentalismo como um Limite à Relativização no campo religioso. In: OLIVEIRA, Kathlen Luana de et al. (Orgs.). *Religião, Política, Poder e Cultura na América Latina*. EST: São Leopoldo, 2012, p 325- 335

CANNELL, Fenella. *Introduction Anthropology of Christianit*. Ed Duke University Press Books. 2006

CUNHA, Magali. *MyNews explica: Evangélicos na Política Brasileira*. São Paulo: ed Atual. 2022

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva. Coleção Debates 52, 6ed, 2016.

\_\_\_\_\_. *Imagem e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes/Selo Martins, 1991

\_\_\_\_\_. *Sagrado e Profano*. São Paulo: ed Martins Fontes, 4ªed, 2018.

FONSECA, Alexandre Brasil. *Relações e Privilégios: Estado, secularização e diversidade religiosa no Brasil*. Novos Diálogos: Rio de Janeiro, 2011, p. 9 – 46, 79 - 122

FRESTON, Paul. Protestantismo e democracia no Brasil In: *Revista Lusotopie*. 1999, p329-340

GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos*. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcio (orgs). Rio de Janeiro: Zahar, 2020, 127- 129

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUFF JR, Arnaldo Érico. Reforma luterana e luteranismo: teologia e igrejas. In DIAS, Zwinglio Mota; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (Orgs.). *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais. História, Teologias, Igrejas e Perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial; Juiz de Fora, MG: Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2012, p. 85-104.

LIMA, Janilson Rodrigues. A liga eleitoral católica e a eleição de 1933 no Ceará: liga suprapartidária ou liga católica?. IN: *XIX de História Nacional – Contra os Preconceitos: História e Democracia*. 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5299> Acessada em setembro de 2022

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 5ª ed. Loyola: São Paulo, 1999, p. 23-49

\_\_\_\_\_. Efeitos da Secularização do Estado, do Pluralismo e do mercado religioso sobre as igrejas pentecostais. IN: *Civitas – Revista de Ciências Sociais* v. 3, nº 1, jun. 2003, p. 111-123

MARIZ, Cecília; CAMPOS, Roberta Bivar C. O Pentecostalismo muda o Brasil? Um debate das Ciências Sociais brasileira com a antropologia do cristianismo. IN: SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta Bivar C; PEREIRA, Fabiana (org). *Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo; Geopolíticas Disciplinares*. ABAPublicações/UFPE, 2014, p 193 - 214

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. In; *Sociologia e Antropologia*, São Paulo, Cosac & Naif, 2003, pp.47-181.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely F; NETO, Otávio C; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 22ªed. Editora Vozes: Petrópolis/RJ, 1994.

MUSSKOPF, André Sidnei. Identidade masculina e corporeidade: uma abordagem queer. IN: MUSSKOPF, André Sidnei; STRÖHER, Marga J (orgs). *Corporeidade, Etnia e Masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: SINODAL/EST. 2015, p 81 - 107

NORGET, Kristin, NAPOLITANO, Valentina, MAYBLING, Maya. *The Anthropology of Catholicism*. Oakland, California: University of California Press, 2017, p. 01-29.

NOVAES, Regina Reyes. A Divina Política, notas sobre as relações delicadas entre religião e política. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.49, p. 60-81, março/maio 2001

OLIVEIRA, Rafael de Souza; FURLIN, Marcelo. Religião e educação na Assembleia Constituinte de 1934: congruências entre o pensamento eugênico e a defesa do ensino religioso. *Revista Caminhando* v. 23, n. 2, p. 119-136, jul./dez. 2018 , disponível em file:///C:/Users/marci/Downloads/9048-32392-1-PB.pdf Acessada em setembro de 2022

PIERUCCI, Antônio Flávio. É fácil ser católico. In TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Catolicismo plural. Dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 15-30.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis. O conservadorismo católico na Política Brasileira: considerações sobre as atividades da TFP ontem e hoje. IN: *Revista Estudos Sociologia*. Araraquara, v18, n 34, jan/jun 2013, p 193- 208

REIS, Livia; CUNHA, Magali; ABREU, Gabrielle. Mamadeira de piroca versão 2020. In: *Revista Piauí*, 01 de dezembro de 2020. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/mamadeira-de-piroca-versao-2020/> Último acesso 23 de fev 2023

RIVIERA, Paulo Barrera, *Tradição, Transmissão e Emoção Religiosa, sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina* (tese doutorado). Or. Antônio Mendonça. Universidade Metodista de São Paulo. SP: Olho d'água, 2001, p. 27 - 52.

ROBBINS, Joel. Transcendência e Antropologia do Cristianismo: linguagem, mudança e individualismo. *Religião e Sociedade*, 31/1, 2011, p.11-31.

RODRIGUES, Elisa. Religion and Politics: the Pentecostal participation in Brazilian Public Sphere. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v 19, n 58, p 24 - 47, 30 de abr. 2021

\_\_\_\_\_. Os batistas no Brasil: Mitos de origem, ênfases teológicas e novas tendências. In: DIAS, Zwinglio Mota; PORTELLA, Rodrigo; RODRIGUES, Elisa. *Protestantes, evangélicos e (neo)pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2014

\_\_\_\_\_. Sincretismo, trânsito religioso e pertencas identitárias na construção do campo religioso brasileiro (Texto mimeo).

\_\_\_\_\_. As tramas sincréticas do (neo)pentecostalismo brasileiro. LEONEL, João (Org.). *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro. Pentecostalismo e neopentecostalismo*. Vol. 2. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p.157-188.

\_\_\_\_\_. Os Batistas no Brasil: Mitos de Origem, ênfases Teológicas e Novas Tendências. IN: DIAS, Zwinglio; RODRIGUES, Elisa; PORTELLA, Rodrigo (org). *Protestantes, Evangélicos e (Neo)pentecostais – História, teologias, igrejas e perspectivas*. 2ed. São Paulo: Fonte editorial PPCIR, 2014, p. 149 – 166

\_\_\_\_\_. “A mão de Deus está aqui!” *Estudo etnográfico da Igreja Mundial do Poder de Deus* (tese doutorado). Orientador Ronaldo Rômulo Machado de Almeida. São Paulo: UNICAMP. 2014. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/427123855/Rodrigues-Elisa-D#> Acessado em 04 de jan de 2023

\_\_\_\_\_. *O que é Teologia?* Rio de Janeiro: MK (Teologia ao alcance de todos), 2005

SAFFIOTI, Heleieth; BONGIOVANI, Iara. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso será ainda hoje o campo das religiões. In Eduardo Hoornaert (org.). *História da Igreja na América Latina e do Caribe: o debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 96-131.

\_\_\_\_\_. Cultura Brasileira e Religião... Passado e Atualidade. *CADERNOS CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dezembro de 2008

SILVA, Vagner Gonçalves. Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré: relações socioestruturais entre pentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: SILVA, Vagner Gonçalves. (Org.). *Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007, p. 191-260.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso, da escravidão a Bolsonaro*. Ed Estação Brasil. 2019

Universidade Federal de Juiz de Fora. *Manual de normalização para apresentação de trabalhos acadêmicos* / Centro de Difusão do Conhecimento. Juiz de Fora: UFJF, 2019.

VIANNA, Luiz Wernech. Caminhos e Descaminhos da Revolução Passiva à Brasileira. *Ciclo de Conferências, Alternativas e Dilemas do Brasil no Fim do Século*. IUPERJ: Rio de Janeiro, vol. 39 n. 3, 1996

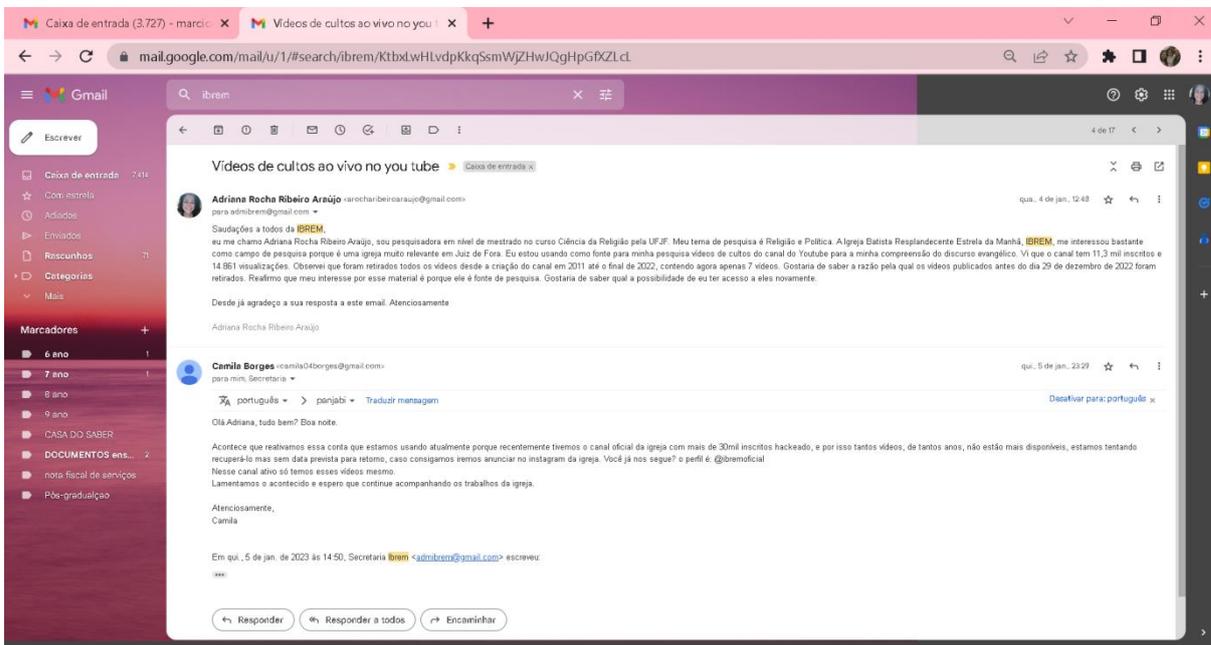
WACH, Joaquim. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Paulinas, 1990

WEBER. Max. *Sociologia de la religion*. Elaleph, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Ética Protestante e o Espírito Capitalista*. Edição de Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Ciência e Política, duas vocações*. Cultrix: SP, 18ª edição. 2011.

## ANEXO A – Email IBREM: resposta para o sumiço de vídeos no canal do Youtube da igreja



Caixa de entrada (3.727) - marci... Vídeos de cultos ao vivo no you 1 +

mail.google.com/mail/u/1/#search/ibrem/KtbdLwHLvdpKkqSsmWjZHwJQgHpGfXZLd

Gmail

Escrever

Caixa de entrada 741

Com estrelas

Adiados

Enviados

Rescunhos 71

Categorias

Mais

Marcadores +

6 ano 1

7 ano 1

8 ano

9 ano

CASA DO SABER

DOCUMENTOS ens... 2

nota fiscal de serviços

Pós-graduação

Vídeos de cultos ao vivo no you tube

Adriana Rocha Ribeiro Araújo <arocha.ribeiroaraujo@gmail.com> para adriberem@gmail.com

qua., 4 de jan., 12:43

Saudações a todos da IBREM.

eu me chamo Adriana Rocha Ribeiro Araújo, sou pesquisadora em nível de mestrado no curso Ciência da Religião pela UFJF. Meu tema de pesquisa é Religião e Política. A Igreja Batista Resplandecente Estrela da Manhã, IBREM, me interessou bastante como campo de pesquisa porque é uma igreja muito relevante em Juiz de Fora. Eu estou usando como fonte para minha pesquisa vídeos de cultos do canal do Youtube para a minha compreensão do discurso evangélico. Vi que o canal tem 11,3 mil inscritos e 14.861 visualizações. Observei que foram retirados todos os vídeos desde a criação do canal em 2011 até o final de 2022, contendo agora apenas 7 vídeos. Gostaria de saber a razão pela qual os vídeos publicados antes do dia 29 de dezembro de 2022 foram retirados. Realmente que meu interesse por esse material é porque ele é fonte de pesquisa. Gostaria de saber qual a possibilidade de eu ter acesso a eles novamente.

Desde já agradeço a sua resposta a este email. Atenciosamente

Adriana Rocha Ribeiro Araújo

Camila Borges <camila03borges@gmail.com> para mim, Secretária

qui., 5 de jan., 23:27

Desativar para: português x

português > panjabi Traduzir mensagem

Ola Adriana, tudo bem? Boa noite.

Acorteca que reativamos essa cortea que estamos usando atualmente porque recentemente tivemos o canal oficial da igreja com mais de 30mil inscritos hackeado, e por isso tantos vídeos, de tantos anos, não estão mais disponíveis, estamos tentando recuperá-lo mas sem data prevista para retorno, caso consigamos iremos anunciar no instagram da igreja. Você já nos segue? o perfil é @ibremoficial

Nesse canal não só temos esses vídeos mesmo.

Lamentamos o ocorrido e espero que continue acompanhando os trabalhos da igreja.

Atenciosamente,  
Camila

Em qui., 5 de jan. de 2023 às 14:50, Secretária [ibrem <adriberem@gmail.com>](mailto:ibrem@ibrem.com) escreveu:  
\*\*\*

Responder Responder a todos Encaminhar